

SPECIAL EDITION

Pólos Globais de Desenvolvimento Económico e de Emissão de Fluxos Turísticos: Passado e Futuro

Albino Lopes
Luís Barrosa
Fernando Acabado Romana

ISSN: 2183-0800

Volume 25 · Número 2 · 38.ª edição
Volume 25 · Number 2 · 38th edition
Volumen 25 · Numero 2 · 38ª edición

revistas.rcaap.pt/thij



Instituto Superior
de Lisboa e Vale do Tejo



Departamento
Turismo@ISCE



JANEIRO · JANUARY · ENERO | 2026



ISCE - INSTITUTO SUPERIOR DE LISBOA E VALE DO TEJO
ISCE – POLYTECHNIC UNIVERSITY OF LISBON AND TAGUS VALLEY
Presidente/President: Prof. Doutor/PhD Luís Picado

Departamento de Ciências Empresariais

Business Sciences Department

Diretor/Director: Prof. Doutor/PhD Nuno Abranja
nuno.abranja@isce.pt

Endereço para correspondência do THIJ

Mailing address of THIJ

Rua Bento de Jesus Caraça, 12, Serra da Amoreira
2620-379 Ramada – Odivelas – Portugal

Contactos/Contacts

Tel.: +351 219 347 135
Email: thijournal@isce.pt
URL: <https://revistas.rcaap.pt/thij/index>

THIJ – TOURISM AND HOSPITALITY INTERNATIONAL JOURNAL

ISSN: 2183-0800

V. 25, nº 2 (January 2026) Special Edition

CONSELHO EDITORIAL BOARD

Editor Executivo | Editor-in-Chief

Nuno Abranja – ISCE, Portugal

Editores | Editors

Tiago Rodrigues – ISCE, Portugal

Maria José Silva – ISCE, Portugal

Edgar Bernardo – ISCE Douro, Portugal

Alexandra Lavaredas – ISCE, Portugal

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO EDITORIAL ADVISORY BOARD

Donária Coelho Duarte – Univ. de Brasília, Brazil

Gilson Zehetmeyer Borda – Univ. of Brasília, Brazil

Jaime Serra – ECS, Univ. of Évora, Portugal

Luiz Moutinho – Univ. of Suffolk, UK, and Univ. of the South Pacific, Fiji

Natasha Luhkova – V. B. Sochava Institute of Geography SB RAS, Russia

Noémi Marujo – Univ. of Évora, Portugal

Pauline Sheldon – STIM, Univ. of Hawai'i, Hawai

Richard Butler – Strathclyde University, UK

Rosário Borges – Univ. of Évora, Portugal

COMISSÃO CIENTÍFICA BOARD

Abraham Pizam RCHM, Univ. Central Florida, USA

Alan A. Lew DGPR, Northern Arizona Univ., USA

Alcina Sousa Univ. da Madeira, Portugal

Alfonso Vargas Sánchez Univ. of Huelva, Spain

Amador Durán Sánchez, Univ. of Extremadura

Ana Maria Ferreira Univ. of Évora, Portugal

André Perinotto Univ. Federal do Delta do Parnaíba - Brazil

Antónia Correia Univ. of Algarve, Portugal

António Sérgio Almeida ESTM – IPL, Portugal

Bonifácio Rodrigues IPLuso, Portugal

Carlos Cardoso Ferreira Univ. of Coimbra, Portugal

Cátia Malheiros Ferreira ESTM – IPL, Portugal

Charles Arcodia Griffith Business School, Griffith University, Australia

Chris Cooper Oxford Brookes University, UK

Christof Pforr SM-CBS, Curtin University, Australia

Cláudia R. de Almeida ESGHT-UALG, Portugal

Conceição Gomes ESTM – IPL, Portugal

David Airey Univ. of Surrey, UK

Dimitrios Buhalis ST, Bournemouth University, UK

EDITORIAL

Dulcinea Ramos ESTM – IPL, Portugal

Donaji Jiménez Islas Higher Technological Institute of Huichapan, Mexico

Edgar Bernardo ISCE, Portugal

Eduardo Moraes Sarmento ULHT, Portugal

Eduardo Yázigi Univ. of São Paulo, Brazil

Eunice Lopes ESGT, IP Tomar, Portugal

Eva Corrêa ISCE, Portugal

Fernando Moreira ESHTE, Portugal

Isabel Vaz de Freitas Univ. Portucalense Infante D. Henrique, Portugal

John Fletcher ST, Bournemouth University, UK

Jordi Tresserras Juan Univ. of Barcelona, Spain

Jorge Marques Univ. Portucalense Infante D. Henrique, Portugal

Jorge Simões Instituto Politécnico de Tomar, Portugal

Jorge Umbelino ESHTE, Portugal

José Álvarez García Univ. of Extremadura, Spain

José António Figueiredo Univ. Lusíada, Portugal

José d'Encarnaçao Univ. of Coimbra, Portugal

José Jiménez Quintero Univ. of Málaga, Spain

José Ramón Cardona Univ. of Islas Baleares, Espanha

Júlio Mendes Universidade do Algarve, Portugal

Luís Lima Santos IPLeiria, Portugal

Luís Picado ISCE, Portugal

Manuel Salgado ESHTS - IPG, Portugal

Margarida Abreu Morais Griffith Business School, Griffith University, Australia

María de la Cruz del Río Univ. of Vigo, Spain

Marina Godinho Antunes ISCAL, Portugal

Mário Passos Ascenção HAAGA-HELIA, Finland

Michael Schön ESTM – IPL, Portugal

Michelle Lins de Moraes Univ. Europeia, Portugal

Miguel d'Abreu Varela INP/ISG, Portugal

Miguel Moital ST, Bournemouth University, UK

Nuno Gustavo ESHTE, Portugal

Paula Farinho ISCE, Portugal

Paulo Jorge Almeida ESTM – IPL, Portugal

Pedro Mucharreira ISCE | IE, Univ. of Lisboa, Portugal

Ricardo Martins ISCE, Portugal

Tomasz Napierała IUGTS, Faculty of Geographical Sciences, Univ. of Lodz, Poland

Teresa Palrão ULHT, Portugal

Themudo Barata Univ. of Évora, Portugal

Vasco Ribeiro Santos ISLA Santarém, Portugal

Vítor Ambrósio ESHTE, Portugal

Xerardo Pereiro UTAD, Portugal

Pólos globais de desenvolvimento económico e de emissão de fluxos turísticos: passado e futuro

4

Albino LopesProfessor Catedrático Jubilado, ISCSP/ULisboa, Portugal¹**Luis Barrosa**Professor Especialista, ISCE – Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo, Portugal²**Fernando Acabado Romana**Professor Associado, Atlântica Instituto Universitário, Portugal³

(Para uma reflexão, que evite uma visão unidimensional da história, estando em causa um tema tão relevante como o da internacionalização dos negócios, fazendo, em simultâneo, regredir a ideia de expansão pela guerra: o evoluir da tensão dialética da finança e da economia, no sistema mundo, na governação dos países, na gestão das empresas e nas consequências ao nível das famílias).

O conteúdo desta edição especial é da inteira responsabilidade dos autores Albino Lopes, Luis Barrosa e Fernando Acabado Romana.

¹ Dados académicos do autor: <https://orcid.org/0000-0001-8836-0024>

² Dados académicos do autor: <https://orcid.org/0000-0002-4802-1420>

³ Dados académicos do autor: <https://orcid.org/0000-0002-9221-2099>

Índice

Prólogo	7
Notas de Enquadramento	12
Resumo	30
Abstract	31
1. Introdução: Questão de Partida, Método e Formulação da Hipótese de Base	32
1.1 Contextualização da Questão de Partida	32
1.2 Formulação da Hipótese da Opção Americana da Separação do Ocidente em Dois Blocos ou Dois Polos de Desenvolvimento Diferenciados	47
1.3 Método	56
1.4 Formulação da Hipótese de Base	65
2. Investigação Empírica - Os 30 passos de um percurso reflexivo (lógico-cronológico) proposto à discussão ou à análise de conteúdo crítica e impressiva	67
2.1 O “Dólar-Padrão-Ouro” – Uma Moeda Pretensamente “Oferecida” ao “Mundo Livre”	68
2.2 O “Grupo de Bilderberg” e a Experiência-Base do Controlo da Democracia Versus o Soberanismo (Servido por um Governo – “Ministros” - Que serve o Povo)	71
2.3 O papel dos Serviços Secretos e de Organizações Similares	72
2.4 O Papel de Israel enquanto Força de “Divisão” do Império Otomano; uma Situação/Narrativa pensada desde o Séc. XIX	74
2.5 A Democracia sob Tutela	75
2.6 A Educação/Formação como um Fator Crítico	76
2.7 O Padrão Dos Movimentos Designados Como “Revolução Coloridas”	77
2.8 O Poder do Dólar e o Significado da Aliança com a Arábia Saudita	78
2.9 O Domínio Mundial pela Supremacia do Petrodólar	79
2.10 O Controlo pela Narrativa Superiormente Coordenada pela Comissão Trilateral	79
2.11 A Função Secreta da Trilateral	81
2.12 Documentos Doutrinários de Definição de uma Estratégia a Longo Prazo da Trilateral	82
2.13 O Pretenso “Fim” do Proletariado	83
2.14 Como foi Conseguida uma Cooperação Vitoriosa dos Diversos Povos Dominados, em Face do Modelo Neocolonial?	86
2.15 A Narrativa Tende a Apurar-se	88
2.16 A Consumação da “Implosão” da URSS (como previra Todd, na sua Obra de 1976): Como é que o Facto de querer Acompanhar os EUA no Processo de Desenvolvimento Militar (em Especial, a Guerra das Estrelas) se “Transformou” na sua “Derrota”?	90
2.17 Os Anos 90 marcarão, enfim, o Início de uma Era da “Prosperidade e da Paz” como Pretendia F. Fukuyama?	91
2.18 Uma resposta (difícil) à humilhação da Sérvia, da Rússia ou da China?	93

2.19 A Questão Climática e a Crise Sanitária representariam, porventura, uma Fuga para a Frente, após o Caso das Torres Gémeas	94
2.20 O Sistema de “Paz e Prosperidade” (baseado nos Valores Ocidentais) é Posto à Prova na Guerra que Eclode, ainda nos Anos 90, na Ex-Jugoslávia, Patrocinada pela NATO em nome dos EUA	96
2.21 Vicissitudes da Confiabilidade da Rússia na Palavra dos EUA	97
2.22 O Papel “Falhado” (?) da Estratégia de Derrota do Iraque de Saddam Hussein, na Sequência dos “Atentados” (?) de 11 setembro de 2001	100
2.23 A Guerra contra o Terrorismo seria um Sinal de Fim de Império (Todd, 2002), e não um Sinal de Força	101
2.24 A Resposta da Rússia e da China ao “Supremacismo” dos EUA	103
2.25 O Papel de Israel no Âmbito da “Pax Americana”	105
2.26 A Periódica “Designação” da Categoria de “Inimigos da Democracia”	107
2.27 A OMS como Instância Político-Sanitária do “Globalismo” e, não mais, como uma “Agência” Técnica Independente, da ONU	111
2.28 Ucrânia - uma Guerra (por Procuração) para uma Eventual Ruína da UE e para Preservar os Interesses do “Império”?	113
2.29 A Inteligência Artificial (IA) como Terreno Futuro da Tentativa de Manutenção da Hegemonia e do Confronto “Norte-Sul”	121
2.30 Uma 3ª Grande Guerra (Porventura, não-Declarada) poderia estar em Curso, no seio de uma Inconsciência Generalizada dos Povos do Ocidente?	122
3. Interpretação dos Dados	127
4. Análise de Resultados	131
5. Em conclusão (...), Interrogamo-Nos sobre qual o Rumo Futuro do Mundo (Inclusão versus Hegemonia)?	135
5.1. Um mundo em Guerra sob o Hégemon?	136
5.2 - O Fim da Ordem Unipolar	145
5.3. O Papel dos Cidadãos num Mundo em Guerra	153
Bibliografia	157
Websites Consultados	163

Prólogo

Este prólogo pretende assumir-se como a contextualização, ou o Figura de análise, da questão geral subjacente ao título, e que se configura como sendo de natureza metodológica.

Esta reflexão de abertura versa, pois, sobre uma tendência, ligada também a preocupações nossas, de estudar a internacionalização da economia e da gestão, a começar por uma Gestão Internacional dos Recursos Humanos, entendida ao modo de uma “luta” entre paradigmas (da globalização face ao que designaríamos de glocalização). Procedemos a esse exercício cognitivo, fazendo apelo a três teorias maiores de uma abordagem epistemológica preocupada com o questionamento da tendência intelectual para o “conformismo escolar” que tem pautado o bem conhecido “consenso científico” que teria vindo a presidir à arquitetura do nosso sistema escolar ocidental.

Assim, procuraremos, no decurso do texto, uma compatibilização entre três visões que reputamos de complementares, em face da preocupação com a formação do espírito crítico de leitores e de estudantes (Lopes & Reto, 1986):

- i. a teoria das revoluções científicas de Thomas Khun;
- ii. sem esquecer o recurso a Karl Popper, pela convocação sistemática ao estudo de fenómenos raros (ou de exceções significativas) e que passam despercebidos à opinião pública;
- iii. ou mesmo a Louis Althusser, admitindo que certos factos são difíceis de apreender sem evocar o papel decisivo da designada infraestrutura económica. Trata-se, efetivamente, de uma explicação científica pelo conhecido método de “seguir o (per)curso do dinheiro”, ou “a quem interessa um determinado facto e/ou mesmo uma narrativa” que tanto pode dissimulá-lo como descodificá-lo. Como se poderá depreender, um significado ou o outro, dependerá do contexto em que o termo, narrativa, é empregado. Entendemo-la num duplo sentido, para compreender o interesse legítimo pela economia comercial versus a preocupação com o enriquecimento pela guerra.

Do lado da narrativa que segue os interesses instalados, trata-se, por sua vez, de construir uma explicação científica pelo conhecido método de “seguir o (per)curso do dinheiro”, ou “a quem interessa um determinado procedimento”, ou uma “evocação de um certo facto e/ou mesmo o da dita narrativa”. Note-se que essa, tanto pode dissimular como descodificar, pelo lado das duas preocupações acerca da “legitimização das vias do enriquecimento. Como se poderá depreender, um significado ou o outro, da narrativa, dependerá do contexto em que o próprio termo, narrativa, é empregue e por isso devidamente “preparado” e “transmitido”, sob a forma de um dito “consenso” (científico ou informativo, isto é, sem contraditório)⁴ pelos diversos mass media dominantes, com suporte em técnicas de manipulação de natureza psicológica. É que, como “ensinavam” os mestres nazis: mesmo uma mentira acaba por tornar-se em pensamento dominante, sem que as pessoas se questionem, desde que seja possível poder repetir-se “mil vezes”.

⁴ Sendo a regra, a seguir, sensivelmente a seguinte: se todos dizem o mesmo é porque foi preparado por forças ocultas (o agora designado como “estado profundo”). Veja-se como existe um único discurso “único”, sem direito ao contraditório, relativamente a tantos temas como: o CO2 como causa das alterações climáticas, da Covid, eficazmente combatida por “pseudo-vacinas” de extração ARNm, de uma economia dolarizada, que as manifestações contra um governo seriam espontâneas, que o terrorismo tem origem russa ou na religião, etc.

Quanto aos agentes concretos que nos rodeiam, importaria, ainda, procurar saber se eles seriam “agentes da propaganda”, porque “crédulos” ou porque são pagos. Isso só poderá saber-se à medida que as agências de financiamento forem sendo auditadas, como o caso atual da USAID, por exemplo, e dos seus financiamentos aos mass media, aos movimentos de contestação, ou mesmo ao apoio direto ao terrorismo (sic). No âmbito da auditoria à USAID, já podem consultar-se documentos que provam apoios a atentados de árabes contra judeus, pagos por si ou por agências israelitas, para fazer emigrar, à força, judeus para Israel e/ou palestinianos para a diáspora). Alguns destes casos, que foram já “testemunhados” pela auditoria sob E. Musk, ultrapassam a imaginação (como o apoio às populações sinistradas do Haiti, pela Fundação Clinton, com fundos recolhidos no mundo inteiro, a situar-se em torno dos 2%)⁵.

O que é extraordinário, nas circunstâncias deste fim de ciclo longo, de que aqui se trata, é a ligeireza com que o ocidente embarcou numa narrativa de “guerra existencial” contra a Federação Russa. Visava-se uma apropriação de vantagens estratégicas, supostamente perenes, que reduziriam este país a “quase nada” (num ataque à sua infraestrutura), sob a cobertura de uma luta por valores (uma suposta superioridade ocidental em termos de superestrutura, esperando um “final” determinado pela implosão das diferentes repúblicas da Federação). Em consequência, procuraremos mostrar como um neoliberalismo sem limites se pode contrapor, no âmbito do texto, a alternativa de uma estratégia baseada no comércio⁶ suportado em interesses legítimos sem constrangimentos exercidos por uma qualquer forma de dominação. Ora, do nosso ponto de vista, é o comércio que pode oferecer um suporte “infraestrutural” ao desenvolvimento dos valores culturais de que se nutrem os povos.

O interesse da questão, sublinhada em título, parece-nos evidente, se pretendermos proceder a uma apreciação sistemática dos riscos associados à situação de supremacia, injusta e desigualdária, por natureza, do poder da finança sobre a economia.

Aprecemos, de entrada no assunto, os dois casos que mais riqueza criaram na História: a Rota da Seda e o modelo dito de Silicon Valley. As consequências desta “dominação da economia pela finança” (concretamente, do paradigma do “dólar global”, associada, igualmente, ao modelo empresarial de “Silicon Valley”) fazem-se sentir ao nível da política da dominação dos países, das empresas e das famílias de todo o ocidente.

Esta dominação contrapõe-se, como é evidente, ao paradigma do enriquecimento pelo comércio (com relações financeiras descentralizadas pelos diversos espaços, interligados e livres, como é o caso da antiga “Rota da Seda”, a qual, da China, vinha até às margens ocidentais do império de Roma).

É, ainda, importante, pelo impacto nos atuais mecanismos da corrupção e das designadas “dívidas soberanas”, examinar o “paradigma” que poderíamos designar de intermediário do “enriquecimento pela política”, com o qual se tem enfrentado o mundo, principalmente ao longo dos últimos 80 anos, o período que nos interessa neste trabalho.

⁵ Ouvir para crer, porque essas mesmas forças ocultas são as que sustentam a carreira da presidente da Comissão Europeia, por exemplo: <https://reseauinternational.net/letat-profond-contre-les-populations/>

⁶ Entendemos, pelo termo comércio, a economia legítima em geral, contra uma “economia” financeirizada (aberta às atividades ilegais, como se verá ainda uma vez mais à frente no texto). Estas dimensões criminosas, da droga, da prostituição, da venda de órgãos, de crianças, de armas, etc., parecem sobretudo ligadas a uma espécie de “culto” (a do “deus” dinheiro, como se diria para retomar uma expressão bem conhecida do Novo Testamento).

Entretanto, não poderemos deixar de associar este terceiro modelo ao primeiro. De facto, ele não passaria de uma variante do que definimos como primeiro dos paradigmas, o do “mundo unipolar”. Os dois seriam como se fosse uma só, a outra face da mesma moeda (dividida em duas partes).

Por isso, em termos gerais, embora pese o facto de só no final do texto ficar clara a nossa análise, diríamos, desde já, que este “ciclo longo” de 80 anos estaria no seu ocaso. É certo que o aumento da riqueza, pelo efeito de um “mix de guerra inspirada pelo sionismo-colonialismo”⁷, parece ter consolidado e continuar a enformar o mundo ocidental. O poderio acumulado desde o tempo das cruzadas até ao sonho da construção de uma costa “ornamentada” de casinos americanizados, na martirizada “Faixa de Gaza”, não facilita o encontro com a realidade do mundo multipolar e, para nossa infelicidade, pode conduzir, ainda, o ocidente a ter de pagar um preço elevado antes de admitir a sua derrota. Porquê?

Este mundo ocidental, que nos parece ser uma entidade profundamente moldada pelo seu período “colonialista”, estaria, efetivamente, a chegar ao seu “inevitável” ocaso, mas as suas elites⁸ e esse é o drama, falham a dar-se, verdadeiramente, conta de quanto o seu ódio a tudo o que diz respeito à Federação Russa, esconde o facto de o mundo estar muito diferente do que, ainda, supõem acontecer.

Não trataremos o tema como um “ensaio”, mas como uma demonstração que se procurará ilustrar no decurso do texto. Ao dizer isto, seguimos, ainda, a recomendação de muitos investigadores que entendem que a ciência deve ser ensinada tendo em conta o que acontece e tem impacto na vida real e atual das pessoas: “numa mão o livro e na outra o jornal”, diz-se.

Os acontecimentos desencadeados pela (OME) Operação Militar Especial (24/2/2022) irrompem na história com o impacto de um “cisne negro”, a todos os títulos, altamente aleatório, improvável mesmo, a tal ponto abala o mundo das nossas certezas. Sobretudo importa encontrar uma explicação racional, até, porque, sendo incontornável, ele pode estar a mudar o curso da história e nós, que a ele assistimos, poderemos não estar a dar-nos conta do abalo que provoca, sabendo que, se nos centrarmos nos mass media tradicionais, veremos que eles estão encarregados de nos impedir de ver para lá das paredes da “Caverna” (Taleb, 2007).

Anote-se, ainda, que o presente texto (com algumas atualizações mínimas, porque os desenvolvimentos da atualidade tinham sido, quase integralmente previstos por nós mesmos) no essencial foi sendo escrito à medida que as reflexões se foram desenvolvendo ao longo dos dois últimos anos. Ficaram, ainda, incorporadas algumas contribuições, sugestões e discussões, havidas com amigos. Estes foram desafiados, através deste texto, a apreender lições de vida, algumas delas ancestrais. Assim, a verificação de que a ciência se constrói graças a um conjunto de quatro dimensões:

- i. pela desconstrução das visões individuais, de cada um isoladamente (atente-se, em particular, na alegoria da caverna de Platão);
- ii. pela desaprendizagem e pela dúvida;

⁷ Apenas na colonização da Índia, o império britânico teria causado cem milhões de mortos, como se pode ler nos trabalhos sobre o “estado profundo francês, entre outros, como, por exemplo, de Claude Janvier e François Lagarde (Janvier e Lagarde, 2024). Segundo os mesmos autores, e falando apenas do império britânico, desde os anos 90 do Século XIX, teríamos de multiplicar aqueles números por cinco vezes.

⁸ Embora alguns autores falem em elites corporativas e lacaios, preferimos chamar-lhes elites ou elites locais, a estes mandatários, e magnatas financeiros globalistas, aos donos do mundo (da finança, da Big Pharma, das armas, etc.). Ver sobretudo os trabalhos de Ch. Lasch, nomeadamente, Lasch (1996), sobre a tríção destas elites traiçoeiras.

- iii. pelo confronto de experiências;
- iv. e pela (re)construção coletiva de um Figura de referências em ordem a uma visão sistémica e complexa da vida social.

Pela relevância que assumem na nossa vida quotidiana, são de sublinhar estas publicações⁹:



10

Figura 1. UrsulaGATES: La compromission par les lobbys – Paperback, by Frédéric Baldan; l'Ukraine est un pays corrompu à tous les niveaux" - Anne Archie

Esta visão, descrita por Frederic Baldan, permitirá a todos descobrir e, enfim, compreender as relações, tantas vezes secretas, entre a Presidente da Comissão Europeia e os lóbis. Recordem-se neste contexto, igualmente, os termos de um ex-Presidente da mesma Comissão Europeia, relembrados pela autora do "post". Como podemos admirar-nos das palavras do vice-Presidente dos EUA quando declarava, na recente "Conferência de Munique", que os perigos para a Europa não vinham nem da China nem da Federação Russa, mas sim do seio da mesma.

Caliban: você ensinou-me a língua e o meu benefício é que eu (agora) sei amaldiçoar.

(...) "A peste vermelha há-de levar a você por me ensinar a sua língua.

A Tempestade (Shakespeare).

Massacres periódicos deram origem, nos últimos séculos, a extermínios comparáveis aos dos nazistas durante a 2^a Grande Guerra". (...) "Tão impressionante quanto a escala destas atrocidades é a rapidez com que o ocidente as esquece.

Z. Brzezinski (2016).

Em 1923, o patrão do aço, na Alemanha, Hugo Stinnes, disse ao embaixador dos EUA: Devemos encontrar um ditador que tenha o poder de fazer o que for necessário.

Esse homem deve falar a língua do povo e ser ele próprio um civil.

Nós já verificámos que temos um **homem** assim.

(In "RI", 1/2/2025).

O verdadeiro problema do ocidente não seria a vontade de poder da Rússia (uma potência bastante limitada em meios de dissuasão), mas a decadência do seu centro de poder, americano, esse, sim, dotado de uma necessidade de poder, verdadeiramente, sem limites".

E. Todd (2024).

"Eu repreendo e corrijo a todos os que amo".

(Apocalipse, 3,19).

A primeira dimensão que nos impressiona, nas questões relativas à internacionalização da economia, é a importância crucial do papel do comércio e da "classe" dos mercadores. É assim, que de forma inevitável, nos confrontamos com os respetivos antecedentes, longínquos: a

⁹ Ver uma extraordinária análise: <https://reseauinternational.net/letat-profound-contre-les-populations>

relação entre a dinâmica das guerras imperiais face à emergência da **extraordinária aventura humana** que foi a “construção” da “**Rota da Seda**”.

Por sua vez, uma das dimensões mais significativas da “rota da seda” (uma via comercial, com 10 a 12 mil km) foi a da transferência de tecnologia que acompanhou o desenvolvimento do comércio no mundo antigo e como se conseguiu, por essa via, operar uma autêntica revolução no mundo, ao longo de cerca de 15 Séculos, provavelmente a partir do ano 125 AC (Lincot e Bertrand, 2021). A questão cultural está sempre presente como uma cortina de fundo, isto é, a modernização do mundo ter-se-ia conseguido por uma conjugação de valores, como diz Ratte (2014). Em particular, como diz este autor, seria através do desenvolvimento dos valores da **harmonia** e da **diversidade**.

Esta estrutura comercial constituiu-se, efetivamente, como a mais importante fonte de riqueza de toda a história humana, e propõe-nos, nos termos que nos propomos defender neste texto, aquilo que defenderíamos como uma verdadeira “**utopia da paz**” operada pelos mercadores, uma classe que, de forma paradoxal, era tida em muito pouca consideração (Boulnois, 2001). Foi, porém, como diz a autora, essa mesma classe económica quem, efetivamente, respondendo à necessidade da troca de produtos úteis, fez circular conhecimentos geográficos e políticos, lembranças ou lendas, saberes e religiões, artes e ofícios, metalurgistas e operadores de instrumentos de orientação pelas estrelas, acrobatas e bailarinos, soldados profissionais ou médicos e, naturalmente, acima de tudo, tradutores. A este respeito, a rota da seda teria sido uma “superestrutura”, no verdadeiro sentido do termo; uma ideia precursora da visão humanitária da multipolaridade, como defendem, igualmente, neste contexto inspirador, a generalidade dos autores citados.

Quanto ao extraordinário mapa que apresentamos na figura 2, este deve-se a Ferdinand Von Richthofen, um geógrafo alemão que, em 1877, cunhou a designação “rota da seda”, destinada a servir de inspiração para uma via férrea, ligando a Alemanha e a China (Maurel, 2021), numa clara antecipação aos planos desenvolvidos desde 2014, sob proposta do presidente Xi-Jinping, as novas rotas da seda ou *Belt and Road Initiative* (BRI).

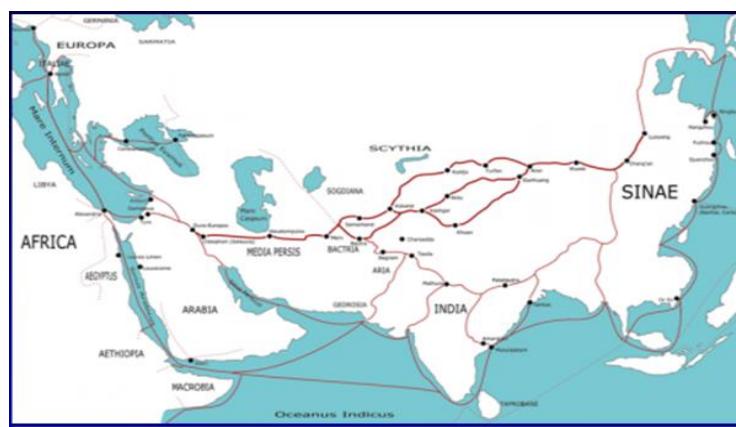


Figura 2. Ilustração de François Féret, que se inspira de diversos mapas criados entre 500AC e 500 DC, com nomes em latim

Nota: a rota da seda, de acordo com a Chloé Maurel (uma escritora e divulgadora das ciências geográficas, conhecida pela sua luta pela paz), era um conjunto de longas rotas comerciais, que via milhares de caravanas de comerciantes, mas também peregrinos, soldados, aventureiros, etc., circularem por milhares de quilómetros entre o Oriente e o Ocidente e trocarem tanto bens, como seda, mas também metais e especiarias, informação, conhecimentos, obras de arte, tradições e saber-fazer.

Notas de Enquadramento

“Sem contexto, um texto constitui, apenas, um mero pretexto que não conduz a qualquer objetivo científico ou pedagógico”. A recomendação costuma ser apresentada por certos autores, no início de uma conferência ou de cursos académicos.

Tomando a recomendação ao pé da letra, desenvolvemos um texto em que o contexto se articula com o conteúdo exposto e discutido, de forma a poder discutir uma questão crucial, a do enraizamento dos valores da modernidade sobre os valores da tradição, do rigoroso paralelismo entre a ortodoxia e catolicismo, ambos os Figuras celebrando a ideia de família.



Figura 3. A celebração da família na ortodoxia russa e no catolicismo brasileiro

Jesus nasce de uma família, no seio de um povo de pastores, de agricultores, de pescadores, de artífices, de banqueiros e de rabinos (professores). Apesar de S. Bento (ora et labora), a Igreja católica separaria novos rabinos e artífices, apoiando, na prática, o movimento das elites globalistas de desprezo pelo trabalho manual.

A fim de situar o leitor no contexto da problemática do nosso tempo, definido por muitos autores como “pós-neo-colonial”, centramo-nos na dialéctica da finança e da economia, à luz da inversão da situação em face da teoria dos valores proposta por Milton Rockeach, a partir da distinção entre “meios e fins”:

- i. os meios tendem a tornar-se fins (os meios financeiros, processos, sexualidade ou agricultura industrializada);
- ii. os fins tendem a converter-se em meios (a economia, a família, a justiça¹⁰ e a biodiversidade).

Uma breve apresentação encontra-se, aqui, na figura seguinte.

¹⁰ Atente-se na mascarada do impedimento, pelo supremo tribunal, da candidatura de C. Georgescu à presidência da República da Roménia; um verdadeiro caso de estudo da inversão de valores, no seio da UE. Um escândalo sem limites, de bom-senso, nem de legalidade. Nem A. O. Salazar () se atreveu a tanta desfaçatez, com Humberto Delgado, não o tendo impedido de concorrer às eleições. Ver o vídeo seguinte, para ir mais longe nos pormenores deste sórdido *dossier*: <https://reseauinternational.net/direct-coup-detat-en-roumanie/>

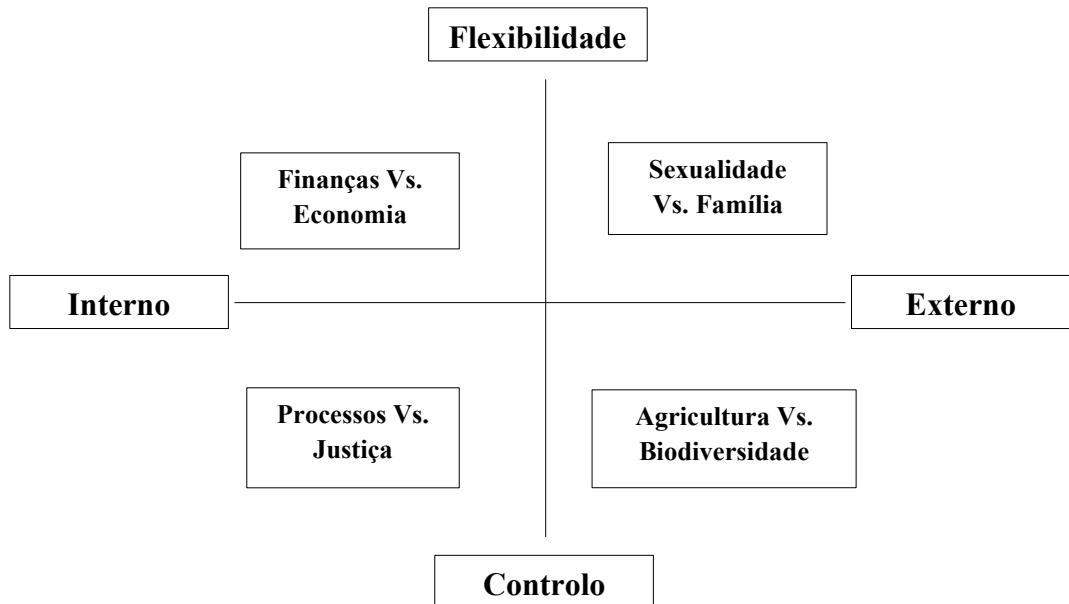


Figura 4. Modelo teórico de valores civilizacionais: Meios vs Fins
(para uma leitura de M. Rockeach)

Quanto à problemática em questão, esta emerge com o advento do período colonial, (evocada na primeira citação pelo génio de Shakespeare – o maior “cientista” de sempre, como diz António Damásio, tal como, antes, já tinha sido referido por René Girard¹¹), mas desenvolve-se, principalmente, com a chegada da revolução industrial. A Profª Laila Ghermani parece corroborar o pensamento de R. Girard, mas com maior contundência, se possível. Pensamos, também nós, que na obra em questão, é efetivamente fustigado todo o pensamento “colonialista” que submeteu pela força bruta a forte resistência dos povos do Caribe, e que se desenvolveu, desde os impérios da antiguidade à colonização brutal e genocidária de Israel sobre a Palestina. Retornando à autora citada, diríamos que Shakespeare teria mostrado, de uma forma que parece explícita (estamos no Século XVII), a fragilidade da cultura ocidental que teria perdido os seus valores fundamentais.

O ocidente enquanto berço da civilização, espaço de virtudes, território da superioridade¹² da razão (inventiva) ocidental (face à razão imitativa oriental), e expoente da eloquência dos seus feitos, aspetos, dos quais ainda hoje se reclama, e acerca dos quais continua a discorrer de forma exaustiva, seriam agora apenas meros sintomas da sua falência cultural (Ghermani, 2010).

A problemática evocada pelo grande dramaturgo inglês impacta fortemente no “nossa” presente, referindo-nos, de um modo particular, àquele problema que se enuncia no título deste nosso texto, pela tensão gerada, no mundo em desenvolvimento, pela inversão dos meios e dos

¹¹ Girard (1990). René Girard entende que Shakespeare poderia ser o criador de um sentido de modernidade diferente do que viria a ser dominante na Europa colonialista e industrial (posteriormente herdado pelo hegemónismo dos EUA): “a repulsa pela ética da vingança”. Shakespeare não perdeu atualidade, por ter tido razão antes de tempo (na modernidade), continuando a ter plena razão, depois no nosso tempo, e da pós-modernidade (segundo M. Mafesolli).

Seria esse, efetivamente, o sentido que R. Girard retira da sua leitura da obra “Hamlet”, e que nós procuramos alargar, igualmente, àquela obra que reputamos de obra mais emblemática do grande dramaturgo inglês, tão determinante é a frase selecionada, em epígrafe, e retirada da “Tempestade”.

¹² O assunto fora já tratado em 1963, de forma brilhante, por Cyril Northcote Parkinson, acerca do despertar do Japão: ver Parkinson (1963). Hoje a China forma mais eng. informáticos do que todo o resto do mundo.

fins, operada pelo advento do neocolonialismo, entendido sob o termo de “Globalização” (proceder à deslocalização da produção industrial para libertar o ocidente do fenómeno da proletarização, exportando-o, sob a forma de trabalho “escravo”, para os países em desenvolvimento, na expectativa da sua aceitação generalizada, como refere Todd, 2024).

Este facto, lido no ocidente como uma manifestação da superioridade das organizações ocidentais, conduz E. Todd na busca de um ponto de rutura da hegemonia ocidental, assente em quatro parâmetros, correspondentes a um período que cobre, *grosso modo*, os últimos 25 anos:

- i. ao invés do pretendido o poderio industrial americano estava em perda e não seria capaz de acompanhar o dos seus concorrentes;
- ii. um segundo ponto prendia-se com a baixa de capacidade de ensino das engenharias (que se vinha acentuando desde 1965);
- iii. o terceiro fator tem a ver com o declínio dos valores morais e tradicionais do ocidente;
- iv. enfim, a pretensa fragilidade da Federação Russa era mais da ordem do desejo, na medida em que os indicadores demográficos e económicos eram estáveis e tendiam para a consolidação.

Anote-se que durante o período que estudamos (os últimos 80 anos), o ocidente passou de 30% de terceirização para 80%, estando este fenómeno da desproletarização, associado a um empobrecimento constante das populações (principalmente, das ditas mais humildes).

Mas, clarifiquemos o que se poderia entender por um “ocidente”¹³ caído, “doente” por efeito de crises sucessivas, não resolvidas, no que respeita às dívidas soberanas, o qual estaria agora preso na armadilha ucraniana, segundo Todd (2024: p.138/9), ou de acordo com aquilo que ele designa, como sendo o seu mapa cognitivo:

- i. em lugar de se atacar a Federação Russa, a União Europeia (UE), o RU e a NATO, em geral, deveriam, antes, debruçar-se sobre o seu próprio processo de autodestruição¹⁴;
- ii. o RU e os EUA estavam numa “guerra” interna entre as classes inferiores e as classes mais cultivadas e que o processo de diálogo interno nas duas sociedades iria descarrilar, por falta de uma síntese necessária e urgente;
- iii. a crise atual não tem origem exógena, como tem sido propalado (na Federação Russa, ou na China), mas ela seria originária da interação sistémica, envolvendo cada um dos polos do ocidente (UE, RU e EUA). Ora, o que se passou foi que, a Federação Russa, segundo E. Todd, estava em situação de estabilidade (tinha ultrapassado as causas profundas da queda da URSS) e que o ocidente coletivo a julgava enfraquecida, caindo, desse modo, numa armadilha que ele designa como “ucraniana”. Ao contrário do que se supunha, pois, era o ocidente que estava em crise, situação perfeitamente visível ao nível do sistema educativo, por exemplo, já desde 1965. Quanto ao mito, ou ao “espantalho”, da “ameaça russa” sobre o território europeu, como diz o autor, ele seria simplesmente ridículo, nada dizendo acerca da compreensão daquele país, mas

¹³ Quando se fala de ocidente, sem o sentido geográfico, referimo-nos a que entidade? Será que se deveria, antes, redenominar essa entidade sob a noção de “América hegémónica”?

¹⁴ Ver este artigo importantíssimo - Geneste (2025): <https://cf2r.org/rt/a-la-fin-de-l-industrie-spatiale-europeenne/>

J-F Geneste é um autor reputado, como se constata pela apresentação: “é um cobiçado cientista pesquisador e educador, que acumulou mais de três décadas de experiência na indústria aeroespacial. Professor de inovação disruptiva no Instituto Skolkovo de Ciência e Tecnologia em Moscou, desde 2017, ele compartilhou sua riqueza de conhecimento com seus alunos enquanto contribuía para os avanços no seu campo por meio de vários artigos, livros e patentes. Antes de ingressar no Instituto Skolkovo, Geneste foi cientista-chefe e vice-presidente da Airbus S.A.S. de 2009 a 2017. Anteriormente, ele atuou na EADS Astrium como consultor científico e gerente sénior de inovação”.

que diria muito sobre o vazio que temem, e em que vivem, os europeus¹⁵. A Federação Russa, continua o autor, é um dos poucos estados verdadeiramente soberanos, que ultrapassou a fase imperial expansionista para se centrar sobre a aspiração a constituir uma nação.

Deste ponto de vista, a soberania e a aspiração/desejo imperial seriam, mesmo, antagónicos.

Voltando, entretanto, aos 80 anos que decorreram, desde a criação do dólar-ouro, irão eles situar-se em continuidade ou estaríamos a entrar num processo de mudança (violenta por opção ocidental)? Com que consequências, aos diversos níveis definidos no título?

Optamos, como é lógico, por refletir sobre as causas e as consequências do processo de internacionalização, de forma sistemática e, tão profundamente quanto nos é possível, guiados pela perspetiva do tempo longo, selecionando factos e convocando casos de estudo e textos de aprofundamento. Mas porque optar pela perspetiva do tempo longo?

Fazemos essa opção por três razões:

- i. em primeiro lugar porque nas discussões sobre temas complexos, mesmo no mundo académico, corre-se o risco de se tornarem preferencialmente lineares e não holísticas;
- ii. depois, porque as questões gestionário-económicas são, por sistema, reservadas a especialistas de aspetos particulares e desagregados do todo, pelo que o sentido das suas explicações escapa ao cidadão comum, que se não apercebe sobre quanto a sua vida quotidiana pode depender da compreensão do que se passa em torno de si, em questões tão pertinentes quanto a emigração, o emprego ou a poupança, por exemplo;
- iii. em terceiro lugar, porque sem o apoio da geografia e da história, situadas no espaço dificilmente acessível do tempo longo, não temos acesso efetivo ao outro lado da “vulgaridade” refletida pelos *mass media*, e que é, essencialmente, pontuado pela evolução da tecnologia e das circunstâncias do seu enraizamento sócio-económico-organizacional.

Iremos tentar responder a estas inquietações com base em trinta narrativas relativas a temas e factos (cobrindo um conjunto de 80 anos), a maioria deles mal descritos ou deficientemente contados, em termos factuais. Romper ou desconstruir (inspirando-nos em Jacques Derrida) a narrativa “heroica” criada pelo excepcionalismo “holiudesco” americano, que nos parece esconder, em “écran”, a realidade, sem cedências ao objetivismo recusado explicitamente pelo autor. Parece-nos, efetivamente, estar face a um véu de cobertura integral, cuidadosamente cultivado à maneira bíblica (sendo esta evocada tão literalmente quanto dissimulada).

A desconstrução que nos propomos constitui, sem rodeios, um risco pessoal enorme, na medida em que as pessoas parecem preferir, muitas vezes, orientar-se mais por *narrativas* prefabricadas do que pela procura laboriosa da verdade, como diz o médico V. Reliquet, evitando aquela espécie de “servidão voluntária” de que falava, já no seu tempo, La Boétie e como refere o jornalista John Swinton (Figura 5)

¹⁵ Ver, nomeadamente, os comentários ao discurso de Vance em Munique sobre o discurso do medo das “elites” europeias face à designada “ameça russa”: <https://reseauinternational.net/general-dominique-delawarde-nouvelles-du-23-avril-2025/>

“O trabalho do jornalista é destruir a verdade, mentir sem reservas, perverter os fatos, rebaixar, rastejar aos pés de Mamon e vender o seu país e a sua raça para ganhar o pão de cada dia.

Sabem-no tão bem como eu, por isso quem pode falar de uma imprensa independente? Somos os fantoches e os vassalos dos **homens ricos** que estão nos bastidores.

Eles puxam os cordelinhos e nós dançamos

O nosso tempo, os nossos talentos, as nossas oportunidades e as nossas vidas são propriedade desses homens.

Nós somos as suas prostitutas intelectuais.”

16

Figura 5. John Swinton, jornalista, no seu discurso de despedida do New-York Times 7/7/2023 – (in RI, 23/4/2025)

Esse é, porém, o múnus da academia e, por isso, também o cerne da nossa atividade de docência ao longo de muitos anos. Para o efeito, decidimos correr especificamente o risco de avançar na construção de um contexto que, procurámos que fosse adequadamente circunscrito, sobretudo porque não dispúnhamos de um caminho definido, admitindo que ele poderia existir. Assim, diríamos, seguindo o grande poeta espanhol António Machado, caminhamos por um campo sem veredas indiciadoras, para que outros nos encontrem os passos e, por sua vez, nos questionem, mas, sobretudo, nos ultrapassem. Porque desconstruir implica, necessariamente, assumir ser desconstruídos (pelo outro) nos propósitos, na estrutura e nos processos (Derrida, 1996). Como admite o autor, o propósito da desconstrução deverá ficar-se pela “vigilância” e pela aceitação do inesperado da mesma desconstrução. O leitor ajuizará, se o conseguimos, principalmente porque nos ocupa, como se verá adiante, a tarefa de procurar penetrar na essência da desconstrução de quatro narrativas ocidentais, envolvendo quatro tipos de valores constitutivos da essência humana universal:

- i. a narrativa sobre a natureza da sexualidade humana e da família;
- ii. a da financeirização da economia como estádio superior do desenvolvimento;
- iii. a da ecologia¹⁶ e das soluções “tecnológicas” propostas para as questões climáticas ou da saúde humana (como um seu corolário lógico);
- iv. e, enfim, a crise da democracia (ou da justiça e da separação de poderes), isentando, efetivamente, os poderosos em face da indispensável transparência dos processos, isto é, de prestação de contas das suas atuações marcadas pela dissimulação com que se escondem para fugir às responsabilidades.

Propomo-nos, pois, ensaiar o percurso de uma descrição/compreensão da formação, desenvolvimento e do seu posterior “esgotamento”, porventura lento, mas progressivo, dos termos da narrativa neocolonial. Esta, assim como a respetiva violência, são normalmente, “ignoradas”, mas não deixam de estar subjacentes à mesma realidade, nos termos do Prof sul-africano, Aghogho Akpome¹⁷, e que são relativamente coincidentes com a análise de Todd, (2024). Efetivamente, os termos da narrativa dominante ficam-se pela abordagem da violência do período colonial, para melhor se poder “vender” à opinião pública a política de um “desenvolvimento dependente”, que nós definimos como neoliberal e neocolonial, efetivamente

¹⁶ Ver as considerações muito sérias de Jean-Marc Jancovici: <https://www.youtube.com/watch?v=bc-EsQWX2e8>

¹⁷ <https://reseauinternational.net/professeur-aghogho-akpome-loccident-perd-le-controle-du-recit-apres-500-ans-de-genocide/>.

“imposto” por regras ocidentais, e que se prende com uma divisão internacional do trabalho que se tem mostrado mais do que injusta (figura 6).

A Inteligência só, tudo cria e reforça?

Devia estar escrito:

“Ao princípio era a Força!”

Enquanto lanço agora essa última linha,

Algo me inspira além e para mim caminha.

O espírito me ajuda! E diviso um clarão.

Escrevo confiante:

“Ao princípio era a Ação!”

(Goethe, 1976)

17

Figura 6. Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) – Fausto

O fim do mundo baseado na força e a emergência de um mundo alternativo, baseado na ação

Do nosso ponto de vista, embora adiante tenhamos de voltar a este ponto, diríamos que se trataria de (continuar a) impedir o retorno do proletariado, no ocidente (“morto” com o processo de desindustrialização), tendo como base cinco grandes vetores de ação:

- i. continuar a desindustrializar a Europa para reinustrializar os EUA, com base, nos “lucros da guerra” e nos investimentos subsequentes da deslocalização de empresas alemãs de tecnologia altamente complexa (nos finais de 2024, 20% tinha partido para este superestado em paralisia industrial desde 2019)¹⁸ porque já não haveria acesso da UE ao gás russo;
- ii. deixar a área dos serviços para os europeus;
- iii. continuar (até quando?) o processo de proletarização dos países ditos emergentes da Ásia, da África e da América Latina;
- iv. impedir duravelmente a Federação Russa de jogar um papel no Médio Oriente, conduzindo o conflito ucraniano a uma solução “perdedor-perdedor”, mas sem, igualmente, deixar o espaço a uma aliança dos russos com a China;
- v. criar no Médio Oriente um estado de caos generalizado, de modo a deixar o campo aberto ao “jihadismo”¹⁹ e impedir a organização de estados que pudessem valorizar os imensos recursos que a região encerra (como se depreende dos trabalhos que temos citado de Thierry Meyssan).

Cada um destes vetores, nomeadamente, o primeiro, o quarto e o quinto, parecem-nos determinantes, sobretudo porque a estratégia do ganho americano, que lhes está subjacente, seria absoluto sobre todos os tabuleiros (se isso pudesse acontecer). Fragilizaria, inclusivamente, a China, de forma durável, porque a Federação Russa (a grande perdedora) ficaria exangue economicamente, sendo por isso obrigada a vender-lhe combustíveis a preços internacionais – e não a preços de grande aliada – sendo este, assim, o maior de todos os objetivos. Seria este o (último) momento de travar o poder industrial da China (pela força da aceitação generalizada da gestão pela cultura). A cultura nacional, na China (Figura 4) pauta-

¹⁸ Em comparação, desde 2000, a produção industrial da China aumentou de cerca de 1000%, a da Índia de 320% e a da Federação Russa, de mais de 200%, ou, enfim, a Itália com uma diminuição de 25%.

Para desenvolvimento: <https://reseauinternational.net/lempire-du-chaos-recharge/>.

¹⁹ O qual, na sua versão de “estado islâmico” foi lançado por B. Obama (Prémio Nobel da Paz), segundo a palavra autorizada de J. Sachs. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=zqCw6qIvRjg>

se pela procura do equilíbrio e da “**via mediana**” da benevolência confuciana, a qual se traduz pela obrigaçāo, que envolve todos, na defesa da **paz** e da **convergência**, como muito bem explica um diplomata francês Laurent Michelon²⁰, onde todo o trabalho coletivo se desenvolve sob uma liderança de “alguém que deverá ser escolhido porque é culto e versado em **poesia**”, mas que, em simultâneo, seria desprovido de competências de carácter técnico concreto. As competências deveriam poder exprimir-se livremente na coletividade muito enraizada na sua terra, sob a supervisão de um “funcionário imperial” estranho e, por isso, desconhecedor das realidades locais.

Este líder formal não pode influenciar tecnicamente o resultado final, mas, paradoxalmente, esse seria determinante para a sua carreira política. Como, assim? Ele é o responsável por um sistema de liderança que deverá implementar um modelo de “coopetição”, traduzido por uma participação de todos com as suas ideias próprias e que competindo fazem avançar a cooperação do conjunto.

Vejamos alguns dos detalhes em que se inspira a atual gestão organizacional (de matriz confuciana) a partir da cultura chinesa ancestral, nomeadamente a celebração da “via do meio” comunitária e familiar de cada “novo ano” (em que sobretudo se viaja para visitar pais e avós, para os presentear e manifestar o mais profundo respeito). É uma festa celebrada, igualmente, em todas as comunidades chinesas do mundo (envolvendo uma diáspora de cerca de 70 milhões, em 200 grandes festividades, de Moscovo a Londres, ou de Houston a Singapura).

A festa nacional chinesa (que assim como o Natal cristão), que se celebra há mais de 2.000 anos, seria, recentemente, reconhecida pela UNESCO, como “património imaterial da humanidade”.

O que tem de, assim, tão particular, esta festividade que dura, oficialmente, uma semana (nos últimos dias de janeiro e primeiros dias de fevereiro)²¹, e oficiosamente, um mês inteiro, por ano? Sublinhe-se a importância da natureza (não há animais maus) ou das cores, acima de tudo o encarnado, como símbolo da estética, da beleza. Efetivamente, de acordo com a ideia de beleza, que nos chegou da Grécia e de Roma, esta é um valor final e não instrumental, algo que procuramos por si próprio e para cuja procura não é necessário buscar qualquer outra razão.

Sublinhe-se que, na cultura tradicional chinesa, todos os animais da natureza representam, ao mesmo título, valores civilizacionais. Assim, no caso da Serpente, cuja evocação se celebra neste ano, esta aparece-nos associada aos símbolos perenes da atividade e que as pessoas são convidadas a aprender a conjugar, ou seja, os da **inteligência** ou o culto da perspicácia em todas as circunstâncias da vida, bem como os aspetos associados (totalmente interligados, entenda-se) à **elegância**, do ser, do fazer e do conhecimento, ou seja da inteligência de processos e das regras de conduta, quer na sua comunidade de origem quer quando se desloca. A liderança por parte de alguém estranho à comunidade simboliza a ideia de inclusão dos estranhos quer sejam pessoas que se irão integrar quer se trate de pessoas que passam (comércio, turismo, constituição de família, etc.), numa permanente ligação ao “pedaço de terra” em que vivem e à terra que obrigatoriamente visitam por ocasião do novo ano que celebram, conhecendo outras comunidades, na busca de uma espécie de “transculturalidade”, indispensável à constituição do que designaríamos como uma diáspora-viva, aberta aos valores estranhos, sem um qualquer abandono dos próprios.

²⁰ (Michelon, 2022).

²¹ Em 2025, por exemplo, as festas do “ano da Serpente” começaram no dia 29 de janeiro e terminaram no dia 4 de fevereiro.

- A cultura organizacional chinesa definir-se-ia:
 - Pelos valores da ética confuciana (os objetivos a atingir serão monitorados por uma “elite local” burocrática e altamente qualificada, assim como relativamente independente);
 - Pela estética (processos que se pautam pela perfeição, até nos mais pequenos pormenores, em paralelo com os processos japoneses);
 - Pelo culto do relacionamento correto e pela cooperação mutuamente vantajosa (uma cultura coletivista, da rota da seda);
 - Pela inovação (sob estimulação de uma cultura de liderança participada e consensual)

Figura 7. Cultura Nacional Chinesa (Michelon, 2022): uma fonte de competitividade global nacional e empresarial

19

Verificamos, ainda, que esta gestão pela cultura, em especial a da meritocracia (a importância do saber-fazer bem – a estética), mas também a da descentralização política (o país mais descentralizado no mundo, mais do que os EUA e da UE, o que implica a participação cidadã)²², por parte da China (Figura 4), permitiria, efetivamente, com cerca de 40 anos de intervalo, concretizar um “salto económico” como o japonês, dos anos 50 e 60, sendo patente, por exemplo, que o seu poder industrial teria crescido cerca de 10 vezes mais rapidamente do que o dos EUA, desde o ano 2000.

Se atentarmos na realidade deste salto económico, verificamos que em cerca de 35 anos, a China realiza o feito extraordinário de ultrapassar o poderio económico americano, tornando-se, deste modo, na primeira potência mundial, se medirmos o respetivo poder económico em termos de “paridade de poder de compra” (PPC), um indicador bem mais interessante do que é habitual fazer-se no ocidente, com o designado PIB. E tudo isto foi conseguido sem que, a China, tal como a Índia, a Federação Russa ou a Indonésia, entre tantos outros povos, agrupados nos BRICS+, tivessem “explorado” qualquer povo! Eles poderão, muito bem, ser o nosso futuro!

Continuando a refletir sobre as categorias que extraímos da reflexão de Michelon (2022), construímos o seguinte Figura cognitivo (figura 8):

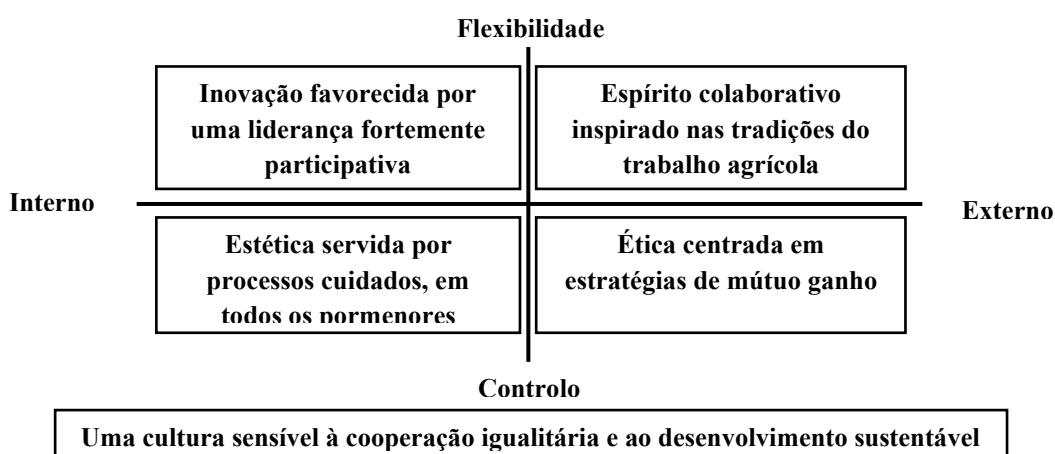


Figura 8. Cultura Nacional Chinesa (Michelon, 2022):
uma fonte de competitividade global nacional e empresarial

²² Ver o vídeo de Arnaud Bertrand acerca das barreiras alfandegárias “escondidas” que paralisam a UE, ao invés do que se passa na China (rápida a fazer tudo e tudo muito bem): <https://reseauinternational.net/pourquoi-loccident-ne-peut-pas-battre-la-chine/>

A questão que se levanta, a partir daqui, parece-nos ser a de se saber porque, e com que fundamentos, é que o atual desenvolvimento da China (que sempre que se emancipou do poder colonialista se proclama de fomento de um comércio “colaborativo e pacífico”) seria nocivo ao “progresso e à paz” nos EUA? Porque este se assume, unicamente e essencialmente, como um controlo hegemónico? A Europa terá, entretanto, uma ocasião soberana de em breve, acreditamos, verificar qual das questões se irá revelar mais consentânea com a realidade. Como se apresentam estas questões da viabilidade económica da prossecução da estratégia de hegemonia, na atualidade, num “tempo de incerteza” criada pela eleição do presidente D. Trump?

O crescimento dos EUA é pautado, por assim dizer, pelo aumento da riqueza dos multimilionários. Efetivamente, o povo americano não cessa de empobrecer, tendo-se mesmo agravado nos últimos anos. As disparidades de rendimentos e de condições de vida e de bem-estar, apresentam-se apenas, plenos, de “tetinas eletrónicas”, como denunciam muitos dos observadores qualificados consultados, ao mesmo tempo que os tentáculos do “polvo” imperialista submetiam, implacavelmente, os países europeus, fazendo sonhar com a autonomia que gozaram nos tempos em que a URSS equilibrava essa hegemonia (Roure, 2024).

A população dos designados “inativos” (a maioria, jovens), é calculada em torno dos 100 milhões de indivíduos (um em cada três americanos), tal como um em cada quatro americanos não pode comprar os medicamentos que os médicos lhes receitam, ou ainda que 800 mil indivíduos não têm casa para viver (de acordo com B. Sanders), apesar das promessas da “industrialização da agricultura” (e de um pensamento nutricional único, denunciado em Weill, 2007, ou em Lopes et al., 2024). Deste modo, a “solução”, do ponto de vista das oligarquias “globalistas”, já não poderia passar apenas pela máquina de propaganda²³, como a da “narrativa” (explicada pelo especialista britânico, Alastair Crooke, como um *mix* de “falta de adesão à realidade”, de “crenças baseadas em preconceitos”, e de “incompetência técnica sobre o terreno”), de que os mísseis russos, por exemplo, tinham de ser fabricados com os “*chips*” roubados das máquinas de lavar ucranianas (como declarou a presidente da Comissão Europeia)²⁴.

Repare-se, ainda uma vez, na lógica dos argumentos que estão na base das narrativas das nossas elites ultramedíocres (de que fala Regis Le Sommier). Não estamos a falar dos designados eleitos locais, muitas vezes diametralmente opostos às elites globalistas, como descrito pela obra de Guilluy (2025).

A Federação Russa, por um lado, estava acabada; por outro, ela quer invadir toda a Europa da Polónia a Portugal. Acima de tudo os países da ex-URSS, e que se ligaram à UE, não consideram sequer como cidadãos as pessoas de etnia russa desses países. Racismo (?!), não parece constituir um incômodo para a “nossa” UE, antes parece constituir uma imagem de marca da mesma União fundada sobre valores (quais?!). A coerência não será um ponto forte das atuais elites dirigentes europeias, as quais se poderão ter afastado dos propósitos iniciais desta experiência política sem precedentes na europa, ver Figura seguinte.

²³ A narrativa oficial, aconteça o que acontecer, não pode mudar: a EUA é uma terra de oportunidades. se alguém entra no campo dos perdedores, a responsabilidade só poderia ser sua. Entenda-se que se trata de uma atribuição de causalidade interna, aquela precisamente que a ciência psicológica privilegia, para o desenvolvimento de uma solução adequada dos problemas que os indivíduos enfrentam.

²⁴ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=XuKmZPdHB1M>

- A experiência inicial da UE (ainda como CEE) mostra que nunca o mundo (e em primeiro lugar a França) cresceu tanto como em tempo de paz e de comércio europeu, em liberdade

(dizia o primeiro-ministro francês, G. Pompidou, em 1965)

Figura 9. Comércio vs Guerra: paradigma da aliança ofensiva contra a política de defesa com base em mísseis hipersónicos

21

Entretanto o programa político que preside à UE parece ser o da retoma do confronto do que poderíamos designar de uma nova guerra fria. Entendem que a solução para os problemas futuros poderia ter de passar pela força, para travar a Federação Russa, abandonando a via pacífica do comércio e destruindo a solidariedade dos BRICS+²⁵, como um primeiro objetivo. Mas seria, esta destruição, possível? Veremos como a tecnologia dos mísseis hipersónicos mudou o curso da história recente,

Efetivamente, a explosão de todas aquelas contradições, acima apontadas, implicaria consequências de todo o género, que acabariam por destruir a dinâmica de construção da aliança BRICS+, sendo esse, pois, um segundo objetivo.

Efetivamente, o abastecimento de combustíveis à UE, a partir do Médio Oriente, coberto pelo caos e pelo domínio absoluto de Israel²⁶, seria um terceiro objetivo, constituindo, dessa forma, uma compensação pela desindustrialização europeia. Mas para atingir plenamente este terceiro objetivo seria necessário submeter o Irão²⁷, na sequência da fragilização russa e chinesa, a qual arrastaria a fragilização da Índia. Em termos de teoria dos jogos, apenas haveria um vencedor, os EUA. Vejamos, entretanto, qual o ponto nodal de toda esta estratégia de “ganhador-perdedor(es)”, que passaria necessariamente pela fragilização da Federação Russa.

Apenas e só nessa condição, concretamente no que respeita ao quinto vetor, seria possível fazer ganhar umas migalhas à UE e convencer os cidadãos europeus a continuarem a olhar para os EUA como o seu “protetor”, constituindo, desse modo um quarto objetivo.

Assim, o quinto vetor, seria, porventura o mais importante, porque os EUA não podem prescindir de alianças.

Tudo indica, pois, segundo parece, que toda esta situação poderia ganhar sentido na condição de constituir um propósito tendente a permitir que os EUA controlassem completamente os recursos do Médio Oriente. Nessa condição poderiam, por sua vez, “distribuir” esses recursos, a seu belo prazer, pelo mundo ocidental e por Israel, sem que uma tal estratégia se tornasse demasiado visível para a opinião pública cada vez mais exigente, como se viu nas recentes eleições americanas. Fartas da retórica da guerra, os eleitores americanos parecem inclinados para a estratégia do comércio.

²⁵ Toda esta reflexão nos parece importante, porque nem sequer no Brasil, muitos jornalistas conhecem o movimento político que deu origem aos BRICS+. Ver, a propósito, o vídeo: <https://reseauinternational.net/general-dominique-delawarde-geopolitique-generale-25-janvier-2025/>

²⁶ O regime israelita seria ainda, recentemente, denunciado pelo intelectual judeo-americano (Avi Steinberg), no site Truthout, como “um instrumento de genocídio” do povo palestiniano, e outros povos, no Médio Oriente”. A este respeito, a escolha de D. Trump que recaiu em Steve Witkoff, um membro da comunidade judaica, e que rapidamente, nos primeiros dias de 2025, forçou a mão do governo israelita quanto ao cessar-fogo em Gaza (que ainda continua a ser o maior campo de concentração da história humana), deixa, porventura, algumas esperanças de pacificação nesta região crítica.

²⁷ Ver a cronologia dos acontecimentos que conduziram os EUA a seguir a argumentação de Israel no que respeita a atribuição de uma intenção maléfica do Irão contra o ocidente (nomeadamente acerca do designado programa nuclear iraniano), feita, de forma bem documentada, por Ioussef Hindi. De sublinhar que esta argumentação se encontra orientada contra todos (um por um) os “inimigos” do estado genocidário de Israel. Acresce que ela é sistemática, persistente, orientada superiormente pela AIPAC e, enfim, sempre orientada contra os mesmos povos do Médio Oriente. Mas (...) porque é que atualmente o presidente D. Trump hesita em atacar o Irão como Israel pretende por todos os meios? Será porque Israel tem mostrado, no terreno (mesmo se isso se não vê no reino da propaganda), uma fragilidade militar súbita? Será, por outro lado, que D. Trump não está em posição de força? Ver o vídeo onde todos os acontecimentos são devidamente escalpelizados: <https://reseauinternational.net/les-chroniques-de-youssef-hindi-14-trump-et-liran-guerre-ou-paix/>

Mas se assim é, qual é verdadeiramente a diferença entre comprar minérios (ou produtos energéticos) à Ucrânia, à Federação Russa ou à China? Mas, para comprar é necessária uma guerra? Vemos que há algo mais do que um investimento.

Terá valido a pena destruir a ex-Jugoslávia, criar um estado falido no Kosovo, favorecer a emergência de máfias, ditas “albanesas”, mas efetivamente, de todos os quadrantes (como explica o investigador e docente universitário, Roland Sanviti²⁸), tudo isso para criar uma base militar neste território?

Lembremos, a propósito, as palavras de Abraham Lincoln: “pode enganar-se, uma parte do povo, durante muito tempo; pode enganar-se todo o povo, durante algum tempo; mas não pode enganar-se, todo o povo, durante todo o tempo”.

-
- Como é que a União Europeia se converteu, nos nossos dias, num arauto de guerra?
 - A França e a Alemanha reconheceram, entretanto, orgulhosas, a sua responsabilidade histórica no falhanço dos acordos de Minsk.
 - Uma repetição, mas para algo muitíssimo mais gravoso do que a guerra na ex-Jugoslávia!
 - Onde está a defesa do direito dos povos a disporem do seu próprio futuro?

Figura 10. Defesa de povos frágeis vs guerra tradicional

Será que a estratégia americano-otanista do confronto se afirma (ou não)? Se esta aposta for ganhadora, o “dólar” baseado no poder impositivo das “**regras estado-unidenses**” e na força militar conseguirá manter-se poderoso²⁹. Nós, pessoalmente, continuamos a afirmar que o movimento dos BRICS+ em favor de uma nova ordem baseada no **direito internacional**, parece ter condições de sustentabilidade.

Acima de tudo o mais, a tecnologia (no caso a dos mísseis hipersónicos), ajuda, poderosamente a fazer bascular o paradigma da dominação em favor da negociação de conflitos pela criação de condições “Ganhador-Ganhador”: guerra versus comércio. Talvez seja o modelo chinês de desenvolvimento que desafia os EUA (em poucos anos a China ultrapassou o país até agora hegemónico). Não se pense, entretanto, que é fácil, ganhar a batalha do desenvolvimento, no mundo.

Para se ter uma ordem de grandeza do problema do controlo da droga (pelo estado ou pelas máfias), dado que escapa totalmente, por exemplo, ao estado americano, produz-se mais droga no mundo do que café (a terceira mercadoria legal mais vendida).

Propomos, refletir sobre as consequências para o “ocidente individualista” de uma mudança, do eu ao nós, como sugere a figura 4 retirada do jornal “Résau International” (RI).

Atentemos nos pormenores da imagem (composta a partir de uma abordagem sistémico-complexa):

²⁸ Animador do site Justice et Démocratie, fonte informativa notável, sobre criminalidade financeira e consequências na crise de valores da justiça. Para uma ideia do controlo mundial da alta criminalidade (Sanviti, 2019). Ver: <https://reseauinternational.net/maitre-roland-sanviti-la-criminalite-au-sein-de-la-haute-finance-internationale/>

²⁹ Até quando, entretanto, o dólar continuará a ser poderoso? A sua força depende, evidentemente, da confiança que lhe atribuem os que creem no “nome” do poderoso **deus** Mammon (dinheiro, em hebraico) em que pretendem acreditar. “*In god we trust*”, está escrito nas notas! Esse poder tornou-se, paradoxalmente, frágil, mas ainda é exorbitante.

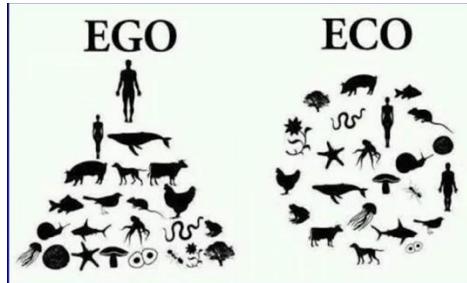


Figura 11. Mudança de paradigma do neoliberalismo: do Eu ao Nós

23

Mas, como operar, no terreno prático da economia familiar, empresarial, nacional e mundial?

Este seria, porventura o maior “quebra-cabeças” das ciências da gestão (senão mesmo da economia) na atualidade. Pessoalmente, temo-nos debruçado sobre o assunto e apontamos para a hipótese de este se dever à organização do seu sistema educativo (que conjuga uma exigência máxima com uma adaptabilidade, caso a caso, às potencialidades dos leitores)³⁰.

A China tem desenvolvido uma corrente pedagógica própria (já em uso na ex-URSS), pelo que a partilha atualmente com a da Federação Russa, a qual seria, do nosso ponto de vista, a fonte do sucesso.

Efetivamente, em pouco mais de 30 anos a China (sem guerra) progrediu mais do que os EUA em 250 anos, em guerra (imperialista)³¹ quase contínua, ameaçando “sepultar” o hegemonismo americano e dar vida ao multilateralismo.

E (...) o “pior”, para as “elites globalistas”, quase sempre profundamente mediocres (como as descreve o escritor sérvio, Slobodan Despot, nem sequer se deram conta que os eleitores americanos se afastavam, progressivamente das suas mesmas elites dirigentes. Isso constituiu um facto desafiante e que possui as virtualidades de poder mudar o mundo, como uma verdadeira revolução planetária, como reconhece J. Sachs. Os eleitores americanos de todos os quadrantes têm vindo a perceber que os membros das suas elites deixaram há muito, desde há muito, de constituir a base de uma força de coesão social, minimamente saudável (como argumenta, igualmente, o Prof. Richard Wolff)³². Elas comportam-se, entretanto, segundo o princípio do “pensamento de grupo” (o groupthink), consensual, pelo que, ou abdicam do espírito crítico, ou correm o risco de ser “descartados” (Janis, 1972; Dias et al., 2011). Mas, até quando deveria continuar a ser dessa forma?

Foi assim que os americanos assumiram que o programa, político e financeiro dos neoconservadores, poderia certamente enriquecê-los, pessoalmente, e como grupo organizado na sombra da política americana (e europeia), mas que a prazo enfraqueceria os EUA. Assim, elegeram, massivamente, um presidente (D. Trump, um adepto do antiglobalismo) que em torno do programa *Make America Great Again* (MAGA) prometia trazer à terra americana, uma “política da prosperidade e da paz”, e não uma continuação da política de guerra promovida por um “estado profundo” que perdeu todo o sentido da “transparência” na governação, a qual

³⁰ Assim, explicamos o essencial deste processo pedagógico através do método de avaliação da cadeira em que nos baseamos no conceito de “Texto-Guia”, explicando-o em sala de aula, um pouco à maneira de “uma engenharia inversa” (entender um equipamento, por exemplo, que é necessário reparar, como se fez, nos anos 50, no caso Mondragón). Este caso, a propósito deste contexto, seria discutido em sala.

³¹ Mirkovic (2021) cita N. Chomsky, ao considerar que os EUA foi o único país que nasceu sob a fórmula de império (ou império da mentira, na versão de V. Putin). Vale a pena tomar nota dos livros (citados na Bibliografia) deste analista de origem sérvia sobre o seu testemunho desde os tempos em que ele acreditava que os media ocidentais informavam.

³² Ver o ponto de situação sobre o declínio americano deste notável Prof de Economia sobre a queda do dólar, mas sobretudo sobre a astronómica dívida americana: <https://www.youtube.com/watch?v=54D1f8gHNsU>

poderia ter sido entregue, a certa altura, a um qualquer “*Incitatus*” do imperador Calígula. Como dizia o presidente J. Kennedy, em 1961, a humanidade tem pela primeira vez na história a possibilidade de acabar com a miséria (ao invés do que defendia o darwinismo social teorizado pelo historiador Richard Hofstadter), mas, igualmente, de acabar com a própria vida humana. No ano seguinte, Bob Dylan escrevia uma celeberrima canção em que denuncia as “florestas negras” e o “carrasco escondido”, como se parecesse antecipar o assassinato do presidente americano, em 1963 e do seu irmão, pouco tempo depois, ou da tentativa falhada de assassinar o General C. De Gaulle, o símbolo do soberanismo europeu, em 1962. Mas, agora, 61 anos depois, o sobrinho de J. Kennedy chega à equipa do governo dos EUA. Qual a fórmula governativa que irá sair da governação liderada pelo presidente D. Trump?

24

Duas hipóteses se perfilam;

- i. ou se trata de uma limpeza do “estado profundo” e de todo o esquema (estrutura) de controlo das “fontes de informação” que determina o quê, o como e o porquê da informação que diariamente é veiculada junto do presidente (como se lhe refere um dos seus atores mais qualificados, Ray McGovern)³³;
- ii. ou se trata de uma nova fórmula de controlo (já anteriormente prevista, para o caso de algo se passar), com uma nova narrativa (prevista, inclusive, de algo preparado a distância pelo Clube de Roma). Indiscutivelmente, alguém pensaria que um dia se veriam forçados a aceitar a ideia de que essa limpeza era inevitável (Joe Massot)³⁴?

Qual das duas vias se revelará a mais segura?

As massas populares americanas (e não só) parecem ter-se afastado, de uma forma raramente vista, relativamente às recomendações definidas e publicitadas à exaustão, pelas elites dominantes, (uma “*globaligarquia*” ainda poderosa, embora decadente)³⁵. Ao invés do que considera a maioria dos investigadores como os selecionados por Codato e Perissinotto (2015), as massas podem fugir ao controlo da propaganda, uma e outra vez, mesmo se o movimento de descolagem face às ditas “*globaligarquias*” parece imperceptível.

As massas afastaram-se da propaganda, efetivamente, contra a força implacável do financiamento de todas as USAID's da nossa praça, e das recomendações de todas pseudo diferenças presentes nos *mass media mainstream*, alinhadas com a dita “esquerda” democrática da administração americana que governa desde B. Clinton. Sabemos, efetivamente, como esta corrente terá sido promovida (e generosamente, financiada, a título de sociedades de beneficência, sob um comando centralizado de G. Soros) por todas as administrações que se foram sucedendo, de um modo especial, desde o assassinato de J. Kennedy, em 1963, e que mergulhou os EUA na falta de transparência governativa das sucessivas administrações³⁶.

Será que irão ser prestadas contas? “Todos os representantes das elites europeias que sustentaram o regime nazi na Ucrânia são considerados como intermediários e participantes diretos dos crimes de guerra cometidos por estes nazis modernos”. Estas palavras de Maria Zakharova (porta-voz do ministério dos Negócios Estrangeiros da Federação Russa) irão definir a política de regularização das relações internacionais, saída de Riade, ou não passarão de meras “palavras” de desabafo? Que influência terá na Alemanha e na UE o voto popular que fez de

³³ Ver: <https://reseauinternational.net/ray-mcgovern-comment-la-cia-est-devenue-la-plus-grande-menace-pour-la-securite-des-etats-unis/>

³⁴ Ver: <https://reseauinternational.net/trump-lattrape-complotistes-prefere-du-pouvoir-avec-joe-massot/>

³⁵ Termo que recuperamos de um texto de Thierry Laurent Pellet (RI de 25/2/2025), que reporta algo que deve ajudar-nos a interpretar a “agitação” destes “senhores” vendidos às oligarquias bancárias de que se falará adiante.

³⁶ <https://odysee.com/JeanDominiqueMichel/sait-on-enfin-qui-a-assassiné-kennedy>: 80 mil páginas de documentos.

Friedrich Merz em homem dividido entre ser funcionário da “dona financeira do ocidente” (a BlackRock) ou ser primeiro-ministro da Alemanha? Agirá, enfim, Friedrich Merz de forma a fazer crer aos alemães e aos europeus que os interesses da Alemanha, da UE e da BlackRock, são uma só e mesma realidade, ou seja, a de aumentar o poder das oligarquias³⁷ anti russas e anti BICS+?

Do nosso lado, não lhes desejamos “boa-sorte”³⁸! Veremos como se desenvolve a corrente soberanista na UE ou se a atual oligarquia a irá fazer “implodir”, pela recusa da multipolaridade.

Regressemos, entretanto, ao fio condutor da reflexão sobre a problemática dos ciclos de afirmação/declínio da dominância da finança sobre a economia, tendo, embora, presentes, estes pressupostos.

Começamos, pois, por fazer referência à teoria dos ciclos económicos longos, assim designados por N. Kondratiev³⁹. Estudamos, neste caso concreto, o ciclo relativo ao que consideramos como um período longo – o dos últimos 80 anos - e que consagraram a preponderância, primeiro, e a dominância avassaladora, depois, por parte do “poder financeiro” sobre a totalidade das famílias, das empresas e das sociedades no mundo ocidental.

O referido ciclo apresenta, entretanto, claramente, dois subperíodos, subciclos ou ondas, bastante mais curtos, dos quais, o primeiro corresponderia a um movimento económico ascendente e contínuo, ao passo que, o segundo, seria, globalmente, descendente e descontínuo (de 1944 a 1973/75; de 1975 a 2022/24)⁴⁰.

Em termos globais, entretanto, poderíamos considerar quatro períodos, porque houve factos relevantes e determinantes. Vejamos. O assassinato de J. Kennedy em 1963 marca, por certo um novo reinício do poder do dólar, o qual passaria a escapar ao controlo do governo dos EUA e passaria ao domínio total e absoluto dos círculos sionistas revisionistas, como os denomina Th. Meyssan, iniciando-se um período de “trevas”. O primeiro período ficaria definido desta forma: 1944/1963 e 1963/1975. Quanto ao segundo, ele tem, claramente, uma interrupção/redefinição em 1991 com a implosão da URSS, o acontecimento maior da vida do mundo no período que nos interessa estudar. O segundo período ficaria, pois, definido pelas seguintes datas: 1975/1991 e 1991/2024. Com a eleição de D. Trump, em novembro de 2024, o período das trevas pode estar a terminar, com a “libertação” de todo o género de documentos que “escondem” os interesses mais obscuros dos grupos financeiros (essencialmente, de extração judaica), que estão na base do modelo neocolonial e neoliberal que tem governado como “senhor da história”, como se verá adiante. Anote-se, entretanto, que, desde 1991, em particular, todas as guerras tiveram origem em questões económicas, configurando um modelo de relações neocolonialistas, como alerta M. Collon⁴¹.

³⁷ François Mauriac dizia que gostava de tal modo da Alemanha que preferia que fossem duas (Roure, 2024).

³⁸ Não deixa de ser estranho ou curioso que aqueles mesmos que apoiam os neo-nazis ucranianos tratem de nazis os seus colegas de parlamento, membros do partido AfD (soberanistas que recusam a russofobia, como argumenta Pascal Lottaz). Veremos como se desenvolve a “bofetada” histórica que o ex-primeiro ministro (O. Scholz) acaba de receber. Ver os pormenores: <https://reseauinternational.net/ce-que-signifient-vraiment-les-elections-allemandes/>

³⁹ Uma obra que foi atribuída ao autor, resulta efetivamente de um conjunto de notas que foram “passadas” da URSS para o “ocidente”, com este título: “*The Long Waves in Economic Life*” (editada em 1926). A obra está disponível em língua castelhana. Ver detalhes na bibliografia.

⁴⁰ O primeiro período do ciclo longo seria, ainda, designado de “30 anos gloriosos” (J. Fourastié). De acordo com Kondratief, o que caracterizaria cada ciclo, seja no ciclo longo, com a sua fase expansiva, quer, na recessiva, seja, pois, no interior, seriam dois fatores associados à respetiva causalidade (um de características técnico-financeiras e o segundo, muito sensível a um acontecimento disruptivo - crise).

⁴¹ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=IAhQtR78UCU&list=TLpqMDiwMzlwMjXwanexRjhrhQ&index=3>

Em particular, importa referimos que o segundo subciclo (Soutou, 2024)⁴² seria entrecortado de períodos muito curtos, definindo cinco crises económico-financeiras maiores (cinco anos de expansão financeira e cinco de retração). Entretanto, a primeira das crises de 10 anos, teria ocorrido de 1963⁴³ a 1973⁴⁴, ainda o período dos 30 anos gloriosos. Aparentemente do ponto de vista económico esta crise de 10 anos não faria sentido. No entanto, ela aparece como a matriz das outras que se seguem, associadas às crises energéticas. De que se trata? Um conjunto de fenómenos ocorre: crise dos mísseis Cuba/Turquia, o assassinato de J. Kennedy e a intensificação das guerras coloniais e da guerra na Indochina. Em termos tecnológicos a supremacia missilística dos EUA tinha chegado ao fim.

No que respeita ao conteúdo do texto propriamente dito, importa destacar que, segundo a nossa convicção, a questão subjacente ao título proposto, ou seja, a problemática da dominação financeira, representaria um desafio maior, a dever ser debatida, com profundidade, em todo o ocidente. É de salientar que o tema evocado é, ainda, recorrente desde fins dos anos 70, quando se agudiza o “controlo” da economia (das empresas e dos países, em seguida) pela finança globalista, designada de “neoliberal”. Um dos traços marcantes desta tendência “financeirista” (além de consagrar a liberdade de usura, como denuncia M. Hudson), é a que estaria associada à promoção ativa da destruição das instâncias institucionais, ou corpos intermediários da sociedade, (nomeadamente, igrejas, sindicatos, famílias) e em favor de uma individualização “atomizante” (nos termos de Christopher Lasch). As consequências, do que designamos como uma “estratégia do controlo” (essencialmente denunciada pela ex-secretária de estado americana da habitação de G. W. Bush, Catherine Austin Fitts, em 2020)⁴⁵, foram antevistas por diversos autores, de entre os quais seleccionámos nomes como, Noam Chomsky (considerado o maior intelectual vivo, do mundo), Emmanuel Todd (o atual expoente, vivo, da célebre “École des Annales”), ou como Fábio Vighi (uma referência da universidade de Cardiff e especialista em pandemias)⁴⁶. F. Vighi, em particular, é alguém que procura, de forma que reputamos muito coerente e sistemática, seguir os factos e as etapas, ligados à dominação financeira sobre a economia, e colocá-la em termos comprehensíveis para as pessoas,

⁴² Este é um autor sempre bem documentado sobre os factos, embora, nesta obra, opte por conclusões algo abusivas, do nosso ponto de vista, sobre a postura de V. Putin (que hesitou, porventura, mais do que devia sobre a intervenção na guerra civil na Ucrânia, deixando que as forças adversárias se fortalecessem de forma evidente. a partir de 2020, como reconhece J. Baud). <https://odysee.com/@Impellobel.odysee:b/2192comp:0>.

⁴³ O dia 22 nov. 1963 ficaria na História como o do atentado contra a vida de John Kennedy. Quais os “crimes” dos irmãos Kennedy, e nomeadamente o de John? Apesar dos louros que lhe vinham da resolução da crise dos mísseis em Cuba, seria, porventura, o de querer forçar o “American Zionist Council” (AZC) a inscrever-se como uma organização estrangeira e a privar a organização de defender nos EUA a nuclearização do “Estado de Israel”? Quem, pois, beneficiava com o crime? Acima de tudo, como é que já estava preparada a “narrativa” segundo a qual só podiam ter sido os serviços secretos da URSS a comandar o assassinato do presidente? Qual o papel dos que já nessa data comandavam a financeirização das economias, a começar pela dos EUA: o AZC, mais tarde redenominado como “American Israel Public Affairs Committee” (AZC/AIPAC)? Para um aprofundamento sobre os acontecimentos que permitem contextualizar o assassinato, ver: Piper (1995), ou o vídeo do autor: <https://www.youtube.com/watch?v=2utWSdq8YY>. Ou, ainda, sobre o poder, exercido pela mesma organização judaica, sobre a quase totalidade do “Congresso” americano (362 elementos apoiados e feitos eleger), como se gabam em público, sem qualquer vergonha, tal como controlam, diretamente, 62 lugares por “gente” com dupla nacionalidade, no parlamento francês. Ver o testemunho impressionante de um general francês que viveu como elemento da ONU, sobre os locais onde o confronto se desenrola desde há cerca de 80 anos, dizendo que “entrei como pró-israelita e saí com os olhos e com os ouvidos bem abertos”. Diz que os abriu, sobretudo, depois de alguns dos seus companheiros das forças da ONU morreram sob as armas israelitas disparadas propositalmente. Ver, pois: <https://reseauinternational.net/general-dominique-delawarde-cest-une-période-de-tous-les-dangers/>.

⁴⁴ É curioso notar o facto de cada crise ter sido pontuada por um anúncio catastrófico, sistematicamente apontado para os 10 anos seguintes; década de 60 (**fim do petróleo**, dentro de 10 anos); começo de uma **nova era glaciar**, anunciada na década de 70; as **chuvas ácidas**, para a década de 80; o desaparecimento da **camada do ozono**, para os anos 90; as **calotes polares** desapareceriam na primeira década do século XXI; agora estariamos a braços com o **aquecimento global**, catastrófico, o qual fora assegurado durante a segunda década do nosso século. Qual será aquela que iremos anunciar para os anos de 2030?

⁴⁵ <https://reseauinternational.net/planet-lockdown-catherine-austin-fitts-avait-raison-cest-eux-ou-nous/>.

⁴⁶ Ver o vídeo sobre a evolução da medicina, sobretudo, acerca dos males e dos bens que resultam dos designados como males (como se lhe referem autores como André Lwoff, nobel da medicina ou (Ivan) Illich, 1973). A. Lwoff denuncia o “corona-circo” montado pelos poderes que emergem dos crimes associados à financeirização da saúde e da multiplicação dos efeitos iatrogenéticos dos “tratamentos (!): <https://reseauinternational.net/la-medecine-au-xixe-et-au-xxe-siecle/>.

(“gostando” mesmo de ser controladas pelo “Sr Global”, um ser como que divino, como diz a citada, Catherine Austin Fitts). Estudando as propostas de N. Chomsky, de E. Todd e de F. Vighi, e lendo-as à luz de D. Teurtrie⁴⁷, M. Hudson⁴⁸ e de Ch. Lasch, poderíamos concluir que:

- i. os autores coincidem em definir a atual situação em termos de “um fim de ciclo”, um *terminus* daquilo que apresentam como sendo uma “economia de casino”, a qual seria “vivenciada” sob a forma de uma “catástrofe” incontornável, e de um tríplice efeito (socioeconómico, cultural e psicológico)⁴⁹;
- ii. acrescentam, ainda, que a “crise⁵⁰ violenta” estava desde há muito anunciada, a qual, entretanto, não poderia senão progredir em crescendo, em virtude da “expatriação” da atividade produtiva para fora do espaço das nações ocidentais, com consequências incontornáveis em termos de destruição dos sistemas de trabalho, os quais anteriormente permitiam às três gerações (que compõem uma sociedade) poderem viver, de uma forma normal e em equilíbrio;
- iii. os autores referenciam, enfim, os termos de um futuro de equilíbrio (que tenderíamos a designar de Vestefaliano) entre todas as nações, ou seja, aberto aos interesses legítimos e à cultura dos diferentes povos desde que, sob a égide de uma ONU assente sobre o “direito internacional” e de um “sistema” de trocas livres, baseadas (ou não, conforme os casos) em moedas convencionais ou nas moedas nacionais dos países soberanos;
- iv. esses termos de futuro não seriam, mais, determinados pelo poder ocidental, ou seja, consagrariam a ideia de estado soberano e de um sistema financeiro ao serviço da economia, (não permitindo a sua inversão).

Interrogando-se sobre os termos da crise, os autores referem que em lugar de manter a tradição industrial, no ocidente, fez-se o contrário. Sob uma inspiração americano/neoliberal, a “escolha”, consistiu em transformar o ocidente numa sociedade de serviços, inteiramente artificializada. Em lugar de se procurar organizar um estado social, quase integralmente orientado para o passado, sem olhar à renovação das gerações, favoreceu-se a dominância das políticas orientadas para a 3^a idade. Em lugar de se cultivar uma sociedade de valores que conjuguem, como sempre se fez, a tradição com a modernidade optou-se pela promoção do nihilismo (antevisto por autores como André Gide, o autor favorito de E. Macron e de todos os wokistas globalistas), com o seu sistema de antivalores, de negação da própria realidade física, biológica, ou mesmo uma espécie de nova religião, (raiando a defesa da pedocriminalidade contra crianças argelinas, na época colonial)⁵¹. Claramente, este nihilismo equivale, por parte da sociedade ocidental, a uma perda completa da ideia de si própria, da igualdade entre as

⁴⁷ Ver os trabalhos de um geógrafo e antropólogo, como Teurtrie (2024), Prof. do Instituto Católico da Vendeia, em França, que viu o retorno da potência emergente da Federação Russa, desde há cerca de 20 anos, quando muitos a consideravam derrotada sem remissão.

⁴⁸ https://www.youtube.com/watch?v=tRbG0s_9RRY

⁴⁹ Quando anunciam a Agostinho de Hipona (em estado de agonia), que os “bárbaros” se encontravam às portas da cidade (atual cidade de Annaba - Argélia), referindo, a propósito, que o facto apenas poderia anunciar o fim do mundo (chegaria, efetivamente, o fim do império romano), o eminentíssimo sábio teria declarado: “não diria que é o fim do mundo, mas que é, antes, o início de um mundo novo”.

É precisamente pela tomada de consciência da nossa “vulnerabilidade” que aprenderemos a força da colaboração e da criatividade para ultrapassarmos as crises que se nos apresentam: não há fatalidade se acreditarmos na vontade e se temos fé no humano; mas não haverá vontade se cedemos o passo à fatalidade (Rorik D. Valder, cineasta).

⁵⁰ O principal problema de uma crise é o de admitir que esta está iminente.

⁵¹ Cf: <https://reseauinternational.net/candace-owens-fait-trembler-lelysee-les-revelations-choc-sur-brigitte-macron/>

Ver, por exemplo, o artigo de Susana Salvador, no Diário-de-Notícias: “Toda a gente sabia.” O escândalo do incesto que abala a élite francesa. A enteada de Olivier Duhamel revela num livro como o famoso cientista político começou a abusar do irmão gémeo quando tinham apenas 13 anos e o código de silêncio que rodeou o caso.

pessoas (destruindo, na prática, a identidade da mulher⁵² e aceitando o princípio da inferioridade de povos simplesmente diferentes), tal como da preferência pela guerra, ou, enfim, pela sua anterior “consciência histórica”, como tem denunciado Todd (2024).

Vejamos, para uma apreciação muito sucinta, um dos slides amplamente discutidos em sala de aula e que reflete sobre o tempo longo correspondente à modernidade que presidiu à internacionalização começada no período colonial.

Posteriormente a internacionalização seria desenvolvida com a revolução industrial (em que ao mundo dito emergente ficava atribuído o múnus de fornecer mão de obra escrava, extração de matérias-primas e o de consumir produtos fabricados ou transformados nas metrópoles ocidentais), antes de se ter passado à fase das independências segundo o figurino do neocolonialismo, o qual, tendo começado a cair em 1959, em Cuba⁵³, pelos nossos dias estaria a chegar ao fim.

O que se entende, pois, por modernidade (conceito e contexto), pode ser apreciado na figura seguinte, na qual pretendemos resumir os termos da nossa exploração das obras de autores de referência mundial (como é o caso de investigadores da craveira de Michel Maffesoli ou de António Damásio).

- Valores da modernidade (que, entretanto, estaria a terminar) e reemergência da força da sabedoria popular:
- Individualismo vs. ideal comunitário;
 - Racionalismo vs. emocional (o substrato profundo);
 - Progressismo (linear, encantatório e predatório) vs. tradição (com a ideia de progressividade).
 - A ideia-chave da nova época seria a da aceitação da vertente corporal do homem, e o retorno dos deveres.
 - Seria, então, a era da “animalidade” contra o perigo da “bestialidade” (a necessidade de um enraizamento dinâmico em ordem a uma sinergia ou ideal comunitário).

Maffesoli, M (2016). *A ordem das coisas: pensar a pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora Gen.

*Figura 12. Fim da época da Modernidade Cartesiana e do Globalismo
(M. Maffesoli e a emergência de uma época da pós-modernidade)*

Ao escutarmos E. Todd, interrogamo-nos sobre quem ganha com esta escolha neoliberal? Trata-se de uma pergunta indispensável a qual todos os homens devem poder, desde já, começar a colocar. A UE perde, seguramente; e os EUA ganham? Mas, por quanto tempo?

Vighi (2020), por sua vez, alertava, quatro anos antes de E. Todd, que o nexo de causalidade entre a política monetária, a híper-bolha bolsista, a euforia do setor financeiro, as guerras e as

⁵² E. Todd fala de um estatuto, perdido, da mulher, que lhe permitia, em simultâneo: estudar, trabalhar e ser mãe. Agora tudo seria diferente, generalizando-se essa mesma perda, um pouco por todo o mundo, cavando mais e mais a crise demográfica que o autor associa ao desenvolvimento económico, em primeiro lugar ocidental, mas também, mundial, até certo ponto.

⁵³ O processo de internacionalização pode ser apreendido, pelos estudantes, de uma forma amplamente manifesta no nosso quotidiano. Basta procurarmos ver de onde vêm os diversos produtos que nos rodeiam na sala de aula. Neste ponto da apresentação da cadeira, essa tomada de consciência seria aproveitada para explanar o caso de uma empresa, integralmente portuguesa, mas que tem o nome “cubano” no nome e, em consequência, cairia na armadilha das sanções contra o estado cubano, pelo que foi impedida de importar um equipamento americano de “estimulação cerebral transcraniana”, não-invasiva (conhecido sob o acrônimo TMS): o caso do Instituto Luso-Cubano de Neurologia (ILCN), ao qual um dos autores está ligado por laços familiares. Assim parecem caminhar as relações internacionais (mesmo se e apenas comerciais). Note-se que o referido instituto (ILCN) pretendia prestar uma homenagem bem-merecida a Cuba, nos domínios da saúde, mas, sobretudo, do seu método (interdisciplinar/integral e intensivo, em que um paciente é “servido” por um terapeuta, durante um período de sessões variáveis, de horas, podendo o número destas chegar a seis por dia), e por isso perfeitamente inovador, no domínio da “reabilitação neurológica”;

situações de emergência que já se antecipavam (!?) estão debaixo dos nossos olhos (...); simplesmente, a nossa escolha consistiu em ignorá-las.

Eram passados um pouco mais de 40 anos, a partir dos primeiros avisos sérios de Alexander Soljenitsin contra o nihilismo ocidental, algo que tanto o tinha surpreendido. O escritor russo antevia, rapidamente, que o fim desse mundo globalizado parecia estar próximo, de tal maneira se tinha afastado da “espiritualidade”. É certo que os ocidentais continuam a seguir, enaltecedo as opções assumidas por certos círculos dominantes. Mas o que parece ser o seu ocaso estaria aí já presente, nas palavras de Todd (2024).

Pelo nosso lado, pensamos que o problema maior da estratégia de destruição do trabalho industrial-produtivo, antes localizado no ocidente, estava a ser seguido da sua consequência natural, a tão celebrada “destruição” de uma “perigosa classe operária”. O papel e a força revolucionária desta classe, que fora teorizada por Marx, como se sabe, tinha chegado ao fim, vencida pela opção neoliberal, como se depreende de Gorz (1980)⁵⁴. A automação lançará em crise todas as sociedades capitalistas, destruirá os critérios quantitativos e de eficiência que lhes servem de fundamento, manifestará que a utilização racional das máquinas [...] segundo as exigências de rendibilidade máxima só se obterá ao preço da utilização irracional dos homens, do seu tempo, das suas faculdades, em detrimento das suas exigências humanas. As opções da governação ocidental tinham-se orientado pela escolha de uma perspetiva que, há cerca de 25 anos, definíramos como “nihilista”.

Revisitando as nossas perspetivas passadas, dos últimos anos do Séc. XX, pensamos que ela mereceria, por certo, uma desenvolvida reflexão. É esse pensamento que propomos neste texto, construído, agora, a partir de uma abordagem de carácter epistemológico-cronológico, mais profundo, porém, do que aquela que nesse período poderíamos conseguir elaborar. Não é um trabalho conclusivo, mas é o que pudemos apresentar aos leitores e a outros leitores, na expectativa de que alguém possa vir a fazê-lo melhor do que nós e com um outro fôlego teórico.

⁵⁴ Ver, igualmente: <https://manuelbaneteleproprio.blogspot.com/2024/02/a-radicalidade-do-pensamento-de-francis.html>

Resumo

Desde a formação dos primeiros impérios da Antiguidade Oriental, nos vales dos grandes rios (Tigre e Eufrates, por um lado e Nilo, por outro), que emerge uma tensão entre o desenvolvimento com base na guerra ou no comércio. As respetivas forças, nos seus processos de influência da situação em favor de um ou do outro campo, aprenderam a manipular os trunfos, identificados por Crozier e Friedberg (1977), os quais poderiam fazer pender a balança, para um ou outro lado. Estes trunfos articulam-se em torno dos seguintes conceitos: o domínio das regras e dos procedimentos relativamente aceites pelos diversos atores pertinentes; o domínio do acesso à informação; o domínio do acesso à comunicação com figuras de poder; o domínio de competências cruciais de acordo com o contexto. Em todos os períodos da história humana e em situações muito diversificadas, estes trunfos estiveram presentes. Selecioneámos seis períodos ou tensões sucessivas, mas tratando de modo especial o ciclo longo dos últimos 80 anos de consolidação da dolarização da economia do mundo e da sua erosão. Estes períodos do referido ciclo apenas tocam ao-de-leve nos dois primeiros pontos, concentrando-se, pois, nos outros quatro, todos abaixo referidos, através de uma análise de 30 passos redigidos sob a forma de uma pesquisa baseada em narrativas subordinadas à dominância de cada um dos trunfos acima citados. Os seis pontos globais, analisados essencialmente do lado do hegemón, seriam os seguintes: i) a supremacia da guerra vs a do comércio, desde a antiguidade até aos descobrimentos; ii) o colonialismo vs o direito dos povos à soberania; iii) as guerras imperialistas e o estabelecimento de um hegemón que domina pela financeirização da economia e do dólar vs as revoluções socialistas; iv) fim da URSS vs consolidação do hegemón americano sob o lema da “paz e da prosperidade” para o mundo; v) a guerra total do hegemón no Médio-Oriente no pós-11 de set. de 2001 vs o movimento dos BRICS (algo próximo de uma guerra de valores associados ao direito à soberania dos povos); vi) a guerra, na Ucrânia, do hegemón contra a Federação Russa, aguarda-se que ela venha a consagrar a vitória do desenvolvimento económico pela via do comércio suportado pelo poder dos BRICS+ sobre a via da guerra. A pesquisa empírica indica, efetivamente, uma menor presença das preocupações do hegemón com a ação das designadas elites locais detentoras do poder técnico nas diversas esferas dirigentes do ocidente. Na situação atual, os poderes “fácticos” que presidiram à financeirização da economia parecem algo desorientados face à tradicional incompetência das elites escolhidas, mas desconhecem-se pormenores da sua atuação real, para lá do “teatro” de pantomina que protagonizam nos dois principais teatros de guerra em curso. No início do ano de 2025 o futuro está, por consequência, em aberto, mas a balança parece inclinar-se para o lado da vitória do comércio, com a economia do mundo que já foi libertado da financeirização em franco desenvolvimento; mas, secundariamente, no Figura do conflito no Médio Oriente, os tambores da guerra estão ativos; ninguém saberá dizer até quando, nem a qual a dinâmica dos dois teatros de operações!

30

Palavras-chave

Ciclos económicos, Dolarização, Internacionalização, Finanças, Economia, Organização, Sistemas de informação, Controlo da democracia, Geopolítica do petróleo, Retorno ao sistema de trocas igualitárias, Moedas locais e câmara de compensações

Abstract

Since the formation of the first empires of Eastern Antiquity, in the valleys of the great rivers (Tigris and Euphrates on the one hand, and the Nile on the other), there has been a tension between development based on war and development based on trade. In their processes of influencing the situation in favour of one camp or the other, the respective forces have learned to manipulate the trump cards identified by Crozier and Friedberg (1977) which could tip the scales in one direction or the other. These trump cards are articulated around the following concepts: mastery of the rules and procedures relatively accepted by the various relevant actors; mastery of access to information; mastery of access to communication with figures of power; mastery of crucial competences according to the context. In all periods of human history and in very diverse situations, these assets have been present. We have chosen six successive periods or tensions, but in particular the long cycle of the last 80 years of the consolidation of the dollarisation of the world economy and its erosion. These periods of the aforementioned cycle only touch on the first two points, concentrating on the other four, all of which are mentioned below, through an analysis of 30 steps written in the form of a research based on narratives subordinated to the dominance of each of the aforementioned assets. The six global points, essentially analysed from the hegemon's point of view, would be as follows: i) the supremacy of war over trade, from antiquity to the discoveries; ii) colonialism versus the right of peoples to sovereignty; iii) imperialist wars and the establishment of a hegemon that dominates through the financialisation of the economy and the dollar vs. socialist revolutions; iv) the end of the USSR vs. the consolidation of the American hegemon under the slogan of "peace and prosperity" for the world; v) the hegemon's total war in the Middle East after 9/11 vs. the BRICS movement (something close to a war of values related to the right of sovereignty of peoples); vi) the hegemon's war in Ukraine against the Russian Federation, which is expected to enshrine the victory of economic development through trade, supported by the power of the BRICS+, over the path of war. Empirical research suggests that the hegemon is less concerned with the actions of the so-called local elites who hold technical power in the various spheres of governance in the West. In the current situation, the 'de facto' powers that have presided over the financialisation of the economy appear somewhat disoriented in the face of the traditional incompetence of the elected elites, but details of their actual actions are unknown beyond the pantomime 'theatre' they are performing in the two main ongoing war battles. At the beginning of 2025, the future is therefore wide open, but the scales seem to be tipping in favour of the victory of trade, with the world economy, already freed from financialisation, developing rapidly; but on the other hand, in the context of the conflict in the Middle East, the drums of war are beating; no one will be able to say when, or what the dynamics of the two theatres of operation will be!

Keywords

Economic cycles, Dollarization, Internationalization, Finance, Economics, Organization, Information systems, Control of democracy, Geopolitics of oil, Return to the system of equal exchange, Local currencies and compensation chamber

1. Introdução: Questão de Partida, Método e Formulação da Hipótese de Base

1.1 Contextualização da Questão de Partida

No texto serão tomados como fatores subjacentes ao ciclo longo, que cobre como vimos os últimos 80 anos, dois subciclos mais curtos, inseridos, como se disse acima, no mesmo ciclo longo⁵⁵, formando este uma curva (algo deslocado para um alongamento assimétrico sobre a direita), mas, ainda assim, de tipo Gauss.

De acordo com a teoria de N. Kondratief, o que caracterizaria um ciclo longo seriam, assim, dois fatores os quais definiriam, por sua vez, dois ciclos mais curtos (um de características técnico-financeiras⁵⁶ e de crescimento da economia, ao passo que, o segundo, seria sensível, sobremaneira, a um acontecimento disruptivo e de diminuição da expansão económica):

- i. dos finais da 2ª Grande Guerra, desde a criação do sistema global do dólar-padrão-ouro⁵⁷, e a partir da expansão das tecnologias, associadas às possibilidades oferecidas pela disponibilidade da eletricidade e do início da mecanização robotizada da produção;
- ii. o segundo corresponderia⁵⁸ à emergência do dólar-padrão-petróleo, à guerra no Médio Oriente de 1973 e, do ponto de vista técnico, à emergência da informática (e das TIC, em geral) nos sistemas produtivos. Acresce que os EUA decidiram, desde o início, gerir o dólar⁵⁹ a partir de critérios de dominação política, dada a designada dimensão/estatuto “extraterritorial” da moeda que “ofereciam ao mundo”, justificando, desse modo, as sanções económicas aos países que não obedeciam de forma total aos ditames imperiais.

Aplicando os critérios expostos, vemos que o primeiro período, que também é conhecido como “dos 30 (anos) gloriosos” (expressão cunhada por Jean Fourastié) fez generalizar o designado “estado social”, com os rendimentos do trabalho a crescer, com as “reformas” a estenderem-se aos não-contribuintes, ou com os “subsídios de desemprego” a serem atribuídos de forma sistemática, nomeadamente. O segundo período manteve a tendência para o

⁵⁵ O início da dominação do designado “império” (se o entendermos como fazemos neste texto, como a dominação da economia e da atividade dos países pela grande “banca internacional”) essa teria começado, ainda, no fim do Séc. XIX. Quanto aos atos fundadores da sua emergência moderna, esses situam-se, mais concretamente, nas “guerras” dos EUA e aliados, contra o Haiti francês (com a confiscação do ouro e os massacres associados) e, em seguida, contra a Rússia soviética (entre 1917 e 1923), visando o seu desmembramento. O certo é que morreram, nesse conflito, cerca de 17 milhões de pessoas. Para aprofundamento deste período (propositadamente!?) esquecido, ver: Izambert (2024). O ciclo longo, dos anos 80 do Séc. XIX a 1944 (o ano da vitória da URSS contra o nazismo, o movimento que inscrevia nos cintos que Deus estava com eles e, igualmente, o ano da criação da frase emblemática “l'enfer, c'est les Autres” encontra-se no fim da peça “Huis clos” de Jean-Paul Sartre), mereceria ser estudado, igualmente, mas não temos condições no contexto do estudo que aqui desenvolvemos (segundo a visão de Vega-González e Vega-Salinas, 2013). Por agora, é o ciclo dos últimos 80 anos (um período que também J. Sachs aceita) que nos parece ser prioritário, em função da pertinência do que se passa nos nossos dias.

⁵⁶ Literalmente, a palavra “finança” deriva da palavra “fim”, conseguir os seus objetivos, tal como a palavra “economia” se refere a “eco+nomos” – conhecimento das necessidades da casa, família, da empresa ou da cidade. Quanto à palavra “moeda”, significa, literalmente “algo que serve para ser lembrado”, assim como, também, “algo que serve para advertir”. (Ver, para aprofundamento sobre os temas da moeda e da banca, a obra clássica de Rivoire, 1989).

⁵⁷ Padrão-ouro-dólar que, efetivamente, foi sempre uma mistificação; pura propaganda, como se explica no vídeo: <https://reseauinternational.net/pourquoi-le-standard-or-est-une-grosse-arnaque/>

Sublinhe-se que o ouro se cota, atualmente, a cerca 2633 dólares, estando o ouro dos EUA (388 milhares de milhões de dólares em lingotes de ouro) cotado a 42,22 dólares a onça, preço de 1973, isto é, valeria 65 vezes mais.

⁵⁸ O segundo ciclo começa, ainda, em 1971, com o fim do dólar-padrão-ouro, arrasta-se até à guerra conhecida como de *Yom Kippour* (guerra de Israel, com o apoio dos EUA contra o Egito e a Síria) e culminaria em 1975, com o início do fim da crise económica geral, já sob o efeito do novo padrão monetário/fiduciário – o “petrodólar”. Note-se que, normalmente, não há choques com efeitos repentinos. Mas, para se ter uma pequena ideia do que é um “choque” repentino, na economia portuguesa, veja-se, o petróleo passou de 3\$ o barril para 33\$ (de 7 para 8 de outubro de 1973). Neste caso, a revolução de 25 de abril, ganhou um impulso muito evidente com o “choque” petrolífero.

⁵⁹ Poder (e fragilidades?) de uma moeda que permitiria aos EUA de se endividar, indefinidamente, e continuar poderosos: <https://www.youtube.com/watch?v=L7IGhsxEYrQ>.

“aprofundamento do estado social”, mas com a tecnologia a forçar a diminuição dos empregos. A gestão da tecnologia (ao invés do que pressupunha o prémio Nobel da economia – R. Solow), não proporcionou uma qualificação da mão-de-obra e uma mudança organizacional condicente com as características da mesma. A prazo, esta situação de mera aposta na tecnologia, conduziria a um processo de degradação notória do valor trabalho e da jovem geração (valor esse nascido da ética protestante, segundo Max Weber). Logicamente, a orientação da economia, afasta-se da juventude, ganhando uma expressão de um renovado “Minotauro”, devorador da infância de Gaza e da juventude, para além de todas as vítimas indiscriminadas. Um monstro de tipo “faustiano” (marcado pela expansão, pela ambição sem freios, pelo sonho ilimitado) o qual, como diria Oswald Spengler, estaria destinado, a prazo a ter de cuidar de “uma jovem civilização que seria esmagada sob o peso da que estaria morrendo”⁶⁰.. O homem faustiano iria, enfim, forçar o ocidente a virar-se para o passado, numa centração atroz sobre si mesmo, “convertido a uma espécie de condição, que se quereria perene, de cadáver levantado”. Este posicionalmente faustiano seria traduzido, na prática política, na dominância dos serviços burocratizados e das políticas públicas retrógradas, destinadas a privilegiar a terceira idade⁶¹, canalizando para ela o essencial dos recursos disponíveis. Tudo se terá processado (intencionalmente ou não) em desfavor da atividade industrial, do bem-estar da juventude, ou do incremento da emigração (mesmo sabendo que muitos elementos marginais tenderão a acompanhar estes movimentos de populações). Para o ocidente coletivo, tudo acontece sem uma estratégia de combate coerente à crise da família (um valor fundador dos restantes valores)⁶² e da natalidade (a qual, para E. Todd, constituiria a pedra de toque fundamental para explicar o colapso das nações)⁶³.

O curioso é que se foi engendrando uma crise da natalidade sem ter em conta aspectos conexos, em que a opção pelo “industrialismo da relação com a natureza”, por sua vez, colocaria o mundo numa corrida desenfreada em direção do previsível esgotamento, a curto prazo, dos principais recursos disponíveis, se atendermos às reflexões de autores como Cochet (2024) ou Cagé e Jancovici (2024).

Vale a pena refletirmos sobre o conjunto do problema apreciado à luz da crise de valores (de natureza nihilista, senão mesmo de “Zero Religião” de que fala E. Todd), a qual nos atinge de forma violenta. As quatro “crises de valores” que atingem, de facto, principalmente as sociedades desenvolvidas do ocidente, neste segundo subciclo, afetariam, sobretudo, as instituições da sociedade:

⁶⁰ Como diz o Coronel J. Baud, o acordo de cessar-fogo, dos dias que precedem a tomada de posse do novo presidente D. Trump, é o mesmo (em 95% dos termos) que o Hamas apresentou há mais de um ano. Quem esteve, entretanto, interessado em continuar a engordar o monstro, todo este tempo? Quantos dirigentes internacionais têm as mãos cheias de sangue palestiniano? Ver o imperdível vídeo (ou melhor dizendo, verdadeiramente demolidor), de J. Baud contra o “estado” israelita tratado de perverso e “pária”, pelo autor, mas também, igualmente, por quase 50% dos jovens israelitas americanos, que acusam Israel de genocídio: <https://www.youtube.com/watch?v=pAwTValluLw>

⁶¹ E. Todd refere a este respeito um mito judaico (que em família se contava às crianças): um pelícano, vendo as águas ameaçar o ninho, começa a levar os filhos para o outro lado do grande lago que se ia formando. Ao chegar, deixa o filho em lugar seguro e prepara-se para ir buscar um outro. Volta, porém, atrás, interrogando-se: mas porque razão teria eu que salvar os meus filhos? E pergunta ao pequeno: porque estou eu a fazer isto? O pequeno responde: porque quando tu fores velhinho farei o mesmo por ti! O pelícano atirou o filho à água e partiu à procura de um próximo filho. Passou-se o mesmo com este segundo, tal como com o terceiro filho e o quarto. Quando chegou a vez do quinto, este respondeu-lhe: “porque quando eu for grande hei-de fazer o mesmo pelos meus filhos”. Neste caso, deixou-o viver e ocupou-se desse filho que ele percebia como estando orientado para o futuro, para o envolvimento com a maravilha da natalidade. Efetivamente, esse entusiasmo pelas novas vidas em formação, seria o verdadeiro indicador da vitalidade das sociedades (Freund, 1966). É em presença de uma nova vida que é possível vivenciar, em simultâneo, uma espécie de “prisão voluntária” imposta pelo novo ser e mais completa “libertação” daquilo que alguns autores designam como a “escravatura de si mesmo”, a pior das servidões.

A nossa sociedade escolheu orientar-se em ordem ao passado, às garantias aos idosos. Irá desaparecer!

⁶² Pessoalmente, desde o fim dos anos 90, temos situado estas quatro crises de valores como a questão mais importante do século XXI (Lopes, 2012).

⁶³ <https://www.youtube.com/watch?v=iNqjaF6zNBU>.

- i. a crise maior e mais desestruturadora da coletividade, a da família como elemento central de uma comunidade (autoridade e igualdade);
- ii. a de uma justiça diferenciada de acordo com o seu estatuto (ou quando estariam em causa crimes de poderosos, como denunciou o (ultra perseguido) jornalista J. Assange);
- iii. a do ambiente submetido, entretanto, a uma verdadeira ditadura do industrialismo, ou seja, da financeirização da natureza, com os produtos geneticamente modificados (OGM's), por exemplo;
- iv. ou, enfim, a do dinheiro/finança como finalidade, em lugar de se lhe reservar o papel de instrumento da economia. Sublinhemos, entretanto, o facto de que a crise aparece como o resultado de uma economia que rigorosamente se financeirizou. Esta economia teria sido instrumentalizada pela banca⁶⁴, como denuncia J. Sachs, ou, inclusive, como, no caso da economia da saúde, como ensinam diversos autores (Moine e Pelagotti, 2024). Neste campo preciso, poderia referir-se o círculo, denunciado pelo Prof. Ph. Even, da “fabricação de doenças para medicamentos insignificantes já na posse da indústria farmacêutica” e que, na opinião do eminentíssimo Prof., não serviriam para nada, senão para fazer dinheiro.⁶⁵

A prioridade passava, neste último caso, de uma crise da relação meios/fins (teorizada nos anos 70, por Milton Rokeach)⁶⁶, que seria traduzida por uma inversão de polaridade: a uma produção de riqueza que deixaria de se centrar nas pessoas, seguir-se-ia uma outra em que se trataria de produzir, mas para fortalecer o sistema financeiro. Este não tem cessado de se converter, progressivamente, num elemento dominador da economia das empresas e dos países e, enfim, um elemento de condicionamento da política e das sociedades em geral.

Importa, naturalmente, distinguir, neste contexto, a ideia de “ciclo longo”, de duas outras aceções que igualmente usamos: ciclo médio e ciclo curto.

Efetivamente, dado que a tecnologia vai evoluindo e escapando ao controlo dos poderes instituídos⁶⁷ (o tempo do telefone não é o dos satélites ou da internet, como se compreenderá) e que esta condiciona a duração dos ciclos, dividiremos, em consequência, um ciclo longo (de 80 anos) e outros três de mais curta duração (que designaríamos de ciclos médios), e desde a revolução digital, uma série de ciclos curtos de 10 anos.

O período longo de que nos ocupamos estaria a extinguir-se, nestes dias do ano de 2024 (quando passam precisamente 80 anos, desde os “acordos de Bretton Woods”, em 1944)⁶⁸ e que, do nosso ponto de vista, procuraria colocar um ponto final à ordem internacional tal como fora definida no início da era da modernidade (com o Tratado de Vestfália, em 1648). Este ciclo

⁶⁴ O Prof. J. Sachs denuncia, de modo particularmente violento, a leviandade “estúpida, mas proposada” das autoridades financeiras americanas no desencadear da “crise de pânico”, de 14 de setembro de 2008, uma situação que criou, depois, a designada crise das dívidas soberanas, de efeitos devastadores, nos tão criticados PIGS (Portugal, Irlanda, Grécia e Espanha), e de tão má memória para nós (Reinhart e Rogoff, 2014). Os autores entendem que a análise profunda das causas, desta submissão louca da economia à finanças, é uma condição para encontrar um caminho de superação das crises financeiras devastadoras para os povos do mundo.

Porquê, isto? Porque existem políticos incompetentes à frente de instituições financeiras relevantes. Ver a extraordinária lição de J. Sachs: https://www.youtube.com/watch?v=oCE_POHW-DU.

⁶⁵ Ver o vídeo do canal “Arte”, algo inabitual, até há pouco tempo: <https://reseauinternational.net/vendre-la-peur-pour-vendre-des-medicaments-le-juteux-marche-de-la-sante/>.

⁶⁶ Ver, para desenvolvimento recente este muito interessante estudo: Alaminos e Alaminos (2023).

⁶⁷ Data de 2010 a convicção americana (já na era Obama) de que não seria possível conseguir dominar as forças disruptivas emergentes saídas das “redes sociais”.

⁶⁸ Ver: Sapir (2024). O autor (Jacques Sapir) retoma, por seu lado, algumas das nossas teses principais, nomeadamente a visão segundo a qual os BRICS+ constituem-se como uma alternativa à ordem ocidental e não um bloco contra o ocidente, como era de certo modo a URSS. J. Sachs, na sua condição de conselheiro da ONU, afirma que avisou os dirigentes ucranianos de que se se opusessem aos russos se transformariam num novo “Afeganistão”, tal como diz que avisou Taiwan: “os EUA falam da guerra como um jogo”.

longo de 80 anos de dominação do dólar poderia ser definido como o de um hiato temporal, um sonho de domínio do mundo pela guerra que se pretendia perpétua (uma “ordem baseada em regras” americanas), tornado possível pelo fim da URSS.

Efetivamente, vendo os problemas em perspetiva, como procura fazer o Prof. norueguês, Glenn Diesen⁶⁹, a nova ordem que deveria sair da crise ucraniana deveria passar, de novo, pela ausência de um *Hégemon* em prol de uma ordem de natureza “anárquica”, sem um estado que mande no mundo (como quase existiu no tempo da “guerra fria”, muito embora, nesse período, a ideia de segurança à custa da insegurança do outro, nunca tenha acabado). Retomando a nossa tese de base, o referido “ciclo longo da hegemonia” do “valor dólar” como “ideia base da internacionalização” teria chegado ao seu ocaso, para dar origem a uma nova moeda (o *unit* dos BRICS+), à ideia de um retorno à “multipolaridade de centros de poder”, “vestfaliana”, que teria colocado um ponto final à “guerra dos 30 anos” na Europa continental (apenas não se aplicava a todo o mundo)⁷⁰.

Este ciclo longo, em causa, terminaria, pensamos nós, pela ação conjugada de dois fatores que irão determinar o futuro da humanidade: a inovação tecnológica colaborativa, eventualmente, favorecida pelas sanções em virtude da acusação de “promoção de guerras”, nomeadamente contra o Irão, contra a Federação Russa e contra a China e o impacto económico da mesma. Vejamos cada uma das dimensões, isoladamente:

- i. a tecnológica, a da “digitalização integral” e da Inteligência Artificial (IA), que curiosamente, num dia é declarada a base da dominação duradoura do “Globalismo agigantado” americano e, no outro, dá lugar à derrocada dessa mesma estratégia, (mais do que toda a fortuna de E. Musk perdida num só dia na Bolsa de NY, só no caso da IA) e, tudo isso, por ação de um “pigmeu” “Glocalista”, a *DeepSeek*, a partir de tecnologia de origem soviética⁷¹ e retomada pela tecnologia chinesa, tendo, entretanto, sido convertida em sistema *open source*, entendendo-se permanentemente aperfeiçoável (submetida ao princípio da “destruição criativa”, aberta a toda a “comunidade de destino humana”)⁷², e sendo ela própria apenas uma das seis sociedades chinesas das tecnologias da informação (os seis pequenos dragões);
- ii. em segundo lugar, em termos económicos, o efeito do impacto, no “ocidente”, das guerras provocadas pela política belicista dos EUA (nas palavras de J. Sachs).

Os EUA são, é certo, “acolitados” pela Europa, mas esta não passaria, hoje, de uma espécie de “dama”, pretensiosa e decadente⁷³, nos campos da guerra entre grandes potências, quer sejam os espaços do Médio Oriente ou os do conjunto administrativo de seis nacionalidades que se “reúnem” no que se convencionou, sob Stalin, chamar Ucrânia, designando-a,

⁶⁹ Ver: Diesen, 2024b;

⁷⁰ A nova ordem seria de tipo “vestfaliana” aceitaria que todos os países têm acesso à soberania. O tema é interessantíssimo e muito nuanceado do ponto de vista histórico, mas neste ponto apenas no interessa salientar o ponto nodal de que a multipolaridade (comércio) contra a ordem unipolar (guerra) estaria, enfim, ao nosso alcance;

⁷¹ Criada como “sistema OGAS” por um académico chamado Glushkov (cf. Amarynth, RI de 3/2/2025);

⁷² Veja-se como este caso permite lançar por terra o mito do “perigo chinês”, tanto acentuado pelos dirigentes americanos, a começar por D. Trump. Atente-se no facto de, sob as sanções decretadas pelo “arauto do capitalismo”, o presidente D. Trump em 2018, a China não poder ter acesso aos *chips* de Nvidia, para retardar o desenvolvimento tecnológico “dos comunistas” chineses (leia-se, impedindo a concorrência que supostamente seria a essência do mesmo capitalismo). Os chineses, não dispondo desses *chips* mais avançados, fizeram avanços, em eficácia, conseguindo um melhor método de programação. Ver vídeo de Charles Gave acerca do crescimento do consumo dos asiáticos, um novo e enorme mercado turístico, igualmente: <https://www.youtube.com/watch?v=BiJnrsbgq8M>

⁷³ Martyanov fala de 17.000 idosos mortos de frio, no UK, sob um governo trabalhista, neste último inverno. Ver: <https://reseauinternational.net/la-russie-bat-strategiquement-lotan-un-coup-dur-irreversible/>

posteriormente, em 1991, como um estado-nação unitário⁷⁴, seguindo as pisadas do ditador soviético, inclusive no caso da proibição da língua russa, e com o necessário apoio da UE “democrática”. Como não perceberam estas elites globalistas da UE que arrastavam a Ucrânia para uma recriação de uma tragédia grega (Petro, 2023)? É a UE a colaborar no seu *harakiri*? (Figura 13)



36

Figura 13. O centro nevrálgico do globo passou da europa para o sudeste asiático

Atente-se na localização do que alguns autores designam como um gigantesco “Sillicon Valley” na China e do lugar central, deveras interessante, atribuído a Macau. A China está a surpreender os EUA.

Efetivamente, por sua vez, o facto de ter havido a divulgação pública, mais do que o aparecimento (em 2023), da solução *DeepSeek*, por exemplo, mas também do decisivo avanço em matéria de máquinas (de mais baixo custo e maior eficácia) de “gravação de microprocessadores” até há poucos dias um monopólio de uma sociedade nos Países Baixos, constitui, bem, o novo símbolo da mudança de paradigma que inaugura, a nosso ver, o “**novo ciclo longo**” que agora começaria. Ele emerge de forma quase dramática como tem sido publicamente patenteado, completamente à margem dos potentados que dominaram o ciclo anterior⁷⁵, com base em: contra-valores difundidos por instituições desacreditadas e corrupção/embrutecimento das elites locais⁷⁶, paradoxalmente defensoras do globalismo (e que se encontram mergulhadas na mediocridade generalizada, e cuja “grandeza” é a de nunca se contentarem com o dinheiro que acumulam, como reconhecia alguém como o próprio Fukuyama, um homem da famosa Rand Corporation)⁷⁷. O que estará, realmente, em causa?

O curioso é que ambas as guerras referidas terão sido (pré)determinadas, literalmente, “por um punhado de dólares” (cinco mil milhões gastos no golpe de estado da Ucrânia), para que o novo paradigma não tivesse espaço de emergência. Tudo parecia correr bem para as elites globalistas. Por tão pouco se comprara aquela que fora uma república gigante, na gigantesca URSS: dois coelhos, caçados na mesma rede? Por um lado, a derrota económica da Federação

⁷⁴ Jacques Hogard, no ensaio “La guerre en Ukraine – Regard critique sur les causes d'une tragédie”, ou vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=Q-AxfAfIWn0&list=TLQPMQDIwMTIwMjXqAmvkgAH4Ng&index=2>

⁷⁵ A *DeepSeek* poderia ser associada ao aparecimento do “cisne negro” da disruptão (de que se fala em Taleb, 2015): “uma única observação pode invalidar uma afirmação originada pela existência de milhões de cisnes brancos”.

⁷⁶ E. Musk chega a dizer que, se se bloquearem as contas de 10 oligarcas ucranianos (podem selecionar-se pelos que detêm as grandes mansões de Mónaco), a guerra na Ucrânia terminaria, na hora! Ver, para mais desenvolvimento: <https://www.youtube.com/watch?v=9JL0m-sopBQ>

⁷⁷ O autor (Fukuyama, 1992) declarava, entre outras “predições”, que nunca haveria espaço, nos EUA, para um homem como Tump, como candidato a presidente! Ver, para aprofundamento, o caso do tratamento da hepatite C, por um medicamento brutalmente caro, vendido pela Gilead, dado durante 24 semanas, quando o Prof. Didier Raoult diz que em seis semanas a pessoa estaria curada. Mas (...) foi a indústria que fixou a duração do tratamento (!): <https://reseauinternational.net/general-dominique-delawarde-geopolitique-generale-2-fevrier-2025/>.

Russa (a qual paralisaria, por sua vez, a China colocada em estado de choque); por outro, a exploração de uma Ucrânia falida, mas rica em recursos, sendo esta uma entidade criada pelo “diabolizado⁷⁸, georgiano, Joseph Stalin” e, entretanto, libertada da tutela da “diabolizada Federação Russa”. É um analista da craveira de Israël Shamir (RI de 23/02/2025) que diz que 70% dos opositores russos seriam “judeus”, ou como Th. Meyssan que informa que a viúva de Navalny acaba de anunciar que quem encomendou a morte do marido fora um oligarca russo/israelita, patrão do diário Haaretz (em hebraico: הָאָרֶץ, literalmente "A Terra" ou "O País").

Um golpe de estado como, por exemplo, aquele que tem sido descrito como de “Maidan”, sob a presidência americana do prémio Nobel da paz, Barack Obama, foi desenvolvido a partir de pagamentos generosos aos seus diversos bolseiros/líderes, por parte da mais famosa das agências americanas, a *United States Agency for International Development* (USAID)⁷⁹, convertida no mais extraordinário instrumento de fomento da violência, de conspirações (ou revoluções “laranja, de veludo, das tulipas ou das rosas” e de tantas outras designações equivalentes) e da *wokisação* concretizada, ou tentada, em todo o mundo (financiando mudanças de sexo), ou para cúmulo, apoio financeiro a organizações terroristas dos próprios EUA⁸⁰. Como dizem alguns analistas, para estes senhores e para os seus “patrões” globalistas, o que de pior poderia suceder, seria a defesa da paz e da soberania dos povos.

Aqueles ditos apoios visavam, particularmente, os países em que a influência russa poderia conservar-se, nos tempos do pós-sovietismo (durante os mandatos de G. W. Bush ou de B. Obama, os grandes “libertadores” do Iraque, da Líbia ou da Síria entre outros)⁸¹. A célebre agência apresenta-se, ainda, com um nome (acrônimo) o qual, subliminarmente, soaria a uma “agência” associada ao “pacifismo” e “amiga do desenvolvimento” (como tem sublinhado o prof. suíço, J-D. Michel). No caso da Ucrânia esteve envolvida com um mínimo total de cinco mil milhões de dólares (...)⁸².

Tudo isso para quê? Para “promover a democracia”⁸³!

Comentando a Figura seguinte, Vijay (2024) refere a ideia de que “velhas ideias coloniais de benevolência ocidental e selvageria nativa irrompem na superfície no momento da interpretação”.

⁷⁸ Nos anos 40, é bem-sabido como os EUA ora chamavam diabo a Stalin e aos russos, ora mudavam a designação para os nazis e os branqueavam, em seguida, para desenvolverem a guerra fria. Enfim, sempre o mesmo domínio da narrativa!

⁷⁹ Orçamento de 40 mil milhões de dólares.

⁸⁰ Incluindo Portugal; ver para crer: <https://reseauinternational.net/laudit-doge-delon-musk-explose-letat-profound-avec-beatrice-rosen/>

⁸¹ Ver o extraordinário e quão esclarecedor documentário sobre a reunião de todos os jovens líderes da “democracia mundial”: <https://reseauinternational.net/general-dominique-delawarde-geopolitique-generale-8-fevrier-2025/>.

⁸² Para se ter uma ideia da lista de horrores que se vai conhecendo, ver o extensíssimo *dossier* elaborado pelo diretor do jornal “France-Soir” de 17/02/2025, Xavier Azalbert. Particularmente problemática terá sido o financiamento do laboratório de Wuhan sobre os vírus do morcego. O que estará por vir, aí?

⁸³ Durante os 80 anos que nos propomos estudar, 80 golpes de estado, conseguidos, foram implementados pelos diversos serviços secretos ou agências governamentais e aparentadas, em todo o mundo (segundo R. Kennedy, Jr.).



Figura 14. Hafidh Al-Droubi (Iraque), *Café Cubista*, 1975

Deve entender-se, acima de tudo, que que os neocolonialistas têm atuado com base em falsificações perfeitamente grotescas da realidade, as quais parecem, mesmo, envergonhar agora a nova administração americana, e com crimes repetidos ou mesmo com atos de terror inauditos (Gordon Duff, RI, 3/2/2025). Um “golpe de estado” organizado com base em manifestações violentas (cujo padrão será descrito, adiante), promovidas pelos potentados farmacêuticos, e outros, dos EUA, pela CIA e pelo MI6, numa Ucrânia destinada a ser um joguete “contra Moscovo”, sobretudo a partir de 2014⁸⁴, mas efetivamente já começara antes, quando G. W. Bush Jr. prometeu fazer a entrar a Ucrânia na NATO⁸⁵, contra o parecer de A. Merkel. Demonstramos a tese exposta pelo recurso ao académico ucraniano Katchanovski (2024), curiosamente um autor censurado no tempo da URSS, mas muito elogiado nessa altura, por quem agora o acusa, voltando a ser de novo censurado. Ivan Katchanovski vive atualmente no Canadá e reivindica-se de se pautar por um rigor factual, totalmente, fundado⁸⁶. Argumenta, pois, o autor, que o golpe de Maidan se destinava, como é mais do que óbvio, a isolar a Federação Russa⁸⁷.

Há um paralelo a estabelecer entre a Jugoslávia, des(federalizada) pela intervenção da NATO, e a Ucrânia (impedida de se “federalizar” pela mesma NATO)? O paralelismo encerra muitas lições e é mais do que evidente.

O “desmembramento” jugoslavo era um assunto tão grave que se “justificou” o bombardeamento da Sérvia/Montenegro com bombas de urânio empobrecido. A população continua a pagar um preço elevado (em malformações e em cancros, até hoje). O “culpado”? O Tribunal Penal Internacional manteve preso até à morte, em Haia, sem culpa formada, o dirigente montenegrino S. Milisevic, pelo “crime” de querer manter a região do Kosovo na Sérvia. (Nenhum outro “crime” conseguiram imputar-lhe). E quanto à Ucrânia?

⁸⁴ Ver (é um pavor, mas veremos o que mais nos “ensinará” a nova administração americana da saúde de Kennedy sobre os mais de 300 bio-laboratórios espalhados pelo mundo investigados pelo “assassinado” general/investigador Kirilov): <https://reseauinternational.net/ir-stream-n16-direct-de-christelle-neant-du-24-janvier-2025/>.

⁸⁵ Em mar de 2022, os EUA avisaram oficialmente a Ucrânia de que não entrariam na NATO, sendo desde então coerentes, com essa posição, tem informado, de forma recorrente, o Cor J. Baud. O novo presidente apenas é coerente, igualmente. Porque é que foram por diante naquele momento, com a guerra? Ninguém parece conhecer a resposta.

⁸⁶ Ver: Katchanovski (2024).

⁸⁷ O país mais sancionado da história (muito mais do que o estado nazi, por exemplo).

Os bolcheviques, após a revolução de 1917 e o desmantelamento do Império Austro-Húngaro, no final da 1ª Guerra Mundial, decidiram fragmentar a Rússia, associando a sua parte ocidental (o Donbass e a Nova Rússia) para permitir que a entidade da RSS ucraniana fosse autossuficiente através dos seus recursos minerais. Note-se, de passagem, que não existem terras raras nesta região. Em 1992, após a queda do Muro de Berlim, esta região pediu para ser anexada à sua Rússia natal, o que foi recusado, o que mais tarde permitiu que os oligarcas ucranianos (Kolomoysky e Akhmetov) saqueassem essas regiões em proveito próprio. Em 2014, após o golpe de Maidan, essas regiões voltaram a pedir esse retorno à Federação Russa, não aceitando o derrube do poder por neonazis fascistas (para os russos, isso é visceral). A federalização da Ucrânia não foi implementada, como nos EUA ou na Rússia, e tudo terminou em conflito e em referendo, como diz Thierry Laurent Pellet (RI, 4/3/2025).

39

Usaram, como muitos autores documentam, os mesmos métodos antes ensaiados pelos serviços secretos, em organizações para o “desenvolvimento” (USAID)⁸⁸ e ONG’s dos EUA, assim como a Open Society Foundation – OSF, a East West Management Institute – EWMI, ou a International Renaissance Foundation – IRF, e muitas outras ainda, ligadas a G. Soros ou a B. Gates, mas financiadas pelos fundos secretos da CIA, como agora reconhece o governo dos EUA, através do secretário de estado da saúde, R. Kennedy. Todas estas organizações, por múltiplas ocasiões, e desde há muito, atuaram contra a URSS e contra os países que lhe eram próximos (Vighi, 2022; Todd, 2024). Acresce que todos estes organismos têm continuado a criar situações de ingerência com “novos casos” de violência e guerra aberta, em todos os países que se aproximam da Federação Russa ou dos BRICS+, procurando emancipar-se de um “estado de tutela”.

Acerca da Operação Militar Especial (OMS), bem como da guerra tecnológica e armamentística que está em curso, demos a palavra a Geneste (2025): “no atual conflito entre a NATO e a Rússia, o sistema *STARLINK* desempenhou um papel importante na sobrevivência da Ucrânia desde o início. Apesar do seu afastamento, os EUA foram capazes de fornecer uma estrutura de telecomunicações eficaz a um país cuja infraestrutura estava em grande parte destruída. Foi-lhes, portanto, possível, não só projetar, mas, além disso, apoiar um ‘proxy’, mantendo-se seguros no seu ‘continente insular’. Além disso, através da entrega do seu equipamento, utilizaram o seu segmento espacial para guiar os mísseis e outros sistemas de lançamento, participando ativamente, de facto, nos combates e, consequentemente, sendo cobeligerantes. A história julgará por que razão os russos não os travaram nessa altura, o que poderiam muito bem ter feito, e se tinham razão ou não. Isto consagrou, portanto, uma capacidade de fortalecer um ‘representante’ sobre sua capacidade de beneficiar do arsenal estadunidense”.

Refira-se que, apenas da parte de *STARLINK*, são 7.000 satélites (de baixa altitude), num total de 10.000, os que podem ser mobilizáveis pelos EUA (situação que faz da *SpaceX* um monopólio mundial), pelo que não admira que os americanos se tivessem convencido da sua invencibilidade, absoluta, no campo da guerra convencional.

⁸⁸ Com um financiamento de 30 mil milhões de dólares, pelo governo Biden, para 2025. A USAID, vê-se agora acusada, abertamente, como criminosa, por Elon Musk, designadamente quanto ao “financiamento da pesquisa sobre as armas biológicas”, envolvendo uma grande variedade de vírus e de bactérias (tais como coronavírus e a varíola do macaco) através do fornecedor do Pentágono, “Labyrinth Global Health”. Este controlaria, por sua vez, o “Labyrinth Ukraina”. Ver, designadamente: <https://reseauinternational.net/comment-lusaid-est-elle-liee-a-la-recherche-sur-les-armes-biologiques/>.

A análise feita equivale a dizer que está em curso uma demonstração (cruenta), determinante para os povos que se querem soberanos, no mundo inteiro, sobre a viabilidade ou não da continuação da hegemonia americana. Do nosso ponto de vista, estaria em causa a nossa hipótese de sim ou não terminou o ciclo de domínio do “dólar-padrão-militar” (dotado de um poder extraterritorial), dos últimos 25 anos de “guerra”, na sequência do padrão “petróleo” e do “padrão ouro”, como temos exposto.

Uma vez feita esta contextualização global, interrogamo-nos, entretanto, sobre as hipóteses de existência de modelos alternativos de governação/direção de empresas e de governação pública (uma vez que ambos estariam interconectados, como pressupunha Max Weber)⁸⁹.

A questão concreta que se levanta parece ser a seguinte: como poderiam os povos “governar-se” através de um claro retorno ao que nós designaríamos de “liberalismo empreendedor schumpeteriano” (um conceito que, do nosso ponto de vista, nada teria a ver com o que Naomi Klein denunciava como liberalismo). O que Schumpeter propunha (Costa, 2006) era assentar o desenvolvimento sobre o progresso técnico, a organização do trabalho e a experimentação do “novo”, erigindo o pensamento disruptivo como marco orientador no seio do sistema económico. Ao contrário do que defendiam os economistas clássicos, ou seja, o desenvolvimento derivaria do aumento da população, dos recursos e da produção, Schumpeter erigia como “farol” do sucesso económico futuro, o famoso princípio da “destruição criativa”. Ora pese, embora, a sua difícil operacionalização, como nós próprios temos amplamente referido, nós fazemos depender o sucesso económico das empresas de uma estrutura que promova a inversão da pirâmide hierárquica (Lopes, 2012).

Ao propor o conceito de estrutura que inverte a pirâmide, consideramos que nos encontramos plenamente em linha com as questões de tipo gestionário que levantavam, desde há muito, autores como John Mearsheimer, Michael Hudson, Jeffrey Sachs, nos EUA, ou como, na Europa, Michel Maffesoli⁹⁰. Ou seja, a opção pelo retorno ao liberalismo originário⁹¹, de que temos falado, implica necessariamente a inversão da pirâmide gestionária, sendo que ela própria favorece a destruição criativa pela “libertação” do poder de proposta da base. Assim, o futuro depende da libertação relativamente às pseudoelites enfeudadas⁹² ao poder real de quem as “compra”, pondo-as ao seu serviço.

A pós-modernidade que chegará, inevitavelmente, poderá porventura reinventar o “liberalismo” desprezado pelas elites, retomando os termos da compatibilização da tradição e da modernidade, cujo processo inovador, nas suas diversas aceções, fizera a riqueza dos países europeus no Século XIX.

Em termos de aprofundamento da questão que nos ocupa, sublinhe-se que o “liberalismo cristão”, uma das expressões à qual se deveria prestar atenção, entre outras, mas acerca da qual

⁸⁹ Ver, Lopes (2012).

⁹⁰ Maffesoli (2008), nesta sua obra sobre a pós-modernidade, exprime uma certeza no progresso da humanidade, convidando todos ao combate. Diz que as pseudoelites “ultrapassadas” irão reagir, mas o seu combate está perdido, em face de um povo que é muito mais sábio dos que esses senhores creem. Em face perfila-se uma classe popular, portadora de uma cultura profunda, resistente e inspiradora, cuja gestão importa retomar porque ela seria indispensável a um qualquer renascimento, organizacional e/ou nacional. É essa mesma resistência popular às posições unanimistas, vulgarizadas pelas elites, envoltas num discurso dominante e sem contraditório sobre tantos e tantos temas, à laia de modas ocas. É a essa resistência, à qual o autor retorna, para desfazer mitos (sobre saúde, clima, costumes, direito à diferença, etc.) numa obra recentemente publicada, e em que aproveita para traçar um balanço (último?) da sua vida de investigador centrado na falácia da modernidade (Maffesoli, 2025); uma espécie de fim de ciclo, diríamos nós, de um período da história em que se teria mesmo aspirado a prescindir da dúvida;

⁹¹ Baurez, D. (2024).

⁹² Sublinhe-se o montante que é necessário para fazer eleger um senador nos EUA, segundo dados da AIPAC (uma organização judaica de que voltaremos a falar adiante) reportados por Gérard Chevrier (na sua obra, Chevrier, 2022), é de 200 milhões de dólares! Quem os tem para ser credível no caso de dizer que é livre face ao poder financeiro que o teria feito eleger por “massas” que gostam de pensar que são elas que livremente elegem as suas elites?

discorre S. Huntington, fundar-se-ia em três princípios inspiradores fundamentais que nos interessa relevar, porque assenta:

- i. na ideia de que cada um é livre, desde o nascimento, não recebendo a liberdade do poder político ou da respetiva tribo, sendo o dever de cada um preservá-la⁹³;
- ii. em segundo lugar, no pressuposto de que cada um nasce com um projeto, e a sua missão é o de o encontrar e de tentar realizá-lo o melhor que pode e sabe;
- iii. a terceira dimensão significa que para o realizar deve arriscar e não se fechar sobre si, sendo perdoado quando falha desde que reconheça os seus erros (Huntington, 1993)⁹⁴.

As teses centrais de M. Hudson, propõe-nos uma nova alternativa à financeirização⁹⁵ das atividades económicas⁹⁶ promovida pelo “neoliberalismo” apoiado por toda uma pléiade de *mass media* submetidos ao mesmo poder financeiro. Na génese desta tendência, tratar-se-ia do resultado do desmoronamento da ética protestante e da vitória da cupidez que conduz a um estranho desejo de violência, como diz E. Todd, e que tivera um início longínquo em Bernard de Mandeville.

Mandeville era um escritor e **médico** das “paixões do homem”, que criou uma “abordagem do “tratamento” pela escuta dos pacientes e um teórico de uma sociedade organizada em três classes (a debochada, a virtuosa e a dissimulada, ou das “belas almas”, como lhes chamaria, agora, M. Maffesoli, citando Hegel). Esta terceira classe corresponderia, segundo Maffesoli, a todos esses “peritos”, jornalistas e/ou políticos de todas as tendências, cujo denominador comum seria o “psitacismo”, o qual já teria sido desenvolvido e, efetivamente, “branqueado” por Adam Smith (curiosamente, um **pastor** presbiteriano, desejoso de conduzir as pessoas no caminho do sucesso humano e religioso, numa aceção próxima do calvinismo).

Mandeville viria a ser, já nos nossos tempos, revisitado por Friedrich August von Hayek. O autor reformulou a teoria, daquele quase desconhecido médico, em que o vício “iniciático” se transmuta em “mercado”. O resto decorre desta reformulação, o que é realmente espantoso.

Enfim, chega a inspiração de Milton Friedman⁹⁷, o prémio Nobel da economia, em 1976, seguindo-se-lhes a cultura político-económica de M. Thatcher e R. Reagan de uma classe capitalista (“parideira”), nas palavras de K. Marx⁹⁸, porque faz dinheiro a partir de dinheiro e não a partir de trabalho, como seria normal.

⁹³ Importa clarificar o que é o liberalismo. Este não é uma teoria económica, mas jurídica, baseada em três princípios (como dizia J. Locke): (i) o poder cedido ao estado tem que ser vigiado, não podendo haver impostos não votados pelo que não pode haver déficit orçamental porque, sendo um imposto diferido, os que ainda não nasceram não o poderiam votar.

(ii) o direito de propriedade, pelo que o estado não pode roubar os cidadãos.

(iii) a tolerância em face dos que pensam diferentemente de cada um dos outros como caminho para o encontro de consensos para governar. Para aprofundamento, ver: Ziyang e Liang (2021).

⁹³ Nestes três aspectos a civilização cristã seria única no mundo, diz o autor.

⁹⁴ Nestes três aspectos, a civilização cristã seria, praticamente, única no mundo, diz o autor.

Ver, igualmente, para aprofundamento, uma obra como Gave (2016).

⁹⁵ Posca e Tabaichount (2020), numa obra que apresenta um interesse tanto mais patente quanto foi escrita na fase final descendente do ciclo assumem que, com a financeirização das empresas, da economia e da vida das famílias, bem como (pasme-se!) da natureza, se entrou numa verdadeira nova fase do capitalismo, cuja compreensão importa, sobremaneira, desenvolver e generalizar, porque a generalidade das pessoas nada entende do que estaria em jogo. Este texto procura avançar algumas perspetivas, a partir da nossa compreensão da gestão de Recursos Humanos. Para um ulterior conhecimento deixamos as devidas referências.

⁹⁶ Note-se que desde sempre as religiões proibiam o empréstimo sob usura. Apenas a religião judaica o permitia, com as consequências que se conhecem (os 27 maiores bancos do mundo pertencem a famílias de origem judaica). Apenas, a revolução francesa viria a aprovar o “direito de usura”, pela separação da Igreja e o Estado. Ver Marcel Gay (na sua obra de 2007), acerca da permanente reescrita da história, com narrativas elaboradas em função do interesse dos poderosos do momento e não dos factos estabelecidos.

⁹⁷ O autor defende que o estado falhou ao querer comandar a economia, pelo que devia deixar o espaço ao mercado para regular a moeda (entenda-se o dólar) e que o liberalismo deveria, enfim, quebrar o elan sindical (Gauthier, 1988).

⁹⁸ Ver, para uma análise crítica do sentido da integração a partir de dentro (em lugar da elevação, ser melhor do que o outro, a coopetição – “aristón”) de todas as margens (que Gilles Deleuze e Félix Guattari criticavam na sua obra “Capitalismo e Esquizofrenia”), nas palavras de Dany-Robert Dufour: <https://reseuinternational.net/dany-robert-dufour-on-a-confie-le-destin-du-monde-aux-pervers/>.

O liberalismo que apresentaríamos como “inicial” ou “primordial” estaria próximo de uma “cultura” concebida para “todos”, pela força de uma ideia de “elevação”, como em termos de sistema educativo se propunha no modelo designado de Langevin-Wallon. Sublinhe-se que este se assume em contraposição às análises de Pierre Bourdieu, mas também de Gary Becker, com a sua expressão consagrada e “apelativa” de “capital humano” (Lopes e Correia, 2003). A doutrina liberal estaria, por sua vez, entretanto, a ser, drasticamente, transmutada pela sua associação ao aprofundamento da ideia de “mercado” (em sede de narrativa), mas, no terreno dos factos, dominado, efetivamente, por um sistema de “monopólios” (sobretudo os que se prendem com o armamento)⁹⁹ associados ao estado.

Esta situação de “branqueamento” equivale ao desaparecimento das grandes narrativas antigas, em detrimento do tempo das novas “pequenas narrativas” dos excessos, (incluindo nestas as da Wikipédia), todas equivalentes, efetivamente, sem a escuta do outro, do comércio “livre” “em tudo e por tudo”: ou seja, trocam-se mercadorias desde as mais correntes às mais perversas – drogas, prostituição, tráfico de menores, órgãos humanos, mão-de-obra escrava ou outras, (incluindo o petróleo roubado à Síria¹⁰⁰ pelos EUA¹⁰¹ para o fornecer a Israel) - através do recurso à moeda hegemónica e ao sistema financeiro, que a gera a partir de regras impostas a todo o mundo¹⁰².

O neoliberalismo (sustentado pelo designado “estado profundo”, ou pela “burocracia”, como lhe chamava M. Weber) assume a moeda (o dólar ou o seu émulo, euro¹⁰³) como se fora ela própria a riqueza, a riqueza efetiva dos EUA. O sistema neoliberal criaria, necessariamente, uma situação de fragilidade derivada da redução drástica dos agentes económicos e dos decisores (o inverso da anti fragilidade, nos termos de N. Taleb).

É esse estado profundo que vem forçando as trocas (a bem, ou recorrendo à força brutal) a passarem pelo sistema financeiro para poderem ficar disponíveis para a sua distribuição posterior pelo mercado¹⁰⁴. Comércio ou guerra (na realidade, igualmente, um grande comércio de armas) – qual das duas formas de enriquecimento vai dominar o mundo, parecer ser a questão de sempre da humanidade? Sublinhe-se que Andrew Jackson (Waxhaws, 15 de março de 1767 – Nashville, 8 de junho de 1845) fazendeiro, militar e estadista americano, sétimo presidente dos Estados Unidos da América (EUA), de 1829 a 1837, ficaria, justamente célebre por ser, na prática, a única figura pública do estado americano a querer, para os EUA:

- i. o poder dos estados sobre a federação acerca de um número muito elevado de matérias;

⁹⁹ O armamento representa 40% do PIB dos EUA e 20 milhões de empregos (Roure, 2024).

¹⁰⁰ A Síria, antes da intervenção americano-israelita, em 2011 (sob B. Obama), não tinha dívida pública, medicamentos e escola eram gratuitos, as casas pertenciam a quem nelas habitava (90%), os empréstimos eram a juros 0%, o desemprego era de 7%, orçamentos em equilíbrio. Desde então, desemprego a 20%, inflação média a 25%, milhões de refugiados e cerca de 500 mil mortos. Fonte: Bertrand Scholler, que cita o Forum Social Mondial (Montréal, ago 2016). <https://reseauinternational.net/bertrand-scholler-diviser-pour-regner/>.

¹⁰¹ <https://reseauinternational.net/jacques-baud-la-chute-du-regime-assad-en-syrie-le-role-joue-par-israel-et-la-guerre-en-ukraine/>.

¹⁰² O Iraque e a Síria, territórios com regimes “laicos, modernos e progressistas” e berço de duas das mais antigas civilizações do mundo (Babilónia e Assíria) aos quais se juntaria depois o Sudão e a Líbia (esta, destruída e convertida, entretanto, em estado falido), teriam de ser transformados em palco de exibição das duas forças conjugadas da finança predadora mundial (EUA, Turquia e Israel, alguns pequenos estados do “Golfo”, com o apoio explícito de quase todo o ocidente coletivo).

¹⁰³ De forma lapidar, dir-se-ia que a institucionalização do Euro equivaleria a manter uma taxa fixa no sistema de trocas entre países, com produtividades muito diferentes entre si. Vai haver problemas, diz o investigador na área financeira, Charles Gave!

¹⁰⁴ Em 2003, Saddam Hussein, presidente do Iraque, tentou sair do mecanismo de financeirização do petróleo (anunciando a intenção de o vender em Euros) ... e ficou (literalmente) sem cabeça. A explicação (narrativa ocidental) dizia, como é natural que teria sido o novo poder instalado pelo governo americano que o mandou executar, por ser um ditador sanguinário (responsável por 5.000 mortos). No final, a guerra em nome da democracia causaria, 1.500.000 mortos, dos quais, metade crianças, (mas, entenda-se, seria por uma boa causa, literalmente, a da democracia e a do seu “desenvolvimento”, assegurava a secretaria de estado M. Albright!). A situação atual é diferente, desde que a tecnologia dos “mísseis hipersónicos” assegura a probabilidade da “destruição mútua assegurada” equivalente à que vigorou nos tempos da Guerra-Fria: deixou, pois, de ser possível a dominação que vinha dos tempos da hegemonia americano-ocidental.

- ii. a via do comércio (livre dos constrangimentos da divisão internacional do trabalho) e não da guerra (direta ou assimétrica). O antigo presidente representa uma figura e uma política de que o presidente D. Trump se tem reivindicado¹⁰⁵;
- iii. D. Trump pretende ser, em consequência, um protecionista, e não um isolacionista como tem sido acusado. Em resultado da opção pela guerra, apenas durante 14 anos os EUA não estiveram envolvidos, no mínimo, num conflito armado, convertendo-se no “novo povo eleito” e, “polícia” do mundo, como passariam a pretender designar-se¹⁰⁶.

A 2^a Grande Guerra implicaria a chamada às armas de enormes exércitos de origem colonial (Subcontinente indiano, Senegal, Mali, etc.). Os campos de batalha sempre constituíram o cadiño privilegiado das mudanças societais e o nascimento de ideologias de emancipação coletivos e/ou de mudanças radicais. O facto de a Europa ter ficado dependente dos povos ditos “indígenas”, implicaria, para a narrativa e para as políticas colonialistas, mudanças muito profundas no seio do campo dito “vencedor”. As independências são inelutáveis, com a emergência de novas “elites” nesses territórios descolonizados que os antigos colonizadores gostariam de manter na sua esfera de influência, sendo permeáveis aos valores do neocolonialismo (as oligarquias, no dizer de Todd, 2024).

A nova narrativa, entretanto, mantém “presos” os países “colonizados” no âmbito de categorias mais ou menos desumanizadas, quer se trate dos povos, ou das suas “elites”. Veja-se a perversidade da situação: culpam-se os povos colonizados de tudo o que aconteceu a seguir, no período neocolonial, ao mesmo tempo que as novas elites reservavam para os antigos colonizadores uma função de “ajuda” à continuação desta dominação de novo tipo. Dominar as “novas elites” não se revela ser, particularmente, difícil (a corrupção, em ponto grande, ou em pequena escala, desempenha um papel indiscutível).

O conflito mundial, terminado desde há 80 anos, marcaria, assim, o princípio do fim da era colonial propriamente dita, com a emergência, entretanto, de conflitos que visavam a independência e cujas tropas seriam conduzidas por frentes nacionais, ou seja, desenvolvidos através de um modelo designado de “Movimento de Libertação Nacional”, uma vez constatada a total falta de coerência das potências coloniais.

Atente-se, pois, na contradição que pontua aquele mesmo momento da história do ocidente: a afirmação do “sonho” da soberania dos povos (essencialmente os que aspiravam a sair do colonialismo¹⁰⁷ e das suas consequências duradouras, como se lhe referem Chomsky e Vitchev)¹⁰⁸, coincidiria, temporalmente, com a apresentação de um projeto de financeirização da economia assente sobre uma moeda global “opressora”. O dólar era apresentado como uma

¹⁰⁵ A Trump, parece apresentar-se, do nosso ponto de vista, uma perspetiva quadrupla em termos de governação. Vejamos quais os pontos salientes das suas apostas estratégicas: (i) de um modo geral, apostar mais no comércio do que na guerra; (ii) apoiar os focos de conflito mais importantes para os interesses financeiros dos EUA; (iii) hostilizar diretamente os países que deixem de comercializar em dólares, transformando os BRICS+ em inimigos (a estratégia seria sempre a mesma – ou são súbditos ou são inimigos); (iv) continuar a aposta na IA e na produção de tecnologia de ponta (importa ver, entretanto, se formaram a mão de obra necessária para o efeito). A experiência inicial da UE (ainda como CEE) mostra que nunca o mundo (e em primeiro lugar a França) cresceu tanto como em tempo de paz e de comércio europeu, em liberdade (dizia o primeiro-ministro francês, G. Pompidou, em 1965). Se o presidente Trump quiser e puder ficar na história (com uma rutura de tipo constantiniano) teria que optar decididamente pela supremacia do enriquecimento pelo comércio (relação de mútuo ganho).

¹⁰⁶ Segundo os mesmos de sempre, todos os estados do mundo estariam sob controlo do TPI, com exceção do americano e do israelita, já que ambos se consideram *messiânicos* e acima de qualquer lei humana (Plaquevent e Hindi, 2024).

¹⁰⁷ A polícia política portuguesa (a famosa PIDE) sabia perfeitamente “afirmar” o poder colonial. Ver a frase dirigida a um produtor angolano de café: “devidamente acorrentados, seguem os voluntários “contratados” para trabalhar nas roças, que a sua empresa/herdade solicitou”. “Longa fila de carregadores / domina a estrada com os passos rápidos. / Sobre o dorso / levam pesadas cargas” (retirado de um poema de Agostinho Neto). É necessário explicar algo mais? Talvez devêssemos ler, mais, estes poemas!

¹⁰⁸ Ver: Chomsky, N. e Vitchev, A. (2021); ou aquele que pode ter sido o último vídeo de Noam Chomsky <https://www.youtube.com/watch?v=1Qb8SAgCHCY&list=TLPMQMTQxMTIwMjQABNB0akLGcQ&index=2>.

“oferta, um prémio disponível a todos os povos do mundo”, mas cujo projeto haveria de levar ao neocolonialismo, como dizem os autores. Efetivamente, o dólar, “oferecido” em sistema de padrão-ouro definido em Breton Woods, estava preparado para o que se poderia classificar como o início da era do neocolonialismo.

Deste modo, a soberania dos povos contrastava com o “(neo)domínio” por parte de elites, frequentemente, (ex)colonialistas que aceitam ser, entretanto, os agentes nacionais ao serviço de uma nova potência (neo)imperial ou hegemónica – os EUA.

Neste novo contexto neocolonial, em que muitos negócios prosperaram a níveis impossíveis de avaliar, seria essa contradição que marcaria a nova época, entretanto, designada como a “nova era da internacionalização”.

Os poderes emergentes de um tal movimento mantêm o mundo ocidental como ainda hoje o conhecemos, em termos globais, capturado pela ideologia neoliberal, pronta a pactuar com todo o género de negócios financeirizado, incluindo o da recolha de “órgãos” de pessoas “vivas”¹⁰⁹.

A internacionalização, pensada nos meses que precederam o fim da 2ª Grande Guerra (sob a forma de uma “militarização do comércio” mundial, nas suas duas variantes de “reserva de valor e de instrumento de troca, como um antídoto à expansão do “comunismo” por parte da URSS)¹¹⁰, teria passado, porém, do nosso ponto de vista evidentemente, por três fases principais, muito bem marcadas:

- i. os novos países saídos do colonialismo seriam, em continuidade com o período colonial, os fornecedores de matérias-primas para sustentarem a industrialização, numa primeira fase do novo processo dito de descolonização;
- ii. eles seriam, entretanto, “promovidos” a novos “produtores”, isto é, “proletarizados”, agora a favor de empresas globais (não estariam mais submetidos a países colonialistas), com o compromisso de aí estabelecerem unidades produtoras, numa segunda fase¹¹¹;
- iii. com a melhoria da natalidade e da saúde materno-infantil, esses países passariam a ser excedentários em mão-de-obra, a servir de fornecedores de trabalhadores baratos e a desempenharem, mesmo, funções de repovoamento dos antigos territórios coloniais.

Tenha-se em consideração o facto de que a questão da “cultura organizacional africana” (enquanto dimensão, pretensamente, frágil do grande continente) tem sido recorrente em estudos de autores que têm recebido, inclusive, o prémio Nobel de economia (Robinson, 2013; Acemoglu e Robinson, 2013), em continuidade, de resto, com outro galardoado, Stiglitz (2013).

Em consequência apresentamos uma breve reflexão, sustentada nesses mesmos autores premiados, criticando-a em discussões com amigos, acerca do tema em causa. Vejamos os termos da discussão dos autores, sobre este tema tão atual, na medida em que o continente

¹⁰⁹ Se duvidam, vejam o dr. P. Byrne sobre o conceito de morte cerebral como suporte “científico” da colheita de órgãos, em vida: <https://reseauinternational.net/linvention-de-la-mort-cerebrale-est-un-modele-commercial-pour-le-don-dorganes-interview-du-dr-paul-byrne/>.

¹¹⁰ Ver Kagan (2012). Veja-se o que é declarado, por um dos mais conhecidos membros do designado “Deep State”, acerca da nação (*que se autodeclara “vencedora”*) da 2ª Grande Guerra: os EUA tinham operado, efetivamente, a extraordinária criação de um mundo à imagem de si.

¹¹¹ A esse respeito, a orientação do investimento para a África seria fraca, queixando-se os gestores da cultura africana, a qual seria responsável pela baixa produtividade (Boletim oficial do Banco Mundial, set. 1991, citado de memória). A propaganda unipolar bem gostaria de fazer da cultura local (a par da recusa de uma cultura anglo-saxónica dominante) uma causa do subdesenvolvimento. A este respeito, ver, em particular, o nosso artigo sobre o caso da empresa moçambicana **“Peixe da Mama”** distribuído aos estudantes, neste contexto. De sublinhar que uma boa parte da “elite” ocidental anda, no mínimo distraída: a África terá, a breve trecho, 40% da população mundial, constituindo, por isso o maior mercado mundial, em potência.

africano é o mais rico do mundo em termos de recursos e que mais depressa cresce em todo o mundo em termos demográficos.

Esta reflexão foi estabelecida com base nos Figuras 9 e 10, apresentados a título de exemplo significativo de uma deficiente discussão acerca do papel da gestão pela cultura. É assim que, de acordo com as nossas pesquisas, não é a cultura que dificulta o desenvolvimento organizacional das empresas, e muito menos o crescimento económico dos países, mas a gestão que se faz desta sempre poderosa alavanca do progresso dos povos (Lopes, 2016)¹¹². Ora, se é de gestão que se trata, o problema do atraso das empresas como dos países, é de outra origem, ou seja, de liderança.

45

- A importância do fator terra, do solo e outros não especificados:
 - i. esta terra africana não é suficientemente produtiva;
 - ii. o solo é pobre em todo o subcontinente africano, subsaariano;
 - iii. um solo rico poderia constituir um fator de produção, de especialização de atividades e, logo, de desenvolvimento integrado;
 - iv. mas a agricultura esgota, rapidamente, um solo pobre e as pessoas apenas conseguem sobreviver se optarem por lugares isolados e pela recolha de frutos e pela caça;
 - v. por sua vez, a superabundância de recursos naturais na África subsaariana teria jogado contra os seus habitantes, porque a simples exportação de matérias-primas pelo qual optou (?!), nunca poderia ter constituído uma base de desenvolvimento sustentável;
 - vi. o isolamento mútuo das populações subsaarianas, por outro do, não favorece nem o descobrimento, nem sequer o uso das tecnologias avançadas;
 - vii. a facilidade com que contraem as doenças tropicais típicas, levou as populações subsaarianas a uma espécie de “armadilha de isolamento” (para que as doenças não se propaguem, isolam-se, e porque se isolam não se desenvolvem);
 - viii. o isolamento conduz à multiplicação de línguas e de culturas diferenciadas, sem desenvolvimentos agrícolas significativos, o que conduz, em consequência, à necessidade de continuarem a manter um isolamento e um autodesenvolvimento cultural dos povos de tipo tribalístico;
 - ix. enormes regiões da África subsaariana não possuem acesso ao mar e encontram-se completamente isoladas.

*Figura 14. Desenvolvimento africano
(Acemoglu & Robinson, 2013). Resumo de textos*

- Como é lógico, pode concluir-se que a **cultura organizacional africana**, em função das hipóteses dos autores, estava, duravelmente, desprovida de espírito de empresas, para além da falta de abertura à criação ou mesmo ao uso generalizado das tecnologias.
- A África subsaariana ter-se-ia afundado, como se presume, nas águas profundas da “herança” do esclavagismo e do colonialismo, sem que se vislumbre uma referência que seja, pelos autores, ao conceito de “neocolonialismo”.
- O atraso socioeconómico da África subsariana, pois, na opinião dos autores, como parece óbvio, seria de origem cultural.
- Em consequência, o atraso africano, seria, de forma mais imediata, da falta de instituições sólidas que defendam a democracia e combatam a corrupção. Note-se que se volta a constatar uma ausência de referências à ação político-económica das “elites locais” instaladas e coniventes com os interesses neocoloniais, como nós próprios temos optado por defender.

Figura 15. Conclusão: Cultura versus Liderança

¹¹² Em diversas pesquisas de tipo Investigação/Ação, verificámos que a cultura organizacional pode ser mobilizada, sistematicamente, em favor do encontro de soluções e nunca se revelou como estando do lado dos obstáculos, ao invés do que veremos no final destes quatro Figuras-síntese.

Em consequência, depois desta discussão que versa, em termos definitivos, sobre o neocolonialismo, poderíamos interrogar-nos, enfim, se seria esta a última fase da história (a da “Paz e da Prosperidade”, segundo a previsão de F. Fukuyama) e se não resta ao continente africano outra via alternativa à submissão perpétua ao ocidente, uma entidade culturalmente marcada pelo passado colonialista. O ocidente parece, aliás, não ter emenda, abusando sistematicamente do poder de “narrativas” arquitetadas sobre o habitual “duplo padrão” moral, a começar com a guerra da Jugoslávia e a terminar com a da Ucrânia e de Israel (um pouco mais de 30 anos de guerra contínua, como refere J. Baud)¹¹³.

Recordemos, entretanto, o início da guerra da Jugoslávia, ocorrido quando o mundo mergulhava em plena propaganda. Tínhamos entrado, em termos de narrativa, numa era de progresso neoliberal para todo o planeta Terra. Rapidamente, porém, se entrava, igualmente, na era da consagração do princípio do designado “Duplo Padrão”: enquanto uns países teriam que ser desmembrados, outros deveriam ser impedidos de aceder a qualquer autonomia regional. Num caso, nem mesmo a Sérvia poderia manter a unidade territorial. O Kosovo seria independente e a Sérvia, martirizada. No final a Jugoslávia seria dividida em sete estados. Já a Ucrânia (com sete regiões linguísticas e históricas, muito diferenciadas) teria que manter-se como um estado centralizado e com uma só língua admissível (o ucraniano!). O que dizer desta estratégia narratológica, em que toda a gente tem um medo “dramaticamente infantil, de sair fora do que é permitido afirmar-se. Mesmo quando E. Macron é alguém que “ignorou” (talvez nem o tenha nunca lido) o próprio texto do acordo, porque ignorou a posição dos autonomistas (referia-se-lhes como separatistas). Ele mente, descaradamente, dizendo que foi a “Rússia” que violou os acordos de Minsk! Vejamos o que diz J. Baud, um autor que nunca cita fontes russas, mas ucranianas, americanas, britânicas, etc. e que revela que nunca a Federação Russa violou os acordos até ao limite do possível¹¹⁴. Até parece que a única coisa que une os europeus é o ódio aos russos, como diz Baud (2024):

- i. o Kosovo (território sérvio ocupado pela força) termina como um microestado falhado, mas com a maior base militar americana em solo europeu;
- ii. a Ucrânia (à margem de todos os acordos), é colocada sob proteção “clandestina” da NATO para fazer guerra à Federação Russa, acusada, desde 2004, de querer (re)ocupar o Donbass;
- iii. a Palestina, sob o jugo colonialista de Israel, já leva mais de 30 anos de guerras contínuas, como refere J. Baud¹¹⁵;
- iv. a Síria pode ser ocupada por Israel, pela Turquia e pelos EUA.

São quatro exemplos em que o poder financeiro se tem imposto como uma instância “sedutora” das elites europeias e americanas, globalistas, para que não haja falhas na defesa da narrativa que impõe o “Duplo Padrão” (de matriz ocidental) na gestão das relações internacionais (olha o que eu digo, não o que eu faço)¹¹⁶. Este duplo padrão ficou totalmente claro com o que se tem passado nas eleições presidenciais na Roménia como demonstra a jornalista independente Josefina Pascal (RI, 14/3). Nem Salazar foi tão longe contra o Gen. Humberto Delegado, uma vez que o não chegou a impedir de se apresentar às urnas. “Tudo”

¹¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=Mu8ayOva2w8>.

¹¹⁴ https://www.youtube.com/watch?v=Z7r_3yIm-Lk&t=1511s

¹¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=Mu8ayOva2w8>

¹¹⁶ <https://reseauinternational.net/les-services-secrets-francais-sont-presents-en-roumanie-lenquete-choc-de-josefina-pascal/>

em nome dos valores da democracia!? O problema é que estas narrativas da mentira (a acusação de C. Georgescu de ser um agente de Putin) têm pernas-curtas.

Perguntam-se muitos analistas: se os EUA têm como principal indústria a do armamento, o que se espera desse país senão que mantenha guerras (provocadas pela estrutura de uma NATO expansionista), em todo o globo? A questão seria extremamente pertinente porque é essa indústria que “manda”. Reconhecia-o, explicitamente, o presidente Dwight David “Ike” Eisenhower, no seu discurso de despedida dedicado ao poder do “complexo militar industrial”, controlado em absoluto pela diabólica Black Rock (criada pelas mais poderosas 13 famílias financeiras do mundo). Mas, tenham atenção, porque nunca aparecem a descoberto, pois atuam “sempre” através do Gates, dos Soros e outros amigos da Silicon Vale. O que fará D. Trump com esse poder que já o tentou eliminar? Porventura, muito pouco! Serão, talvez, apenas, as circunstâncias exteriores à super-oligarquia guerreira que ditarão o rumo dos acontecimentos, mais do que a vontade de um qualquer chefe político (fosse ele o presidente dos EUA ou da “pobre e fraca” UE, esta última transformada em partidária indefetível dos negócios escuros e da guerra, como diz o jornalista belga, Frédéric Baldan, em “Ursula Gates”). Nesse sentido, seriam, mesmo, as questões financeiras, de tipo orçamental e/ou de dívida externa, que, paradoxalmente, se irão impondo às forças globalistas ou do estado-profundo, como também são nomeadas. Como tem o hábito de argumentar o Cor. D. MacGregor, os EUA deixaram de poder dispor dos recursos “inesgotáveis” a que se habituaram, porque a maioria dos países deixaram, simplesmente, de adquirir as obrigações do tesouro norte-americano, por quebra de confiança dada a extraordinária rapidez com que se desenvolveu a atual crise. (...) E o governo norte-americano não poderá deixar de prestar-lhe atenção.

47

1.2 Formulação da Hipótese da Opção Americana da Separação do Ocidente em Dois Blocos ou Dois Polos de Desenvolvimento Diferenciados

Depois de termos procedido à descolonização chegou a hora de a França se descolonizar.

O problema é que os colonizados nem sempre querem ser descolonizados!

Ch. De Gaulle (1961).

O ciclo longo de que temos falado envolveu dinâmicas muito diversas, em especial a da influência dos EUA na Europa: como lidar com a França soberanista de De Gaulle ou quais as opções para a Alemanha derrotada (reindustrializá-la ou ruralizá-la). A opção de fundo consistiu em “desenvolver” um contexto de União Europeia. Para isso tiveram de acertar contas com De Gaulle, a partir dos movimentos do “maio de 68” (Branca, 2017); com a Alemanha estarão, porventura, agora, a regularizá-lo, com a sua desindustrialização. Efetivamente, com o movimento BRICS+, os EUA ficam perante uma encruzilhada: para encontrar uma saída, terão decidido optar por deixar cair o polo europeu e fortalecerem-se à custa da UE, sem uma “coluna vertebral”, digna desse nome, na defesa dos interesses dos povos europeus. Estes teriam deixado, desde há muito, de ser governados por uma elite soberanista para passarem a ser verdadeiras marionetes dos poderes privados globalistas¹¹⁷.

¹¹⁷ Ver as explicações de I. Aberkane e dos seus convidados sobre o papel das “consultoras que enchem as administrações públicas de “consultores” que destroem a sua capacidade técnica para em seguida reclamarem a privatização dos mesmos serviços, sendo pagas “nas duas ocasiões”, tudo isto coberto pela “guerra informacional” que nos mantém reféns dos interesses globalistas: <https://reseauinternational.net/trump-ignore-lue-et-bernard-arnault-envoie-chier-macron-avec-alexis-poulin/>

Qual a estratégia a seguir (Biden ou Trump)? Seria que as duas levam ao mesmo resultado (a primeira de forma velada e a segunda às claras)? Ou será que a administração Trump estaria a acenar com a libertação da UE face às exigências anteriores de uma política de costas viradas contra a Federação Russa, refazendo, neste final de ciclo, um caminho autonómico? Mas, nesse caso, qual o papel dos povos frente às elites globalistas: eles querem assumir a sua soberania ou preferem manter-se presos à narrativa da globalização unipolar anti russa/anti chinesa?

Esperamos que no final do texto esta questão possa ser recolocada pelo leitor, porque, segundo o Prof. Ian Oberg (que se não preparou para lidar com D. Trump), a Europa enfrenta, não uma, mas duas “guerras frias”, uma com os EUA e a outra, mais destrutiva e duradoura, com a Federação Russa¹¹⁸. A UE apostou numa ideia peregrina: a Federação Russa seria forçada a aceitar a presença da NATO na Ucrânia, pelo que a situação de “russofobia” das “elites globalistas europeias”, vendidas aos lobby’s sionistas (kakistocráticas), estaria a ganhar contornos de uma verdadeira imbecilidade e de uma loucura sem precedentes.

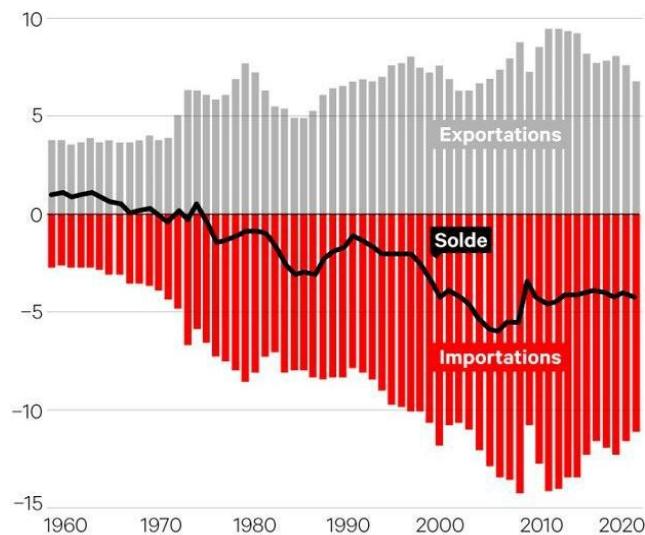
Neste contexto paradoxal para o campo do designado ocidente, as previsões de F. Fukuyama, tão celebradas pela narrativa ocidental, deixaram, entretanto, de ser referidas, dado o ridículo em que caíram. Os países do sul global vão deixando de acreditar no programa de “Paz e Prosperidade” e libertam-se do poder neocolonial. A questão que permanece, apesar de tudo, é que a opinião pública ocidental apenas acredita na propaganda americana, como se fosse uma sagrada “bíblia”¹¹⁹ (que se não entenda que haveria algum desrespeito na expressão que empregamos).

O que conta, de facto, é saber se, atualmente, esta fase de aparente situação de força do ocidente neocolonial se encontraria na sua máxima força¹²⁰? O que nos ensinava um autor de referência mundial, como F. Braudel, ou autores como I. Wallerstein (visão macro), por um lado, e como P. Krugman (visão micro), por outro, era que a evolução do “sistema mundo”, ou do processo de internacionalização, nos anos do segundo subciclo pós-crise de 1973/75 tinha que ser devidamente estudada. Vejamos, tão só, dois indicadores iniludíveis: o saldo da balança comercial dos EUA, o qual se tornou crescentemente negativo desde essa data, e as importações da UE.

¹¹⁸ A fim de se poder discutir a ideia louca (que já contagiou mesmo a Escandinávia) de que o militarismo, à maneira de um pensamento único, pode ajudar a economia civil. Em lugar de acreditar em desenvolvimento pela guerra, deveríamos concentrar-nos em estudar a forma como a China se desenvolveu nos últimos 40 anos. Esse é o tema que todos deveríamos estar a estudar na Europa. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=i31XYCcU5dA>

¹¹⁹ As mentiras “filmadas” são inumeráveis, destacando-se as duas “vitórias” do EUA contra a Alemanha.

¹²⁰ Ver, por exemplo, Minc (2024). O autor fala em processo de “globalização feliz”, na medida em que esta teria propiciado à maioria da humanidade uma via de desenvolvimento sustentável. Como pode ver-se, a reflexão do autor suscita-nos as maiores dúvidas.



49

Figura 16. La balance commerciale des Etats-Unis Em % du PIB (échandege de marchandises)

Fonte: *LES ÉCHOS* COFACE

Os problemas de hoje (balanças comerciais deficitárias) começaram desde há muito e foram-se agravando, como se vê na figura 7. Acima de tudo, os EUA estariam sujeitos a tensões determinadas por disruptões tecnológicas (associadas, entre outros fatores à deslocalização de empresas) e não por uma sequência de acontecimentos determinados por um “paradigma” estabilizado (gerador de uma espécie de unanimismo seguidista, o famoso consenso científico tão em voga nos tempos da “pandemia”).

Ora acreditava-se que (atendendo ao que designamos de “paradigma seguidista”), os países mais ricos continuariam a considerar-se, de maneira perene, como os mais poderosos e os “naturais” dominadores dos países “Em Desenvolvimento”.

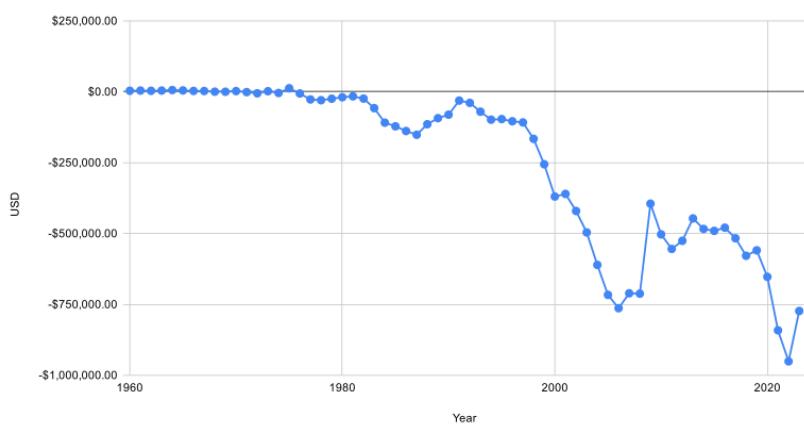


Figura 17. U.S. Trade Balance

Fonte: U.S. Census Bureau Economic Indicator Division

Vejamos na figura o estado das importações da UE, dos EUA, para se aferir dos problemas que afetam as relações entre os dois blocos ocidentais e da data a partir da qual ocorrem.

Independentemente das narrativas dominantes, porém, o “capital intelectual” (o verdadeiro capital do futuro), ficou acessível mesmo aos países e às empresas de fracos recursos

financeiros, mas dotados de uma cultura forte. Estes ativos intangíveis, em certas circunstâncias favoráveis (como parece ser a fase atual), podem vir a sobrepor-se, de forma sustentável, ao desenvolvimento ditado pelos grandes potentados financeiros (Lopes, 2012).

Apresenta-se neste contexto um artigo publicado por um dos autores sobre a gestão de fatores intangíveis, designadamente, a cultura organizacional, entendendo esta, como o principal “trunfo” e fonte de eficácia durável (Lopes, 2016). Trata-se de uma conceção em linha com a célebre posição de Peter Drucker acerca da relação entre estratégia e cultura (e da superioridade desta segunda dimensão organizacional, evocando, de novo, neste ponto concreto, o caso dos ativos intangíveis do ILCN, acima referenciado).

Os recursos das empresas e dos países devem ser procurados dentro ou no exterior?

Do nosso ponto de vista, seriam cinco os aspetos relevados em dezenas de análises, extraídas de estudos, de revisão de literatura, que se foram sucedendo¹²¹ e aos quais procurámos estar atentos:

- i. a estratégia de adaptação das empresas ao comércio mundial;
- ii. o papel da finança, em função da desregulamentação (recomendada por M. Friedman);
- iii. a análise das consequências socioculturais associadas;
- iv. a capacidade que conservam os governos para desenvolverem políticas independentes;
- v. o papel de instituições como a UE que se apresentam como intermediárias entre a nação e a economia internacionalizada.

Comparando as revisões de literatura apresentadas atrás, com os ditos oito modelos disponíveis para conseguir realizar uma internacionalização bem sucedida das empresas, estudados pelos colegas da UBI como se refere em nota (Roque et al., 2019), constata-se que nem sequer é referida, em nenhuma delas, a hipótese do risco de a finança (recursos necessários para operar) se vir, entretanto, a transformar em finalidade em si mesma, e não como um meio, sem dúvida útil, para as empresas se poderem internacionalizar. A lógica financeira espreita, porém, em permanência, podendo a todo o momento reverter a independência da empresa (e impor o seu poder), mesmo nos casos de “organizações em rede”, fórmula que os autores parecem “preferir” e que é, sem dúvida a que melhor se adequa à necessidade de compatibilizar as duas exigências incontornáveis da modernidade empresarial: a escala e a flexibilidade. Como poderemos, pois, apreciar o *modus operandi* da lógica financeira de dominação dos negócios e analisar a sua evolução, estudando as perspetivas que se perfilam na atualidade?

Nem tudo, como veremos, poderia ocorrer, sempre, segundo o planificado pelos detentores do poder (devidamente apoiados pelos seus consultores de tipo McKinsey), podendo haver mudanças radicais numa determinada fase do processo de criação desse “sistema mundo”, lembrava Wallerstein¹²² às forças hegemónistas dos EUA (como as classifica o ensaísta Youssef Hindi).

Será que haverá, pois, uma quarta fase do processo (em continuum com a situação anterior), mas bastante improvável (dado que essa teria de passar pela derrota militar de uma Rússia,

¹²¹ Ver, em particular, um trabalho português, de docentes da UBI, que reputamos como muito bem feito, apesar do nosso ponto de vista crítico: Roque et al. (2019).

¹²² Immanuel Maurice Wallerstein é o criador e divulgador do conceito de “sistema mundo”. Seria essa noção científica que iria permitir que a disciplina das ciências sociais poderia intuir explicações e validá-las para lá dos estudiosos dos países definidos pelos designados “espaços nacionais”, como reconheceram os Profs Mário Murtêteira (que promoveu o “doutoramento Honoris Causa” no ISCTE) ou Boaventura Sousa Santos. Longe, porém, de se limitar à produção de uma base teórica da “internacionalização” em curso, apoiou movimentos anticoloniais e “reconstruiu” diversas comunidades científicas nos países que se iam libertando, como escreveu, ainda recentemente, na hora da morte daquele notável cientista social, em 2019, o Prof. B. S. Santos.

enquanto potência nuclear, como dizia John Mearsheimer), ou entraremos numa etapa disruptiva? Sublinhe-se que esta implica um aprofundamento da (des)(neo)colonização face às moedas fiduciárias – dólar e euro, bem como o mecanismo designado de SWIFT. Teríamos, deste modo, eventualmente em simultâneo (?), uma guerra internacionalizada, primeiro contra a Rússia e, logo, contra a China, as duas principais, nações-civilização, do mundo! Mas como atacar agora a China no Pacífico, quando os mísseis hipersónicos são capazes de afundar a marinha americana, não em dias, nem em horas, mas em minutos (Todd, 2024)?

A concretizar-se, esta seria mesmo o início da “3ª Grande Guerra” (como admite uma autoridade indiscutível na matéria, o General Jack Keane, ele que é um general de quatro estrelas, na reserva, que serviu como Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos e um comentarista que vale a pena seguir, na atualidade, no canal Fox News). Essa guerra (para já, apenas económica, como admite o Vice-Almirante holandês e presidente do Comité Militar da NATO, Rob Bauer, apelando ao seu endurecimento), poderia mesmo ter já começado a agudizar-se nos finais do mês de outubro de 2024 (com a cimeira dos BRICS+)! Parece-nos, deste modo, ser a segunda alternativa aquela que se perspetiva no nosso horizonte coletivo, com consequências em termos de poder de compra nas zonas das duas moedas de reserva acima mencionadas.

O estado atual da UE não é brilhante (sobretudo porque o recém-eleito presidente D. Trump, parece exigir da NATO muito mais gasto em defesa, equivalendo a dizer que terão de comprar muito mais armamento aos EUA).

Existem, porém, dois problemazinhos que deverão, por prudência ser colocados por nós:

- i. primeiro que tudo, o presidente D. Trump parece ter aceitado o princípio, há muito formulado pelo presidente V. Putin, segundo o qual nenhum país pode querer a sua segurança em detrimento da segurança de um qualquer outro (o que na prática equivale a aceitar um novo princípio de base da ordem mundial baseada no direito internacional, posições afirmadas pelos BRICS+);
- ii. em segundo lugar, pergunta-se acerca de quanto dinheiro seria necessário para atacar a Federação Russa com alguma probabilidade de êxito? Bastariam os 5 % previstos pela NATO para recuperar do atraso acumulado em face da tecnologia russa? Atente-se nos números que apresentamos, facultados pelo parlamentar europeu, alemão, Michael von der Schulenburg)! Uma loucura, diz¹²³, a menos que esta “elite globalista” queira destruir a própria UE, pela sua implosão ou porque quer inviabilizar uma UE das nações para tornar inevitável uma solução federal. Convenhamos que para perpetuar o domínio neoliberal e neocolonial do mundo será necessário dispor de muito mais do que de dinheiro dos “Rothschild” e dos “Rockefeller” deste mundo!

¹²³ <https://www.youtube.com/watch?v=IfZRVpGkeo0>

- Países da NATO: 60% (dos quais, EUA, 40% e países da UE, 17%).
 - China: 10%
 - Federação Russa: 5%
 - Resto do mundo: 25%
- No início: “a Rússia quer invadir toda a Ucrânia”; esta não pode aceitar um acordo de paz, porque está a defender a Europa como um todo!
- Depois: “a Rússia não consegue avançar”; “a frente está estabilizada!”
- Agora: “mesmo que Trump se retire a UE e o RU continuarão a apoiar a Ucrânia, porque Zelensky está a defender os valores europeus contra a Rússia. E esta, se a UE cede, não para antes de chegar a Paris, senão mesmo a Lisboa!”

Figura 18. Gastos militares no mundo (Baud, 2024)

A UE estará, inclusive, em condições de proceder a esse aumento, sem entrar em falência quase imediata, sabendo-se que a Federação Russa está muito à frente em termos de tecnologia militar? E que políticas públicas teriam que ficar para trás? A UE poderia ter alguma probabilidade de sobreviver a uma guerra aberta, na Ucrânia, como instância política conduzida sob o controlo de elites mais do que “incompetentes, miseráveis ou nepóticas”, escolhidas mais por defeito do que por mérito, como diz J. Baud¹²⁴? No contexto de um confronto armado direto com a Federação Russa, quantos dias aguentariam os nossos povos (por agora, alheados), antes de se entrar num estado de revolta generalizada, em face dos “sacos de plástico” que não deixariam de se acumular? Depois de provocar a Federação Russa, (Figura 11) pensamos continuar a culpá-la de provocar guerras (quando até já o presidente Trump acusa a administração Biden de ter iniciado a guerra)? A “ironia do destino” (a ver vamos!) seria que a UE tivesse de herdar esta “guerra na Ucrânia”, ficando, assim, “orgulhosamente só”, na sequência de uma hipotética retirada dos EUA. Isto se admitirmos que eles se retirem, entretanto, “como Pilatos”, daquilo que efetivamente¹²⁵ começaram (com a narrativa de que estavam “ajudando o mais fraco a ganhar uma guerra” que os “russos” desenvolviam como se fora de “conquista de território”). Uma guerra de novo tipo, como esta que os americanos desenvolveram (sempre a partir de Wiesbaden), em que procuraram envolver cada vez mais jovens ucranianos (baixando sucessivamente a idade de circunscrição), mas uma guerra que, agora, parecem não conseguir concluir-la (pelo que terão de reconstruir toda uma nova narrativa acerca das causas da sua derrota)!

Apetece gritar, a plenos pulmões, aos cidadãos dos nossos países, como Paul Éluard¹²⁶ diz: “(...) como o dia depende da inocência, o mundo inteiro depende dos teus olhos puros”!

Como fica a UE depois deste desastre ucraniano de natureza económico-militar-estratégica? Efetivamente, a UE fica separada da sua fonte próxima do gigante russo, uma poderosa fornecedora de todo o tipo de matérias primas de que ela necessitaria para o seu desenvolvimento. Em troca verá a mesma fonte de matérias primas “correr” para a China e para a Índia. (...) E, os europeus continuam a designar essa deslocalização de sanções económicas à Federação Russa!

¹²⁴ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=kD6IKLyyong&list=TLPMQjUwMjIwMjVAXYGqYCK6yA&index=2>

¹²⁵ Ver RI de 2/4/2025 (Jean Chapoutier) ou RI de Elena Fritz (3/4/2025) o video extraordinário acerca da narrativa americana (e que agora têm que reescrever a história horrorosa que impuseram a russos e ucranianos, para glória dos EUA, entendidos, no artigo, como os “anjos” da humanidade): <https://reseauinternational.net/new-york-times-les-usa-dirigent-toutes-les-operations-en-ukraine/> ou sources : NYT & WSWS - <https://www.nytimes.com/2025/03/29/world/europe/us-ukraine-military-war>

¹²⁶ Em “Poemas”.

O futuro do desenvolvimento da UE e europeu em geral é incerto, em virtude das elites locais europeias, completamente “vendidas” aos “superiores” interesses norte-americanos. Até quando os cidadãos europeus se manterão “cegos, surdos e mudos”, como carneiros sacrificados no matadouro das guerras do “império”?

Damos aqui um exemplo, na Figura seguinte, entre muitos possíveis, da situação que se vive na Europa, no que respeita às consequências da política, inspirada pelos EUA, é certo, de deslocalização de empresas industriais e de fecho de centrais energéticas, sobretudo as de base nuclear, as quais fazem, agora mesmo, uma falta dramática para consolidar o emprego e o futuro dos jovens. As pseudoelites europeias, na sua generalidade, não tiveram ou não puderam (devido aos compromissos com os seus “donos”) defender a economia dos nossos países, atados de mãos e pés, em narrativas “idiotas” anti russas, aproveitadas pelos EUA para nos privar do petróleo e do gás que vinha, a preços imbatíveis, da Federação Russa, desde os tempos já longínquos da ex-URSS.

É algo que não parece ter paralelo na história dos povos: nos tempos “abomináveis” do comunismo (como era comum dizer-se, no ocidente) a Europa podia comprar combustíveis na URSS. Depois da queda dos diversos muros, por iniciativa dos mesmos “soviéticos”, não seria conveniente continuar esse comércio pacífico. Será agora que os europeus vão aprender, à sua custa, que a economia, afinal, não é outra coisa do que “economia é energia transformada”, como diz Gave (2016)¹²⁷?

Como pode, nesse caso, a infraestrutura da economia (a energia elétrica), ter ficado nas mãos dos lóbis das renováveis, como parecem alertar profs como Clemente Nunes, Sampaio Nunes ou Mira Amaral, bem como programas como o do jornalista J. Gomes Ferreira, para nos circunscrevermos ao caso português?

Em que narrativa estaremos “enrolados”, em toda estas questões energético-económicas e de segurança do fornecimento energético em Portugal e na Europa, sendo este determinante da vida dos povos que pagam, e que sofrem as consequências das decisões e das narrativas que as suportam e as “cobrem”, ao serviço da financeirização do todo socioeconómico, mesmo se tudo tem sido decidido em nome de um “socialismo” absurdo?

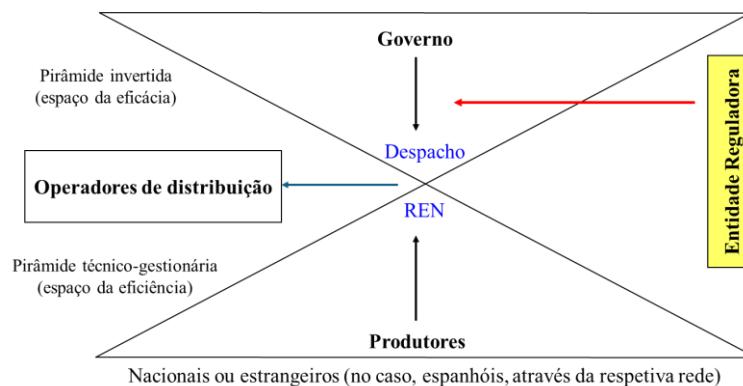
Para entendermos o mínimo que seja, procuremos recordar-nos de que estas questões da “economia como energia transformada”, em que as questões técnico-gestionárias, e acima de tudo, as de carácter decisional são suscetíveis de circularidade. Assim sendo, nestas matérias como em tantas outras (saúde, soberania, guerra, democracia), tudo parece ter passado a ser o espaço mediático das meias-verdades (um pouco como se uma nota de banco pudesse ser meia verdadeira).

¹²⁷ O problema é que quando se trata de aspetos físicos como o da energia elétrica, a atribuição de causalidade a fatores externos, como “vírus chinês” ou “ciberataques de Putin”, podem iludir crianças, mas o certo é que se os “dois países ibéricos ficam às escuras” terá que se dar uma explicação racional, mais tarde ou mais cedo. E essa explicação tem que ser encontrada no âmbito da excessiva dependência da rede elétrica face às energias intermitentes (renováveis), decididas pelo poder político “decisório”, sem ter em conta a complexidade técnica a qual deveria ser assegurada por uma “Agência” do estado baseada na autonomia de decisão. Ora, veja-se se, em todo o espaço mediático, alguém detetou o comportamento preventivo da “entidade (elétrica) reguladora”, nacional (a qual deveria ter verificado se a rede elétrica não estava em risco de colapso por excesso de energia intermitente, com origem na Espanha); porque é que ninguém se recorda já das palavras de A. Costa (ex-PM português), quando ele acusava a Alemanha de ter ficado dependente do gás russo, por não ter feito uma aposta clara nas energias renováveis, como ele próprio fizera, assim como a Espanha? Agora, ninguém assume? Essa parece-nos ser, efetivamente, a questão central para além dos lados anedóticos ou das pseudo-explicações aparentemente sérias, como as de que o problema teria tido origem na Espanha. Repete-se, outra vez a narrativa “trumpista” do “vírus chinês” que tanto prejuízo causou aos empresários chineses.

Ver o extraordinário vídeo com as explicações de um especialista em geoestratégia, como é o caso de Juan Antonio Aguilar, acerca da situação espanhola: <https://www.youtube.com/watch?v=3-7xuR4A-6w>

De acordo com o modelo que apresentamos (figura 19), a responsabilidade total do que se passou no caso do “apagão” de 28/4/2025 seria nacional.

Vejamos, pois o modelo tal como o entendemos à luz da teoria organizacional que estudamos e ensinamos (Lopes, 2016):



54

Figura 19. Proposta de desenho de uma estrutura organizacional em que o despacho elétrico¹²⁸ se autonomiza relativamente à REN

Nota: Desenho da **estrutura organizacional** suscetível de **garantir a segurança** do fornecimento elétrico nacional, no Figura da sociedade e revolução digital: papel crucial da “agência” (ERSE) como entidade judicial/arbitral que vigia e audita o conjunto do sistema, possuindo o poder vinculativo de proposta, junto do governo. O recente apagão de 28/4/2025 fez disparar todo o tipo de opiniões, veiculadas pelos *mass media*, a começar pelas mais disparatadas. A questão das nacionalizações (uma opção política), entre outras, não pode induzir confusões entre a racionalidade e a ideologia (como adverte Habermas, 1968; 1986). Qual o espaço organizacional do Governo/ERSE e dos privados? A questão crucial seria a decorrente do modelo proposto (ou seja, a da estrutura de decisão), em que o governo apenas pode aprovar orientações após a intervenção da “agência” oficial.

Vejamos, pois:

- i. a segurança energética europeia foi posta em causa pelo corte das redes russas para ficar dependente do gás de xisto liquefeito americano;
- ii. este combustível custa mais, fazendo encarecer o mesmo gás no mercado internacional; por razões “ditas ambientais” o governo (A. Costa/J. Galamba/Matos Fernandes) vende (à India?) as nossas duas centrais a carvão (Pego e Sines, as quais podiam estar ligadas em permanência), ficando, entretanto, o país sem “potência elétrica” estável e relativamente barata;
- iii. o risco de a gestão se sobrepor à segurança técnica ficaria (?) acautelado porque a estabilidade passaria a estar baseada na substituição das centrais a carvão pelas de gás (Carregado e Tapada do Outeiro);
- iv. estas, por sua vez, teriam de estar, muitas vezes, desligadas, em virtude do encarecimento do preço do gás, entretanto ocorrido;
- v. o designado “despacho elétrico” decide acerca da entrada em rede de distribuição a partir da produção disponibilizada, de acordo com prioridades “politicamente” definidas;

¹²⁸ Designa-se como despacho elétrico a estrutura técnica que faz entrar na rede de média tensão a energia que chega em alta tensão gerindo o mix energético em função das necessidades de consumo e da segurança/estabilidade da rede elétrica como um todos (transporte a cargo da REN) por prioridades de origem: se entra em primeiro lugar a energia intermitente/de origem renovável, por exemplo, ou se entra após um abastecimento elétrico por fontes fáiveis de energia. Deste modo, a subordinação do despacho à entidade de transporte REN constitui um absurdo organizacional.

vi. se a prioridade definida é a da eletricidade de origem renovável, e se esta não é suficiente, e se se recorre à importação de Espanha, sendo esta igualmente renovável, o apagão poderia acontecer. Como é que a origem do apagão é externa, se o despacho é nacional? Alguém está a contar uma “meia-verdade” (a verdade toda seria a da imprudência de alguém, mas ela seria sempre de origem interna)!

De permeio os governos foram “sonhando” com soluções mais ou menos mágicas, do tipo “hidrogénio”, ou queremos mais solar, ou mais eólicas no mar, e/ou algo de igual “teor”, que apenas tem a ver com a produção e a eficiência, mas nada tem a ver com a segurança (eficácia).

Deixa-se, naturalmente de lado a questão das operadoras de telecomunicações ou de radiodifusão, por exemplo, que se situam do lado do fornecimento e das alternativas que deverão negociar com as respetivas entidades de regulação.

Voltando à área específica da soberania nacional, não poderemos deixar, ainda, de nos interrogar acerca das opções pelo risco da dependência exagerada face à energia “barata” (renovável ou não), espanhola, que o nosso país não controla. Gostaríamos de saber, em sede de eficiência do sistema elétrico nacional, qual o saldo entre **poupança** na produção elétrica (“tostões”?) e **prejuízos** (“milhões”?) em todos os sectores da economia nacional e da segurança de pessoas e bens, imagem do país perante o exterior na área do turismo, nomeadamente.

Vejamos um caso específico na figura:

- Em comparação, Portugal está em 100,4% ou a Alemanha, com 65,4%.
- Os juros da dívida podem estrangular o € e a UE.
- Quem detém a dívida dos países endividados?
- Pois bem, são países como a Rússia ou a China, mas, sobretudo, precisamente, os “Fundos de Pensões” dos países “sem estado social”. Os antigos trabalhadores americanos (por exemplo), descontaram e querem os dividendos!
- A França foi, na Europa, o país que mais deslocalizou a sua indústria, como fizera a América, antes (círculo vicioso?)

Bouglé, F. (2023). Guerre de l'énergie, au cœur du nouveau conflit mondial. Éditions du Rocher

Figura 20. O caso de França e da soberania energética¹²⁹

Qual a situação que o futuro imediato nos reserva?

Pensamos que haverá muita incerteza, ou muita desorientação, mesmo, nomeadamente na Europa em penúria de energia e de matérias-primas. Se os países europeus não encontram novas formas de relacionamento com os países produtores de matérias-primas e se deixam enredar nas teias do imperialismo anglo-saxónico, a queda não deixará de se acentuar (como prevê um autor como Paul-Antoine Martin¹³⁰).

E (...) a recente eleição de D. Trump que as “elites europeias não poderiam ter de aceitar¹³¹, poderia agravar, ainda mais, a já difícil situação económica, porque seria a Europa a ter de

¹²⁹ Um vídeo inquietante <https://www.youtube.com/watch?v=5lpeDJk6GOI>. A dívida pública francesa não cessa de subir (112% do PIB), a par da Itália (137,7%) e da Grécia (159,8%).

¹³⁰ Autor de dois livros fundamentais para se compreender a relação com as elites perversas: “Le clan des seigneurs» (2023); e “Le temp des pervers” (2025), acerca da oposição entre os funcionários (colocados em burnout) e os dirigentes servidores do “império”. Ver o excelente vídeo de J-D Michel: <https://reseauinternational.net/comme-des-lions-alain-colignon-et-eric-loridan-medecins-integres-et-vaillants-face-aux-ordres/>

¹³¹ As considerações de Trump parecem-nos justíssimas e pela primeira vez em três séculos a diplomacia e o comércio poderão ter uma via verde. “Foi a NATO que se expandiu para lá do que deveria ter feito”. e, acrescenta, “eu posso compreender os sentimentos dos russos nesta matéria”. Vale a pena recordar as palavras do principal analista americano de assuntos russos, dos anos 90, George Kennan, que escrevia no The New York Times (05/02/1997): “trata-se do erro mais fatal da política dos EUA”.

suportar o peso económico do pós-guerra na Ucrânia e da emigração a partir da Síria. Que futuro para este martirizado país? Pessoalmente, não cremos acreditar que o futuro termine por aqui!



56

Figura 21. “La chute de Damas”, publicada pela R.I. Fonte

Aguardamos a obra a publicar, em breve, de Nidal Hamade, intitulada “La chute de Damas” (Figura 21), para tentarmos ir além, na descoberta do que se passou, a sério e como serão os próximos passos¹³².

1.3 Método

Como em qualquer pesquisa, e segundo os princípios que acima começámos a enunciar, teríamos um conjunto de fatores estruturantes da reflexão que nos propomos desenvolver, de modo a circunscrever científicamente o conceito de “internacionalização”, a partir de dois eixos¹³³:

- i. o primeiro que compreende a dominação financeira “mundial” sobre as economias do mundo (a começar pela economia dos próprios EUA) – o designado “globalismo” gerado pela “hegemonia americana”;
- ii. o segundo, relativo ao controlo financeiro pelo estado¹³⁴, permitindo, por sua vez, que a economia pública e privada possa ser eficazmente financiada (situação que os BRICS+ já praticam) – o que temos denominado “glocalismo soberanista”.

Do ponto de vista da nossa própria reflexão sobre os princípios de base da investigação, a partir de uma abordagem qualitativa, entendemo-la como um exercício “*sui generis*”, na medida em que ela se não assume como algo “fechado, rígido e/ou perfeitamente estruturado”. A pesquisa documental, como método qualitativo por excelência, deixa um largo espaço à intuição pessoal acerca da seleção e interpretação dos factos relevantes, à imaginação para a pesquisa se estender por espaços inabituais e pelo recurso à criatividade cognitiva, em busca

¹³² Por agora apenas poderemos consultar o artigo do autor (RI, 7/3/2025).

¹³³ Não haverá, neste texto, espaço para uma aproximação quantitativa da realidade social que estudamos. Não deixaremos, porém, de proceder, no âmbito do tratamento qualitativo dos dados que apurámos, à aplicação de uma técnica próxima da MDS (Multidimensional Scaling), operando como fizemos na direção da tese de mestrado do colega Prof Eduardo Martins. Esta técnica continua a ser considerada, efetivamente, pelos autores de referência, como uma das mais poderosas ferramentas de pesquisa (Kruskal e Wish, 1978).

¹³⁴ Numa MDS encontramos, por princípio, dois eixos que nos permitem, por sua vez, situar o conjunto das categorias estudadas.

dos significados latentes da realidade observada (Miles e Huberman, 1986; Ferreira, 2023), tendo, em consequência, a possibilidade de se constituir como uma das bases da inovação em ciência, justificando eventuais dúvidas onde dominavam os consensos em torno das pseudocertezas. A observação, a consulta de documentos (originais e/ou interpretativos de acontecimentos selecionados para análise de conteúdo) pode bem ter sido, mesmo, o tipo de investigação que mais tem permitido conduzir pesquisas suscetíveis de abrir caminhos de exploração disruptiva. Propomos-nos, neste modo conduzir, enfim, uma pesquisa que se aventura por novas abordagens no contexto das realidades socioeconómicas que marcaram os últimos 80 anos da história económico-financeira das empresas e dos países, cujas bases se interpenetraram numa teia de interesses de difícil leitura interpretativa. Do ponto de vista específico em que nos colocamos, ou seja, a da análise documental, em sentido lato, procederemos, neste texto, a um exame de documentos e de trabalhos de pesquisa de tipo bastante diversificado, quer dos que não receberam ainda, do nosso ponto de vista, uma análise e um tratamento adequado, ou que poderiam ser, ainda, reanalizados, na senda de um questionamento novo ou complementar de outros que, igualmente, referimos.

As pesquisas documentais, o exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico aprofundado¹³⁵, ou que podem ser reexaminados, buscando-se interpretações novas e/ou complementares, constitui o que estamos denominando de pesquisa documental. À investigação bibliográfica junto de um conjunto de autores que reputamos como sendo relevantes nesta área de conhecimento, foram associadas, em primeiro lugar, uma análise de conteúdo temático, a qual seria duplicada, em seguida, pela indispensável “criação”, e um (posterior) desenho do sistema de categorias¹³⁶, as quais seriam desenvolvidas, por sua vez, sob a forma de quatro sistemas de narrativas “densificadas”, no sentido de representações emocionalmente carregadas de sentido, como lhes chama Alexandre Del Valle¹³⁷, ou, enfim, designadas sob o termo mais habitual de *storytellings*¹³⁸, correspondendo a cada um dos quadrantes formados pelo cruzamento dos dois eixos ortogonais.

Todos estes elementos constituem, do nosso ponto de vista, a essência mesma do método qualitativo de pesquisa (sob a forma de um Figura cognitivo, seja ele descritivo ou um Figura explicativo/causal, tal como o mesmo foi pensado por Weick e Bougon, 1986), o qual deve ser seguido, em princípio, pela produção de conteúdos (científicos) submetidos a um painel de pares.

Vejamos os termos da nossa proposta acerca da emergência da globalização como a fase da mais descarada exploração de sempre do designado terceiro mundo (Todd, 2024). Partimos, pois, da globalização moderna, tornada possível com a vitória da finança sobre a economia, para a opor à Localização dos tempos precedentes (isto é, defendemos a ideia de base de que a “globalização”¹³⁹ seria, apenas, um dos extremos de um *continuum*, mesmo se este envolve

¹³⁵ A pesquisa documental é a metodologia que nos parece ser a mais adequada ao nosso propósito metodológico.

¹³⁶ A conceção e o desenho das categorias a que fazemos referência, apresenta-se, adiante, no contexto da abordagem teórica.

¹³⁷ Del Valle (2000).

¹³⁸ O método da pesquisa com base na técnica de elaboração de narrativas foi, por nós desenvolvido em trabalhos de investigação conducentes a teses de mestrado e de doutoramento. (Ver: Lopes, Dias e Parreira, 2009; bem como, Dias, Lopes e Parreira, 2011). Inspirando-nos em (Murray, 2017), a narrativa é aqui contextualizada no sentido da promoção da mudança em ordem à criação de uma identidade particular de um espaço com potencial eco-árqueo-histórico.

¹³⁹ Fernandez (2016), a partir de uma revisão de literatura, parece procurar dar uma ideia positiva da globalização da economia, numa altura em que eram perceptivas as falhas clamorosas do sistema económico financeirizado, como nós mesmos alertávamos, no mesmo período. Esta seria considerada, pelo autor que citamos, como sendo caracterizada pela “livre” circulação das mercadorias, mas igualmente, dos serviços (graças à informática e às telecomunicações) entre todos os países do mundo. Elogiava, ainda, a ideia de um mercado global, pelo “crescimento” do comércio e do setor de serviços, com uma forte presença do sistema financeiro e “aumento” do fluxo de capitais entre os países. Não parecia

uma polaridade contraditória. Assim, este eixo não envolve um valor unificado (como se a abertura ao mundo deixasse de ser um meio, mas um fim sem si):

- i. em termos de eixo das abscissas, diríamos que o comércio abre-se para aumentar as competências no âmbito local, em retorno, para conseguir uma menor dependência;
- ii. o outro extremo do eixo teria a ver com o respeito do lugar ou do “*genius loci*”, de que já se conheciam as repercussões desde o tempo do império romano.
- iii. Quanto ao segundo eixo, o das ordenadas da nossa análise, seria o que poderia ser definido como a liberdade de empreender, bem como o dos meios financeiros para o poder fazer.

Passando à tentativa de proceder à respetiva caracterização, o cruzamento dos dois eixos ditos “cartesianos” visa, enfim, uma explicação que reputamos fundamental para a compreensão dos acontecimentos que acompanharam a internacionalização das economias do mundo, num contexto pós-guerra, caracterizado por J. Habermas como sendo o do tempo do domínio da “razão técnico-calculadora”.

Importa que nos debrucemos sobre o que nos revela este grande pensador alemão acerca do período (o ciclo longo de 80 anos) que nos ocupamos em caracterizar. De acordo com os estudos de Bettine (2021), J. Habermas seria um dos autores que mais tem refletido sobre a perspetiva crítica (da Escola de Frankfurt): o que designam de “razão técnico-calculadora” (emergente da “filosofia das luzes”) acabaria por destruir completamente as bases de uma ciência voltada para o desenvolvimento de cada ser humano e da humanidade. Os proveitos dessa modernidade têm-no retirado os conglomerados capitalistas, e as elites que superintendem sobre os estados que aceitaram servir esses mesmos interesses. Desde o “iluminismo”, pois, o ocidente foi, sempre, acreditando que as soluções para os problemas que ele mesmo ia criando, viriam de um exercício mental baseado numa aproximação tecnológica. Sendo constituída por seres humanos, porém, este tipo de racionalidade constituiria um verdadeiro “paradoxo de Prometeu” para os tempos da modernidade: foi-nos oferecido o “fogo celeste” da inteligibilidade dos fenómenos naturais, mas ficámos amarrados a uma técnica que se “autonomiza” relativamente aos seus utilizadores, reduzindo os homens a autómatos (como na genial sequência do filme “Os Tempos Modernos”).

Sublinhe-se, ainda, que, na sequência da 1ª Grande Guerra, se impunha um segundo desenvolvimento das questões da modernidade, na sua relação com a organização política dos povos no caminho da gestão do capitalismo liberal, a caminho de um “império mundial” que mataria a prazo o estado-nação, como constata Farias (2020). Esta era também, diz o autor, uma das preocupações de Max Weber. Karl Polanyi considerava, igualmente, que o estado-nação era a própria condição básica da democracia. O célebre historiador da economia viria a condensar a sua abordagem numa obra notável acerca do fim da paz socioeconómica dos 100 anos precedentes, e que seria publicada cerca de 25 anos depois das suas primeiras reflexões (Polanyi, 1944; 2012)¹⁴⁰. Efetivamente, naqueles anos 20 do Século passado e do início da

ser uma preocupação presente a existência de um processo de concentração de riqueza que começava a crescer, de forma descontrolada, até aos nossos dias, em que a economia dos países ocidentais poderia estar a chocar com o muro. O autor, enfim, relativiza a sua visão otimista com o reconhecimento de que a etapa histórica atual se caracterizaria por uma particular desconexão das variáveis financeiras em face da economia real, um fenômeno de caráter violento, persistente e sem precedentes em mais de um século de história económica mundial.

¹⁴⁰ Refira-se a conclusão de K. Polanyi e compare-se com o que está hoje a passar-se no mundo, acerca das razões dos que defendem o neoliberalismo apátrida e os que defendem a soberania económica dos estados nação (do liberalismo original): “a resposta seria claramente a de devolver à sociedade o seu lugar dominante no seio de uma comunidade claramente humana, ou seja, dar-lhe sentido através de uma cultura viva”. Polanyi sublinhava, ainda, também, o caráter territorial da soberania, sendo “o Estado-nação a condição prévia soberana para o exercício da política democrática”. Dado o estado anómico da Academia, não só a portuguesa, cumpre-nos reportar, neste contexto, o exercício filosófico-

dominação americana na Europa traduzidas na estrutura do próprio Tratado de Versalhes, o qual como se disse, conduziria à 2ª Grande Guerra, como temiam, tanto Max Weber, como John Keynes. Os dois grandes (um economista e o outro sociólogo eram, em Versalhes, assessores das delegações, alemã e britânica. Keynes¹⁴¹ profetizou que a política subjacente ao tratado traria o caos!

Concentrando-nos, entretanto, na interrogação colocada acima por Max Webber, em tentar perceber em que consistiria a modernidade (uma preocupação central de Ph. Loubière), conclui-se que esta poderia ser assumida como:

- i. a era do desenvolvimento da entidade estado-nação;
- ii. poderia também ser, antes, assumida como a era de um modelo sociopolítico expresso na ideia de expansão do sonho imperial.

No que nos diz respeito, é sabido que Portugal, antes e depois do Estado Novo, não conseguiu desenvolver verdadeiras referências soberanistas (tão forte foi o choque da humilhação sentida no país na sequência do “Ultimato Inglês”, em 1890). Apenas cerca de 60 anos depois de experimentar o “Regicídio” e a “República”, se viraria para o desenvolvimento industrial acelerado (Figura 22).

O ministro da indústria e Prof. Eng. Do I.S.T. (José Ferreira Dias) procurou dotar o país de novas referências de desenvolvimento para além do setor primário (agricultura, pescas e minas) a par de algumas indústrias tradicionais.

Devem-se-lhes as bases do desenvolvimento industrial que haveriam de conduzir Portugal, desde 1960 a crescer 800% nos 40 anos seguintes, apenas superado pelo Japão, no mesmo período (900%).

Foram cinco as bases em referência:

- i. os cimentos;
- ii. o aço e os metais não ferrosos;
- iii. o ácido sulfúrico e os adubos;
- iv. a eletricidade;
- v. a química fina (e os medicamentos).

Com a revolução de 1974 e com os condicionamentos da UE o país perdeu referências e não mais se reencontrou, de facto.

Figura 22. As referências de desenvolvimento no tempo de Estado Novo nos anos 50

Deste modo, o nosso país, ficaria prisioneiro da contradição entre o colonialismo e a integração europeia. Efetivamente, inseguro, ainda, nas suas novas referências industriais acabaria por entender optar pela segunda alternativa, aferrando-se à ideia de manutenção de um império, ao invés do que se tinha feito com o pioneirismo da concessão da independência do Brasil.

Em alternativa ao “impasse português”, o mundo anglo-saxónico estava a apostar em ensaios sociopolíticos daquilo que viria a desenhar-se como a ideia de um “supremacismo hegemónico”.

histórico-económico do grande autor húngaro: a defesa da democracia passa pela tensão entre a “localização” e a “glocalização”, como base do estado-nação (da economia aberta de A. Smith à economia-nacional, segundo as práticas atuais do modelo seguido pelos países BRICS+). Na sua ausência (como foi o caso a partir do advento do neoliberalismo da financeirização apátrida), a democracia não passaria de uma “mascarada”. Resta-nos ir observando o estado da luta mundial contínua da globalização contra a glocalização.

¹⁴¹ Tratava-se de incentivar políticas de aumento de investimentos e de substituição de importações; não a aposta que o governo britânico seguiu de desvalorização cambial e de cortes de salários (Abreu, 1982).

Mas será que haveria espaço para uma terceira opção? Tratava-se, de facto, da opção de se institucionalizar um misto de fomento, por um lado de uma pluralidade de estados-nação, mas em que, por outro lado, estes estados seriam submetidos a um controlo de tipo hegemónico (um imperialismo sob disfarce), pretensamente liberal, mas efetivamente neoliberal e monopolístico. Os estados submetidos seriam governados com recurso a “elites locais”, apátridas, ávidas de poder e de dinheiro. Poderia este modelo resolver o paradoxo e revelar-se perene, como pretendia F. Fukuyama, ou o mesmo paradoxo iria, necessariamente, manter-se, agravar-se e, enfim, implodir?

60

Vejamos como, do nosso ponto de vista, se poderia abordar o paradoxo acima enunciado e como se impôs o Figura cognitivo construído por essas mesmas forças portadoras da racionalidade “técnico-calculadora”, que, segundo J. Habermas, constituiria, como vimos, a emergência de uma abordagem positivista, a qual seria, ademais, pretensamente neutral.

A Figura seguinte resulta do cruzamento dos dois eixos ortogonais acima definidos:

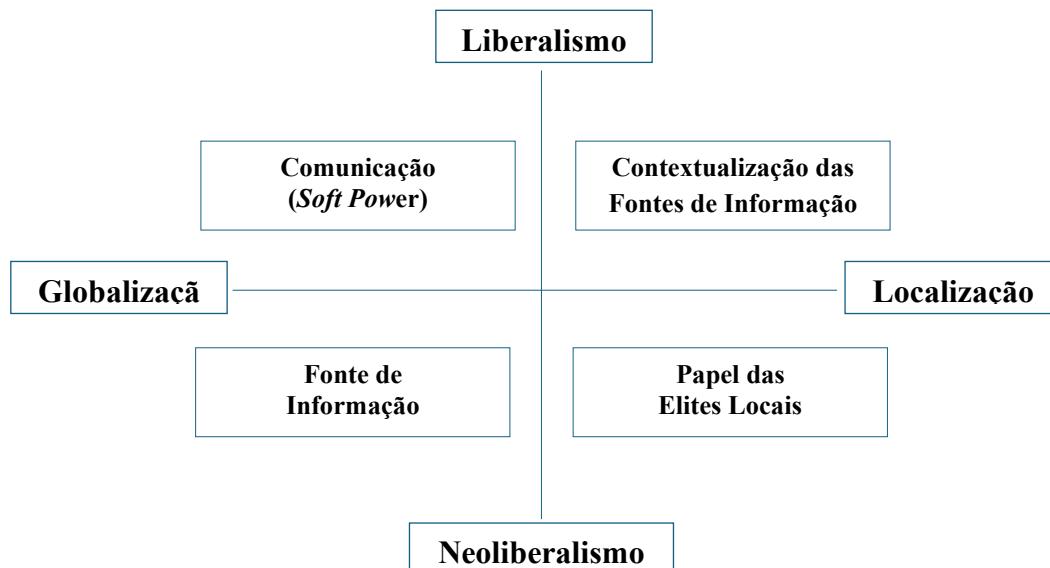


Figura 23. Figura cognitiva de um questionamento da globalização: qual o equilíbrio que nos poderia conduzir na senda para a “glocalização”?

No caso vertente, e de maneira muito concreta através do método de pesquisa designado de “análise documental”, foram selecionados, como se vê no Figura anexo, quatro categorias ou fatores principais¹⁴². Note-se que consideramos qualquer deles, em separado ou em conjunto, como suscetível de permitir, de maneira circunstanciada, aceder a uma leitura complexa dos acontecimentos dos últimos 80 anos.

O Figura 14 pretende dar a oportunidade de conduzir o leitor através de uma via de debate, o qual deverá ser contextualizado às suas circunstâncias, mas, de modo nenhum, se tem a intenção de sugerir que existiria uma maneira de pensar ideal e perfeita¹⁴³. O nosso propósito é o de propor as categorias mentais, entendidas como fundadoras, suscetíveis de conduzir um

¹⁴² Damásio (2017) ensina que a vida humana se estrutura: (i) em primeiro lugar, a partir de hábitos; (ii) depois, vem a capacidade de apreender narrativas que lhe fornecem um sentido à existência; (iii) para viver plenamente a vida o indivíduo necessita, ainda, de cultivar as suas paixões; (iv) enfim, será pela constância da sua vontade que, a partir das fontes de sublimação das paixões, poderá aceder ao trabalho profissional como base de realização pessoal.

¹⁴³ O Figura proposto corresponde a um conjunto reorganizado de hipóteses que reputamos plausíveis.

diálogo construtivo entre hipóteses diferenciadas e verificáveis, no âmbito de um contexto marcado pela complexidade. Como traduzir em termos simples a questão da complexidade, tomando como exemplo a relação médico-doente? (Figura 15) A relação auto-organiza-se escapando aos atores, produzindo fenómenos estranhos e inesperados, levando a uma desagregação dos elementos constitutivos: assim se explica a desconexão dos doentes face às terapêuticas (em cerca de 70% dos casos, segundo se reporta). A conexão exigiria um elemento de conexão que articule o doente com o médico.

O mesmo se diga da desconexão entre as elites globalistas e as populações em “rebelião “sorda ou violenta”, como aconteceu no Donbass ou estaria, agora, acontecendo na Roménia (desejosa de ter uma presidência antifederalista e soberanista), sintomas de uma desconexão com o ocidente, no “sul global”. Elites globalistas submissas ao império neoliberal ou médicos “distribuidores de medicamentos”, por conta da Big Pharma, cairão inevitavelmente em face do poder de atração da “glocalização”, com consequências ainda imprevisíveis.

- Da linearidade (causa efeito) à ideia de sistema: porque é que o sistema de saúde, por exemplo, tem dificuldades em funcionar?
- Porque não se comprehende o modo de comportamento dos sistemas ou das organizações complexas.
 - Funcionam pela conjugação do poder, da responsabilidade e da solidariedade comunitária.
- São três características da complexidade:
- - Auto-organização;
 - - Emergência;
 - - Elementos suscetíveis de desagregação (determinantes em sistemas semi-conectados).
- O que se passa na, acima evocada relação médico-doente?
- A situação muda com uma mudança do ensino médico?
- Necessita da intervenção de um terceiro elemento: um facilitador como na Holanda?
 - Ou na empresa a relação chefe-subordinado, que, na ausência do espírito de equipa, cairia inevitavelmente na autogestão clandestina, como diz G.N. Fischer.

Figura 24. Organização, sistema e teoria da complexidade (a partir do trabalho pioneiro de Etzioni, 1967)

O debate proposto seria, do nosso ponto de vista, suscetível de proporcionar uma visão complexa, de conjunto, e fundamentada. A complexidade do sistema mundo anunciada pelo movimento BRICS+ de que se fala abaixo parece repor as relações entre países mediadas por instituições (novas) libertas de regras impostas por uma hegemonia em fim de ciclo. Pensamos que, na busca dessa complexidade, cada um dos 30 passos selecionados ajudará a clarificar o que está em causa, nesta aproximação à ideia de ascensão e de queda de um posicionamento imperial (de enriquecimento pela guerra, de forma aberta ou escondida atrás de uma narrativa de “Paz e Progresso” pela via de uma “democracia”, “sempre” ameaçada por “Moscovo”)¹⁴⁴. Estes especificam-se de maneira detalhada e sequencial.

O leitor sentir-se-á, naturalmente, conduzido, a refletir por si próprio, através de duas abordagens que procuraremos compatibilizar: a aproximação weberiana da realidade, sujeita à dispersão metodológica, científica e filosófica, dado que Max Weber seria um dos autores que primeiro entendeu a necessidade de envolver nas suas pesquisas a noção de paradoxalidade sem cedências à incoerência (Freund, 1966), por um lado, e, por outro, a aproximação “crozeriana” centrada sobre o exercício do poder como uma chave privilegiada de leitura das “organizações

¹⁴⁴ Mesmo Salazar, nos finais dos anos 40, se entusiasmou com uma NATO que defende a “democracia”: passaria a designar-se como um partidário da “democracia orgânica”. O que nunca parece mudar é a identificação de Moscovo com o demónio!

complexas”, abrangendo o fundamental da realidade humana, desde as pequenas empresas ao sistema mundo (Lopes, 2012), tendo em conta a necessidade de dispor em particular de um terceiro elemento que arbitre e equilibre as mesmas relações de poder, as quais, em si seriam apenas sistémicas, isto é, reciprocas, mas assimétricas. É nesse ponto que divergimos da aproximação “crozeriana”, complementando-a, do nosso ponto de vista, como é evidente e como propomos na figura seguinte. Quem arbitra não joga. A relação desenvolve-se livremente, mas sem árbitro não haveria um jogo com interesse, entendido, assim, como uma relação “ganhador-ganhador”. Um sistema ou um estado “sem arbitragem” de um “árbitro”, não chegaria a ser **liberal**, mas sim um reino dominado pelo mais forte a caminho de comportamentos hegemónicos. O mesmo liberalismo comportaria sempre um conjunto de fontes de poder, traduzido em categorias (figura 25).

62

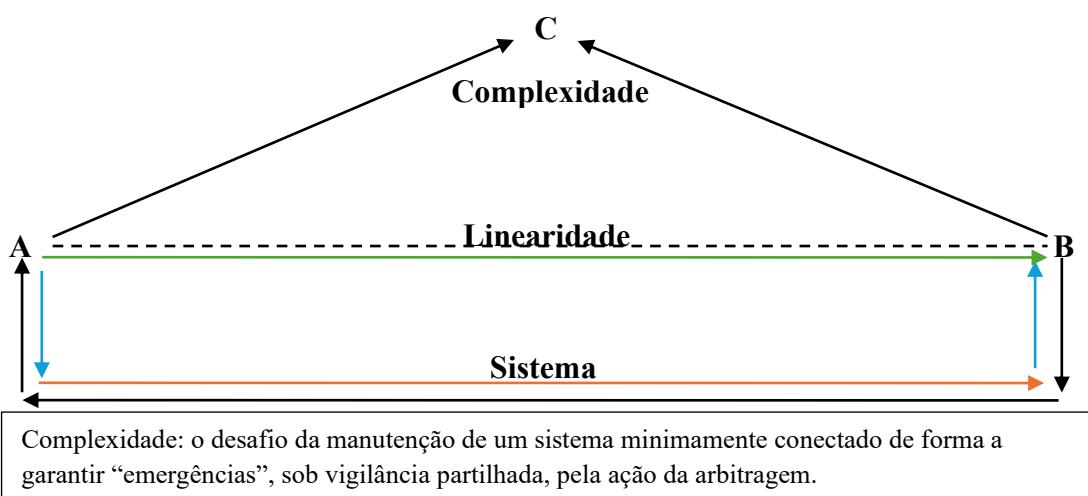


Figura 25. Organização: linearidade, sistema e complexidade (auto-organização, emergência e semi-conexão)

Vejamos, pois, de forma resumida, quais as categorias selecionadas a título de grelha prévia (uma metodologia prevista por Bardin, 2011). Elas são inspiradas nas “fontes de poder” teorizadas por Crozier e Friedberg (1977), assim como os lugares respetivos (os quadrantes) em que as colocamos a partir de uma seleção, tão criteriosa quanto possível, de eixos que forçam o respetivo contraste. Reflitamos, com algum pormenor, mesmo se breve, acerca de cada um deles, ou seja, como cada fonte de poder influencia as organizações de todo o tipo:

- i. da comunicação (necessariamente, dependente de uma qualquer interação¹⁴⁵)
- ii. do acesso livre às fontes de informação;
- iii. das regras e dos procedimentos devidamente testados;
- iv. e do saber técnico específico e relevante.

Expliquemo-nos, mesmo se o fazemos, suportando-nos em breves considerações.

Por um lado, importa sublinhar a importância crucial do tema ultra complexo da “comunicação humana”, enquanto uma das bases ou fontes de poder atuais, nomeadamente, daquela que é designada de “soft power”¹⁴⁶. Associamos esse poder, na classificação que

¹⁴⁵ Quando o presidente D. Trump recebe V. Zelensky para discutirem de paz, ele aparece vestido como chefe de guerra. Isto é comunicação!

¹⁴⁶ Estaria em causa, essencialmente, o poder assente na ideia de “dividir para reinar”, herdado do império romano pelo colonialismo e, sobretudo, pelo “neocolonialismo” anglo-saxónico. O acordo de paz acerca da fronteira da região de Ladakh (nos Himalaias) assinado em Kazan (2024) marcará naquela área instável do mundo, porventura, o início de um tão almejado “novo paradigma de primado do diálogo nas relações entre os povos”.

propomos, ao fator que subjaz, precisamente, a essa necessidade humana básica que é a da **comunicação**.

Esta “necessidade de influência” prende-se, por sua vez, com o facto de que todos possuímos uma tendência inata para procurar e poder dispor de “fontes” de informação acessíveis, as quais seguem, em princípio, **procedimentos e regras** precisas, na ausência das quais elas deixariam de ser credíveis¹⁴⁷.

Em terceiro lugar, entendemos que se seguiria, do ponto de vista da lógica, o que designaríamos como um “contexto” de produção de conhecimentos (algo que seria, neste caso, entendido como algo próximo da produção de um **texto**, elaborado consciente ou inconscientemente com os outros, em igual situação, sendo esse o significado de *com*). Este **con(texto)** seria sempre, em última instância, de ordem social (como se depreende) e que geraria, por sua vez, uma normatividade (como diria J. Habermas)¹⁴⁸.

A partir destas três dimensões, logicamente, essas mesmas “fontes de influência” seriam colocadas em perspetiva (atribuindo-se-lhe a ideia associada de **competência técnica** para as dominar de forma profissional). Sobrevem, desta forma, a necessidade humana de conceder uma especial atenção aos acontecimentos relevantes e marcantes, que condicionam o curso da história, (dos indivíduos e das coletividades), colocando-se a questão de quem comanda de facto os destinos das sociedades e quem é o seu “pau mandado” (o que designamos, neste contexto, de **Elites Locais tecnicamente preparadas**). Entendemos, de facto, que, se atendermos ao curso da história, teria de haver sempre alguém, suficientemente “poderoso e rico”, com capacidade de “organizar/traduzir” toda a trama da “história” subjacente aos mais diversos factos retidos para análise. Essa análise seria suportada por uma narrativa que, em certos casos, se pode emancipar dos factos e sobrepor-se, pela lógica da “razão técnico-calculadora”, à própria realidade.

Como exemplo a sublinhar, atente-se no que aconteceu no caso da extremamente bem programada “inventona”, ponto por ponto, tornando-se mesmo, verdadeiramente paradigmática, de uma pretensa¹⁴⁹ “pandemia” de Covid-19¹⁵⁰, como têm regularmente notado pessoas diversas como a combativa eurodeputada Virginie Joron, o investigador suíço Jean-Dominique Michel, Richard Durastante, ou, enfim, Caroline Lalo, pessoas que se impõe saudar.

No caso concreto desta “pseudo pandemia” dividiria o espaço mediático em dois campos até aos dias de hoje: os meios “*mainstream*”, mais ou menos “*wokistas*” (em perda de credibilidade?) e os meios alternativos. A pseudo pandemia seria, ainda, desmentida pelos próprios números oficiais relativos à mortalidade anual, divulgados pelos mesmos que nos “mandaram aguardar”¹⁵¹, confinados, esperando por uma solução que haveria de chegar

¹⁴⁷ Só em 2023, e só a famosa USAID “comprou a fidelidade à verdade jornalística” a 6.200 periodistas em todo o mundo: 9 em cada 10 na Ucrânia - (<https://www.youtube.com/watch?v=gfmpFZGx4cE>).

¹⁴⁸ Na sua obra “Teoria do Agir Comunicativo” (Bettine, 2021).

¹⁴⁹ Como agora reconhece o corajoso Primeiro-Ministro da Eslováquia (R. Fico), dizendo que a gestão da crise Covid mostra que os interesses privados, aliados a muitos políticos, bem como aos mass media passaram a governar a UE. Ver o extraordinário discurso deste dirigente: <https://reseauinternational.net/robert-fico-fait-une-revelation-choc-sur-la-crise-du-covid-19/>

¹⁵⁰ A “Big Pharma” vendeu-nos a teoria da complexificação da doença, em lugar do que faz a ciência, que é a via da simplificação, como faz a “Física” com as suas quatro forças: a gravitação; o eletromagnetismo; a força nuclear forte; e a força nuclear fraca. As células humanas podem queimar-se (quando são saudáveis); ou podem sintetizar (os protões e os eletrões não entram em contacto com o oxigénio e em lugar de fazerem gaz carbónico, fazem massa). A questão do tratamento consiste em saber como se remete o processo de “queima” em marcha (Schwartz, 2022). Sobre estas bases, a medicina devia converter-se na procura das soluções nas boas (velhas) moléculas, para tratar as “novas” doenças e não a “anti estratégia” dos novos tratamentos (como o Remdisivir no tratamento da Covid).

¹⁵¹ Sublinhe-se, em especial, a “perversidade” do indulto integral “preventivo” (e abrangente, pasme-se, de 2014 a 2024) a A. Fauci. O sr. Covid e/ou o sr. “vacinas” que tinha como uma das suas principais tarefas a de esconder que o vírus era americano e produzido, com toda a probabilidade nos bio laboratórios da verdadeira “máquina de lavar” dinheiro ucraniano, esconderia ainda múltiplas “facetas”, como as que foram investigadas pela ex-libertada dos campos nazis – Vera Sharav (ver - Magazine Nexus). Acresce que, se não se indultam inocentes, a

(rigorosamente, como S. Becket, no caso do “teatro do absurdo” – “Esperando por Godot”). Como foi feito, pelos programadores da crise?

Pretendiam fazê-lo por um apelo, não à ação do “sistema imunitário” humano, mas antes à “razão técnico-calculadora” representada por uma terapêutica genética a que quiseram chamar de “vacina”, como denunciaram pessoas altamente qualificadas, como Laurent Toubiana, investigador (em epidemiologia no INSERM) ou como Pierre Chaillot, Prof. de Matemática (Chaillot, 2023).

Atente-se, por outro lado, no facto de a “teia de factos” ser, por sistema, tecida pela dinâmica de interesses dos “vencedores”, como por exemplo, aquela que neste contexto mais nos interessa realçar; ou seja, aquela que excluiria da “representação social”, presente na opinião pública (nos termos propostos por S. Moscovici), o verdadeiro vencedor da 2ª Grande Guerra – a URSS¹⁵². Como se vê não hesitam perante a reescrita da história, ou em converter-se em especialistas da contra factualidade. Talvez se estejam, mesmo, a treinar para desenvolverem uma narrativa segundo a qual é a Ucrânia que está a sair-se vencedora do confronto com a Federação Russa¹⁵³.

Efetivamente, em termos objetivos, a URSS enfrentou um número 20 vezes superior, das mais bem preparadas divisões do exército nazi, (pagando um preço mais que desumano frente a nazis que desprezavam e esmagavam brutalmente os russos)¹⁵⁴, em face do que aconteceu com os EUA e seus aliados ocidentais. Em resultado de tudo isso, cinco em cada seis soldados alemães foram mortos na frente leste.

Ora, nessa frente de leste foi onde morreram três vezes mais russos às mãos dos nazis, do que judeus (nos campos de extermínio em que ambos os povos fizeram a experiência do horror desencadeado pelas hordas “hitlerianas”)¹⁵⁵. Mas, no ocidente, a guerra tem sido “branqueada”, muito pela “pena” e pela confiança que os americanos “concederam” a um conjunto de generais alemães, de modo especial, ao assumidamente nazi, Franz Halder, que para o efeito reescreveu toda a história da mesma “frente de leste”.

O Figura 16 pode dar-nos conta das consequências do esquecimento da história, promovido pelos especialistas em soft power, pelo que é de ter em conta que **História e Memória** estão em tensão permanente. Quem contribuiu para a vitória sobre o nazismo? Atente-se à desproporção dos esforços assinalados no Figura em causa e as percepções atuais dos povos:

referida “amnistia preventiva, *ipso facto*, designá-lo-ia como culpado de (...). O que se esconderá por detrás deste tão estranho indulto em favor de alguém apresentado sistematicamente de forma “angelical”?

¹⁵² Objetivamente, a URSS enfrentou um número 20 (vinte) vezes superior de divisões do exército nazi face ao que aconteceu com os EUA e seus aliados ocidentais.

¹⁵³ Ver como tudo nesta guerra era narrativa: <https://www.youtube.com/watch?v=E4Bdy5eWjKw>

¹⁵⁴ Ver o documentário do canal franco-alemão, Arte, sobre o que o povo sofreu (11 milhões de soldados mortos e 16 milhões de civis), resistindo, como podia, à dita “repressão mortal preventiva” dos exércitos nazis: *Arte en novembre 2024: «Opération Barbarossa – Au cœur des ténèbres / L'hiver» / ARTE*.

¹⁵⁵ Porque as pessoas têm tendência a só conhecerem narrativas holiudescas acerca da 2ª Grande Guerra, importa refeir que, nos combates da Alemanha nazi morreram seis milhões de soldados; que foram massacrados pelos nazis 21 milhões de soviéticos; e que nos campos de concentração nazis, foram mortos 11 milhões de pessoas, dos quais, quatro milhões eram judeus.

Inquérito de 1945:	O mesmo inquérito, em 2025:
1. A URSS, para 57% de franceses	1. Os EUA, para 54% de franceses
2. Os EUA, para 20% de franceses	2. A URSS, para 23% de franceses
3. O RU, para 12% de franceses	3. O RU, para 18% de franceses

Figura 26. Desproporção entre esforço de guerra e percepção das pessoas (General D.Delwarde, RI – 10/5/2025)

Nota: Importa anotar que, apesar da censura na França ocupada e de, após o fim desta, se ter instalado a narrativa americana, os franceses mantinham o espírito crítico. Agora, quando os franceses estão muitíssimo mais escolarizados, não há censura e os números mostram o esforço de guerra respetivo, EUA vs URSS (de 0,3% para 15% da população), é o se vê!

A história faz-se a partir de factos, de números, de fontes/documentos e de arquivos, ao contrário da memória (volátil e manipulável) e a verdade virá sempre “à tona”.¹⁵⁶

Concluímos este ponto, advertindo que, de acordo com Miles e Huberman (1986), uma utilização das técnicas de análise de conteúdo adequadas do que se considera serem os factos, parece assentar em duas vertentes cumulativas e complementares:

- uma postura cognitiva eminentemente crítica, por um lado;
- uma apetência e uma qualificação académica forte, para conduzir uma avaliação sistematizada das fontes e da informação em análise, assim como uma síntese, tão isenta quanto possível, baseada nos factos disponíveis.

1.4 Formulação da Hipótese de Base

Sabem, a soberania é uma coisa muito importante, ela deve estar no interior, no coração.

Eu penso que nos anos do pós-guerra, foi-se arruinando, no seio dos povos, o sentimento da sua pátria e da sua soberania.

(Vladimir Vladimirovitch Poutine – 19 dez, balanço do ano de 2024)¹⁵⁷

O mundo unipolar, erguido contra a emergência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) como superpotência de equilíbrio, assentaria, progressivamente, de acordo com a aproximação que propomos, em quatro pilares-base:

- o primeiro, e mais importante, ao serviço do qual todos os restantes se perfilam, o dólar, com as instituições de suporte, Banco Mundial (BM) e Fundo Monetário Internacional (FMI)¹⁵⁸;

¹⁵⁶ A título de nota, lembramos que na zona ocupada pelo exército nazi, de 3 milhões de judeus a URSS conseguiu fazer sobreviver 2 milhões através de diversas estratégias. Em contrapartida, na zona ocupada pelo exército nazi na zona da Polónia de 3 milhões de judeus apenas sobreviveram 50 mil. A reposição da história é tanto mais importante quanto numa votação no Parlamento Europeu se assinalou nazismo e comunismo como se fossem a mesma coisa.

¹⁵⁷ Ver: <https://reseauinternational.net/bilan-de-lannee-2024-avec-vladimir-poutine/>.

¹⁵⁸ Passados 80 anos de movimento hegemônico e globalista, cerca de 3,5 mil milhões de pessoas, ou seja, 44% da população mundial, continuam pobres, após décadas de empréstimos maciços do Banco Mundial/FMI. E uma das principais razões para isso é que os programas do Banco Mundial/FMI criaram pobreza em vez de aliviá-la.

- ii. o poder militar americano projetado por todo o mundo, em torno da URSS;
- iii. os serviços secretos (CIA e aliados, como o britânico MI6) com a missão de sabotarem qualquer tentativa de algum estado se aproximar das posições adversas aos interesses do poder financeiro dominado pelos interesses “sionistas”;
- iv. e as ONG’s encarregadas da propaganda e do controlo do poder das elites, rigorosamente selecionadas e controladas para se não desviarem do modelo daquilo que iremos definir como “democracia” ao serviço de uma “ideologia neoliberal”, “globalista”¹⁵⁹ (assente, inclusive, na primazia da língua inglesa).

Vejamos, entretanto, a título de exemplo (Figura 27), um exercício de prospetiva do FMI¹⁶⁰:

66

	Previsões	Crescimento	Análise dos dados: - Em quantos grupos se divide a Figura? - Quem (e porquê) obteve previsões favoráveis?
E.U.	1,6%	0,8%	
França	11,6%	0,1%	
Alemanha	1,4%	-0,2%	
Itália	0,8%	0,6%	
Japão	0,9%	-0,2%	
Canadá	1,5%	1,3%	
E.U.A	1,0%	2,8%	
Rússia	2,1%	3,8%	
China	4,5%	4,8%	
Brasil	1,5%	3,7%	

Quem é, em primeiro lugar, o + destinatário das previsões: o investidor.

Figura 27. Estado atual da economia mundial (projeções/dados do FMI de 17 jan. de 2023/25)

A Figura parece-nos esclarecedora, dispensando comentários, salvo que desvalorizou sistematicamente os BRICS+ e valorizou, em contrapartida, as previsões dos países ocidentais, com exceção dos EUA (cujo crescimento se pode ter ficado a dever às perdas dos restantes países ocidentais). Porquê? A questão é, evidentemente, relevante porquanto os interesses dos EUA, nesta fase do fim de ciclo longo tal como o temos apresentado, podem divergir dos restantes países ocidentais.

Para sustentar a hipótese de base que avançámos, propomos um conjunto articulado de trinta conjuntos de “proposições” relativas a factos (selecionados), cuja exposição obedeceria aos princípios definidos pela investigação qualitativa da “arte da narrativa” suscetível de uma posterior análise de conteúdo temática.

Como se verá, o termo “narrativa” irá aparecer no texto como uma técnica de escrita de factos selecionados, mas, também, dependendo do contexto, associado a propaganda.

Aprender a distinguir os dois significados, é igualmente uma das finalidades do texto, uma vez que não é possível apresentar factos sem uma (qualquer) estratégia narrativa, cuja compreensão seria um “dever” de literacia e de cidadania, no contexto do nosso tempo, de acordo com Baud (2020).

¹⁵⁹ Veja-se a razão que leva a administração Biden a interditar a plataforma “Tic-Tok”: esta deformaria a “informação em favor do povo palestiniano”! Desafiamos o leitor a sinalizar uma “desfaçatez” maior acerca das qualidades da dita defesa da democracia ocidental!

¹⁶⁰ Os dados primários foram coletados a partir de um estudo sobre o doc. original, pelo Gen. D. Delaware.

2. Investigação Empírica

Os 30 passos de um percurso reflexivo (lógico-cronológico) proposto à discussão ou à análise de conteúdo crítica e impressiva

Se não fores cuidadoso, os jornais vão acabar por fazer-te odiar as pessoas oprimidas e adorar os opressores.

Malcolm X (1925-1965), (ativista dos direitos dos negros).

67

O cuidado que o grande líder americano nos recomenda tem mais a ver com uma abordagem científica do que meramente voluntarista; mais contida e refletida do que emotiva e ligeira. O que o leitor vai encontrar nas páginas que se seguem começou a ser escrito há cerca de um ano, na sequência de interações com colegas docentes e com estudantes, desde 2014, em coincidência com o golpe de estado na Ucrânia e que lançou o país na via de uma situação de autêntica explosão em termos de país. Numa conferência proferida no ISCSP/Ulisboa, apresentava uma análise do conflito entre a economia financeirizada e a economia ao serviço de interesses partilhados pelos atores pertinentes (para retomarmos os termos de Michel Crozier). Nessa conferência apresentava os passos para a constituição da aliança económica entre os países os BRICS, sob o signo da esperança numa evolução da gestão das empresas e da economia dos países, em ordem a um mundo mais justo e solidário, a prazo, mas a curto prazo, anuncia-se um mundo de conflitos dramáticos e perigosos, na sequência das crises da Jugoslávia, do Médio Oriente, da Geórgia, da Líbia, de novo da Palestina e da Síria e, naquele mesmo ano, na Ucrânia.

Sofremos durante estes anos o sofrimento dos povos russófonos do Donbass e dos opositores ao regime nazi ucraniano, no “quase-silêncio” em que foram “enfiados” os portugueses. Descobrimos as plataformas de informação livre, guiados unicamente pela nossa curiosidade. Vieram as crises climáticas e da Covid, acompanhámos a formação de plataformas de informação independentes do “papaguear” dos *mass media* tradicionais. Saudámos, enfim a tardia decisão de intervenção humanitária por parte da Federação Russa, em 24/2/2022. Desde esse dia fomos acompanhando, ao dia, a guerra interminável, sempre procurando informação livre e recorrendo apenas a fontes abertas e acessíveis ao cidadão vulgar, começando, entretanto, a estruturar o texto que aqui propomos à reflexão do leitor.

Selecionámos, entretanto, os passos a dar nesta procura compreensiva do que estava em causa, como anunciamos acima, e que se especificam nas páginas seguintes, ao mesmo tempo que fomos consolidando as hipóteses subjacentes e as explicações que considerámos adequadas e satisfatórias.

Como, entretanto, se nos impõe falarmos do contexto do “nascimento” desta fase hegemónica do imperialismo comandado pelo capital financeiro apátrida, parece-nos fazer sentido refletir em breves momentos sobre os sobressaltos advindos no Sub-Continente Indiano, no âmbito desta transição de impérios. Trata-se de uma região “focal” como se verá, quando propusermos a rearrumação dos pólos de desenvolvimento, no final do texto.

Lembramos, pois, que todo este ciclo longo de 80 anos de financeirização da economia do mundo começaria com os acordos de Bretton Woods (1944) e com as instituições que lhe estão associadas:

- i. as relativas à ordem internacional das relações políticas e comerciais entre estados (ONU e suas organizações);

- ii. as instituições ligadas ao desenvolvimento socioeconómico, das quais se destacam o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, aos quais se viria a juntar, desde 1947, aquela que viria a ser a OMC¹⁶¹. Este ano de 1947 seria crucial para a consolidação da substituição do império britânico pela solução hegemónica americana que estava a nascer com Bretton Woods. Efetivamente, 1947 seria o ano da independência da Índia e do Paquistão, os principais países do designado império britânico das Índias (o qual englobava muitos mais países, desde a Malásia e da Birmânia aos Emirados Árabes Unidos) e que constituiria um dos primeiros ensaios, no mundo, da supremacia da finança sobre a economia. Este movimento, como diz Th. Meyssan¹⁶², teria como principal consequência o empobrecimento global, atroz, da Índia, um país riquíssimo antes da chegada dos britânicos. Na sequência da independência, o RU tem desenvolvido uma política de caos para a região, impedindo, objetivamente, qualquer movimento coerente de aproximação entre os países da sub-região indiana. É curioso verificar, entretanto, que o autor associa o próprio Mahatma Gandhi a este movimento desintegrador, tal como Muhammad Ali Jinnah. O certo é que teria sido o próprio império britânico (Shabbir et al., 2021) a alimentar o clima de ódio “verdadeiramente irracional” que grassa, nessa sub-região da Ásia, desde os dois dias de ódio do pós-independência (dois milhões de mortos), até aos atentados ferozes da atualidade. Felizmente, dizemos nós, o Paquistão (entretanto desprovido de munições enviadas à Ucrânia) sabe perfeitamente que a Federação Russa, sendo um tradicional aliado da Índia pode desempenhar um papel de mediador fiável e, em função disso, atuou em conformidade (como, desde há muito, explica o Cor. J. Baud)¹⁶³.

2.1 O “Dólar-Padrão-Ouro” – Uma Moeda Pretensamente “Oferecida” ao “Mundo Livre”

O Clube de Bilderberg é constituído por uma “elite” formada por alguns dos homens mais ricos, poderosos e influentes do ocidente que se reúnem secretamente para planejar determinados eventos que depois (...), simplesmente, acontecem.

(Daniel Estulin, que cita a revista The Time, 1977)¹⁶⁴

O “Clube/Grupo de Bilderberg” seria criado, após a 2^a Grande Guerra, como um complemento político da moeda “global” saída dos “acordos” de Bretton Woods, em 1944, (promovido pelos EUA, que então representavam cerca de 50% do PIB mundial)¹⁶⁵. É de salientar que esse projeto consistiria em procurar indivíduos disponíveis e capacitados para

¹⁶¹ Organização Mundial do Comércio (OMC) é uma instituição criada com o objetivo de supervisionar e liberalizar o comércio internacional. Esta foi formalmente criada oficialmente em 1 jan de 1995, com o Acordo de Marraquexe, em substituição ao Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), que começara em 1947. Importa referir esta instituição fundamental para a vitória do comércio sobre a guerra, num momento em que o ocidente parece não mais se interessar por esta sua tão emblemática criação, porque ela estaria a favorecer o desenvolvimento da China.

¹⁶² Ver: <https://reseauinternational.net/ou-va-ce-monde-avec-thierry-meyssan-et-valerie-bugault/>

¹⁶³ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=guWc1sd2p0I>

¹⁶⁴ Estulin (2005).

¹⁶⁵ Analisem-se os termos da “narrativa” oficial originária do Secretário de Estado dos EUA (C. Hull) amplamente divulgados em todas as plataformas de informação: os acordos visam o desenvolvimento de um comércio associado a uma paz durável; por sua vez, a opção por tarifas alfandegárias elevadas, barreiras pautais ou incentivos injustos, conduzem à inveja e à miséria económica o que necessariamente à guerra.

“fazer um bloco” coeso e compacto para defender a narrativa (“ocidental”)¹⁶⁶. Contava-se, já então, com a força de comunicação de todo o tipo de *mass media* para criar uma “verdade” tida por inquestionável¹⁶⁷, segundo a qual os EUA e a NATO seria o “bem” e a URSS (redefinida, em consequência, agora, como a Federação Russa) seria o “mal”. Esta, porém, não seguiu a via que lhe fora proposta, no tempo de Yeltsin, de “lacaio do ocidente”, quando 9 milhões de russos morreram de fome e a esperança média de vida recuou de 12 anos.

A estratégia comunicacional dos EUA, por seu lado, tinha sido desenvolvida na sequência de “Pearl Harbor” (dez. 1941), pelo presidente Franklin Delano Roosevelt, por forma a ganhar o país para a luta contra o “inimigo” “designado”, dos aliados (a Alemanha, para em seguida, indicar com o dedo, a URSS e depois a Federação Russa).

Tudo teria começado, pois, com esta criação do Office of War Information (OWI), sob a direção de Elmer Davis, antes da criação da maior rede de guerra psicológica que o mundo conheceria e cujo expoente seria a famosa USAID (com mais de setecentas agências de desinformação em todos os países e mais de 6.000 “jornalistas”), transformados em “idiotas úteis” (Del Valle, 2000), vagamente esquerdistas, pagos, precisamente, para repetir, ponto por ponto, as narrativas previamente preparada, quer se trate das “histórias fantasiosas que parecem funcionar sempre” (graças a um orçamento de cerca de 43 mil milhões de dólares). Tenhamos presentes, a este propósito concreto, as já longínquas “patranhas”, (para lhe não chamar crimes de limpeza étnica comandadas pela NATO) da ex-Jugoslávia para esconder as verdadeiras intenções das operações secretas para desenvolver a futura base americana do Kosovo, das “inventonas”, da “Omerta” mafiosa sobre o Iraque ou a Líbia, assim como sobre os “perigos” da Covid, ou, enfim, das guerras (re)ditas como “não-provocadas” de Israel ou da Ucrânia¹⁶⁸. Ainda hoje, pasme-se, os jovens “ativistas pela liberdade” na, anteriormente “bombardeada Sérvia”, são generosamente financiados com três mil milhões de dólares para ignorarem as barbaridades dos anos 90 ou o separatismo do Kosovo, para esconderem de onde vem o dinheiro ou, enfim, para fazerem uma “revolução” em defesa dos valores “woke” doentia e satanista e derrubar o presidente eleito. O mesmo se passa na Geórgia ou na Eslováquia, entre uma legião de casos¹⁶⁹.

Importa notar que esta agência (subsidiária da CIA), dita de “benfeitoria” era destinada a procurar agir às claras, enquanto, em paralelo, teria sido criado o *Office of Strategic Services* (OSS), dirigido por William Donovan, este para se consagrar às operações secretas de espionagem, à desinformação e à manipulação psicológica, bem como, evidentemente, às intervenções armadas diretas ou através de grupos “às ordens” (como são, do nosso ponto de

¹⁶⁶ Podemos falar em “narrativa” quando se imagina que bastaria “dizer” para que as coisas aconteciam, de forma quase mecânica, como aconteceria na fórmula “declaro-vos marido e mulher” e o casamento torna-se realidade, tal como, de forma inversa, se nada é dito seria porque não aconteceria (como se presumiria pela evocação de J. Austin, em função da citação de uma obra sucessivamente reeditada e traduzida em todo o mundo). Ver a versão em português na Bibliografia: Austin (1990).

¹⁶⁷ Todos os dias do ano, a Emissora Nacional (antecessora da Antena Um) salazarista intercalava um *leitmotif* que “rezava” assim: “a verdade é só uma e Rádio Moscovo não fala verdade”.

¹⁶⁸ Como se as guerras nascessem a partir do nada, mesmo se, vindas da URSS ou da Federação Russa, como tem por hábito, dizer, a Profª Caroline Galacteros: <https://www.youtube.com/watch?v=ydUZrRdt8B4>.

¹⁶⁹ Mas a USAID é apenas uma das muitas agências para o controlo das “narrativas” do império, em todo o mundo, em que apenas para os *media*, diretamente, chegaria a mais de 250 mil milhões de dólares. O novo presidente (ele próprio uma das vítimas, entretanto bem informada, do imenso exército financiado de “*fact-checkers*”) e a sua equipa, pretende, no mínimo, que estes financiamentos sejam conhecidos, e que a sua ação se torne mais “clara”.

Ver detalhes num vídeo extraordinariamente documentado: <https://reseauinternational.net/scandale-usaid-des-fact-checkers-a-letat-profound-tout-le-monde-est-mouille/>. Importa, agora, continuar a estar atentos ao que se vai revelando, ao futuro destes financiamentos e às operações clandestinas (incluindo treinos de tortura), contra governos e movimentos de resistência ao império, estrangeiros, sempre “em nome da democracia”, evidentemente.

vista¹⁷⁰, os mais diversos movimentos integrados no designado “Estado Islâmico”, como acaba por reconhecer um homem de estado americano, o senador Scott Perry).

A URSS e a sua herdeira natural, a Federação Russa (colocada, entretanto, na situação de inimigo global), representaria ainda, nesta guerra da comunicação, o atraso económico perene. Como guarda avançada na guerra comunicacional, eram colocados os indivíduos “convertidos” em pertença ao “clube”, sendo-lhes garantida a segurança material durante toda a sua vida. Em contrapartida, cada um dos “eleitos” deveria refletir, sobre a base de um texto já preparado, sob uma orientação de tipo militar, fielmente a “realidade americana”, sem falha, mesmo em pequenos detalhes.

A economia “mundial” do pós-guerra que se preparava, seria “brindada” com três “joias” (?) integradas e complementares, orientadas para a dominação internacional incontestada da potência hegemónica:

- i. o dólar, de que se falará, adiante, neste texto, de maneira desenvolvida;
- ii. a segunda, prende-se com a “ajuda” às economias destruídas pela guerra, o tão decantado e, efetivamente, interessante “Plano Marshall”¹⁷¹, muito embora fosse assumidamente anti URSS, com o qual se iriam acentuando as ruturas entre os antigos aliados que acabavam de vencer o nazismo;
- iii. enfim, uma política de sanções económico-financeiras, orientada, à margem do “direito internacional”¹⁷², contra qualquer país suspeito de favorecer uma redução das tensões antissoviéticas, mesmo no caso de ela ser mínima, como viria a acontecer com a Suécia de Olof Palme!

O mesmo se passaria, em África, nos Camarões, com a execução de Ernest Ouandié (1971) e o “nascimento” de uma “nova narrativa” visando a libertação face às elites neocolonialistas locais (às ordens do comissário francês Jacques Foccart). Quantas pessoas foram e serão ainda “sacrificadas” em nome do “medo dos russos”? O truque funciona, de Salazar a Macron, no duplo sentido, como no caso do herói africano: “é um agente russo”; “denunciou os seus camaradas”. E, para nosso “mal”, tudo indica, que o “truque das mentiras” irá continuar, sobretudo, aqui, numa Europa submissa às elites”, mas, cada vez mais, condenada à insignificância!

O resto do mundo continuará na senda da independência e na reposição dos factos. E. Ouandié seria proclamado “Herói Nacional dos Camarões” em 1991, com todo o continente a recordar a frase, que ficaria para sempre, do momento em que, recusando a banda nos olhos, disse: “outros continuarão o combate”¹⁷³.

(Dominância da narrativa).

¹⁷⁰ Nem toda a gente defende, como é evidente, este nosso ponto de vista, tal como defende um homem alinhado, na perfeição, como, por exemplo, Alexandre Del Valle: https://www.youtube.com/watch?v=UbeHxG_LLqk
Ver a intervenção do senador Scott Perry: <https://reseauinternational.net/le-senateur-scott-perry-affirme-que-ladministration-americaine-via-lusaid-a-finance-boko-haram-daech/>.

¹⁷¹ Trata-se de um pacote financeiro que nessa altura chegaria a algo como cerca de 200 mil milhões de dólares, acusado, por Michelon (2024) como uma “armadilha da dívida” para os países ocidentais que embarcaram na aventura. Quando a China viria a lançar a iniciativa das “Novas Rotas da Seda”, logo os *mass media* começariam a “acusar” este país de querer arrastar os países para uma “armadilha da dívida”. O autor falaria a este propósito como o de “uma inversão acusatória” que nega à China o direito de propor “parcerias mutuamente ganhadoras”, ao invés do que fizera o ocidente, antes.

¹⁷² As sanções apenas seriam válidas, quando decretadas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas. Ao fazê-lo contra Cuba, por exemplo, os EUA e o seu braço armado (os países da NATO) colocam-se à margem da ordem internacional baseada no direito internacional, efetivamente. Quando se está contra a “ordem internacional” assente sobre instituições legítimas da ONU, pode acusar-se o ocidente coletivo de avançar, sem qualquer limitação, com uma segunda noção de “ordem internacional”, (mas) baseada nas suas próprias “regras” impostas.

¹⁷³ <https://t.me/camerounmagazine>

2.2 O “Grupo de Bilderberg” e a Experiência-Base do Controlo da Democracia Versus o Soberanismo (Servido por um Governo – “Ministros” - Que serve o Povo)

Muita gente acredita que nós, os Rockefeller, fazemos parte de uma cabala secreta, que trabalhamos contra os EUA, e que conspira para estabelecer um regime político e económico global, destinado a substituir as nações.

Se é essa a acusação (...), então eu sou culpado e orgulho-me de ser.

David Rockefeller (2002)

71

Como pode constatar-se, a grande Oligarquia Globalizada não esconde o seu propósito profundo!

Vejamos uma obra emblemática (Figura 12) em que são expostos à nossa consideração os padrões de conduta de organizações orientadas para a perpetuação da hegemonia (cujo modelo neocolonial e neoliberal assentaria no estabelecimento de relações de tipo “ganhador-perdedor” que designaram como “Globalização”). Para que os povos frágeis se desenvolvam é necessário que os fortes sigam sendo ainda mais fortes. Os defensores do modelo não hesitam em confessar o bem-fundado deste modelo de desenvolvimento assimétrico, como o único viável (Lopes, 2012).

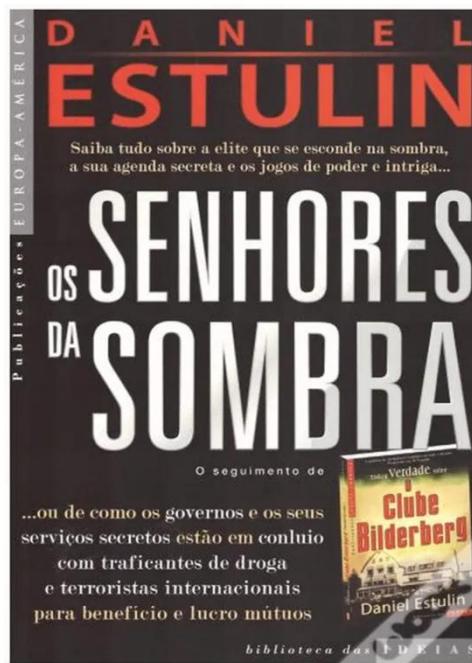


Figura 28. Os Senhores da Sombra; Daniel Estulin

Nesta obra, que reputamos de verdadeiramente extraordinária, de investigação documental, Estulin (2010), um autor já acima referido, propõe-nos o *modus faciendi* da ação do Clube de Bilderberg, na retaguarda de governos, de serviços secretos, de líderes de opinião e de administrações de grupos empresariais, assegurando a sua eficaz cooperação. Mas, o autor convoca, em seguida, como se vê na capa do livro, o acesso livre ao clube por parte de chefes de gangs da droga e do terrorismo internacional! Afirma textualmente que são eles, os Senhores da Sombra, como os denomina que “criam a realidade”, que classificam os líderes em “bons” ou “maus”, que decidem quais as eleições que são “livres” ou, “fraudulentas”, que decidem

quem se pode apropriar dos meios financeiros dos estados, quem são os “corruptos”¹⁷⁴, ou quais as empresas que podem ser financiadas, tudo em nome da “liberdade e da democracia”.

Um espanto!

Acerca dos membros do grupo de Bilderberg (120 personalidades influentes, 11 de quase todo o mundo), importa saber que todos deverão, em primeiro lugar, para além de conversarem em torno de relatórios “científicos” (!) e de conviverem em ambientes geradores de confiança, eles terão, igualmente, a incumbência de prepararem o que designam de renovação das “elites”, nomeadamente, sugerindo nomes de jovens futuros líderes. O grupo é atualmente codirigido por Marie-Josée Kravis (do conselho de Administração de uma das agências de publicidade mais influentes do mundo, a Publicis), bem como por Jens Stoltenberg, ex-mandatário da NATO durante todos estes anos da crise ucraniana (2014-2024). O curioso é que um estudo de 1975¹⁷⁵ recomendava que era possível que em função de “excessos de liberdade” o ocidente deveria orientar-se para uma situação de mais autoritarismo.

(Elites locais).

72

2.3 O papel dos Serviços Secretos e de Organizações Similares

Retomando as hipóteses anteriormente formuladas, importa referir que a seleção das elites é rigorosamente controlada. Assim, quem entra neste tipo de clubes (de Bilderberg, da Trilateral, do designado programa “*Young Global Leaders*” associado ao Fórum Económico Mundial – o WEF), ambos capitaneados por Klaus Schwab, ou, ainda, da Open Society de (G. Soros¹⁷⁶) deverá “reconhecer-se ou melhor dizendo ser reconhecido”, sem alardes. Vejamos o que se passou já em 2025: Klaus Schwab, em Davos, conseguiu a proeza de juntar na mesma mesa Tony Blair (ex-primeiro ministro do RU e invasor do Iraque de Sadam de parceria com Aznar, Durão Barroso, acólitos de G. Bush), e o cofundador do ramo sírio da Al-Qaeda, e atual dirigente da sua filial Al-Nosra (conhecida pelos “cortes de gargantas” de “inimigos” religiosos, em público e celebrados em vídeos), o célebre Assaad Hassan el-Chibani¹⁷⁷. Não será demasiado evidente que são “todos ramos da mesma cepa”? Ou será que lhes poderíamos aplicar a máxima segundo a qual “teriam perdido toda a vergonha” e que “com a verdade nos enganam”?

Mas, como é que um determinado ser se converte num “escolhido” (aprovado/confirmado)¹⁷⁸? Há uma condição “discreta/secretaria”: (...) tendo em atenção o parecer dos serviços secretos dos países aderentes. São estes serviços que, por sua vez, deverão, enfim, validar os respetivos nomes e CV’s, junto da CIA. Isto é, quem quer que seja escolhido, poderá, apenas, vir a ser convidado (pela iniciativa de um outro, anteriormente “escolhido”). É com base no poder de proposta, no âmbito de um qualquer *fórum*, que se pode atingir o estádio

¹⁷⁴ Ver o que dizem alguns ex-amigos ucranianos de V. Zelensky, sempre sob cobertura da narrativa, naturalmente. afirmam que entre 40 a 70% do dinheiro da ajuda, iria para ele ou para os amigos. Ver, para aprofundamento: <https://www.youtube.com/watch?v=XZSG7Q1XhvW>

¹⁷⁵ Michel Crozier, Samuel P. Huntington e Joji Watanuki escreveram em 1975 um relatório para a Comissão Trilateral sobre a Crise da Governabilidade das Democracias.

¹⁷⁶ Kerlirzin (2019), fala deste pseudo filantropo, como de um protetor de pedo-criminais, disfarçados de Figuras de ONG’s. O autor deste texto foi testemunha de uma acusação, confirmado esta denúncia nos mesmos termos, feita por uma responsável religiosa, em Moçambique.

¹⁷⁷ Ver: <https://reseauinternational.net/wef-post-mortem-le-declin-et-la-chute-de-lhomme-de-davos/>.

¹⁷⁸ Efetivamente trata-se de escolher “Figuras” que em cada país irão decidir sobre a internacionalização de empresas de sectores críticos, pelo que não seriam selecionados senão os “escolhidos”, tal a magnitude e a delicadeza das questões a abordar. Para que nada falhe, uma “Direção-Geral da Internacionalização”, dotada sistematicamente de uma elevada autonomia, com este ou com designações equivalentes, têm sido criadas, de forma sucessiva em diferentes países europeus.

para receber a menção de (...) “por indicação”. E se receber um, posterior, “convite” final, poderá nesse caso vir a reunir as condições para ser convidado.

Trata-se como se vê de um verdadeiro e complexo sistema de “cooptação”, começando por passar-se, por sistema, por uma fase de iniciação que irá traduzir-se por uma bolsa de estudo, (...) a fim de que tudo possa ser devidamente filtrado.

No início de 2020, de acordo com o Prof Ch. Gave¹⁷⁹, praticamente todos os líderes da UE e dos países europeus teriam já passado pelo crivo da organização dos *Young Global Leaders*. Se algo pode ter estado a correr mal, não tem sido por falta de controlo das “elites locais da UE”. “Todo o poder foi concedido” às instâncias patrocinadas pelas forças da “globalização neoliberal”. O que é que estaria em causa para que se tivesse implementado um tal vórtice controlador?

A hipótese de Todd (2024) é a de que essa “elite euro-globalista” necessitaria da guerra para manter os povos no medo e na impossibilidade prática de ter de prestar contas da sua completa incompetência na gestão da “res” “pública”, nomeadamente da crise da Covid (não conseguiram manter totalmente a população na ignorância infantilizante), mas que teriam, entretanto, que “prosseguir” a “procura da sua própria morte” na Ucrânia. É uma ideia que nos parece merecer atenção se, como diz o autor, a UE necessitaria, de forma patológica, de expropriar o leste europeu da sua mão-de-obra qualificada.

Vejamos um breve resumo do estádio atual da situação, tal como estava a ser preparado para o “Forum de Davos” de 2025. Não contavam, certamente que esta sessão iria decorrer já sob a presidência de D. Trump (uma vez que este já declarara em 2016 que o futuro não pertencia aos globalistas, mas aos soberanistas). Que nos preparavam, pois, os globalistas para este ano de 2025:

- i. os centros de investigação europeus, e suíços em particular, estariam a ser preparados para competirem com os laboratórios californianos no que respeita à inventividade, ultrapassando os limites do que é possível na biomedicina e as terapias genéticas “personalizadas”, pelo que estariam, efetivamente, a passar já do campo experimental para a clínica;
- ii. as primeiras próteses biónicas impressas em 3D estariam, entretanto, a transformar o futuro da medicina regenerativa;
- iii. essa aceleração tecnológica estaria, necessariamente, interligada com a emergência ambiental, pelo que as soluções de energia verde, impulsionadas por grandes avanços no armazenamento de energia, estariam a emergir como o novo motor do poder económico;
- iv. as nações que dominam essas tecnologias emergentes moldariam, naturalmente, o equilíbrio de poder do amanhã, relegando, em consequência, as fricções comerciais atuais ao status de insignificantes escaramuças, obsoletas.

Surgem algumas questões:

Será esta uma perspetiva coerente, aberta ao mundo ou estaria ela plena de contradições e seria, apenas, no fundo, um programa de manutenção da hegemonia ocidental? O futuro estaria no desenvolvimento humano ou na disruptão tecnológica? Haveria compatibilização entre os dois mundos? As respostas condicionam o contexto do futuro imediato que nos aguarda.

¹⁷⁹ https://www.youtube.com/watch?v=YYcc_3OeR6c.

(Contexto das fontes de informação).

2.4 O Papel de Israel enquanto Força de “Divisão” do Império Otomano¹⁸⁰; uma Situação/Narrativa pensada desde o Séc. XIX

Retomando o percurso cronológico, sublinhe-se que, desde 1947 (contra a opinião da CIA, de resto, que via o perigo para a região de um estado “sionista”, em nota endereçada ao presidente H. Truman, a 5 de outubro desse mesmo ano), com um argumento curioso: um estado sionista neste território multiplicará atentados terroristas e atribui-los-á aos árabes (Baud, 2003). Entretanto, a entidade que temos vindo a definir como “o império” (na sequência da proposta terminológica de Emmanuel Todd), apesar das advertências da própria CIA, passaria a dispor, no Médio Oriente, de um “posto avançado”, disposto a todos os atropelos ao direito internacional. Assim, graças a H. Truman e à passividade cúmplice de todo um “ocidente coletivo” pós-cristão que teria adotado o culto do “todo poderoso” “deus” (Mamon ou Mamom) da finança internacional, um estado ilegal e terrorista, capaz de organizar atentados para os atribuir aos palestinianos previamente diabolizados, em termos de narrativa sempre “requestionada”, mas eficaz (RI, Quds News Network, de 22/02/2925). Porquê e até quando¹⁸¹?

É que o estado de Israel seria indispensável, no entender de H. Truman, para que o sistema americano pudesse ser, efetivamente, dominador em todo o mundo, e poder ter um estado “algo próximo de um estado pária”, onde os criminosos ao serviço dos EUA pudessem ter um refúgio seguro¹⁸², desde essas datas até aos nossos dias (Jacquemin-Raffestin, 2024)¹⁸³.

Este novo estado sionista, seria dotado, entretanto, em simultâneo, de um fortíssimo pendor militarista e de um capital moral que parecia inquebrantável (dada a comoção geral do ocidente, com a Shoá, o Holocausto sempre muito bem explorado para justificar a “colonização” da Palestina em vias de “teocratização”)¹⁸⁴. A nova entidade sionista era, entretanto, instituída com a função de salvaguardar os “lugares santos” (não, certamente, os lugares religiosos, alguns dos quais perfeitamente falsos como o celebrado “Muro das Lamentações”, uma construção romana, de acordo com as investigações de Laurent Guyénot¹⁸⁵). O novo território sagrado seria, antes, o das fontes do petróleo e do gás natural¹⁸⁶, assim como o canal de Suez, cuja segurança era suposto pertencer-lhes. Este continuaria a ser, efetivamente, franco-britânico-israelense, até que em 1956, o presidente egípcio, Gamal Abdel Nasser, acabasse por nacionalizar aquela via marítima, na ausência de uma eficaz oposição americana.

Note-se que o estado de Israel era reconhecido, apenas na condição da institucionalização de dois estados em paralelo: o estado israelense e o estado palestiniano. Os EUA, porém, e os seus aliados ocidentais, entendem que o “direito internacional” é ditado, apenas, pelas suas

¹⁸⁰ O império otomano que fora, desde o fim da Idade Média, uma terra de refúgio ideal do povo hebraico irá transformar-se num inimigo jurado, apoio-a-se, a partir daí, no império britânico (Hindi, 2024).

¹⁸¹ Ver a resposta de Sapir (2024).

¹⁸² Ver o vídeo do Prof. Ariel Umpierrez: https://www.youtube.com/watch?v=w0d1pamS_Sg

¹⁸³ O autor descreve em detalhe todos os meandros da guerra na Ucrânia, desde o reconhecimento pela NATO que foi ela que começou o conflito, até aos pormenores sórdidos do comércio de órgãos dos soldados caídos na frente.

¹⁸⁴ A criação de um estado israelense seria considerada um passo errado para o futuro dos EUA, pelo célebre general George C. Marshall, para quem a divisão do mundo árabe iria enfraquecer, a termo, a influência americana no mundo e a inauguração de um período de guerras sem fim, promovidas pelo sionismo satânico nas palavras do célebre rabino David Weiss. Ver também: <https://reseauinternational.net/george-marshall-sopposait-a-la-creation-disrael-mais-truman-a-cede-a-largent-sioniste/>.

¹⁸⁵ <https://reseauinternational.net/divine-ironie-le-mur-des-lamentations-est-celui-du-fort-romain/>.

¹⁸⁶ O leitor poderá apreciar a hipocrisia/cinismo dos que querem um mundo “descarbonizado”, mas que não hesitam em promover a eliminação das populações do Médio Oriente que podem prejudicar o seu controlo estrito das principais fontes de petróleo.

próprias regras (...), o que faz cair, progressivamente, o “capital moral” do ocidente, e de Israel. Chegamos, assim, aos nossos dias, sem que esse “estado sionista” tenha alguma vez cumprido uma só resolução das Nações Unidas, com as consequências (em termos de excepcionalismo) que se conhecem. Em paralelo, Israel (como os EUA) representa, hoje, não um símbolo de “sofrimento e de humilhação”, mas, exatamente, o inverso. Era o triunfo de um “messianismo” “pagão”, destinado a cobrir o papel de guarda dos poços petrolíferos, e por isso, profundamente anti profético (no sentido literal do termo, pois no Israel histórico todos os profetas foram assassinados). Nos tempos do pós-2^a Grande Guerra, o mito do povo eleito seria barbaramente construído sobre um povo sofredor e humilhado, o povo palestiniano (que só nesta guerra de 2023 sofreria mais de 200 mil mortos em Gaza). Anti profético, entendendo-se por este conceito que o estado de Israel deixará num futuro próximo de poder ser olhado pelo mundo, não como vítima, mas como carrasco. Nos termos de R. Girard, trata-se de uma inversão da posição de vítima (Girard, 1982), o que irá colidir inevitavelmente com a narrativa dominante do ocidente¹⁸⁷.

(Dominância da narrativa).

75

2.5 A Democracia sob Tutela

Sabem quando tomais o autocarro, onde fostes ao trabalho, onde dormistes, que outros telemóveis havia no lugar onde dormistes.

(Snowden, 2019)

Edward Snowden, um ex-agente da CIA, afirma na sua obra que deixou de trabalhar para o governo americano (corria o ano de 2013), e que agora se dedicaria a trabalhar para o povo, parecendo opor estas duas entidades de forma radical.

Com os anos 60, teria chegado à sua maturidade o tempo dos assassinatos, em série, dos considerados líderes “não-alinhados”, ou com projetos políticos de “evitação das escaladas”, quando teriam de mostrar-se indefetíveis do “império” (os irmãos Kennedy, Malcolm X ou Martin Luther King, e tantos outros menos mediatizados, nos EUA. Mas não poderíamos esquecer os casos não menos enigmáticos de Itália – a começar pelo máximo expoente do soberanismo, Enrico Mattei (1962), e a terminar com Luigi Daga, o vigésimo segundo magistrado a ser eliminado pela máfia ao serviço manifesto do poder da finança mundializada, no dia 26 outubro de 1993, ou, enfim, já este ano, Angelo Onorato, assassinado a 25 maio de 2024 – pelo crime de ser marido da eurodeputada soberanista Francesca Donato).

Em matéria de “controlo da democracia” em todo o mundo, importa lembrar que o processo começa sempre pelo “assassinato político”; mas se os visados não “obedecem”, passa-se a outros métodos. Bastaria para isso lembrar as eliminações (no sentido físico do termo) de líderes diversos, em diversos contextos, e a propósito dos mais diversos motivos, como Muhammad Mossadeq, Patrice Lumumba, Dag Hammarskjöld, Arbenz, Folke Bernadotte (o conde sueco, mediador da ONU para a Palestina, e assassinado pelos israelitas), Allende ou Olof Palme (profundo adepto da neutralidade como base de política internacional, como admite Tunander,

¹⁸⁷ <https://reseauinternational.net/le-grand-israel-et-le-machiah-victorieux/>; ver, para um cálculo rigoroso dos números: <https://reseauinternational.net/400-000-morts-a-gaza-le-chiffre-verite-dont-personne-ne-veut-parler/>.

2004), (Tunander, 2004), para falar, tão só, de alguns dos casos mais mediáticos¹⁸⁸. Quantos e quais estarão na calha dos meios da finança globalista? Em quantas ocasiões terão falhado?

Acerca desta problemática do controlo das elites locais, parece-nos importante atentar nas palavras de Patrice Lumumba, recordadas por Fidel Castro Ruz (a 27 março 2016), a propósito de palavras muito diferentes das de B. Obama, no final de um mandato que nada fez para levantar o bloqueio de Cuba (Castro, 2016). F. Castro, dirigindo-se ao Presidente americano, lembrou-lhe que atentasse nas palavras do famoso dirigente congolês, porque também “o povo cubano, tal como o povo americano, tem uma herança de escravos e de donos de escravos”, mas esqueceu-se de mencionar as populações autóctones. Porquê? Os índios massacrados pesam na consciência de B. Obama? Vejamos os propósitos, tão cruelmente atuais, de P. Lumumba. “Nenhuma brutalidade, maltrato ou tortura me dobrou, porque eu *prefiro morrer de cabeça levantada*, com fé inquebrantável e confiança profunda no destino do meu país, em lugar de viver na submissão e no desprezo de princípios sagrados. A história dirá um dia a sua palavra, mas não será a história que se ensinará em Bruxelas, Washington, Paris ou nas Nações Unidas, mas aquela que se ensinará nos países libertados do colonialismo e dos seus fantoches”.

(Elites locais).

76

2.6 A Educação/Formação como um Fator Crítico

A mão na pena vale a mão no arado.

(Rimbaud).

O maior problema do ocidente prende-se com a educação, com o sistema educativo, votado ao desprezo pelo movimento neoliberal, tudo sacrificando à cupidez do dinheiro, como refere E. Todd.

Nos EUA, desde 1965, um acontecimento maior ocorreria, e que não é mencionado por sistema, mas que se converte num facto maior, estudado por Todd, em duas das suas obras sucessivas (2002; 2024): ao mesmo tempo que se generaliza o direito de voto das populações marginalizadas, o nível educativo da população baixa, progressivamente, facto que se acentua, ainda, a partir da presidência de R. Reagan. Anote-se que, nos dias de hoje, 21% dos americanos adultos são analfabetos, 54% dos adultos têm níveis de alfabetização abaixo do 6º ano. Estes números são devastadores e são os de um país do terceiro mundo. Isto é uma emergência nacional e uma vergonha, como diz Todd (2024), e que Martyanov (2024), igualmente, confirma, na conclusão desta sua última obra.

Esse será um dos aspetos centrais que irá associar-se àquilo que Todd (2024) denomina de decomposição do sistema interno aos EUA, em termos intelectuais e morais (antes associados aos valores do cristianismo de matriz protestante). Esse declínio da “inteligência”, no que respeita à ligação às engenharias, em primeiro lugar¹⁸⁹, e que fez a força dos EUA, inclusive¹⁹⁰, seria mais acentuado do que o próprio sistema económico (sendo este uma consequência mais

¹⁸⁸ Estes foram substituídos por juntas militares claramente fascistas (as mais célebres das quais seriam as do Xá ou de Pinochet), sistematicamente apresentadas (em sede de narrativa pré-preparada). Se não podem contar com esse expediente militar, os EUA desencadeiam e avançam com a guerra aberta, sempre como os portadores da “liberdade” e do “bem”, com o propósito da manutenção do controlo financeiro sobre a economia (como patrocinava M. Friedman), como tem vindo a denunciar, de forma recorrente, o célebre J. Sachs que denuncia, igualmente, os custos astronómicos (e irrationais) para os EUA e para os povos de todo o mundo (ver textos do autor na revista *Common Dreams*, ou o extraordinário vídeo - <https://reseauinternational.net/la-politique-etrangere-americaine-une-arnaque-corrompue/>).

¹⁸⁹ O autor refere-se às designadas STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática).

¹⁹⁰ A Federação Rússia forma muito mais engenheiros do que a EUA, com menos de metade da população.

do que uma causa, e do qual se pretendem defender pelo “protecionismo”, todos, e pelo belicismo, uma parte dos políticos americanos)¹⁹¹.

(Elites locais).

2.7 O Padrão Dos Movimentos Designados Como “Revolução Coloridas”

O “eu é um outro”.

(Rimbaud)¹⁹²

77

Sem o outro, eu não sou, por isso devia dizer-se “pensam-me; não, eu penso”, diz o grande poeta, tão jovem e já dotado da capacidade de síntese que o elevaria ao topo da experiência humana. Julgamo-nos autónomos, mas somos sempre pensados por alguém.

Pergunta-se, pois, o que se propunham fazer, o que “pensavam”, os jovens do movimento “maio de 1968”?

O designado “maio de 1968” (um movimento – espécie de revolução arco-íris, *avant la lettre* - destinado a fazer frente ao Gen. Charles de Gaulle) obrigaria a ensaiar uma colocação da democracia sob controlo do *soft power* “americano” (antes, a base de uma sociedade fundada sobre as liberdades, mesmo que de forma aparente – espécie de dissidente útil), (Mark Twain dizia que a mentira pode fazer metade da volta ao mundo antes que a verdade se ponha a caminho, sempre em atraso e sem conseguir fazer a diferença). É ao longo dos anos 60, com os assassinatos acima referidos, que a narrativa se apurou: a primeira notícia acerca do “assassino do presidente Kennedy seria um agente “russo”. A suspeita estaria lançada e é isso que conta. Vejamos os cinco princípios básicos em que a narrativa propagandística assentaria, desde então:

- i. ocultar (ou nunca clarificar, de forma correta) os interesses económicos envolvidos;
- ii. ocultar a história (uma vez que, sem conhecimentos críticos, baseados em conhecimentos sólidos, sobretudo, nos domínios da geografia e de história, as pessoas ficam, evidentemente, vulneráveis à propaganda);
- iii. nunca hesitar em diabolizar¹⁹³ o adversário, (Alemanha em 1914, Milosévic, o perigo amarelo, o perigo russo), quando não, mesmo, qualquer contraditor, em contexto de um debate aberto;

¹⁹¹ Ver, para aprofundamento: Fernandes (2023). O autor situa esse golpe como correspondendo à queda da máscara dos EUA como “libertador” dos povos coloniais, ao contrário do RU, sempre ligado ao colonialismo.

¹⁹² Citado por Santos (2014).

¹⁹³ Os princípios da propaganda de guerra, descritos na obra de Anne Morelli, profa da Universidade Livre de Bruxelas. De acordo com a investigadora, esses mesmos princípios seriam os seguintes (Morelli, 2001):

1. Nós não queremos a guerra (não temos interesses económicos);
2. O campo adversário é o único responsável pela guerra (nunca deixando debater as causas históricas de uma guerra);
3. O inimigo tem um rosto de diabo (diabolização sistemática dos adversários);
4. Nós defendemos uma causa nobre;
5. O inimigo comete atrocidades, deliberadamente (culminando na inversão da opressão – é a vítima que é o opressor);
6. O inimigo utiliza armas ilegais;
7. Nós sofremos muito poucas perdas;
8. Os artistas e os intelectuais nos apoiam;
9. A nossa causa é sagrada;
10. Aqueles que põem em causa a “propaganda” são meros traidores (não se pode sequer dar-lhe a hipótese de poder debater).

Os mais importantes são os cinco seguintes: o 1, o 2, o 3, o 5 e o 10.

Poderíamos concluir estes pontos dizendo que só os diabos diabolizam, como admite Guingant (2024).

Atente-se nos números das eleições americanas de 2024 por parte dos principais meios de comunicação de massa (Mass Media - MM): K. Harris teve uma cobertura de 84% positiva e D. Trump, 89% negativa, de longe a mais desequilibrada da história. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=o0kkDy1q2Es&t=466s>

O descrédito dos principais MM é tal que a CNN, por estes dias, por exemplo, perde por dia algo como cinco milhões de \$ e começou a despedir trabalhadores em massa. As pessoas, para saírem da “propaganda”, orientam-se para os MM alternativos, graças a plataformas como Telegram

- iv. apresentar-se como vítima relativamente indefesa;
- v. impedir (ou no mínimo, manipular) o debate.

Tudo para quê? (É necessário seguir o percurso do dinheiro, o deus dinheiro!). Para conseguirem o que querem é necessário escutar Julian Assange. Diz que investigou todas as guerras que começaram desde há 50 anos, e todas começaram pela difusão de mentiras do tamanho do mundo (Villena, 2011).

É de salientar que existe uma fórmula para sabermos se a eficácia de uma narrativa se acentua ou se diminui, a qual formularíamos da seguinte forma: “a propaganda intensifica-se à medida que a fragilidade de uma ideia (de uma instituição, ou de um país) se acentua”¹⁹⁴.

(Dominância da narrativa).

2.8 O Poder do Dólar e o Significado da Aliança com a Arábia Saudita

A fragmentação da Síria e do Iraque em diversas regiões com base em critérios étnicos ou religiosos deve constituir, a longo prazo, um objetivo prioritário para Israel cuja primeira etapa seria a destruição do potencial militar (...)

Rico em petróleo e mergulhado em lutas internas, o Iraque está na linha de mira israelense.

A sua dissolução seria, para nós mais importante do que a da Síria, porque é ele que representa, a curto prazo, a ameaça mais séria para Israel.

(Plano do general israelita Oded Yinon – anos 80 – conselheiro do governo Sharon)

A situação atual do Médio Oriente sugere que as pessoas desses povos se deverão preparar para aguentar tudo e o mais que estiver para chegar, “por muitos e bons tempos”, pois haverá sempre a rede comunicativa ocidental a dizer que tudo o que eles “vivem” serve para se libertarem (se necessário contra eles próprios), dos seus governos tirânicos (Sadam, Kafafi, Assad ...)¹⁹⁵!

Em 1971, num momento marcado pelo aprofundamento da “derrota” dos EUA (que já se anunciava, desde 1968), no Vietname, chegaria o fim da ligação do dólar ao padrão-ouro, situação que se traduzia, por sua vez, num aprofundamento da ligação ao petróleo da Arábia Saudita¹⁹⁶ (como país líder da OPEP). Esta nova vida do dólar ficaria conhecida sob a designação de petrodólar. Esta situação aparecia (na comunicação social e nas diversas Academias) como uma solução de força americana, em lugar de se refletir sobre o facto de o dólar ficar em mãos árabes. Efetivamente, o “petrodólar” conduziria à inevitabilidade de apenas se poder comprar esse combustível fóssil em moeda americana, o que se constituiria numa faca de dois gumes. Como se sabe, o curso dos acontecimentos mostrava que nem tudo corria bem, supostamente por causa (?!)¹⁹⁷ das crises petrolíferas. Estas existiram, efetivamente (de 1973 – guerra do *Yom Kippour*, de 1978, revolução islâmica no Irão e 1983, guerra contra o Irão pelo

¹⁹⁴ X. As audiências de CNN, nos EUA passaram de 13 milhões em 2016 para 800.000, na atualidade. Veja-se o excelente vídeo: [CNN s'effondre et le journalisme citoyen explose! | Idriss Aberkane reçoit Alexis Poulin - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=54SFP77UTmE).

¹⁹⁵ Ver o vídeo de Richard Wolff: <https://www.youtube.com/watch?v=54SFP77UTmE>.

¹⁹⁶ Ver, para crer. Th. Meyssan descreve os métodos seguidos (qual o respetivo padrão) em todas as designadas revoluções-laranja, no mundo, mas sobretudo no Médio-Oriente. O caso da Líbia merece a mais profunda reflexão dos “democratas” ocidentais. Ouçam (...); vale, mesmo, a pena. O “padrão” foi experimentado na Jugoslávia e retomado a cada caso. Populações pacíficas afrontaram-se, sem saberem como. Talvez chegue, um dia não muito distante, este mesmo “padrão”, à nossa “velha” Europa, como começou a fazer-se, entretanto, na “nova” Europa: https://www.youtube.com/watch?v=CcKv0D_eGbo.

¹⁹⁷ Segundo o acordo, todo o petróleo vendido pela Arábia Saudita seria faturado em dólares.

¹⁹⁷ Gauthier (1988), bem como os autores em que se apoia, procura demonstrar, sem dúvidas que a crise económica mundial (que continuava), e que neste texto procuramos questionar, era bem o resultado das sucessivas crises petrolíferas acima referidas. Seria, pois, a dominação do Médio Oriente, pelo dólar, através do estado hebraico e, sobretudo, a resistência dos seus povos, que está na origem das mesmas crises petrolíferas que tanto afetaram a economia mundial, a que, entretanto, os BRICS+ pretendem pôr um fim.

domínio do canal Shatt al-Arab, formado pela junção do Tigre e do Eufrates), mas não explicavam tudo, como escreveria Todd (1976), sem que se lhe tenha prestado qualquer atenção. E. Todd, de facto, colocava em destaque a futura/próxima “implosão” da URSS, mas referia dados que mostravam que o declínio dos EUA era igualmente evidente (se bem que a opinião pública não tinha consciência do facto). Do nosso ponto de vista, entretanto, o que já se sabia (como diz E. Todd) indicava que, nesse mesmo ano de 1976, o pico de crescimento americano já ficara para trás e que não iria recuperar a força que mostrara nos trinta anos anteriores (os “trinta anos gloriosos”).

79

(Contexto das fontes de informação).

2.9 O Domínio Mundial pela Supremacia do Petrodólar

O petrodólar, nascido em 1974, pela mão do Secretário do Tesouro americano William Simon e do ministro do petróleo saudita, Ahmed Zaki Yamani, viria a ancorar o novo sistema mundial de comércio e investimento denominado em dólares. O acordo deveria vigorar até junho de 2024.

Vijay (2022)

A generalização da solução do “petrodólar” implicaria, como um efeito colateral, uma governação globalizada que se traduziria por uma sucessão de crises económico-financeiras, cuja história deveria poder ser contada, bastando para isso analisar os resultados económicos de um país como o nosso, desde 1963 até 2023. A evolução económica processa-se por efeito de saltos tecnológicos que promovem ruturas económicas com efeitos substanciais no emprego qualificado, deixando milhares de trabalhadores sem possibilidade de reciclagem no âmbito dos seus conhecimentos técnicos. Quanto mais se qualifica uma população mais o seu futuro parece ficar ligado a empregos precários e não qualificados (Doutorados e “uberizados”). Não tem sido frequente associar os dois fenómenos. O certo é que o movimento BRICS+ constitui-se como uma recusa explícita deste processo paradoxal da qualificação e da “uberização”. Sublinhe-se que desde os anos 60, os saltos económicos têm ocorrido nos anos 3 a cada 10 anos. No intervalo, anos 7 e igualmente a cada 10 anos ocorreram crises financeiras. Assim, a um ciclo de 5 anos de expansão económica seguem-se então outros 5 de recessão. O resultado tem-se traduzido em crises que afetaram inicialmente os países mais frágeis (por ex. Grécia e Portugal) para se instalarem atualmente em países líderes como a França e a Alemanha. As elites globalistas encarregadas de gerir este caos económico da economia financeirizada apenas se manteriam através de um salto no escuro como o do plano Draghi (uma federalização da europa?).

A solução petrodólar criada nas vésperas da grande crise 1973 não só não conseguiu evitar esta como potenciou as seguintes até aos nossos dias. Na sequência da crise económica de 2003 e sobretudo da crise financeira de 2007 os BRICS+ vão iniciar o seu próprio caminho para uma economia soberanista (entendida como não financeirizada).

(Fontes de informação).

2.10 O Controlo pela Narrativa Superiormente Coordenada pela Comissão Trilateral

Esta é a hora de pôr fim às lamentações pós-independência e começar a planejar maneiras de garantir a estabilidade global e a prosperidade geral para todos nós.

O primeiro passo, para o efeito, é o de restabelecer o imperialismo ocidental.

(Paul Johnson, Historiador, Manchester; falecido em 2023)

O medo global do que poderiam representar os movimentos de “maio de 1968” (com uma ação conjugada de elementos como é o caso da “educação baseada no método expositivo”, com a ausência de sentido da guerra no Vietname ou com a revolta da “nova” classe média dos países industrializados), levaria o “império”, expressão de que fala E. Todd, a aprofundar os mecanismos de controlo da democracia. A novidade é que, nomeadamente, passariam a imperar os mecanismos de controlo de tipo “soft power” (produção e adaptação de narrativas). No que respeita à coordenação deste novo poder, de pretender “informar” os cidadãos, pela propaganda, destaca-se o “papel” da “Trilateral” (um mix de clube inglês associado a um *think tank*)¹⁹⁸ pela criação do conceito de “ocidente”.

A Comissão Trilateral (CT) foi fundada em julho de 1973 (como uma filha do Grupo de Bilderberg e diretamente financiada pela Fundação Rockefeller), com a finalidade de fazer avançar, rapidamente, a “Globalização”, ainda em desenvolvimento, formada para reunir as três regiões “democráticas” e industrializadas com uma economia de mercado (Europa, América do Norte e Japão) e, com uma elevada discrição, minar a influência da URSS no seio da intelectualidade ocidental (Hoeveler, 2017).

Atente-se, pois, na forma como esta “organização” funciona:

- i. a sua ideia inicial corresponde uma estratégia de “sociabilização das elites”;
- ii. o fim seria o de criar “confiança entre membros”;
- iii. mas, em seguida, as pessoas seriam iniciadas na tarefa de “começar a produzir as ideias mais apelativas para as “massas”;
- iv. apresentar como “fim último, a celebração da “vinda” do novo mundo que iria suceder ao império britânico, enfim, “verdadeiramente” globalizado.

Enfim, situando-nos, agora, neste contexto que consideramos como o do fim de um ciclo longo, diríamos que a Comissão Trilateral atingiu, a finalizar, o seu ideal supremo com a narrativa “coidesca”. Efetivamente, o vírus da Covid-19 “executaria”, de forma surpreendente, as diretrizes da “teoria dos três T’s” (tudo mudar, tudo controlar, tudo orientar), definida, em 1973, por iniciativa dos principais líderes do grupo de Bilderberg e do seu Conselho de Relações Exteriores, entre eles Rockefeller, Kissinger e Brzezinski, nas palavras de Taieb Baiti (RI de 24/02/2025).

Estes últimos foram os “servidores” da estratégia “trilateralista” de derrota, primeiro da URSS pela sua separação da China, na era Nixon (Kissinger), ou da “explosão” da Federação Russa, na era Clinton (Brzezinski) e cujo fim estariam a viver. Vejamos como tudo foi pensado, ao pormenor, para manter o domínio do império financeiro (de Rockefeller e C’ia). Os dois estrategistas viveriam, ainda, o tempo necessário para verificarem o fracasso do plano a partir da 3^a etapa (exposta a seguir). O império continuaria com o plano, mesmo se “de olhos vendados”, na era Obama, até “bater na parede”. Com a chegada de D. Trump, o império muda ou não de rumo?

Retomemos o fio dos acontecimentos (segundo Serguey Glazyev, citado por Markku Siira, RI de 15/3/2025).

¹⁹⁸ Para aprofundamento, ver: Hoeveler, 2016.

Zbigniew Brzezinski conceberia uma “estratégia em cinco etapas” que se tornaram num verdadeiro guião de ação estratégica do ocidente coletivo para controlar a Federação Russa no período pós-Ieltsin:

- i. criação de um regime russófobo na Ucrânia;
- ii. preparar, a partir da Ucrânia, um conflito com a Rússia, com o fim de separar a Europa e a Rússia;
- iii. fazer cair o governo de Putin através de uma “revolução colorida”;
- iv. atacar o Irão;
- v. isolar, enfim, a China, impedindo-a de se tornar uma potência industrial (uma espécie de objetivo final).

81

Gal Luft, codiretor do Instituto de Análise de Segurança Global, dizia, em 2017, ao Wall Street Journal, que o mercado petrolífero, e por extensão todo o mercado global de commodities, é a verdadeira apólice de seguro do status do dólar como moeda de reserva. Se esse bloco for retirado do muro, o muro começará a ruir.

O autor da citação inicial deste ponto, um realizador de cinema e editor, diz que, reagindo à viagem do presidente chinês a Riad (2022), o porta-voz do Departamento de Estado dos EUA declarara que “não estamos dizendo aos países ao redor do mundo para escolherem entre os Estados Unidos e a República Popular da China”. Essa afirmação em si é talvez um sinal de fraqueza, conclui o editor.

A Comissão Trilateral constitui uma das peças-chave de um tabuleiro polimorfo. Deu-se como missão consolidar a aliança entre o poder das multinacionais, das finanças e da política, graças a uma rede de influência cujas ramificações se estendem aos principais setores da sociedade (como escreve Olivier Boiral no *Monde Diplomatique*, de 1 de nov. de 2003).

(Contexto de fontes de informação).

2.11 A Função Secreta da Trilateral

A astúcia favorita do império é a de começar a história no momento em que os seus inimigos respondem aos seus abusos.

(Caitlin Johnstone)

A Comissão Trilateral desenvolveu-se para se poder encontrar e, sobretudo, manter, durante as crises, uma narrativa comum. Esta era determinante para que se pudesse “dourar a pílula” da “arte” da defesa da “guerra” a desencadear por todo o lado onde fosse necessário desenvolvê-la, designadamente nos países em vias de descolonização formando grupos terroristas para “combater” o terrorismo que eles mesmos teriam desenvolvido e financiado ao longo de anos, como afirmam, repetidamente, os americanos James Carden ou o coronel Douglas Macgregor ou ainda o especialista britânico Alastair Crooke. Os seus testemunhos, acerca dessa posição dos EUA (CIA), do RU (MI 6) e de Israel (Mossad), bem como da narrativa/acusação conjunta contra o Irão, que por sua vez, acusam de ser este o estado fator do terrorismo. As explicações daqueles três especialistas foram recentemente retomadas, de forma muito bem fundamentada, em Réseau International, 24/12/2024)¹⁹⁹. O império persistiria, sempre, nesta sua estratégia de

¹⁹⁹ Acerca da hipocrisia ou, melhor dizendo, do cinismo, dos EUA, o autor cita o embaixador americano (James Jeffrey) dizendo que o líder “rebelde” “sírio”, de origem saudita (judeu, efetivamente, como se diz noutra nota deste trabalho), redenominado Al-Joulani, comandante de um grupo constituído por mercenários maioritariamente líbios e, entretanto, rebatizado como Hayat Tahrir al-Cham (HTS), era, simultaneamente, designado terrorista, sendo ele, simultaneamente, um agente da CIA. Sabe-se como a CIA, a Mossad há muito se

dissimulação (“atirar a pedra, esconder a mão e não ter qualquer pejo em acusar outrem”), mesmo se/e quando as coisas correm mal²⁰⁰. Saliente-se que a questão do terrorismo está a tornar-se muito séria, sobretudo em África, para onde se deslocou o respetivo foco, desde a queda do estado líbio em 2010 (48% de todos os atentados, contra 1%, antes). Os números da ONU²⁰¹ são particularmente chocantes:

- i. 400% de aumento dos atentados;
- ii. o número de mortos aumentou de 237%.

Para dominar o mundo, em nome de um modelo de governo por meio das (suas) regras (e não pelo direito internacional), como se depreende da narrativa que consiste em dizer-se, por exemplo, que o estado de Israel fora criado pela ONU, como uma ocasião de reparação de acontecimento macabro e injustificado – a guerra contra os romanos ocupantes, nos anos 64/70, DC).

(Controlo da narrativa).

82

2.12 Documentos Doutrinários de Definição de uma Estratégia a Longo Prazo da Trilateral

Uma terceira função da Trilateral, e não das menos importantes, consistiria na criação de documentos-guia cuja doutrina deveria posicionar o designado ocidente no sentido de evoluir do controlo do mundo pela economia para um controlo pela finança, forma considerada segura para manter a estabilidade dos países, e de que nada mudaria em sucessivas eleições, fosse qual fosse a força política dominante em cada caso.

Como se formam, sem atender a limites, as elites locais²⁰²? O importante, como dizem Assmam, Santos e Chomsky (1990), é garantir que estas elites se identifiquem com a ideologia do neoliberalismo mundial, assim como garantir o seu poderio e o respetivo domínio do mundo inteiro. A sua função seria, enfim, seduzir as pessoas e ganhá-las para a “superioridade” do capitalismo neoliberal e, sobretudo, de impedir a insurgência dos países do Terceiro Mundo, sempre dispostos a lutar pela sua liberdade, pela independência e pela soberania nacional, como também confirma Klein (1970), numa obra interessante acerca da estratégia (neoliberal) do desastre, para a qual o capitalismo mundial se dirigia, sob a inspiração de M. Friedman.

(Elites locais).

especializaram em selecionar agentes seus para lançarem ações específicas, quando o tempo favorável chegar, como no caso do presidente salvadorenho (como denuncia a jornalista Maria Poumier): <https://reseauinternational.net/lheritage-de-monseigneur-romero-le-saint-de-lamerique/>

Para aprofundamento, ver também: <https://reseauinternational.net/les-faiseurs-de-roi-tirent-une-nouvelle-fois-le-tapis-de-la-syrie-une-tragedie-grecque-commence/> e/ou <https://reseauinternational.net/les-neocons-poussent-trump-vers-une-guerre-avec-liran-avec-macgregor-et-carden/>.

²⁰⁰ Ver: <https://reseauinternational.net/marcel-d-en-4-4-2-magdebourg-attentat-desinformation-et-verites/>

²⁰¹ <https://reseauinternational.net/le-nombre-dattaques-terroristes-en-afrigue-a-augmente-de-400-en-10-ans/>.

²⁰² Veja-se, nomeadamente, o caso de E. Macron: <https://www.youtube.com/watch?v=rtwZHtdOrmY>.

2.13 O Pretenso “Fim” do Proletariado²⁰³

A verdade é só uma e Rádio Moscovo não fala verdade.

(Slogan da Emissora Nacional, repetido todas as manhãs, no início da emissão, nos anos 50/60)

Em 1976, Emmanuel Todd²⁰⁴ enuncia uma tese extremamente arrojada (e rigorosamente singular) segundo a qual a crise geral de 1973/5 seria particularmente grave na URSS, ou seja, bem visível para um demógrafo atento, como era o caso, em virtude da crise demográfica, cujo indicador pertinente se situava, nessa altura, no aumento da mortalidade infantil²⁰⁵. O detalhe era de monta num mundo em que a demografia estava ainda em expansão e dado que no ocidente se vivia o início de um contexto de momento histórico. Teorizava-se, efetivamente, a emergência da robotização, por um lado e com a partida das fábricas para a Ásia, com a correspondente ideia de excedente de mão-de-obra para as atividades produtivas, que o fenómeno implicava (André Gorz)²⁰⁶. A exportação das fábricas para a Ásia não obteve o efeito esperado, diz agora o vice-presidente dos EUA, J. D. Vance: os asiáticos aprenderam e, entretanto, são mais competitivos do que nós, em dois terços dos casos de novas tecnologias. Este segundo aspeto era considerado pela generalidade dos analistas e cientistas sociais como extremamente positivo para o ocidente, ao passo que para Todd (1976) correspondia a um acentuar do suicídio ocidental. Efetivamente, das 14 dimensões que constituem uma vantagem e uma liderança consequente no que respeita à supremacia mundial, 12 estão ligadas à capacidade industrial real. Vejamos as mais importantes de acordo com Barnett (1994): todo o género de produtos acabados; indústria aeroespacial; sistemas de armas emergente de um verdadeiro complexo militar-industrial; ciências fundamentais; liderança moral; possuir e controlar o sistema financeiro mundial, continuando a impor um caminho de crise económica marcado pela ideia/narrativa de “ganhador-perdedor”. Nesse domínio, os BRICS+ ensaiam com sucesso a via do “ganhador-ganhador”.

Estariam os dois paradigmas, face a face, na crise ucraniano-pós-soviética: um campo neoliberal globalista, face ao outro, claramente liberal e soberanista? A grande novidade, em 2025, é que o eleitorado americano parece ter sido tentado a mudar de campo. A verdade é que na guerra como na economia, a posição dos povos conta e a vitória está do lado da força dos valores e não do aprofundamento da crise de valores. O futuro não pertence, em última instância, ao domínio da narrativa, mas ao que se passa realmente na economia e na demografia, principalmente.

Em termos demográficos, vejamos o que se passa, através de um breve Figura. A crise demográfica explode, efetivamente, de forma clara, a caminho da catástrofe. Na Europa, a França, o caso paradigmático de um país, ainda há pouco, considerado em excelente saúde

²⁰³ Fim do proletariado? Sim, talvez, no ocidente, em vias de desindustrialização desde os anos 80! É de notar que depois que a China reverteu o processo neocolonialista e se tornou uma grande potência industrial, D Trump começou a sua campanha anti chinesa, acusando este país de todos os males que se abateram sobre os EUA, em 2016. J. Biden, concordava, mas sempre dizendo que antes de atacarem a China teriam de derrotar a Federação Russa. E aqui (...) chegamos nós a 2025! O isolacionismo comercial da EUA de Trump e de Biden, porém, tornaria a China ainda mais forte do que antes. Como exemplo de uma estratégia de “ganhador-ganhador”, é importante ver: <https://reseauinternational.net/pourquoi-la-chine-na-pas-peur-de-trump/>.

²⁰⁴ E. Todd (1976) explica as bases em que se apoia para prever o fim da URSS: a começar pela perda de produtividade, a fragilidade da ideologia e a perda de controlo por parte do estado, tudo isso resultando num indicador revelador, o aumento da taxa de mortalidade infantil. Nalguns casos as palavras de E. Todd estão próximas das do célebre discurso, na Universidade Harvard, de Alexandre Soljenitsyne, que analisava o que se passava a partir de dentro do país, mas o que é surpreendente é que ele via, agora, os políticos ocidentais tão incompetentes como os da URSS, confundindo os observadores ocidentais (Soljenitsyne, 1978).

²⁰⁵ Hoje a taxa de mortalidade infantil da Federação Russa já é bem inferior à dos EUA (Todd, 2024).

²⁰⁶ A. Gorz (na sua obra de 1980), que até certo ponto, faz lembrar os pensamentos de G. Bernanos, estima que o mundo não pode fugir à tensão entre a estabilidade empresarial e a destruição criativa dos empreendedores (liberalismo ou liberalismo empreendedor).

demográfica, desenha bem a hipótese da via “sem retorno” (com as pessoas a serem tratadas como “rãs” que vão “cozendo em lume brando”). Atente-se na curva de nascimentos (figura 13), numa França que se não “refez” da crise (2009):

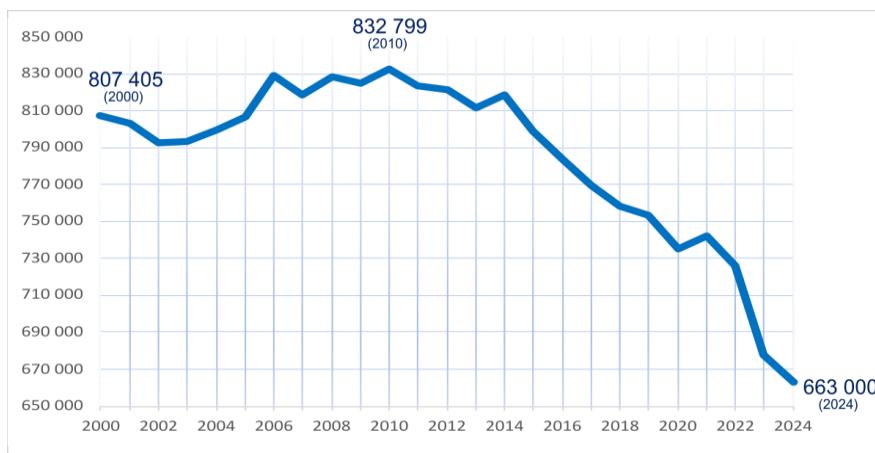


Figura 29. Curva de nascimentos em França no período de 2000 a 2024

84

O paradoxo era, porém, bem real: ou o ocidente procedia a essa deslocalização (a qual se agudizou desde 1983, como dizia o célebre relatório “Os Saturnianos”)²⁰⁷, criando “elites locais” e empregos produtivos nos países em desenvolvimento. Dizia-se que sem essa orientação, esses países ou os países em desenvolvimento acabariam por se orientar rumo à esfera soviética (que nessa era “estava pujante de energia nuclear” ao passo que os EUA, em termos gerais, sentiam a penúria, devido à crise energética derivada do desastre de Three Mile Island, em 1979).

É neste contexto específico que sob a presidência de R. Regan, e a partir de informações fornecidas pelo presidente F. Mitterand, faria saltar um gasoduto russo que fornecia gás à Europa (Jacquemin-Raffestin, 2024).

Uma tal mudança de orientação organizacional (a deslocalização da produção), em paralelo com um sistema educativo que deixaria para trás a preparação intelectual para o saber-fazer, criaria as condições de uma mudança socioeconómica de proporções gigantescas²⁰⁸ (Todd, 2024; Gorz, 1980): o terciário ocupava 30% da mão-de-obra e passou a 80%. As consequências são as da criação de uma bomba ao retardador que fez emergir o sistema mundo que desalojou o anterior e que estamos a descrever, como se fora, um paroxismo de “ocaso de um ciclo longo de 80 anos”. As novas classes emergentes da transformação socioeconómica apresentada, tendo perdido o contacto com a arte de produzir bens e serviços, na sua atividade terciária passariam o tempo a produzir regulamentações (como tem por hábito dizer o Prof. Didier Raoult).

Nota: neste contexto da exposição importaria debruçar-nos sobre o **caso Sulzer**, elaborado pelo primeiro dos autores e que contraria a dinâmica da deslocalização, considerada por muitas correntes económico-gestionárias dos anos 80, como “inevitável” (como argumentava André Gorz).

²⁰⁷ Ver: Messine (1987).

²⁰⁸ O sistema educativo atual estaria a “qualificar” pessoas (30% dos ditos alfabetizados) que não conseguiram compreender o que leêm. (Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=7INAYI8SNFI>)

E. Todd leria esse paradoxo, entretanto, como algo que conduziria o ocidente a um suicídio a prazo. Apesar das hipóteses arriscadas de que fazemos eco, entendemos que economistas e “cientistas” políticos, ou mesmo historiadores, quando aparecem na condição de especialistas num único domínio, correm o risco de falta de abertura à complexidade. Uma tal situação em princípio condu-los à condição de “idiotas certificados”, produtores de análises absurdas, num mundo em falta de atores racionais, como acusa A. Martianov. Estes atores teriam levado os EUA, e o ocidente em geral, à política de desindustrialização das décadas passadas, mantendo, entretanto, intocado, o discurso, ou a narrativa, da sua hegemonia²⁰⁹, pelo que poderiam desafiar a Federação Russa a seu belo prazer, sem pagar as consequências. Trocar a realidade dos factos pela arte da narrativa, é isso o que a Academia sabe fazer bem, como argumenta, uma vez mais, Martyanov (2024). O autor acrescenta, enfim, que os EUA construíram a dita narrativa, suportada na ideia da existência de um complexo militar industrial que definiam como “ultrapoderoso” e “inigualável”, sem conseguirem perceber que todo esse poderio estava a chegar à situação de crise paradigmática e que um novo paradigma, disruptivo, emergia, sem que nada nem ninguém o pudesse deter.

A situação de penúria energética atual da UE (desde há muito convertida em imitação do império), agravada pela “política segundo a qual tudo, na Europa, deveria depender da energia renovável”, viria a confirmar-se tal como E. Todd, e A. Martyanov tinham previsto.

Como é que o ocidente iria tomar consciência deste paradoxo?

Pela criação e enfeudamento a uma narrativa ainda “mais ecológica” (verde)²¹⁰, dita vencedora e julgada definitiva, sustentada pela “globalização” vitoriosa teorizada por F. Fukuyama nos finais da “guerra fria” (Fukuyama, 1989). Vê-se que o assim designado “efeito Fukuyama”, da superioridade das potências “quasi-messiânicas” (EUA e Europa Ocidental) determinaria o que se iria passar nos mercados financeiros. Acresce que se imaginava que essa situação continuaria a perdurar (como se fosse um desígnio divino). O certo é que as narrativas holiudescas, perante a passividade das academias ocidentais, conseguiram convencer um pouco toda a opinião pública ocidental a imaginar que os EUA eram os vencedores da “guerra fria”. Em consequência, nada teriam a mudar no que respeita aos seus anteriores preconceitos anti russos (diz, ainda, Martyanov, 2024).

O curso do ouro mostra a desvalorização da moeda, e como os povos se não podem conformar com essa destruição provocada pelas crises (de valores): a impossível continuação da financeirização das economias (Figura 30).

²⁰⁹ Ver: Barnett (1994).

²¹⁰ Pelo “abandono” provisório da energia nuclear!



Figura 30. Relação dólar/ouro

Como evoluiu, entretanto, o movimento de emancipação dos povos colonizados durante todo este subciclo que vai do fim da URSS até à “guerra (da CIA)²¹¹ na Ucrânia”, zona onde esta agência dispõe de 20 bases secretas, tendo em cada uma entre 10 e 100 agentes (segundo Scott Ritter). Os EUA procuram, como se sabe, desenvolver uma política de atratividade de inúmeras empresas (vindas sobretudo da Europa) sobre o solo americano. Mais frequentemente, o presidente recém-eleito, D. Trump promete acentuar este esforço de atração, até porque ganhou a presidência graças à derrota da política de J. Biden, prometendo, por isso, ampliar essa mesma atratividade, um pouco ao jeito de “contra tudo e contra todos”).

(Elites locais).

2.14 Como foi Conseguida uma Cooperação Vitoriosa dos Diversos Povos Dominados, em Face do Modelo Neocolonial?

A globalização foi tornada possível em virtude da 3^a revolução industrial, ou seja, da economia digital; mas podia ser revertida, como pensava Deng Xiaoping. A mudança económica, já vinha, efetivamente, da década de 80, mas começava, verdadeiramente, em força, no início dos anos 90. Poucos autores, porém, veriam, no horizonte, chegar a nova era da multipolaridade. Note-se que apenas dez anos depois, o processo envolveria, desde logo, a China (a nova potência industrial mundial, representando em 2024, 20% da economia do mundo)²¹².

Posteriormente, seria a vez da Federação Russa e, enfim, dos restantes BRICS+. O movimento (revolucionário?!) tem sido desenvolvido em ordem a um acordo global que definiríamos como o de uma: “exploração cooperativa coordenada” dos recursos do mundo emergente, para (e pela) a libertação da dominação imperial dos povos e da financeirização imposta à atividade humana. Importa referir, como demonstração desta revolução paradigmática (segundo os termos de Th. Kuhn), a evocação do exemplo mais recente deste

²¹¹ Sublinhe-se que falamos de uma CIA (um serviço secreto), que estaria mais à disposição das elites e, talvez, menos ao serviço dos EUA. Sabe-se como opera, nomeadamente, com a respetiva antena mexicana, sustentada (de forma clandestina, porque não depende do orçamento americano). Efetivamente, financia-se pelo recurso às receitas da venda de ópio (da Ásia Central) e de outras drogas ilegais, em favor de “cartéis” criminais: <https://www.youtube.com/watch?v=hmMziB3alOA>.

²¹² Em contraposição, a França e os EUA protegem abertamente o terrorismo no Sahel, com a cumplicidade do *soft power* imenso e bem estabelecido sobre o dorso dos *mass media*, pretensamente “contra a dominação económica chinesa” e da “dominação militar russa”, na região, em particular, apoiando o grupo jihadista Boko Haram. Veja-se, a propósito, o extraordinário vídeo da jornalista africana Nathalie Yamb: <https://reseauinternational.net/ressources-africaines-le-nerf-de-la-guerre-pour-une-question-de-survie/>.

movimento de emancipação da economia dos países emergentes. Este seria protagonizado pelos BRICS+ (no caso, da entrada de toda a América Latina na “ordem multipolar”). Do nosso ponto de vista, este é o sentido da expansão da política geral de aposta nas infraestruturas, nomeadamente, a da construção do porto de Chancay, no Perú. Esta será, por assim dizer, a “nova porta” de entrada do Brasil no Oriente, através do Oceano Pacífico. A via férrea de 3.750 Km que irá ligar a região de Lima (no Pacífico) e a Região de Santos (no Atlântico) equivaleria a uma espécie de “canal do Panamá” terrestre da América do Sul (o Caminho de Ferro Bioceânico Central). Estes projetos (no qual se deverá incluir o Caminho de Ferro Interoceânico do México) diversificariam as vias logísticas, libertando-as dos atuais estrangulamentos e melhorando substancialmente a sua resiliência.

Apresenta-se, abaixo, uma foto (figura 31) deste megaprojeto multimilionário, o qual deverá encurtar, em um terço, o tempo médio que a produção brasileira leva para chegar ao Oriente (segundo o jornalista Matheus Gouvea, que a publicou em fase de construção, em 2023).



Figura 31. Um novo porto que a China constrói no Perú – “Xangai-Chancay”

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cyj243xzvnwo>

Este projeto pode ajudar a mudar o mundo, tanto ou mais do que aconteceu com o canal de Suez. Este porto terá uma conexão por comboio ao porto de Santos, no Brasil, depois de cruzar os dois países interiores (a Bolívia e o Paraguai). Nunca será demais sublinhar que esta nova via “multimodal”, antes de poder avançar no terreno complementaria, por sua vez, a construção do (futuro) canal da Nicarágua²¹³, uma infraestrutura com 280 Km e um custo total de 50 mil milhões de dólares, associado a outro conjunto de projetos que gerarão 240 mil empregos diretos e indiretos. Esta infraestrutura constitui-se como uma verdadeira alternativa ao atual monopólio do “Canal do Panamá” (inaugurado em 1920), na ligação marítima entre o subcontinente americano (do Pacífico) e o espaço continental euro-asiático (situação crucial para dois países maiores, a China e a Rússia). Sublinhe-se, enfim, que se trata, atualmente, de um tráfego marítimo equivalente a 5% do total mundial. Será, pois, o início de um movimento tendente a equilibrar a centralidade do comércio marítimo mundial do Oceano Atlântico com a do Pacífico. Travar este desenvolvimento implicaria a guerra com a China, como afirma o Prof. J. Sachs²¹⁴.

²¹³ Ver detalhes das infraestruturas que a Federação Russa e a China financiarão (em 60 mil milhões de dólares): <https://www.youtube.com/watch?v=1ZXfWeKIhlM&list=TLPQMjMxMjIwMjTjVwHUGTznVA&index=2>.

²¹⁴ A questão é determinante: <https://www.youtube.com/watch?v=fyr0ENWlj0Y>
Ver, igualmente, os vídeos do Prof. John Mearsheimer: <https://www.youtube.com/watch?v=4v5C4v7EBuU>
<https://www.youtube.com/watch?v=OQ4fY9kp19g&list=TLPQMTMwMTIwMjVEkpUne5b0yw&index=2>.

O que está a fazer, entretanto, o ocidente face a estes desenvolvimentos estratégicos?

Irão aparecer, nestes empreendimentos da América Central e do Sul, as famosas questões ambientais?!

Porventura, a maioria das pessoas do mundo ocidental passou a viver, desde a queda da ex-URSS e embalados por uma comunicação social “imbecilizante”, como se nada de importante se passasse no mundo do sul-global! Ora o mundo mudou e o ocidente coletivo imagina-se capaz de continuar a ditar as “suas regras” (ou seja, as “democracias” a que se referia, recentemente, o presidente E. Macron), face ao mundo dos Brics+ que reconhece a soberania de cada estado (tidos como “ditaduras”, dito pelo mesmo presidente E. Macron).

(Contexto das fontes de informação).

88

2.15 A Narrativa Tende a Apurar-se

O período pós-crises do petróleo permitiu, entre muitas consequências, o extraordinário “salto em frente” dos designados “tigres asiáticos” (Hong-Kong, Taiwan, Singapura e Coreia do Sul), graças ao início do processo de globalização. A narrativa era dominante no ocidente e poucos autores estariam capacitados para dar atenção ao que se passava na China (a quem, depois de ter sido humilhada na guerra do ópio pelo RU), transformando-a, nos anos 70, em atelier do mundo, numa aproximação ao modelo neocolonial. Desta forma também se pensava separar de maneira perene a China da URSS/Federação Russa (Michelon, 2022). Como se vê, a libertação do modelo neocolonial atual, dos povos, conheceu esta primeira experimentação bem-sucedida, da China. O Ocidente levaria tempo a descobrir o que verdadeiramente se escondia, por detrás daquele sucesso. Tendo despertado, entretanto, o ocidente não perdeu tempo a acusar a China (tal como acusa a Federação Russa) de pretender substituir os EUA, como “*hegemon* mundial”, como se não houvesse outras formas de organização socioeconómica alternativas, uma acusação que, estranhamente, o próprio Prof. J. Mearsheimer tende a subscrever, sem atender ao passado histórico e cultural chinês, de aposta sistemática e coerente na ideia de um desenvolvimento pelo comércio, contra o desenvolvimento pela guerra. O povo chinês, culturalmente “confuciano”, abomina a guerra que faz perder a face aos adversários (como aconteceu no caso daquela que os britânicos lhes impuseram e que tão cara é aos messianistas-calvinistas e aos sionistas) em linha com a argumentação de Michelon (2022).

Ocorre que o crescimento exponencial da China tem o seu contraponto no início do despertar da Rússia e da Índia, tal como se procurava disfarçar o apoio ocidental à emancipação de todo o sul da África. Trata-se de uma coocorrência; não de uma relação de causalidade. O processo marca, igualmente, o início da explicação de que as sociedades abertas/livres eram prósperas (ou seja, exaltava-se o valor das instituições “democráticas”, garantes, nomeadamente, do direito de propriedade), enquanto as outras se não desenvolveriam, o que se traduziria entre outros pontos, por exemplo, na impossibilidade de a China poder manter uma prosperidade durável.

O que é curioso é que alguns destes países dão um salto económico em 30 anos equivalente a 300 anos de desenvolvimento ocidental. Esta questão das causas do desenvolvimento económico continua até hoje a desafiar-nos.

O ocidente, por seu lado, deveria promover, em consequência, a “democracia”, nos países submetidos a fórmulas ditatoriais ou autocráticas. Criou-se, dessa maneira, um modo de operar, no decurso das designadas “revoluções laranja”, que o Cor. J. Baud descreve em três fases (sempre as mesmas, independentemente do espaço onde ocorrem), na sua obra sobre o terrorismo (Baud, 2016):

- i. criação de um “problema” determinado (na Geórgia, por exemplo, seria a Rússia que se opunha à entrada do país na UE, pelo que tinham de entrar para a NATO para poderem ser livres), com base no qual se desencadeiam ações de extrema violência nas ruas, com comandos treinados e remunerados pelo ocidente;
- ii. gera-se na opinião pública uma situação de desinformação e de diabolização (no caso vertente de V. Putin, ligando-o, para círculo, com D. Trump²¹⁵);
- iii. encontra-se uma solução (no caso da Geórgia, a agressão militar contra zonas de maioria da população de origem russa), desencadeando-se, a partir daí, a intervenção do exército russo em defesa daquelas populações, confirmando-se a tese inscrita no processo de diabolização;
- iv. como corolário sanciona-se, ilegalmente, o designado “agressor” com medidas económicas de efeitos por vezes devastadoras. Acerca deste tema da diabolização, importa ver o que se passa no terreno, e deixar de se exprimir à base de narrativas construídas a partir de simples preconceitos, como argumenta o grande repórter de guerra, Regis Le Sommier (Sommier, 2025).

Entende-se (até quando) mesmo que o processo falhe, mesmo assim, ganhar-se-ia sempre a partida, porque, *in fine*, se diabolizou o adversário, enfraquecendo-o de maneira durável, neste caso, a Federação Russa, o verdadeiro objetivo a prazo, de forma sistemática (diz o autor, citando um relatório americano). J. Baud²¹⁶, num vídeo recente e muito pedagógico considera que, o mesmo esquema se passara (com adaptações apropriadas, evidentemente) no Iraque ou na Líbia²¹⁷, no Sudão ou na Etiópia, na Geórgia ou na Ucrânia e agora na Palestina e na Síria²¹⁸. Será que, entretanto, os BRICS+ irão ser tão condescendentes com os crimes de guerra de Israel, tal como tem feito todo o ocidente coletivo?²¹⁹ Como é a via do dinheiro que é necessário seguir se se pretende compreender uma guerra, importa referir a quantia que Israel já gastou. Passaram 15 meses, desde 7 de outubro de 2023 (a data em que o exército israelita matou centenas de

²¹⁵ Ver o documentado vídeo sobre o Russiagate: <https://www.youtube.com/watch?v=0VeVb7ad1bw>

²¹⁶ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=FFhg3FCliGyA>

²¹⁷ O caso da Líbia seria, mesmo, paradigmático de um tipo de relacionamento neocolonial: um líder “democrata” (N. Sarkozy) que derruba um líder “ditador” (M. Kadafi) cuja campanha eleitoral previamente financiada (com 50 milhões de Euros), como reporta Feïza Ben Mohamed em artigo que pode ser consultado (em que o autor confirma o que diz, igualmente, Thierry Meyssan, antigo ministro da Líbia, que denuncia, igualmente, que a candidata do PS francês, Sérgolène Royal, teria também sido financiada a igual título por M. Kadafi). A confiança deste na proteção ocidental, desprezando alianças credíveis que defendessem o país em termos externos seria fatal. A secretaria de estado do governo americano da época Hillary Clinton (presidência de B. Obama) poderia declarar: “chegámos, vimos e derrubámo-lo”. Mas desde essa data, B. Obama bem poderia pedir a redenominação do prémio que recebeu para “Prémio Nobel da Paz dos Cemitérios”.
Ver: (<https://reseauinternational.net/financement-libyen-nicolas-sarkozy-devant-la-justice-pour-un-proces-historique/>).

²¹⁸ Ver: Sachs (2023b).

²¹⁹ Um turista israelense, que serviu como soldado na “Banda de Gaza, constata (estupefacto) que pode ser preso no Brasil por crimes de guerra: <https://reseauinternational.net/comment-un-mandat-darret-bresilien-pour-crimes-de-guerre-a-mis-israel-en-mode-panique/>.

israelitas²²⁰), e desde esse dia até ao fim do ano de 2024, o total de gastos militares já ultrapassa os 150 mil milhões de dólares.

Como irá evoluir a narrativa israelita e ocidental, em geral, a partir do reconhecimento de que a resistência palestiniana não foi vencida, como reconhece explicitamente, Baud (2024)? É que, se o exército israelita não venceu o Hamas, perdeu a guerra!

É certo que a eleição de D. Trump pode mudar a narrativa: em face do polícia mau, da era Biden, chegaria a hora do polícia bom, da era Trump, bem ao estilo do velho “Star System” (a famosa sociedade de espetáculo no seu expoente máximo, mas, como recorda E. Todd, tudo isto se desenrola num contexto de “derrota” inquestionável). Efetivamente, o espetáculo da força americana evidencia-se a par de uma política ambígua da luta pelo fim do “declínio” do império (o programa MEGA)²²¹. Quanto às mudanças de fundo, isto é, de apostar numa relação (mais comercial e menos guerreira) entre o ocidente coletivo e os BRICS+ (entenda-se Federação Russa), ela é, ainda, extraordinariamente duvidosa, ou, no mínimo, imprevisível. Será necessário resolver muitas coisas “dentro de portas” (não só nos EUA, como, igualmente, na NATO).

Será possível ainda contar com a capacidade de D. Trump, para gerir um género de “caos global” em que o ocidente caiu? Tratar-se-ia de uma metamorfose sempre possível no âmbito de uma nova narrativa? Manter-se-ia sempre presente o “excepcionalismo americano” de tipo messiânico, mesmo se “arreligioso”, e pretensamente global?

(Fontes de informação).

2.16 A Consumação da “Implosão” da URSS (como previra Todd, na sua Obra de 1976): Como é que o Facto de querer Acompanhar os EUA no Processo de Desenvolvimento Militar (em Especial, a Guerra das Estrelas) se “Transformou” na sua “Derrota”?

O fim da URSS ocorre em 1991, na sequência de diversos golpes, no seio e fora do partido comunista que conduzia a política daquela federação de repúblicas, concebidos em favor de elites locais. Estas estavam a ponto de se converterem numa gigantesca “plutocracia”, a qual previamente se desligara, ao mesmo título das plutocracias ocidentais, do ideal do “bem-comum” (como denunciava, em meados dos anos 90, um dos grandes historiadores da globalização nascente, Ch. Lasch)²²². Como se vê, esta saía “direitinha” do seio e por ação dos dirigentes locais do partido comunista da URSS (como refere uma autoridade, que participaria no próprio processo – J. Sachs). Este fim da URSS fora, quase unanimemente, descrito como o próprio “enterro” das economias descritas como “planificadas”. A “narrativa” dominante era suficientemente apelativa para cativar os novos poderes convertidos ao neoliberalismo e conduziria diretamente os países resultantes dessa “implosão” da URSS, a lançarem-se numa aventura de capitalismo selvagem numa autêntica reversão da história, como raramente se terá constatado na vida do mundo. As consequências seriam, em especial na Federação Russa,

²²⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=S4o8O8LIDLE>. Th. Meyssan afirma que pelo menos metade dos mortos desse dia foram executados pelos soldados israelitas.

²²¹ Talvez seja o sentido da designada “expansão territorial” em direção ao Oceano Ártico, como gosta de dizer o geopolítico brasileiro, Pepe Escobar.

²²² Christopher Lasch numa das suas obras emblemáticas - “La révolte des élites et la trahison de la démocratie” – descreve, e denuncia, o contexto de uma verdadeira **traição** dos nossos pseudo-líderes (saídos das pseudo-revoluções estudantis dos anos 60), relativamente às massas ocidentais, a traição dos líderes relativamente às massas, colocando em causa a estabilidade social que era suposto defenderm.

perfeitamente demolidoras, como reconhece o mesmo professor de economia, J. Sachs, que aconselhou o presidente Yeltsin. Percebe-se a falácia que consistiu em convidar todos os outros povos do mundo emergente, a seguirem o caminho da modernidade, rompendo com o enraizamento social (ou seja, uma via neoliberal). Esta ocidentalização equivalia a deverem aceitar os “valores” patrocinados pelo ocidente, e que nós caracterizámos como sendo os de um afastamento dos valores das culturas locais em favor do valor supremo do crescimento de poder dos potentados financeiros (sob o patrocínio do “par” FMI/BM): uma ecologia mais ou menos “folclórica”; uma economia submetida à finança neoliberalizada; uma ideia de família submetida à ideologia de género, ou “adulterada”; uma justiça submetida ao poder de elites comprometidas com a economia globalizada. No caso da Federação Russa, esta orientação “cultural/ideológica” resultaria em nove milhões de russos mortos, literalmente, à fome, e tudo isto acontecia num país riquíssimo, como muito bem se sabe). Mas, o que se passava no resto dos países emergentes?

(Elites locais).

91

2.17 Os Anos 90 marcarão, Enfim, o Início de uma Era da “Prosperidade e da Paz” como Pretendia F. Fukuyama?

Quanto mais escura é a noite, mais brilhantes são as estrelas.

Quanto mais profunda é a dor, mais Deus está próximo.

(Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski)

A sabedoria “eterna” da Grande Literatura nada tem a ver com a mediocridade que grassa no ocidente “wokisado”.

Ao contrário, entretanto, do que defendia Francis Fukuyama²²³ em 1989²²⁴ (entrava-se, dizia, numa era de “paz e de prosperidade”, para todo o mundo), sempre sob a narrativa: a “NATO, uma Aliança para a Paz”. O certo é que aconteceram, de imediato, as guerras de destruição, a começar pelas carnificinas do conflito do Golfo (“tempestade do Deserto”) em 1990, contra tudo o que mexia na estrada do Kuwait para o Iraque, como se documenta em nota²²⁵, seguida do conflito desencadeado na pequena república da Transnístria (1992)²²⁶, para se estenderem, depois, às repúblicas russas do Cáucaso, à ex-Jugoslávia, ao Afeganistão, ao Iraque, à Etiópia, à Somália, ao Sudão, à Líbia, à Síria, à Geórgia, ou, enfim, à Ucrânia, invariavelmente, sempre a NATO estava por detrás, de maneira direta ou indireta. O aval da ONU e o controlo do Conselho de Segurança deixavam de ser necessários. O Prof. de economia e membro da Câmara dos Lordes, Robert Skidelsky (uma das três vozes solitárias da Câmara Alta do parlamento britânico), explica a origem da “completa loucura” (ou seria, corrupção?!?) ocidental e britânica:

²²³ O autor é hoje sujeito a inúmeras críticas que têm ridicularizado a sua tese., como Hobsbawm (2007): quando caiu o muro de Berlim, um americano incauto anuciou o fim da história. Pessoalmente, acrescenta, evita uma expressão tão claramente desacreditada.

²²⁴ No mesmo ano (1989) era fundada a Financial Action Force (FATF), para controlar os paraísos fiscais e controlar o financiamento do terrorismo, sem nunca se ter percebido se a razão não seria precisamente para proteger a sua utilização pelos potentados da alta finança (dentro do princípio do duplo padrão, em que se acusam ou se absolvem as “élites” globalistas, segundo convém, como nos casos dos “Panamá Papers” que, ao implicarem certos dirigentes, desapareceram dos noticiários).

Esses eram igualmente os anos do designado “Consenso de Washington” que fazia depender as ajudas financeiras das instituições internacionais à adoção pelos países da liberalização do mercado elétrico (para fazer sair, por enquanto sem grande sucesso, o continente da “escridão”, como então se dizia).

²²⁵ <https://reseauinternational.net/la-route-de-lenfer/>

²²⁶ Independente antes mesmo de a Moldávia independente existir, mas que a ONU não quis reconhecer, com o estranho consentimento de B. Ieltsin, que tinha feito o mesmo, curiosamente com a Crimeia, para não indispor os americanos, com toda a probabilidade (?). O sonho de aliança de Ieltsin com os EUA seria “sol de pouca dura”, pois logo de seguida os EUA apoiaram o separatismo islamista na Federação Russa.

se “ganhámos a guerra fria”, tudo nos seria permitido, contra a Federação Russa como a herdeira da URSS “derrotada”. Pelo que de pouco “interessa que tenhamos prometido (solenemente) que a NATO não avançaria para leste”, nem sequer em direção ao “território da Alemanha de leste” (Skidelsky, 2025). Tudo isto, como reflexo da mentalidade imperial, a par dos problemas “eternos” de Israel contra os seus vizinhos, sobretudo, os da Palestina e do Líbano²²⁷, mesmo se agora passou a contar com os terroristas da “Al-Nosra”, instalados na Síria, uma vez convertidos em “moderados” (mercenários recrutados em 70 países diferentes e tornados membros efetivos do “eixo sionista genocidário”), mas abertamente apoiados pela “simpatizante” UE (como denuncia Pepe Escobar, RI, 20/3/2025).

A designada “doutrina Wolfowitz” acabava de ser adotada pelo governo americano. Havia, nela, um ponto nodal, o de que tinha de ser impedido qualquer tipo de ascensão de um qualquer país à condição de se constituir em desafio à hegemonia dos EUA (com a queda da URSS, a prevenção/ameaça só poderia aplicar-se à China?!). Michelon (2024) situa, a este propósito o episódio da “revolução colorida” chinesa, designada pelos *mass media* ocidentais como “Massacre da Praça da Paz Celestial”, como um antecedente dessa mesma doutrina Wolfowitz. Aparentemente, uma doutrina e uma estratégia “tão bem” pensadas, não estariam a resultar como previsto!

Os EUA foram saltando, de guerra em guerra segundo a expressão de J. Baud, sem nunca se incomodar com a ausência de “Paz e de Prosperidade”, como prometera Fukuyama. Estes últimos conflitos, em particular, incentivados desde meados do Séc. XIX, foram particularmente agravados a partir de 1947 (pelo terrorismo judaico) até aos nossos dias, resultando daí uma consciência (que tenderá a generalizar-se) de que as forças armadas do império custam muito caro, servindo para muito pouco quando as crises rebentam. E isto acontece, apesar de os EUA despenderem cerca de 50% dos gastos em armamento (necessário para imporem a guerra em todo o mundo), apenas com a finalidade (perfeitamente explícita) de concentrar toda a riqueza nos cada vez mais poderosos detentores do “complexo militar industrial” americano²²⁸ (ou militar/financeiro), graças ao qual a economia americana se aguenta em pé. Esta política do “enriquecimento pela guerra” em detrimento do desenvolvimento pelo “comércio”, não lhes permite, nunca, recuar, em face da “necessidade” de um cada vez maior poder, ainda, e de cuja dominação avassaladora falava já o antigo presidente D. Eisenhower, nos finais dos anos 50, como explicam, de uma forma exaustiva, historiadores como Ilan Pappé. O autor não é uma personalidade comum, mas alguém que emerge da comunidade judaica, e escreveu obras notáveis, nomeadamente, Pappé (2006) - “A Limpeza Étnica da Palestina”, documentado a partir de arquivos judaicos sobre o período da Nakba (o equivalente à shoá, judaica, ou catástrofe para os palestinianos)²²⁹. Como interpretavam os países emergentes esta evolução do mundo?

²²⁷ Toda a gente poderia, entretanto, fazer a experiência da emigração africana (e do Próximo Oriente) clandestina, na sequência desta designada luta ocidental contra o terrorismo, que está a destruir os países considerados inimigos (nos termos de Meyssan, 2002), convertendo o Mar Mediterrâneo num cemitério.

²²⁸ Se o leitor entender dever aprofundar este tema da corrida às armas (nucleares, mesmo) poderia ouvir o vídeo em que o Coronel Lawrence Wilkerson explica com horror o que se passa a este respeito: https://www.youtube.com/watch?v=LJJ_DKP1JY&list=TLPQMjQxMDIwMjQ95abB-q6ZuQ&index=2.

²²⁹ Ver: a entrevista concedida a Olga Rodríguez, publicada por “El Diario”, 16-11-2024, em que aprofunda a tese do “comando” ocidental difundindo uma “islamofobia generalizada” por parte de uma verdadeira “máfia”, que designa de “Israel Global”, no âmbito de uma obra de grande folego, “Lobbying for Zionism on Both Sides of the Atlantic”. Fomentam, mantêm e pagam, principalmente, grupos terroristas de origem islâmica, recrutados em qualquer país, de preferência islâmicos (que, se atuarem ao serviço do império americano, serão agora designados de rebeldes moderados, talvez até ao dia que não ameaçarem as nossas nações), “diabolizando”, em consequência, todo a nação “islâmica” (a começar pelos líderes que se lhes não submetem – ou seja, os defensores de nações soberanas). O mais curioso da narrativa que

Percebe-se que o designado “ocidente coletivo” chamava o mundo a modernizar-se e a ocidentalizar-se, como se disse, quando, por seu lado, o “sul global” pretendia aceder à modernidade para não ter de se ocidentalizar (nas palavras de Pierre-Yves Rougeyron, presidente do “Cercle Aristote”).

Acreditou-se no “fim da História”, a vitória do mundo liberal de F. Fukuyama, mas caiu-se na armadilha do “choque de civilizações” de S. Huntington: o ocidente achava-se no direito de proibir aos outros o que ele próprio praticava (a famosa fórmula do “ordenamento” do mundo a partir de regras ocidentais e não a partir de um sistema negociado e devidamente traduzido em “tratados internacionais”). Estes tratados e as instituições de suporte (enquadradas na ONU) constituem, como se sabe, a base do “direito internacional”²³⁰.

(Dominância da narrativa).

93

2.18 Uma resposta (difícil) à humilhação da Sérvia, da Rússia ou da China?

A humanidade tece a teia em que se deixa prender.

(Jardim Murado da Verdade)

Nada, porém, de tudo isto que ficou dito acima, poderia sustentar-se, sem uma “narrativa” muito bem cuidada e “papagueada”, articulada em torno da defesa ocidental contra “o eixo do mal”, promovendo uma defesa “musculada” do “bem”.

Em 1997, Z. Brzezinski define a política externa (tida como oficial), dos EUA, em que se (de)negam os acordos de neutralidade, fundadora dos estados da ex-URSS, para dividir a Federação da Rússia e para conter a China²³¹, aplicando-lhes a “receita de sempre”: não permitir a emergência de movimentos que visem a ideia da criação de um sistema mundo, constituído a partir da cooperação institucionalizada entre nações soberanas, como tem explicado o Prof. J. Sachs²³².

Em 1999, os EUA e a NATO²³³ bombardeiam a embaixada da China em Belgrado, juntando à humilhação da Federação Russa (guerra contra a Sérvia, um dos seus aliados tradicionais), a humilhação daquela nação multimilenar. Em “jeito” de resposta, muito pouco tempo depois nascem a Organização de Cooperação de Xangai (2001) e, logo a seguir, emerge o movimento que haveria de dar lugar aos BRICS.

nos “vendem” os “papagaios” dos *mass media* ocidentais é que Israel devia bombardear as bases do exército para que o respetivo armamento não “caisse” nas mãos daqueles que, segundo a mesmíssima narrativa teriam “libertado” (da vida, certamente!) o povo da Síria. Algo mais estranho, ainda, é que enquanto os “libertadores”, são pagos e dirigidos pela Mossad, pela CIA e pelo MI6 (o próprio Abu Muhammed Al-Jawlani é, presumivelmente, um judeu longamente preparado pelos serviços secretos para se fazer passar por muçulmano radical, cujo nome original é Yonatan Avi-David). Veja-se, entretanto, como matam, indiscriminadamente, e como os “papagaios” continuam a entreter com “patranhas” os que ainda acreditam nos *mass media* ocidentais. Sublinhe-se que o designado *soft power* dos *mass media* seria o efetivo 3º poder, na medida em que, ao serviço das elites locais, eles “invisibilizam as forças portadoras de alternância”. Assim, na fase atual da “guerra” do império, “papagueiam”, de preferência, acerca da “ditadura” de Assad, tomando como “fontes” credíveis, entre outros, os perversos “capacetes brancos”. Até quando? Caitlin Johnstone (um jornalista de investigação) escreve, a este propósito, sobre a promoção de um verdadeiro “império do caos” ou (de uma receita para o inferno na Terra), no Médio Oriente - <https://reseauinternational.net/lexpression-organisation-terroriste-signifie-ce-que-les-etats-unis-veulent-quelle-signifie/>.

Ou, por outro lado: <https://reseauinternational.net/al-joulan-chef-du-hs-qui-a-renverse-le-president-syrien-est-juif/>.

²³⁰ A intervenção dos EUA no Iraque ou de Israel na Síria são legítimas, mas a da Rússia na Ucrânia seria ilegítima: a teoria do duplo *standard*. A partir daí, os países começaram a criar as suas próprias instituições.

²³¹ Ver: <https://youtu.be/dWs4uiXYzBA>.

²³² <https://www.youtube.com/watch?v=lhkI7GkjCVk>. O Prof. J. Sachs explica, de forma detalhada o que considera como uma completa “loucura”, a do apoio dos EUA à criação do “grande Israel” a partir da fabricação do caos (ou da “mataça sem fim”) de um Médio Oriente sob a batuta da CIA, do MI6 e da Mossad: os autores do caos que vai da Ucrânia ao “Corno de África” não param de “festejar os mais de 100 anos de “guerra eterna”.

²³³ Jan Oberg, criador da “Fundação Transnacional para a Paz e a Investigação sobre o Futuro”: o ocidente desenvolveu-se sem inimigos. Diz (no seu blog) que foi o ocidente que os criou. A paz deve ser gerada por meios pacíficos (Carta da ONU) e não pela guerra, como fez a NATO, na destruição da ex-Jugoslávia.

(Contexto das fontes de informação).

2.19 A Questão Climática e a Crise Sanitária representariam, porventura, uma Fuga para a Frente, após o Caso das Torres Gémeas

O livro “A Terrível Impostura” permitiu demolir a versão oficial do 11 de setembro.

Hoje, 60% da opinião pública mundial está convencida de que o governo americano mentiu ao seu povo e ao mundo inteiro acerca deste evento, um dos mais mediatizados de sempre.

(Meyssan, 2002)

94

De acordo com a intuição de muitos autores americanos, o neocolonialismo (agravado a partir dos atentados de 11 de setembro de 2001) acabaria por empobrecer não apenas os estados que o sofriam, mas, igualmente, os países que o praticavam, tal como acontecera, antes, com o colonialismo. Só que, essa tomada de consciência deveria ser afastada da opinião pública para que o “estado neocolonial” se pudesse manter coeso (como tem defendido a dirigente africana Nathalie Yamb). Importa notar que na mesma altura (de forma premonitória) a Federação Russa “institui” com o Irão um acordo global de cooperação (2001-2026), a ser rediscutido, neste ano, a 17 de janeiro de 2025. Passados estes 25 anos poderá fazer-se o ponto de situação entre o que se passou com os dois contendores da “guerra do Golfo” dos anos 80: o Iraque era, então, o aliado dos EUA.

Prosseguindo o percurso cronológico, os dirigentes da Globalização “decidem”, entretanto que a opinião pública deveria ser (re)centrada sobre uma nova ameaça, bem diferente das crises económicas, e de que o ex-vice presidente americano (Al Gore) se fez eco, assim como dela se viria a converter num “reconhecido” herói, à qual se juntavam quatro outras preocupações maiores (onde se notava a influência de Victoria Nuland, a conhecida estratega americana que acredita, desde a destruição da Jugoslávia, serem as armas que nos conduzem à paz):

- i. as questões “climáticas” irrompem, de facto, pelos anos 2000, às quais o então vice-presidente emprestou o seu rosto;
- ii. logo estas foram seguidas pelas preocupações globais pelo terrorismo islâmico (em 2001)²³⁴;
- iii. juntou-se-lhes a “luta pela democracia” no mundo inteiro, a começar pelo Médio Oriente²³⁵ (em cujos países, pelos vistos, 25 anos depois, deveria existir a democracia em todo o lado);
- iv. assim como, por último, se começava a desenhar a “preocupação” americano/judaica (?!?) pela contínua “resistência” da Rússia e da China à abertura das suas sociedades à democracia.

Ora, acresce que essa política de “expansão” da “democracia”, depois prosseguida “afanosamente”, pelo seu máximo fautor, Georges W. Bush Jr., possuía uma “verdadeira” “marca de água”, ou seja, o facto de a terem associado a duas novas bandeiras:

²³⁴ Para memória, recorde-se que o antigo primeiro-ministro de Israel, Ariel Sharon, dizia nessa mesma data: “agora o ocidente irá saber o que é o terrorismo que nós próprios temos conhecido”. Queria ele dizer que seriam os próprios israelitas a organizar esse terrorismo dito “islâmico” (em particular, o terrorismo curdo ou o célebre “estado islâmico”)?! Ver, igualmente, Netanyahu (1995) sobre as guerras a desenvolver no próximo futuro para poderem vencer os dois inimigos (Hezbollah e Hamas) de Israel. onde? No Iraque, Líbano, Líbia, Somália, Líbia, Sudão, para começar, mas o fim último, seria mesmo o de os destruir, pura e simplesmente, para deixar espaço à expansão do estado israelense – o “Grande Israel” (Meyssan, 2002).

²³⁵ O êxito dos EUA da era Clinton/Al Gore, já nessa época dominados pela influência de Victoria Jane Nuland, a arquiteta de todas as guerras nas últimas administrações americanas, desde B. Clinton, poderá medir-se pelo número de países, que, 25 anos depois, se orientam por princípios democráticos.

- i. à “ideologia de género”;
- ii. assim como, à exigência de uma plena liberdade de ação de todo o tipo de organizações ditas humanitárias, como é, em particular, o caso dos célebres “Capacetes Brancos” e afins, os mesmos que fizeram o ataque com “armas químicas”²³⁶ para que o então presidente D. Trump pudesse acusar Al Assad e bombardear as tropas sírias.

Sublinha-se que, em termos de comentário, se substituirmos “paz e democracia” (Fukuyama) por “caos generalizado” sob a governação direta ou indireta do ISIS e suas ramificações (como se vê na atualidade, na Síria, ou antes na Líbia ou no Iraque), talvez a narrativa dos EUA fosse mais credível!

Quanto às ONG’s em causa, estas teriam sido criadas, supostamente, para defenderem populações “indefesas”, como se acreditava. Ademais, elas próprias, muitas vezes, têm sido acusadas de comportamentos no mínimo “desviantes”, estando, por sistema, presentes em teatros de guerra onde lhes está facilitada a “aproximação” a crianças²³⁷ (muitas vezes, órfãs) e jovens mulheres viúvas necessitadas.

Acresce que essas mesmas ONG’s são, habitualmente, remuneradas por fundos controlados pelas fundações do magnata de origem judaica, G. Soros, sendo, por último, o que não será coisa pouca, sistematicamente, portadores de acusações contra os “ditadores”, designados como tal pelos EUA.

São os seguintes, os dois conjuntos de problemas selecionados por Husson (2024), procurando situar, de forma, que, diríamos, seria quase exaustiva, a questão colocada acerca da necessidade de saber como procurar uma informação rigorosa e factual:

- i. sair daquilo que o autor designa sob o conceito de “immediatismo mediático”;
- ii. aprender a pensar de acordo com uma base alicerçada na ideia de “tempo longo”.

O confronto de fontes diferenciadas é, pois, indispensável, sob pena de não ser possível aceder ao que se esconde por detrás de tantas e tantas narrativas, construídas à margem dos factos²³⁸.

O Cor. Jacques Baud é, certamente, neste domínio crucial da pesquisa de factos, um autor incontornável, pelo que lhe dedicamos um anexo em que as suas principais obras se encontram elencadas.

A partir das ideias de Husson (2024), assim como das nossas próprias reflexões sobre o conceito de ciclo longo, procurando as informações disponíveis (como é o caso paradigmático de Horton, 2024), propomos um percurso que apresentamos na Figura 31.

Horton (2024) considera que são, estes, os dois antídotos, acima referenciados, para se conseguir aceder a uma emancipação dos discursos anticientíficos, que se estão a (re)produzir e disseminar, desde há cerca de duas décadas, um pouco por todos os ambientes humanos²³⁹.

(Contexto das fontes de informação).

²³⁶ Ver a posição de J. Sachs: <https://www.youtube.com/watch?v=hwrBZsWGIro>.

²³⁷ Catlin Georgescu, que conhece bem este mundo das ONG’s, fala de oito milhões de crianças que todos os anos desaparecem, no mundo. A um jornalista que lhe pergunta se não tem medo de ser preso ou morto, responde: “não me ralo; o que é isso em face da eternidade que nos espera; **ele**s (mesmo os juízes que lhe estão a roubar a eleição) **sabem que já perderam**; Deus é só um; não queiram tornar-se seus iguais”.

²³⁸ Ver, a este propósito, a muito bem documentada reflexão do coronel Jacques Baud (um especialista mundial dos serviços de informação, assim como foi um responsável por serviços da própria NATO): <https://www.youtube.com/watch?v=MrOau-QYA&list=TLPMQjQxMjIwMjRXceO5Pg26pw&index=2>

²³⁹ Daniel Husson procura centrar o problema nos pesticidas, na alteração do ciclo da água e na “agricultura industrializada” (o produtivismo, enquanto verdadeiro problema geral do clima), com consequências dramáticas, certamente, mas na população dos insetos, entre outros fenómenos. As soluções devem ser procuradas do lado da agrofloresta e outras formas de atividade económica de ordem local.

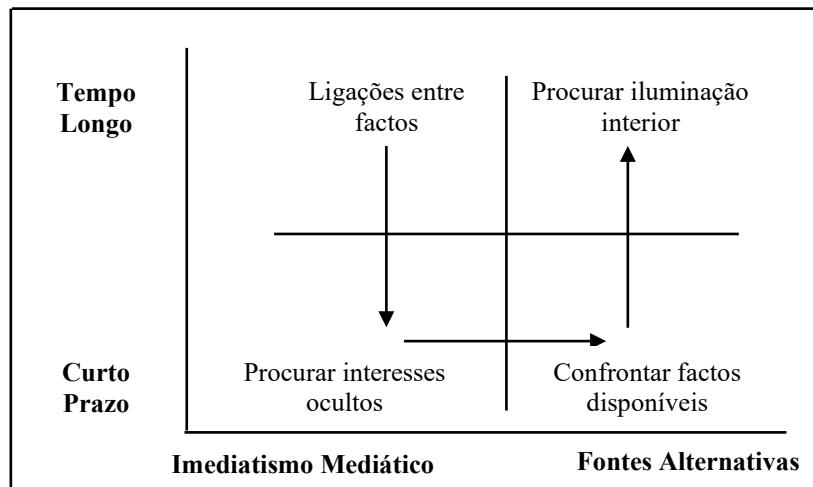


Figura 32. Saber pensar com base em factos e não a partir de narrativas dominantes

2.20 O Sistema de “Paz e Prosperidade” (baseado nos Valores Ocidentais) é Posto à Prova na Guerra que Eclode, ainda nos Anos 90, na Ex-Jugoslávia, Patrocinada pela NATO em nome dos EUA

A diplomacia exige um equilíbrio delicado entre a afirmação das próprias posições e a manutenção de canais de diálogo abertos.

Para restabelecer o seu papel nas negociações, os diplomatas europeus devem adotar uma abordagem mais comedida, evitando qualquer diabolização pública que possa reforçar ainda mais os antagonismos ou justificar abertamente uma recusa em negociar com eles.

(Ricardo Martins, RI, 24/02/2025)²⁴⁰.

Os acontecimentos parecem, enfim, começar a não “correr bem” para “o império” (fundamentalmente para os EUA e, secundariamente, para o RU), quando a Rússia de Ieltsin (então um subordinado de facto aos EUA e um aderente fervoroso do modelo neoliberal, sublinhe-se) se vê forçada a colocar reservas, muito sérias, ao processo de “desmembramento” violento “imposto” na ex-Jugoslávia²⁴¹, entre os anos de 1991 e 1994, como refere o Prof de História da Universidade do Arizona, David N. Gibbs, porventura o crítico mais eminente da corrente neoconservadora nos EUA, acusada de ser “incrivelmente brutal e sedenta de sangue” para garantir o seu poder hegemónico (Gibbs, 2009). O mesmo autor, volta ao tema da ideologia dos neoconservadores e da sua proposta de impor um modelo económico baseado na financeirização da economia mundial com uma obra notável em que repõe no seu lugar muitos dos mitos segundo o qual os EUA são aliados da UE ou que são a pátria do progresso. As classes dominantes (aliadas dos neoconservadores) tomaram o poder para aumentarem a sua riqueza à custa do aumento para níveis impossíveis de conceber de desigualdade social, à custa do empobrecimento das classes populares. O programa político materializado na famosa divisa “da paz e da prosperidade” dos neoconservadores, do início dos anos 90, converter-se-ia na proposta de uma geopolítica da “vassalagem” generalizada. A própria UE seria considerada uma

²⁴⁰ Comentário: a UE e a Europa em geral, com a guerra da Jugoslávia, parece ter ficado amarrada à teoria do “Fim da História” de Fukuyama e teria deixado de querer perceber o futuro. Agora, os EUA excluem-na da negociação da nova ordem mundial que se anuncia.

²⁴¹ Atente-se na verdadeira paródia em que a narrativa se transforma: a Jugoslávia, antes tornada a nação heroína que “inventara” um “socialismo autogestionário”, respeitador da gestão democrática nas empresas, contra o centralismo soviético, era agora a besta antidemocrática que devia ser desmembrada, pela força da NATO, sem qualquer mandato da ONU.

“inimiga”, sem rodeios, caso ela se dispusesse a emancipar-se da vassalagem em face dos EUA, transformando-se, por hipótese, num estado unificado e com política externa própria (Gibbs, 2024)²⁴².

É curioso verificar que, sobre o terreno, já começavam a emergir, como força de combate, umas designadas “milícias islâmicas”, desde há muito preparadas e, entretanto, disponíveis para lutar contra as forças que se batiam pela manutenção da unidade política daquela república federal. Com a derrota “final” da Sérvia e com a prisão do último líder da Jugoslávia, o montenegrino S. Milosevic que pagou com a vida o “crime” de se bater pela defesa da unidade do seu país²⁴³, a NATO fica com o caminho livre para se expandir para leste, violando todos os acordos que tinham conduzido ao desmembramento pacífico da URSS. (uma espécie de processo, “primeiro”, uma matriz de todos os que se irão seguir, sob o patrocínio da CIA e de Israel, nomeadamente nos casos de “diabolização” da Síria, como do Iraque, com vistas a instalar no poder os terroristas islâmicos ao fim de 14 anos)²⁴⁴.

(Contexto das fontes de informação).

97

2.21 Viciosidades da Confiabilidade da Rússia na Palavra dos EUA

A verdadeira natureza dos compromissos dos EUA acerca da segurança na Europa viria, de forma clara, à superfície em 1997 não só pela escrita do livro²⁴⁵ mais emblemático de Z. Brzezinski, mas, sobretudo, pela voz do então senador Joe Biden, num comício político. O político americano “gozava”, literalmente, com a Rússia (de Ieltsin) e com a sua ingenuidade de ter acreditado que os americanos não iriam alargar as fronteiras da NATO²⁴⁶ até às suas portas, aprofundando o seu gozo em face da ameaça de se virarem para a China ou mesmo para o Irão, para, enfim, “desencadear” longas risadas generalizadas por parte dos assistentes (premonitório, porque como assume o Coronel Lawrence Wilkerson, procurou isolar-se a Rússia, com a política expansionista de B. Clinton, em lugar de se procurar integrá-la no sistema ocidental!), numa altura em que a narrativa americana referia (de forma que depois se revelaria hipócrita) este mesmo desejo de paz²⁴⁷. Soutou (2024) descreve de forma contextualizada as circunstâncias em que a política de coexistência do presidente G. Bush pai com a Federação Russa se alterou com o presidente B. Clinton, passando a uma política de confronto aberto (rompendo com as promessas americanas de não expansão da NATO para além da Alemanha, unificada).

Citamos Z. Brzezinski²⁴⁸ porque se trata de um nome incontornável deste período de verdadeira euforia ocidental, em que, supostamente, os EUA teriam “vencido” a URSS. Na sua obra de referência “O grande tabuleiro mundial: a primazia americana e seus imperativos geoestratégicos” (1997), defenderia que os EUA “são o primeiro e atual poder global e que a Eurásia é o centro de massa terrestre onde se iria desencadear a luta pela aquisição e a manutenção do poder hegemónico”. Formula, em sequência, uma geoestratégia eurasiática para

²⁴² Seguir o autor na sua pág. web: <https://dgibbs.arizona.edu>

²⁴³ Será que agora existe outro padrão diferente do que se aplicou ao Kosovo? A Colômbia também podia ficar sem o Panamá. E na Ucrânia? O padrão será agora outro?

²⁴⁴ <https://reseauinternational.net/massacres-en-syrie-une-epuration-ethnique-sous-le-regard-de-loccident-silencieux-youssef-hindi/>

²⁴⁵ Brzezinski (1997).

²⁴⁶ Sachs (2023a) avisa, sem hesitações, que a NATO provocou a guerra e, agora, só a diplomacia poderá voltar a trazer a paz.

²⁴⁷ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=7gmwyO8r6j0>.

²⁴⁸ Em 2016 publica um texto no jornal “The American Interest”, intitulado “rumo ao realinhamento global”, mas que seria ignorado pelos “media”.

os EUA poderem ter sempre uma palavra a dizer no equilíbrio da Eurásia, na qual conclui que é imperativo que não possa emergir um desafio capaz de dominar a zona da Eurásia e de desafiar a proeminência global norte-americana.

Impunha-se, então, uma nova tarefa para preservar a Paz e a Prosperidade mundial que pudesse resolver o paradoxo em que se caíra (alargar a NATO para influenciar os acontecimentos na Eurásia e envolver a Ucrânia com o ocidente²⁴⁹), mas, igualmente, pretender manter o diálogo aberto com a Federação da Rússia.

Parece tratar-se de uma verdadeira tentativa de resolver a “quadratura do círculo” enunciada, e que ele procura circunscrever. num artigo de 2016, intitulado “rumo ao realinhamento global”. Nesse texto, Z. Brzezinski corrige o essencial do seu pensamento precedente (de 1997), e apresenta algumas ideias-chave para o futuro dos EUA:

- i. aceitar o facto de que a época do domínio global está a chegar ao fim, os EUA não poderão continuar a ser um poder hegemónico;
- ii. as resistências locais multiplicam-se e é preciso tomá-las em conta;
- iii. evitar o confrontamento entre “vassalos” para poder continuar a dominar;
- iv. a aliança com a Eurásia é uma prenda da história e os EUA não pode perdê-la, pelo que deverá aproveitar o dinamismo asiático em seu proveito, sem impor o sistema dólar pela força;
- v. o momento da reviravolta da história ainda não ocorreu, mas ele aproxima-se.

Como pode observar-se, Z. Brzezinski, que admitiria ter-se manifestamente equivocado em 1997, neste seu novo plano para reduzir e minimizar os conflitos futuros, começa a estar preocupado com o “rumo” tomado pelos EUA e a procurar evitar uma conflagração direta com a Rússia que pudesse conduzir a uma guerra nuclear²⁵⁰, como o Prof. Theodor Postol (MIT) teme²⁵¹. Afirma, então, que tudo deveria fazer-se para poder preservar-se a ordem mundial. Enfim, o político que influenciara uma década de “excepcionalismo” e de recomendação do expansionismo americano, ainda parecia acreditar que a solução para o chamado “impasse russo” seria a de “ganhar” a Rússia para o ocidente, quando já se vivia sob o governo do presidente V. Putin.

Recorde-se o que aconteceu em 2019 (durante o primeiro mandato de D. Trump), retomando, precisamente, os termos de Z. Brzezinski, a Rand Corporation (um *Think Tank* oficial do

²⁴⁹ É de Brzezinski a famosa frase: “sem a Ucrânia a Rússia deixa de ser um império eurasiático”. O seu livro famoso (*The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives* - 1997) é claro quanto à estratégia, a seguir, para que a hegemonia americana seja durável. Também é certo que o autor se distanciava (desde 2002) da política americana de “guerra contra o terrorismo”. Essa guerra, argumentava, iria destruir, a breve prazo, o poder hegemónico da EUA.

²⁵⁰ Note-se que uma das estratégias americanas contra a URSS, desde os fins dos anos 70, era a de obrigar-lá a gastar “fortunas” para poder acompanhar o esforço de guerra (sem o conseguir, como se viu). Esta estratégia continuou contra a Federação Russa, depois do fim da URSS, a ponto de hoje os números serem os seguintes: NATO (17 – 1) da Federação Russa, em termos de orçamento militar; em termos de população (10 – 1,4). Como poderia ter equilibrado a situação numa situação tão desequilibrada? NATO parecia poder derrotar a Federação Russa, sem agressão direta, bastando, para o efeito, dispor de um “terreno” de ensaio. Para os detentores do paradigma tradicional a Federação Russa seria necessariamente derrotada. Sem que o ocidente, porém, se tivesse “apercebido” o “paradigma” é agora outro (nos termos bem conhecidos de Th. Khun): o equilíbrio passaria a desenvolver-se, nos finais da segunda década do Séc. XXI, em torno de armas convencionais, muito mais baratas e muito mais eficazes, para criar a paridade estratégica, o que permite atualmente aos países (mesmo os pequenos e pobres) tornarem-se soberanos. Esta mudança paradigmática parece, ainda, poder ter invertido os termos do desafio de R. Reagan, deixando os EUA com forças armadas envelhecidas, sem políticos que tenham servido como militares e geradora de caos em todo o mundo, mas sem vencerem, como diz a militar e académica americana (e sem conseguirem seguir os desenvolvimentos militares da Federação Russa que recusou o conceito de “defesa ofensiva” da NATO). (Dr. Karen Katauskis: <https://reseauinternational.net/la-puissance-militaire-us-en-declin-effondrement-imminent/>). Uma tal situação, poderia, enfim, “forçar” os líderes hegemónistas a aceitarem a ideia de um mundo multipolar. Mas, a vitória dos povos do mundo não está garantida, nem sequer pelo voto dos americanos (como advertem militares como Lawrence Wilkerson ou Scott Ritter, um ex-coronel americano dos serviços secretos do corpo de marines): <https://www.youtube.com/watch?v=gHdmVnfihss>.

²⁵¹ Ver sobre as guerras dos EUA, sobre os efeitos de uma guerra nuclear e, em particular, sobre o fim da academia americana ou europeia como lugares de produção de ciência: <https://www.youtube.com/watch?v=Tjks5tnLWqc>.

Pentágono) alertava o poder americano para a hipótese de a “armadilha preparada”²⁵² que consistia em atrair a Federação Russa à Ucrânia poder correr mal (ver os termos reportados por J. Baud)²⁵³. Comparem-se os termos usados em 2019 com a realidade vivida hoje: escrevia-se que (sic) “a Rússia também poderia provocar uma contra escalada, comprometendo mais tropas e empurrando-as para dentro da Ucrânia. A Rússia pode até antecipar-se à ação dos EUA, escalando a situação antes que qualquer ajuda adicional dos EUA chegue. Tal escalada poderia levar a Rússia a expandir-se. É certo que o leste da Ucrânia já é um abismo. Tomar mais terras da Ucrânia só aumentaria o fardo, mesmo que seja à custa do povo ucraniano. No entanto, tal iniciativa poderia também ter um custo significativo para a Ucrânia, bem como para o prestígio e a credibilidade dos Estados Unidos. Poderia conduzir a um número desproporcionado de vítimas ucranianas, perdas territoriais e fluxos de refugiados. Pode até levar a Ucrânia a uma paz desvantajosa.” Esta era a conclusão final do relatório: toda a preparação da “armadilha” pode ajudar eficazmente a fragilizar a Federação Russa, mas ela pode igualmente conduzir a um fim inesperado e terminar mal. O relatório era conhecido dos ucranianos; (...) e eles aceitaram os termos do confronto. Já tinham acontecido outros confrontos e a Federação Russa tivera de aceitar. Iria, assim, certamente, passar-se algo de parecido. O poder da NATO seria determinante!

99

A questão era que, como é bem-sabido, ainda sob a governação de Boris Yeltsin, a Sérvia fora gratuita e barbaramente bombardeada pela NATO (em 1999, sob a governação de B. Clinton), o que levara a Federação Russa a protestar de forma muito violenta. Para alguns autores seria, mesmo, este episódio da guerra contra a Jugoslávia que marca o fim da época do cinismo designado por direito de ingerência em nome de um conceito perfeitamente contraditório, uma espécie de oximoro completo, o “humanismo militar” (Soutou, 2024), mesmo que para o cumprir fosse necessária a opção de desencadear (!) uma guerra nuclear “preventiva” contra a Federação Russa. Sublinhe-se até que ponto estas forças “ocultas” (o *deep state*) pressionam o mundo em total delírio de um cinismo impensável. É que a total destruição da terra seguir-se-ia em alguns minutos (Jacobsen, 2025), pelo efeito de reação automática, mesmo que, por absurdo, fosse possível eliminarem a direção política daquele imenso país.

Em consequência das opções americanas definidas na governação Clinton, em 1994, quando ficou assente que a Ucrânia teria de ser integrada na NATO (devendo ser eliminados, se necessário, os dirigentes que se lhe opusessem), iríamos assistir ao enterro da “esperança” russa, de uma aproximação ao ocidente. Yeltsin fora profundamente humilhado no seu “ocidentalismo”, embora, ainda assim mesmo, se continuariam a manter algumas expectativas, de continuar a “ludibriar a Federação Russa, na sequência da chegada de V. Putin ao poder (como confessa J. Sachs), os designados “*neo-com’s straussians*” (uma força política representada ao mais alto nível em todas as administrações dos EUA, desde o início da era Clinton), mantinham a ideia de que o inimigo eslavo era demasiado fraco para responder a um avanço da NATO na Ucrânia, dizendo: “a Rússia não passa de uma estação de serviço no meio de um deserto, com armas atómicas”²⁵⁴. Numa conferência do Conselho da Europa, dizia-se em 2016, que o “presidente russo” cairia em menos de um ano: “a trajetória atual do regime russo é instável e, sem mudanças dramáticas, desmoronará no próximo ano, de acordo com um

²⁵² Neste doc de abril de 2019, a expressão “provocar a Rússia” aparece oito vezes”.

²⁵³ Os termos (premonitórios) referidos podem ser facilmente confirmados (o relatório continua em linha).

²⁵⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=7gmwyO8r6j0>

importante especialista em temas da Rússia” (Petrov, 2016). Em função das suas ações, os líderes europeus terão acreditado, pelo que não é de estranhar que tenham decidido nunca cumprir o que assinaram nos Acordos de Minsk, em 2015, acerca das condições de manutenção da paz na Ucrânia, nomeadamente as que se prendiam com a autonomia das províncias de língua e cultura russa (à maneira da Suíça, por exemplo)²⁵⁵, com os resultados que se conhecem.

O epílogo da arrogância americana, como reporta J. Sachs, pode ver-se na desorientação que se desenvolve neste início de 2025, quando ameaçam com a guerra total, acusando, por sua vez, a Federação Russa de ser ela a fazê-lo. Apetece, com certeza, perguntar em que planeta esta gente vive!

(Fontes de informação).

100

2.22 O Papel “Falhado” (?) da Estratégia de Derrota do Iraque de Saddam Hussein, na Sequência dos “Atentados” (?) de 11 de setembro de 2001

Continuando a via cronológica da suposta era da “paz e progresso” em democracia (se e quando os povos votam “bem”), no período pós-soviético, vemos que um agravamento substancial da situação ocorreria na sequência da designada “campanha de luta contra o terrorismo”, tendo por base uma estratégia que G. Bush (pai) definiria como louca (sic), segundo o Cor. Lawrence Wilkerson²⁵⁶. Para a maioria dos autores é nesta data que o mundo experimenta uma reviravolta completa. Efetivamente, o “11 de setembro de 2001” marca uma etapa, uma reviravolta histórica e incontornável, que os neoconservadores sionistas aguardavam “chegar” para poderem avançar com a “venda” da sua estratégia para o Médio-Oriente à opinião pública (nas palavras do mesmo Cor. Lawrence Wilkerson). Um padrão, acrescenta, que se haveria de repetir, 20 anos depois, com o “7 de outubro”. Nas três guerras que se seguirão (Afeganistão, Iraque e Líbia), o estado americano irá gastar um montante de cerca de 40 vezes o PIB português, fazendo subir as ações das cinco empresas principais de armamento dos EUA, em 900%. É surrealista, ter uma tal narrativa. Na Ucrânia preferem, entretanto, fazer a guerra por procuração, desenvolvendo “a política do caos”, ainda assim mais barata, em lugar de arriscarem tropas no terreno. Efetivamente, quando (afinal a emissão de dólares pode ter, igualmente, alguns limites), mantêm cativos os recursos do Banco Central do país; 20 anos depois estão no poder os que os EUA combateram, e chamaram a isso uma vitória²⁵⁷.

No processo de revisitação dos 80 anos que estamos a analisar, da dominância da finança sobre a economia, parece-nos importante subdividi-los em três fases ou ciclos de média duração: (1944 – 1974, 30 anos de afirmação do dólar, largamente suportado no padrão-ouro; 1975 – 2001, 26 anos de consolidação do petrodólar; 2002 – 2024, 22 anos de dominação pretensamente definitiva do dólar como moeda fiduciária). Tratar-se-ia de uma estratégia vencedora de estabilização da “relação finanças-economia” ou de início de um ciclo de intensificação da instabilidade e de incrementação de guerras-sem-fim, um pouco por todo o mundo?

²⁵⁵ Ver, por exemplo, a questão da acusação de D. Trump, contra V. Zelensky, de que foi ele mesmo, e não a Federação Russa, que começou a guerra, quando no dia 24 de março de 2021 assinou um decreto prevendo a conquista pela força da Crimeia e das regiões do Donbass: <https://www.youtube.com/watch?v=OkePB-iznAQ>

²⁵⁶ <https://reseauinternational.net/lawrence-wilkerson-le-chef-du-departement-detat-devoile-le-processus-de-guerre/>.

²⁵⁷ Ver o Prof. A. Mercouris: https://www.youtube.com/watch?v=h_b5q90eJg0.

Aquele “atentado” teria representado o momento em que, de acordo com uma narrativa “que parecia imune a qualquer falha” todos os “astros pareciam alinhar-se” (para usar uma frase consagrada”) em favor da emergência de uma solidariedade “mundial”, sem “falhas possíveis”. O “mundo inteiro” parecia, mesmo, “suplicar” (?) a Israel que “nos” livrasse do terrorismo “islâmico” ou radical.

A campanha seria desencadeada por um “golpe de mestre” da “administração Bush”, na sequência deste “conhecido” (?) atentado de “11 setembro de 2001”. O Iraque, antes de se saber, ainda, o que tinha ocorrido, seria formalmente acusado da responsabilidade do atentado, pelo próprio presidente dos EUA, como se sabe. A situação ocorrida permite levantar todas as suspeitas sobre a sua efetiva autoria (como adverte Th. Meyssan). A organização líder das milícias islâmicas, a “Al-Qaeda”, uma criação americano-judaica, teria sido manipulada (!) pelo Iraque de Saddam Hussein, uma vez que ele lhe teria fornecido, secretamente (?), armas e cobertura militar. Mas, (...) quem poderia confirmar ou desmentir?! Era necessário forjar uma ameaça! A guerra “contra as (supostas) armas de destruição massiva”, nas “mãos de Saddam Hussein”²⁵⁸, uma acusação de que o Gen. Colin Powell²⁵⁹ se viria a demarcar depois da cena que lhe terão imposto que fizesse na ONU, dizendo-se, mais tarde, literalmente, envergonhado. O certo é que esse “atentado à verdade” marcaria a vida do Médio Oriente, desde esse ano de 2003 até hoje, permitindo a Israel toda a margem de ação para levar a cabo a sua “missão”, terrivelmente “genocidária”, contra os palestinianos e não só. O problema vem de longe e a destruição do povo palestiniano, que dura há quase 80 anos, acompanhando o ciclo longo de que tratamos neste texto, após atingir o paroxismo colonialista/genocidário, poderia estar a um ponto da respetiva inflexão.

Os EUA deveriam, entretanto, ter de repensar todo o sistema mundial, dado que nada se passava como previsto (“submissão” impossível, do Afeganistão, do Iraque, do Líbano, da Líbia, da Síria ou do Iémen), cujas guerras eram “ganhas”, mas, (...), nos filmes de Hollywood²⁶⁰.

(Fontes de informação).

2.23 A Guerra contra o Terrorismo seria um Sinal de Fim de Império (Todd, 2002), e não um Sinal de Força

Para os neoconservadores, com a desintegração da União Soviética, os Estados Unidos deveriam agir como “o hegemón global dos hegemóns regionais, o chefe de todos os chefes.

Diz a autora que esta doutrina que se tornaria oficial com o documento de Dick Cheney, na sequência do 11 de setembro.

(Kurth, 1996, citado por Resende, 2003)

²⁵⁸ De herói celebrado pelos EUA na “defesa da democracia” contra o regime teocrático iraniano, em 1980/88, transforma-se, logo de seguida, num tirano a perseguir e a abater. Dir-se-ia que não fora competente a derrotar o Irão, pelo que essa tarefa teria de ser entregue diretamente ao estado hebreu, como se vê atualmente. A desagregação do Iraque como nação soberana parecia indispensável à concretização do sonho judaico do “Grande Israel” e da sua extensão do “Nilo ao Eufrates”.

²⁵⁹ O famoso general americano viria a morrer de Covid, segundo os seus médicos, na sequência da sua terceira vacinação contra essa mesma doença. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=S91pXiodPwQ&t=245s>.

²⁶⁰ Não podemos deixar de sublinhar a força do “soft power” do cinema americano cuja função principal parece ser a de designar em permanência um “inimigo externo” ou dos seus aliados, mesmo se com cada vez menos eficácia, em face da tomada de consciência, que está em crescendo nos “países colonizados” (Todd, 2024).

Retomando as suas reflexões, E. Todd (já em embrião na sua obra de 1976) publica em 2002²⁶¹ uma nova obra em que se evidenciam dados que demonstram a inevitabilidade do fim do império americano e anglo-saxónico, em geral. Deste modo, os ocidentais não deveriam analisar as guerras contra o terrorismo (desencadeadas nesse mesmo ano contra forças islamistas²⁶², curiosamente, sempre armadas pelo ocidente)²⁶³, como um sinal de força, mas antes como um indício premonitório de “fragilidade mortal”.

Pensamos que ninguém terá levado a sério a capacidade de defesa da Federação Russa, quando nesse ano (2002) o presidente Bush Jr. dos EUA retirou o seu país do tratado ABM (relativo aos mísseis de médio alcance), julgando com isso fazer “ajoelhá-la”, uma vez que, estando arruinada economicamente, nunca mais iria ser capaz de acompanhar o desenvolvimento do poderio, sem paralelo, dos sistemas de armas americanas, “atuais” e/ou futuras²⁶⁴.

A Federação Russa fora, irremediavelmente, atirada para fora do campo de combate, ou, no mínimo, assim acreditavam os designados neoconservadores que tomariam o poder com D. Cheney.

O Século XXI seria mesmo americano, (...) sem mais. Em 2007, porém, na “Conferência de Munique” diria que a unipolaridade estava terminada. A Federação Russa teria jogado um jogo leal para com os EUA, inclusive ajudando na guerra contra os “Talibans”, mas que com a intenção de expandir a Nato para a Geórgia e a Ucrânia, o chefe de estado russo teria que pôr fim à colaboração interestatal, com os EUA. No ano seguinte começaria o confronto armado da NATO contra a Federação Russa, na Geórgia, como é sabido; e, em 2014, com a Ucrânia, um facto de que ninguém na UE quer tomar em consideração.

Como sair, agora, do controlo da situação em Kiev, pelos grupos “armados”, ditos neonazis, dado que são eles que controlam o país, desde o “golpe de estado de Maidam”, pergunta-se o Prof. Nicolai Petro, Doutor em Ciência Política na Universidade de Rhode Island e autor de um livro magnífico, intitulado "A Tragedia da Ucrânia: o que a tragédia clássica grega pode ensinarmos sobre a resolução de conflitos"? Apenas o exército poderá sustentar um governo legítimo capaz de firmar a paz, e isso não é o propósito da UE nem dos EUA, antes ou depois de D. Trump! Até quando, se a UE já entregou ao governo de Kiev 142 mil milhões de dólares e os EUA, 123 mil milhões? Mais 850 mil milhões de Euros para a guerra, como quer a presidente da CE da UE? O general Roberto Vanacci, deputado europeu, italiano, critica vivamente Von der Leyen e Macron “pelo seu estúpido receio dos russos”, em lugar de pensarem na pobreza crescente, na insegurança das cidades da Europa, ou nas igrejas que ardem, um pouco por todo o lado (como reporta, Mohamed Ghermaoui, em RI, 17/3/2025).

²⁶¹ Todd (2002) defendia, há mais de vinte anos, que os EUA, que o autor designa de “império” estariam em vias de tornar-se um problema para o mundo (?!). O seu objetivo estratégico não seria o de se constituir em "garante da democracia" no mundo, mas o de capturar recursos naturais e capitais dos povos em todo o mundo, para garantir uma dominação, sob forma de "hegemon" do tipo outrora experimentado por Atenas.

²⁶² A luta contra o terrorismo seria propagandeada como uma guerra religiosa (Féron, 2000) ou de civilizações, o que, à luz do que aqui expomos, não podia ser mais falso. É um negócio financeiro para dominar zonas de petróleo ou outras matérias-primas e assim manterem as elites neocolonialistas no poder. Fizeram, de resto, o mesmo com os batalhões nazis que operam na Ucrânia, os quais são treinados, entre outros locais, em bases secretas da Noruega: <https://www.youtube.com/watch?v=xzhTCapiaDg&list=TLPMQmjQwMTIwMjVwkG6D9SdNpQ&index=4>.

²⁶³ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=NCT2sqKXXKw>.

²⁶⁴ Importa estar atentos: Andriy Biletsky, o fundador do Batalhão Azov, declararia em 2014 que a missão da nação ucraniana era “liderar as raças brancas do mundo em uma cruzada final [...] contra os subumanos, liderados pelos semitas.” Ver reflexão de THIERRY MEYSSAN que acrescenta novos dados acerca do que está em causa com o nazismo (e com a organização *centária*) na Ucrânia: <https://www.youtube.com/watch?v=aqNc3xOzdIg>

Mas, questionam-se, estes críticos, porque “mentem” e tratam de infantilizar os cidadãos europeus, aqueles representantes de uma elite mais do que medíocre? Porque estão ao serviço de interesses que não podem confessar, sugere-se, e porque o neo-liberalismo-colonialista apenas, em ambiente de conflito aberto, poderá continuar a manter-se. Como irá, entretanto, evoluir a opinião pública europeia, confundida, persistentemente enganada, através de um “padrão de narrativa” que nem sequer varia, quer se trate do clima, da covid, do Hamas, da guerra na Ucrânia ou do que virá a seguir?

Tudo é, efetivamente, dito e feito, em nome dos benefícios da verdadeira “dona” das terras ucranianas, a “Blackrock”. Isto mesmo denuncia, de maneira desassombrada, o novo Secretário de Estado da Saúde dos EUA²⁶⁵. Recorde-se que, como base comparativa, quando Portugal foi à falência em 2011, o empréstimo a Portugal foi de 78 mil milhões. Entretanto, as duas principais economias europeias (Alemanha e França) estão paralisadas; de onde virá o dinheiro? As poupanças dos europeus estão seguras, quando o Tribunal de Contas Europeu já considera as dívidas da Ucrânia contabilizadas como perdidas?

(Fontes de informação).

103

2.24 A Resposta da Rússia e da China ao “Supremacismo” dos EUA

Todas as guerras se desenvolvem em torno da arte da dissimulação: assim, se nós estamos em condições de atacar, devemos parecer incapazes de o fazer; quando estamos já a projetar as nossas forças, nós devemos parecer inativos; quando estamos próximos, devemos fazer crer que estamos longe; mas se estamos longe, devemos fazer crer que estamos próximos

(Sun Tzu: A arte da Guerra).

A célebre frase do genial general chinês (500 anos AC) é recordada, recentemente, por Pepe Escobar²⁶⁶ a propósito da descrição dos BRICS+, que se preocupam em nada avançar para lá da ideia de preferirem centrar-se nas transações comerciais atuais e futuras nas suas respetivas moedas. O caminho percorrido, entretanto, seria considerado como gigantesco e muito mais restaria a percorrer, segundo o mesmo analista.

Os países BRIC, de 2006 (Brasil, Rússia, Índia e China), colocaram-se à frente dos estados que eram antes designados como “países emergentes”. Estes afirmavam-se publicamente (naquela data), em processo de crescimento acelerado, sobretudo na sequência da hábil exploração das contradições nascidas do movimento de desindustrialização do ocidente, efetivamente iniciado em meados dos anos 70, ainda sob a presidência de J. Carter e, acentuado, com a de R. Reagan²⁶⁷. O grupo seria reconvertido em BRICS (2011) com a adesão da África do Sul, ou BRICS+ agora²⁶⁸. Sem fazer ruido, estão a fazer mudar, de forma radical, a relação

²⁶⁵ <https://reseauinternational.net/general-dominique-delawarde-nouvelles-du-15-mars-2025/>

²⁶⁶ Ver programas como, por exemplo, o seu site pessoal: Pepe Café.

²⁶⁷ Ver, para aprofundamento, Gibbs (2024).

²⁶⁸ Os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, o espaço económico em que mais se investiga, se publica e que mais patentes regista, segundo Baud, 2022a) assumem-se como um clube “*sui generis*”, centrado no culto rigoroso da soberania e da especificidade cultural de cada estado aderente, recusando liminarmente a ideia de que as culturas locais (das nove civilizações, estudadas) estariam na origem de um inevitável “choque de civilizações”, teorizado pelo Prof. americano, Samuel Ph. Huntington, no ano de 1993: Chinesa, Japonesa, Hindu, Budista, Islâmica, Ocidental, Latino-Americana, Ortodoxa e Sub-Sahaariana.

Os BRICS nasceram oficialmente em Ekaterinburgo, na Rússia. Juntaram-se-lhes, entretanto, muito recentemente, outros cinco: o Egito e a Etiópia, em África. os Emirados Árabes Unidos, a Indonésia e o Irão, na Ásia. A Argentina não aceitou e a Arábia Saudita tem a sua adesão suspensa.

A cimeira dos chefes de estado dos BRIC+ e dos seus novos países parceiros (Bielorrússia, Bolívia, Cuba, Kazakestão, Malásia, Tailândia, Uganda, Ouzbekistão e Nigéria), em Kasan, (22/24 out. de 2024), culmina um esforço de preparação ao longo de 220 encontros parcelares

de forças e a desfazer todas (a maior parte!) as certezas geoestratégicas, antes tidas por adquiridas de forma permanente (como vimos na esteira de F. Fukuyama).

Para se ter uma ideia da relação de forças no mundo, veja-se como o ocidente comandado pela “NATO”, controla cerca de 20% das fontes primárias de energia fóssil, ao passo que o conjunto do universo BRICS+ e seus próximos, controlam os restantes 80%, de acordo com a análise do já citado, general D. Delawarde.

Desde a crise de 2007 (a crise do subprime) tínhamos assistido a três evidências de algo de diferente, e nunca visto, se preparava:

- i. a tomada de consciência da incapacidade dos países ocidentais para gerirem a crise sem ser pela emissão de dinheiro (o quantitative easing – “o dinheiro imprime-se”, dizia então M. Soares);
- ii. as instituições criadas pelo ocidente para gerir as crises (FMI, BM), agravavam-na, efetivamente;
- iii. a construção do sistema herdado de Bretton Woods assentava numa ordem internacional profundamente desigualitária. Anunciava-se o fim do ciclo longo, saído de 1944?

Assim parecia. Acresce que, como diz Sapir (2024), encontram-se três condições que permitiram a economia russa resistir e progredir face às sanções ocidentais:

- i. manter, com o empreendedorismo russo, as empresas ocidentais que saíram;
- ii. manteve a capacidade de crescer, encontrando novos parceiros;
- iii. mudanças organizacionais positivas em todos os sectores, e de novo tipo, como a do pleno emprego, do aumento do consumo, do aumento da produtividade e outras (como o aumento da emigração, talvez esta seja, entretanto, de seis milhões de trabalhadores).

A principal das três condições encontra-se do lado da alternativa ao comércio com o ocidente, como é o caso das relações com a Malásia (hoje um dos produtores de semicondutores, 6% a nível mundial, por exemplo), com a Índia, com a China, e com muitos outros países parceiros dos BRICS+ e cuja potencialidade de superação do choque das sanções ocidentais surpreendeu muitos economistas no mundo inteiro.

Quanto à China, este país termina o ano 2024 com um crescimento de 5%, o que é verdadeiramente enorme, tratando-se da primeira potência económica mundial.

Por outro lado, a guerra na Ucrânia (segundo o jornalista Ted Snider) não sai bem aos EUA que não vergaram a Federação Russa, economicamente, como acima se referiu, dadas as saídas tecnológicas encontradas, nomeadamente, os gasodutos terrestres para a China, a rota do Ártico (plena de potencialidades de toda a ordem) e exploração de uma ligação à Índia ocidental (porto de Mumbai ou Bombaim), através do Irão. Para cortar esta, seria necessário, entretanto, provocar este mesmo país e arrastá-lo para uma guerra existencial (através da ação “secreta” de Israel, o que se não revelou tarefa fácil). Assim, apenas ao preço de uma guerra aberta, o ocidente poderia conseguir cortar a ligação referida (pensada e planificada, efetivamente, desde

acerca de quase todos os assuntos importantes para o mundo. Sublinhe-se, ainda, o peso relativo das duas principais instâncias mundiais: G7 (30% do PIB mundial); BRICS+ e parceiros (46,5% do PIB mundial). Sublinhe-se, ainda, que desde 2017, a China (Michelon, 2022) já supera o PIB americano. Pela mesma altura, os BRICS+ parecem ter desistido de se entenderem com os países do G7, passando à situação de uma “agenda de internacionalização alternativa” aquela que teria sido desenvolvida pelos EUA e aliados, desde o fim da URSS, em 1991 (Sapir, 2024). Acerca do significado “fundacional” da “cimeira dos BRICS+ em Kazan”, e de que fala, longamente, o mesmo autor, poderá ver-se, com interesse, o vídeo seguinte: <https://reseauinternational.net/brics-vs-occident-le-basculement-du-monde-commence/>.

2009)²⁶⁹. Às três dimensões de J. Sapir, poderíamos acrescentar uma quarta, relativa ao estatuto do “rublo” como moeda de reserva internacional, a par do dólar, do euro e do yuan (de acordo com reflexões sistematizadas por autores como Xavier Moreau). Em contrapé, os EUA identificaram (ainda, em 2022) os seis estados que deveriam deixar de estar ao lado dos BRICS+ (fazendo explodir a organização como um todo): Brasil, Turquia, Arábia Saudita, Índia, Argentina (?) e Indonésia.

Curiosamente, chamaram-lhe os “*swing states*”, ameaçando-os/atraindo-os?! Como se vê, obtiveram êxito no que respeita à Argentina (que irá, em princípio, ver o Paraguai e a Bolívia sair do isolamento, com a via férrea chinesa, Perú-Brasil).

Veja-se, como não só não travaram o processo como a Indonésia se decidiu a aderir como membro de pleno direito dos BRICS+, para se livrar do domínio do Banco Mundial e do FMI. Como se comprehende facilmente, o problema é que a tecnologia dos mísseis hipersónicos (russos?) irrompeu em cena e altera, para já, os planos do mundo hegemónico, o “império do caos/terror” (como se lhe referem, o ex-Coronel dos serviços secretos americanos, D. McGregor, ou o Prof M. Hudson). Em simultâneo, um tratado formal já une, de facto, o Irão, a Rússia e a China (assinado três dias antes da tomada de posse de D. Trump), consagrando, na prática, a “superioridade do comércio como fórmula de convivência internacional”, suportada na posse (exclusiva?) da “tecnologia de mísseis hipersónicos”. D. Trump pode não estar a perceber o mundo que diz querer transformar, como sugere D. MacGregor²⁷⁰.

(Contexto das fontes de informação).

105

2.25 O Papel de Israel no Âmbito da “Pax Americana”

A ação de Israel nas guerras do Médio-Oriente tem conduzido à destruição da Síria, situação porventura destinada a permitir, que se concretize, em tempo útil, isto é, antes que os países árabes se unam contra o “sonho sionista do Grande Israel”. Plaquevent e Hindi (2024) desenvolvem a tese segundo a qual emerge o “monstro”, o dito “Grande Israel”, expandindo-se à custa de todos os seus vizinhos, do “Nilo ao Eufrates”²⁷¹. Os autores argumentam, nomeadamente, que essa guerra de expansão só pode ser levada a cabo pelos EUA (por ação efetiva do lóbi sionista, evidentemente), contra os próprios interesses económicos do povo e da região israelense. O expansionismo (2015) era algo que a Rússia poderia ir impedindo, mas nunca de maneira decisiva, pelo apoio prestado à Síria do presidente, Bashar Hafez al-Assad, na sequência do qual deveria ser imposta a humilhação dessa potência eslava com o golpe de estado na Ucrânia em 2014, como o classifica um dos mais qualificados políticos dos EUA, o ex-embaixador e antigo governante. Efetivamente, o Embaixador Chas Freeman²⁷² responsabiliza exclusivamente a parte ucraniana pela guerra civil que se seguiu, com a traição confessada, dos acordos de Minsk, tal como se imporia à Federação Russa que interviesse na crise Síria. Esta situação de “guerra civil” ficaria, recentemente, ainda mais agravada com o bloqueio económico americano, invocando sempre as culpas de Putin, por tudo o que se tem

²⁶⁹ Num momento em que as guerras do Iraque e do Afeganistão já não corriam bem para os EUA. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=Gv1ZPFMxMo&list=TLHQMTgxMTIwMjSCGo731XOGlg&index=3>

²⁷⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=sDsle3fEe5k>

²⁷¹ Segundo uma versão dita “massorética”, que data da Idade Média”, Deus teria dado aos judeus toda a terra entre os dois rios, posteriormente interpretados como sendo o Nilo e o Eufrates. Para o que diz respeito ao texto massorético, consultar o “Dicionário Bíblico”.

²⁷² <https://www.youtube.com/watch?v=GrffgYWkYSw>

passado. Para o político norte-americano, o paralelismo entre as duas situações é mais do que evidente, com consequências semelhantes e que se traduzem no sacrifício dos dois povos, o sírio e o ucraniano, servido pela “narrativa” mais grotesca de sempre, montada pelas “elites” do mundo ocidental. O mundo nunca vira, diz, uma semelhante guerra de informação, baseada em falsidades insustentáveis!

O ex-embaixador apela ao sucesso das conversações diretas entre os EUA e a Federação Russa, deixando a UE / NATO e o governo de Kiev, fora das negociações até ao momento em que o acordo estiver pronto.

A derrota de Assad, “perseguida” pelo ocidente, só poderia ser possível com a “aliança contranatura” entre a Turquia e Israel²⁷³, sob a tutela dos interesses do “Capital Apátrida” de “extração judaica”. Toda a atenção à narrativa ocidental será necessária, porque ela é comandada pelo sionismo e “o sionismo não perdoa”, como demonstra Candace Owens. Diz Yoann, num artigo em RI, de 3/2/2025: Candace Owens num artigo que está a chocar a América revela informações sobre assuntos-tabu (eliminações físicas, controlo da informação, pedofilia, etc.), em que ela confessa arriscar a sua vida. Ela declara que “vivemos numa nação ocupada, em que falar de certos assuntos pode ser mortal”.

Como irá evoluir, de resto, a narrativa ocidental de defesa do sionismo, (que Th. Meyssan apelida de revisionista), neste contexto descrito por muitas entidades como um genocídio da população palestiniana²⁷⁴? Esta, sempre muito otanista e seguidista (faça Israel o que faça), calar-se-á a tudo, na sequência do “castigo” aplicado à Síria, o qual durava já desde 2015? Talvez se possa vir a entender com base na descodificação do jogo complexo que consiste em ajudar a instalar islamistas radicais nas fronteiras de Israel, com diversas consequências. Repetir-se-ia o “jogo” macabro imposto (numa primeira fase e atribuído, depois) a Sadam Hussein²⁷⁵ ou a bin Laden²⁷⁶ (senão, mesmo, os curdos), tudo isto financiado pelo Qatar, depois que estes cumpriram as respetivas tarefas e finalidades, contra a URSS ou contra o Irão? O que estaria por detrás do “jogo” aparentemente tão sórdido, israelo americano, com o seu cortejo de horrores de uma autêntica “limpeza étnica” que se lhe seguiu? Apontam-se as seguintes hipóteses, todas elas prováveis:

- i. fazer esquecer o dito “genocídio” dos palestinianos e de outros povos da região;
- ii. poder, dentro em breve, tratar aqueles islamistas radicais (criados e financiados por Israel, como demonstra J. Sachs) como autênticos terroristas (em linha com o que fizeram a O. bin Laden);
- iii. apoiar a expansão do estado israelense em direção às diversas fronteiras do sonhado, “Grande Israel”. Até onde irá a doutrina do “duplo padrão”, do ponto de vista “moral e político”, tão caro ao mundo ocidental? O caricato é que há quem se orgulhe, mesmo, deste “duplo padrão”, integralmente assumido, como é o caso do diplomata britânico Robert Cooper, um conselheiro de Tony Blair, denunciado por outro britânico, mas de tempero bem diferente, o já citado Alastair Crooke: “entre nós, no ocidente,

²⁷³ Como foi possível esta “aliança”, tendo em conta o início desta história de divisão do império otomano a partir da instalação das colónias judaicas sobre o território palestiniano?

²⁷⁴ Ver a mensagem de J. Sachs: <https://www.youtube.com/watch?v=jwN-P76nTyc>.

²⁷⁵ A atribuição dos atentados do 11 de set de 2001 a Sadam é mais do que uma simples impostura como reconheceu mais tarde o próprio Gen. Colin Powell, a quem o sistema israelo americano incumbiria o papel de denunciante perante a ONU.

²⁷⁶ Quanto a Osama bin Laden é sabido como ele sempre se declarou inocente desse pretenso atentado, quando a tradição dita terrorista sempre privilegiou a reivindicação das ações terroristas. Para analisar as teses em confronto, ver: <https://reseauinternational.net/le-11-septembre-et-le-grand-jeu-israelien/>.

respeitamos a lei”, mas quanto aos outros, os que vivem numa época anterior, usamos e usaremos “a força, o ataque preventivo e a mentira”, uma vez que segundo acreditamos a “realidade é o que formos capazes de criar com a nossa narrativa” (RI, de 9/2/2025). É, de resto, este duplo padrão que tem permitido ao ocidente pretender ter razão moral em combater o Irão (suspeitando-o de querer ter armas nucleares a partir de um programa de exploração civil da energia atómica), quando fecham os olhos à posse das mesmas armas pelo estado genocidário de Israel.

Por enquanto, esta ideia de o ocidente continuar a se aceitar apenas como “eco” (rigorosamente acéfalo) dos interesses israelenses, é apenas uma hipótese, sem qualquer intenção de pretender adivinhar o futuro, como diria o general Dominique Delawarde²⁷⁷. Do ponto de vista militar, o conflito do Médio Oriente, com a fuga das populações para a Europa, estaria apenas a começar.

(Controlo da narrativa).

107

2.26 A Periódica “Designação” da Categoria de “Inimigos da Democracia”

O homem apressa-se, de preferência, a retribuir um dano mais do que um benefício:

A gratidão é um peso;
A vingança, um prazer.

(Tácito, adaptado de Pieper, 2019)

Em 2018, já na era Trump, como é bem sabido, ou, mais exatamente, sob a preponderância da política de defesa do general James Mattis, enquanto Secretário de Estado da Defesa, os EUA seriam desafiados, pelos seus “*Think Tanks*” (os famosos laboratórios de produção de ideias habitualmente associados ao Pentágono) a passarem do paradigma²⁷⁸ da centração na “luta contra o terrorismo” (lançada pelo presidente Bush, em 2002), para se concentrarem, de maneira preferencial, num novo paradigma: o da luta contra as ditas “potências revisionistas”, “inimigas da democracia”, nomeadamente a China, mas igualmente a Federação Russa, agora designadas como o “novo eixo do mal” de acordo com o relatório da National Defense Strategy (ICI), de 2018. Entretanto, a recomendação era, sempre, sistematicamente, a mesma: para atacar o elemento principal do eixo (a China, mas, esta, numa segunda fase, a qual preveem, desde já, para 2027²⁷⁹), deveria, segundo, os referidos “laboratórios de ideias” começar-se por atacar a potência número dois, a Federação Russa.

Tudo indica que o “Pentágono” teria resistido a estas “ideias loucas” da Administração americana, permeável ou, mesmo, guiada pelos lóbis belicistas adeptos do neoliberalismo. O Pentágono alertava, explicitamente (como mostra J. Baud), para os perigos advinientes de uma hipotética, (mas não descartável) não-derrota da Federação Russa. Porque é que se avançou para esta loucura que se vive nos nossos dias? A razão poderia ter sido a seguinte: aceitou-se que a segunda potência “inimiga” (Federação Russa) seria “considerada” como forte militarmente, mas, entretanto, era facilmente esmagada do ponto de vista económico. Sublinhe-

²⁷⁷ <https://reseauinternational.net/le-proche-orient-en-feu-et-la-mer-noire-en-ebullition-avec-le-general-dominique-delawarde/>.

²⁷⁸ Um paradigma, de acordo com a teoria das revoluções científicas de Th. Khun, é uma construção conceptual, reconhecida pela generalidade dos autores relevantes de uma comunidade de praticantes, de uma determinada disciplina científica e que, durante um certo tempo, consegue fornecer possíveis formulações de problemas e proporcionar as soluções concomitantes em condições concretas (casos validados), entendidas como modelos para a ação operativa.

²⁷⁹ Tudo isto seria possível, se a guerra contra a Federação Russa pudesse correr bem, segundo nos parece. Ver, a este propósito: <https://reseauinternational.net/general-dominique-delawarde-geopolitique-generale-28-decembre-2024/>.

se que era desse modo que se apresentavam os argumentos dos serviços secretos ocidentais de forma unânime²⁸⁰.

Entretanto, no ano seguinte o “relatório da *Rand Corporation*”²⁸¹ (como se fora a voz do Pentágono) traçava já o plano (aceite como “vitorioso”), extraordinariamente detalhado, e sequencial, de um ataque “militar” à Federação Russa. Note-se que o plano envolvia, explicitamente, o “sacrifício” da Ucrânia, conscientemente aceite pelo “seu presidente” V. Zelensky o “eminente” membro da elite local, “escolhido” para fazer a guerra (em troca de riquezas incontáveis)²⁸², como o acusam, de forma explícita, Caroline Galactéros ou Scott Ritter²⁸³, ou mesmo os membros do seu próprio partido, afastados ou mesmo presos, como é o caso de Oleksandr Dubinsky²⁸⁴.

Para o efeito, ele traiu as promessas de paz com as populações russófonas, como agora os SEUS reconhecem. Uma tal eventualidade era reconhecida pelo conselheiro e porta-voz presidencial da Ucrânia (Oleksii Mykolaiovych Arestovych), que falava na armadilha estendida, mas sempre afirmando que esta venceria. Algo poderia correr mal, o que até poderia ser provável, mas mesmo nesse caso o sacrifício da Ucrânia seria sempre rentável para os EUA. Sabendo-se tudo isto porque se avançou? Em caso de impasse, dever-se-ia manter, desde o início, a narrativa, segundo a qual se estava a defender este país contra a agressão russa, explicitando sempre que esta fora “não-provocada”²⁸⁵. D. Trump disse, na 1ª reunião do G7, que isso que os outros dirigentes ocidentais repetiam desde o início era falso. Entretanto, agora, até o *New York Times* (NYT de 30/3/2025), se coloca de acordo com as reportagens quase sempre semanais, de Regis Le Sommier. Este tem escrito artigos reconhecendo que foram os EUA que declararam a guerra à Federação Russa, contando para o efeito com o exército ucraniano. O anterior chefe de estado maior da Ucrânia, Valerii Fedorovych Zaluzhnyi²⁸⁶ já confirmou que a guerra é com os EUA; a Ucrânia é apenas o lugar do conflito. Agora também o jornal americano reconhece que toda a operação tem sido superiormente comandada a partir da base americana de Wiesbaden, nomeando, mesmo, os diversos responsáveis, pelos seus nomes. Tudo se torna claro, mas também se torna claro que as populações americanas, ao mesmo título que as europeias, em face destas denúncias, teimam em não acreditar que estão a ser tomadas por parvas²⁸⁷.

Deveria, pois, continuar-se a dizer, sem hesitações, que se estava a ajudar a defender a Ucrânia, e toda a Europa, contra uma iminente invasão “russa”²⁸⁸ (como refere, com muitos

²⁸⁰ O PIB russo teria sido, inclusive, comparado ao da Espanha, ou mesmo ao de Portugal!

²⁸¹ Este relatório (que antecipa, de dois anos todas as fases do desenrolar do conflito) é amplamente discutido pelo Cor. (do exército suíço) Jacques Baud, um ex-especialista dos serviços de informações da NATO e um ex-observador da OSCE (no terreno da confrontação armada entre o estado ucraniano e as províncias autonomistas do leste “russo”), em duas das suas obras de referência: “Operation Z” e “Poutine, Maître du Jeu”. O seu testemunho, sempre documentado em fontes exclusivamente ocidentais, seria determinante para a compreensão da maior crise que nos é dado viver desde a 2ª Grande Guerra. Em anexo fornece-se uma lista das suas obras, que reputamos de indispensável.

²⁸² https://www.youtube.com/watch?v=a_Tmi-G08-s

²⁸³ Este Cor americano fez o inventário da fortuna de V. Zelensky (a título de prémio de judeu que se vende a nazis) de propriedades e de depósitos em paraísos fiscais. É, simplesmente, muito acima do que seria possível imaginar-se (citado por Manlio Dinucci - RI, 4/3/2025).

²⁸⁴ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=JdMJ29Buc8&list=TLPOMDYwNDIwMjX_HvQ9rkmhUw&index=3

²⁸⁵ Ver a denúncia do apoio ocidental ao nazismo na Ucrânia e outras denúncias, igualmente, inadmissíveis, em Israel ou em outros lugares do ocidente dito democrático: <https://reseauinternational.net/la-vie-autrement-avec-thierry-meyssan/>

²⁸⁶ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=g5NIdzEYnVA>

²⁸⁷ O relatório citado pelo NYT centra-se nas seguintes questões: direcionamento e seleção de golpes e transmissão das coordenadas dos alvos a serem destruídos; a direção das operações de combate, particularmente pelos americanos e britânicos; planeamento de movimentos estratégicos de tropas em grande escala de ataques individuais de longo alcance; o planeamento da contraofensiva de Kiev; o centro de comando dos EUA em Wiesbaden, na Alemanha, “supervisionou todos os ataques de mísseis de longo alcance HIMARS contra tropas russas”; a revisão das listas de alvos dos ucranianos e conselhos sobre o posicionamento dos seus lançadores e o calendário dos seus ataques; oficiais americanos e ucranianos definem as prioridades: unidades, equipamentos ou infraestrutura russos.

²⁸⁸ Os que falam de invasão nunca citam os casos da invasão de Koursk (em que os nazis ucranianos fazem dos hitlerianos como meninos de coro). Ver dem falta: <https://www.youtube.com/watch?v=UvIlefl0upA&t=1508s>

detalhes, J. Baud nas suas obras). Procurava-se a vitória ou, em alternativa, enfraquecer economicamente a Federação Russa, isolá-la, congelar o conflito, e forçá-la, enfim (...), a uma negociação final humilhante.

Vivia-se uma situação em que, internamente, o presidente Trump não conseguia (porventura não o desejava), libertar-se dos que pretendiam a guerra contra a Federação Russa e, em consequência, o seu próprio afastamento da política americana (como se veria em 2020), ficando, nessa sequência, o caminho livre para esta guerra “estúpida” (porque não se ganha uma guerra contra uma potência nuclear, como adverte de forma sistemática um dos grandes professores de ciência política dos EUA, John Mearsheimer). Em dezembro de 2021, como foi amplamente noticiada, ocorreria a última conversa oficial (mesmo se tensa) entre a Federação Russa e os EUA, na expectativa provável da vitória ucraniana (!). Ninguém no ocidente pensara na seriedade dos propósitos do presidente da Federação Russa, que em 2018 anunciaava que poderia haver surpresas do lado do seu armamento. Nos finais de novembro de 2024 aí chega o míssil (sem carga explosiva) que faz a diferença, (...) de seu nome “oreshnik”. Nenhum sistema de defesa, ativo ou *bunkerizado*, pode “contrariar” o potencial destruidor deste tipo de míssil, sobretudo porque mesmo que se começasse agora a investigar, e a investir de forma louca, as hipóteses de resposta demorariam entre 10 e 20 anos, segundo o investigador Jean-Pierre Petit. E, no entanto, procurando uma metáfora (como recomendam autores como K. Popper ou M. Maffesoli)²⁸⁹, a sua inspiração até poderia parecer simples, dado tratar-se de uma espécie de retorno à força cinética, que se julgava ter ficado, para todo o sempre, para trás, na história moldada pelo “explosivo”. Efetivamente, repetia-se a história, com um David a vencer um Golias (mudando, inclusive, o paradigma das narrativas bíblicas – o poder de Deus, afinal, ao invés do que se acreditava antes, manifestava-se pela “força” dos meios fracos). Só que a força cinética mobilizada seria a de um meteorito que surge, vindo (literalmente) do espaço, com a precisão de um sniper (como diz, de forma adequada, o especialista brasileiro em geopolítica, Pepe Escobar). Quanto à especificação da força envolvida, esta conjuga a massa, vezes a velocidade, segundo uma fórmula próxima desta ($F = 1/2 m * v^2$). A interpretação da fórmula da força, diz o mesmo autor, essa teria atingido cerca de 11/12 vezes a velocidade do som, suportando as altas temperaturas devidas ao atrito, as quais teriam chegado até cerca de quatro mil graus Celcius²⁹⁰. A destruição efetua-se, como se disse, sem a presença de qualquer explosivo e sem radiação, exercendo-se sobre um qualquer alvo, podendo, enfim, atingir uma profundidade de até 200 metros. É de notar, por último, que o faz sem causar danos às infraestruturas envolventes ou à população civil. Este míssil constituirá, porventura, uma mudança paradigmática? Tudo indica que nada de parecido, anteriormente, acontecera no mundo do paradigma em uso. No contexto da estratégia de defesa um novo paradigma que se situa no âmbito das armas convencionais, mas ainda assim próximas da dissuasão nuclear, até porque não existe qualquer forma de o intercetar. Tantas e tão caras tecnologias, como os celebrados “Patriot’s americanos (...), ou os “inúteis” mísseis israelitas (como acusa o Cor. J. Baud)²⁹¹, e tudo seria inútil face aos novos mísseis da Federação da Rússia! De facto, subdividindo-se em 36 municções autónomas e manobráveis até ao alvo, a arma funciona com

²⁸⁹ Acerca da importância decisiva do uso das metáforas para compreender uma realidade complexa, como é a do mundo pós-moderno em que vivemos mergulhados (o da permanência da comunidade contra a atomização dos indivíduos e o da vivência do tempo presente, colocando à margem de uma possível evocação, tanto o futuro quanto o passado), ver o belíssimo ensaio de Incerti e Cândido (2022).

²⁹⁰ Para fazermos uma ideia, a temperatura do Sol é de cinco mil e setecentos graus Celcius.

²⁹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=e0cSb1YWTPM>

uma precisão tal que pode atingir todo o tipo de objetivos militares, ou mesmo o comando inimigo, sem causar danos quer às infraestruturas nem à população civil, habitando no meio envolvente!

Trata-se de um choque tecnológico maior, que acompanha um “choque civilizacional” único, como a “cereja/avelã” em cima do bolo (para parafrasear as palavras de Dominique de Villepin)!

Tratar-se-ia, entretanto, de um míssil vocacionado, inclusive (como alguns analistas dizem, publicamente), para destruir os “esconderijos” típicos daqueles que possuem o poder de mandar os outros morrer nas guerras?! Como se poderá, de agora em diante, convencer os povos a autorizar os seus (des)governos a continuar a comprar equipamentos militares ocidentais ofensivos, caríssimos e claramente inúteis (se excluirmos as circunstâncias de uma guerra nuclear), em presença deste sistema essencialmente “defensivo”?²⁹²

Que “elite local” poderá, agora, continuar a tentar defender uma “ilusão coletiva” de manutenção da hegemonia mundial gerada em torno de uma “agenda” passadista? Efetivamente esta, como temos afirmado, teria de continuar na senda neoliberal e neocolonialista, a qual seria a única forma de atuar do “império”. Uma solução pela ilusão passadista? Sim, mas, até quando tudo isto se passará sem que os respetivos povos se levantem e lhes digam “basta”?

Do nosso ponto de vista, é a consciência deste fim de ciclo longo de 80 anos que teria levado os cidadãos americanos a rejeitarem a política da administração de J. Biden e a “punirem”, de forma tão radical, a “sua” candidata K. Harris. A título de curiosidade, note-se a posição verdadeiramente paradoxal de Robert Kagan (o teórico mais conhecido do neo-conservadorismo americano e marido de Victoria Nuland), emitida a 7 de janeiro de 2025 (Kagan, 2025). O antes, todo-poderoso mentor da expansão do poder americano, sob a batuta dos seus amigos neoconservadores, considera que as suas próprias apostas e as da administração de J. Biden, na Ucrânia (e não só)²⁹³, falharam, ponto! Admite, por outro lado, que a derrota irá ser terrível para os EUA, pelo que, em última instância, a guerra, com todas as suas consequências desastrosas, teria que continuar.

Neste ambiente que poderíamos caracterizar como de “caos”, resultante do “golpe” que tinha levado J. Biden ao poder em 2020, enterrado, entretanto pela vitória de D. Trump, com a nova orientação tratar-se-ia de uma escolha consciente do povo norte-americano, em termos de verdadeira alternativa? Veremos o que vai fazer a nova administração do novo presidente, no âmbito dos diversos conflitos, em evidência, e se a via do crescimento pelo comércio se impõe.

(Fontes de informação).

²⁹² Por coincidência, ou não, Israel aceitou negociar nos últimos dias de nov. de 2024. Terá sido depois de a CPI emitir um mandado contra o 1º Ministro de Israel? Foi depois da eclosão do míssil “Oreshnik”? Seria o resultado da “revolta” da “diáspora” judaica contra Israel? Ou seria, enfim, obra de uma aproximação entre os EUA e o Irão (por um qualquer motivo “desconhecido” relacionado com a reorientação da guerra de Israel contra a Síria)?

²⁹³ O espetáculo dos incêndios incontrolados de Los Angeles, desde o inverno de 2025, sem água, sequer, para os controlar, são a montra da política neoconservadora da administração ainda no poder.

2.27 A OMS como Instância Político-Sanitária do “Globalismo” e, não mais, como uma “Agência” Técnica Independente, da ONU

Sabemos que se trata de uma passagem à tirania, quando se desenvolve uma política promovida sobre três bases:

- i. a da desconfiança por parte dos cidadãos;
- ii. o enfraquecimento socioeconómico progressivo;
- iii. enfim, a degradação moral.

Aristóteles (*Política*, Livro 8).

111

O ano de 2020 marca o momento em que a “élite mundialista”, sob os auspícios de uma organização para muitos ainda digna de confiança (a OMS) procura controlar a essência do ser humano, o seu ADN. Esta agência, porém, estava já submetida aos ditames financeiros de Bill Gates²⁹⁴, e que nada tinha a ver com a saúde das populações, como denunciou o Prof. Didier Raoult (ele que é a referência mundial incontestada, em virologia). O multimilionário, por sua vez, que financiava a OMS, em 70% do seu orçamento (!), ensaiava uma fórmula, nem sequer muito subtil, de “controlo” completo da “governação” sanitária dos povos de todo o mundo, *pelo medo*, como dizia Klein (1970)²⁹⁵. Vivia-se no contexto de uma pseudo pandemia (ou melhor dizendo, uma “pandemia politizada”, ou uma “psico pandemia”, um género de “servidão voluntária” à maneira de Étienne de La Boétie, como gosta de dizer o Prof. Michel Maffesoli). Esta, efetivamente, deveria ter sido “combatida” segundo o consenso científico há muito testado, por um “tratamento, pelos médicos, e com os medicamentos disponíveis, assim como devendo envolver a população e incentivá-la a desenvolver uma vida normal”. Em lugar disso, a classe dirigente, a BIG-PHARMA e os médicos de televisão, optariam por gerar uma crise sanitária (o tempo do **medo**, como diria M. Maffesoli) seguida de uma crise económico-financeira (que inevitavelmente dará lugar ao tempo das **revoltas**, como diria o mesmo prof de antropologia). Os resultados, como se sabe, não se fizeram esperar, com a Europa e os EUA (a honrosa exceção da Suécia será sempre de sublinhar)²⁹⁶, a ficarem isolados na “risível situação” dos “insuspeitos” “medrosos” do sistema mundo²⁹⁷. Acresce que, submetidos a uma “gestão da ciência universitária” que já vinha abandonando o caminho da dúvida e do debate em módulo contraditório, tornaram-se objetos de um ensaio de “pensamento único”, produzido, publicado e veiculado sob a alçada da “indústria farmacêutica”, que paga a generalidade das revistas médicas, ou seja, um saber paradoxal, em simultâneo compartimentado e consensual, em saúde, – algo de simplesmente extraordinário e nunca visto, descendo aos períodos anteriores ao pensamento crítico da Grécia clássica (!)²⁹⁸.

²⁹⁴ Indicado como porta-voz da Big-Pharma e dos seus lucros previstos com as suas pseudo-vacinas, os quais deveriam atingir os 150 mil milhões de dólares.

²⁹⁵ De acordo com o autor, lança-se o pânico generalizado, para em seguida se anunciar que irá haver uma solução (cujo exemplo paradigmático foi a estratégia seguida, pela Big-Pharma corrupta, da pseudo pandemia da Covid). Ver, Henrion Caude (2023), ou: <https://reseauinternational.net/dynamique-de-leffondrement>.

²⁹⁶ Para se ter uma ideia do desastre económico-financeiro criado na UE pela propaganda (à moda da teoria da propaganda de Diesen, 2024, que ele próprio se baseia em Edward Louis Bernays, um sobrinho de S. Freud), atente-se na ideia de que os factos seriam muito diferentes: os países latinos, por exemplo, tiveram uma quebra de cerca de 12%, contra, 6% nos países germânicos e apenas 3%, na Suécia. O campo de batalha passaria a ser o “espírito dos cidadãos”, como diz Jean-Dominique Michel, dizendo que, no seio de uma espécie “hipnose coletiva”, os indivíduos se viravam contra os que lhes pretendiam abrir os olhos, recusando a “dissonância cognitiva” que chamava a atenção para as inúmeras incongruências da “matraca mediática”.

²⁹⁷ Michel (2024) é particularmente crítico das soluções tecnocráticas para a saúde humana, uma questão de tal modo gritante que faz dos EUA o país mais rico e um dos mais “doentes” do mundo.

²⁹⁸ Ver, para o caso da alimentação saudável (Robert Kennedy Júnior): <https://reseauinternational.net/ils-vont-sortir-des-chooses-que-les-gens-ignorent-et-qui-sont-abominables/>

O problema não se limitaria à saúde, mas a situação é a mesma no sector alimentar, em que as entidades financeiras se aproveitam das catástrofes “naturais” para controlarem as terras agrícolas, de modo especial as “cerealíferas” (a fundação B. Gates já controla a maior parte das terras agrícolas americanas, ucranianas, argentinas, espanholas, romenas, etc. – consideradas como um valor-refúgio, mais seguro do que o próprio ouro ou os fundos de pensões)²⁹⁹. Note-se que o controlo das terras aráveis se faz, por sistema, em nome da proclamada “revolução” “verde”, a qual se tornaria indispensável para salvar os países pobres da fome (!).

Poderíamos invocar, neste ponto, o poema que faz as delícias do Cardeal Tolentino de Mendonça (citado na sua obra “O Pequeno Caminho das Grandes Perguntas”), escrito pela nossa grande poetisa Sofia de Mello Breyner Andersen e que ela consagra a Ulisses, “O Rei de Ítaca”:

A civilização em que estamos é tão errada que
Nela o pensamento se desligou da mão.
Ulisses rei de Ítaca carpinteiro seu barco
E gabava-se também de saber conduzir
Num campo a direito o sulco do arado.

112

Onde está no nosso mundo de hoje o “elogio” do trabalho em plena natureza?

Na sequência da atual “falência” técnica da Ucrânia, serão os ativos europeus (mesmo os alemães ou os britânicos) os próximos a engrossar ainda mais os gigantes globalistas, como a BlackRock, comandados por gente da classe de Larry Fink, como o (futuro?) homem forte da Alemanha (Friedrich Merz, um homem de direita). Parece repetir-se a mesma jogada do RU (com Keir Starmer, um homem designado de “esquerda”), mas ambos (quer sejam conservadores ou progressistas), são colegas ao serviço dos potentados financeiros “judaico-americanos”. Estão igualmente, entretanto, comprometidos na tentativa de impedir a eleição de D. Trump (e da rejeição das três bandeiras típicas dos neoconservadores que patrocinaram o designado paradigma nihilismo, entendido como uma deificação do “nada” e/ou da **ausência de limites** (como diria E. Todd)³⁰⁰. Como é que tudo isto se poderá compreender?

Trata-se, de facto, de uma política financiada pelas organizações dos dois maiores bancos que a história humana já conheceu – os dois R’s - Rothschild e Rockefeller)³⁰¹. Estas políticas de modelo “Silicon-Valley” podem sintetizar-se através destas três bandeiras: a **climatologia** dos acordos de Paris, a **OMS** e o **wokismo LGBT**). Os despedimentos, verdadeiramente surpreendentes, da Alemanha parecem ser um sinal destes nossos tempos de uma “austeridade” cada vez mais assumida e cuja referência às suas causas parecem constituir um “tabu” para os “nossos” *mass media*, que apenas mencionam ora o “perigo russo”, ora o “perigo amarelo”, para desviarem o olhar relativamente às opções da respetiva “governação”. Atente-se, a título de exemplo, nos números de despedimentos: a ZF, um importante fornecedor da indústria

²⁹⁹ O problema da alimentação humana seria o da sua completa mercantilização nos termos de Peter Brabeck-Letmathe, ex-PDG da Nestlé e amigo e sucessor de Klaus Martin Schwab, o pai da Globalização. Em face deste projeto globalista, uma glocalização do problema da alimentação poderia constituir o centro das economias locais (e da inovação de acordo com as leis da natureza é determinante, como tem defendido a Profª Manuela Pintado, diretora do Centro de Investigação CBQF - Centro de Biotecnologia e Química Fina da Universidade Católica do Porto).

Ver, ainda, o artigo seguinte: Monteiro, Fonseca, Sendim, Vasconcelos e Ribeiro, 2023, ou, <https://dx.doi.org/10.21011/apn.2023.3508>. Sublinhe-se que os nomes dos autores criticados são os mesmos que defenderam a “neutralidade” do tabaco nos casos de cancro do pulmão, bem como os benefícios do açúcar ou de tantos outros produtos alimentares, em particular os “ultra processados”: <https://reseauinternational.net/inondations-en-espagne-le-plan-secret-de-lelite-financiere/>

³⁰⁰ Ver o que reporta a este título, E. Todd: <https://www.youtube.com/watch?v=0kqb0NsHk8w>.

³⁰¹ Os verdadeiros donos dos EUA e do mundo ocidental.

automóvel (14 000); a Thyssenkrupp (11 000); a BASF (2500); a Bosch (3500); a Ford (2900); a Miele (1300); a Bayer (1500); a Volkswagen (dezenas de milhares)³⁰².

(Fontes de informação).

2.28 Ucrânia - uma Guerra (por Procuração)³⁰³ para uma Eventual Ruína da UE e para Preservar os Interesses do “Império”?

Os números da economia mundial não parecem muito tranquilizadores:

a UE cresceu 1% nos dois últimos anos (2023-2024), ao passo que os EUA cresceram 6%.

Quanto à Alemanha, a tão celebrada locomotiva europeia, quedou-se em 0%, no mesmo período de dois anos.

(Pesquisa própria)

113

Comecemos este passo por contextualizá-lo através de uma reflexão desassombrada de um conhecido Cor. do Exército dos EUA sobre o preço que os EUA e a UE estão a fazer pagar aos povos da Ucrânia e da Federação Russa, pela preservação do sistema mundo suportado na dominação do dólar (na fase em que apenas lhe resta a capacidade de “destruição global” para a suportar).

A nova fase da guerra na Ucrânia entra no período de hostilidade aberta a partir de 24 de fevereiro (de 2022). Na realidade, ela vinha em crescendo desde o golpe de estado (dito de Maidan), promovido pelos serviços secretos dos EUA em 2014, sobretudo depois da provocação ucraniana do decreto presidencial ucraniano (de março de 2021, determinando a reocupação da Crimeia). Mas, grosso modo, a guerra era imposta aos ucranianos para molestar a Federação Russa, (Figura 19) fazendo-a entrar numa economia de guerra destruidora, pelo que essa apenas terá ampliado o que resultava dos planos da sua destabilização, como escreve Baud (2024). O cortejo de horrores que se vinham perpetrando contra a Federação Russa, era muito vasto, desde os atentados “de tipo islamista” até à guerra suja nos laboratórios químico-atómicos e biológicos, como recentemente denunciara um homem, depois assassinado, pelo terrorismo ucraniano, o Gen. I. Kirillov³⁰⁴, passando pela destabilização sistemática de todas as ex-Repúblicas da URSS, com níveis de sucesso variáveis, segundo os casos.

³⁰² <https://reseauinternational.net/blackrock-va-t-il-sauver-leconomie-europeenne/>

³⁰³ Uma guerra, das cerca de 500 desencadeadas pelos EUA, desde 1776, desencadeada em 2014 por um presidente galardoado com o prémio Nobel da paz. Uma guerra que tem sido conduzida, além disso, sob os auspícios de generais e de “brigadas neonazis” amplamente sustentados financeiramente pelas ONG’s de G: Soros, entre outras. Evidentemente, teria que haver, igualmente, um presidente “disponível”, porque muito bem remunerado, como específica, de forma detalhada, o Cor Scott Ritter, dos EUA.

³⁰⁴ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=AVxpbzKlaT8&list=TLpqMTgxMjJwMjRg2GYYEN9IYw&index=2>

- Mortos (do lado ucraniano): 1,2 a 1,5 milhões.
- Quanto ao tema da demografia, 15 milhões de emigrantes na EU.
- “Deixem de apoiar este regime atroz/globalista, responsável por todo o tipo de crimes de guerra”, apela Macgregor, ao governo americano. Acrescenta, de forma desassombrada, que: “tudo aquilo de que são acusados os russos, foi exatamente o que fizeram os ucranianos”!
- Mas o que se pode dizer de um vizinho dos EUA?
- Quanto ao México, diz, efetivamente, que os mesmos poderes (?) fizeram dos cartéis da droga e das substâncias ilegais um potentado que desenvolve uma guerra civil.
- Acerca dos mortos do lado russo, o Cor. Americano fala de 100 mil a 120 mil soldados, no mesmo período (início de março de 2025).
- Tudo porquê? Porque a destruição da Ucrânia não deve ser tida em conta. Apenas conta a destruição da Federação Russa. Seria para isso que serve a guerra!
- Este ex-especialista dos serviços secretos do exército dos EUA avança com uma tese surpreendente: “a política externa dos EUA consiste em destruir o Cristianismo, por todo o lado no mundo! Isso não quer dizer que não possam dizer o mesmo dos seguidores do Islão. Tudo dependerá do contexto em que querem desenvolver o negócio das armas, mas não são só (acrescentaríamos nós).

114

Figura 33. A morte, física e moral, da nação ucraniana, mas também do ocidente (de acordo com o Cor. Douglas Macgregor)

As causas da guerra aberta na Ucrânia são, pois, objeto de inúmeras especulações, mas é o Cor. J. Baud que seguimos na sua reflexão fundada em factos indiscutíveis: a desmilitarização e a desnazificação da Ucrânia como forma de proteger as populações do Donbass, como se impunha à Federação Russa, à França e à Alemanha (secundariamente, também, aos EUA), de forma explícita, os acordos de Minsk 1 e 2, validados pela ONU, em caso de incumprimento pelo governo de Kiev. O Figura 20 mostra os princípios aos quais obedece o primado do dever de proteção das populações em risco de massacre pelo seu próprio governo.

Ora é no Figura desses pilares do direito de proteção das populações em risco que a ação da Federação Russa se inscreve.



Figura 34. Responsabilidade de proteger de acordo com o acordo de Minsk

Nota: Na sequência da crise do Ruanda, cerca do ano 2000, foi definido na ONU o princípio da “responsabilidade de proteger” uma população em risco, quando o estado em causa não pode ou não pretende fazê-lo. Nesse caso a responsabilidade recai sobre a comunidade internacional, como um todo devendo serem acusados os outros dois estados (França e Alemanha) que a não cumpriram.

Ora o gráfico dos bombardeamentos (figura 35), apresentado pelos autores, mostra à exaustão, que as agressões contra os civis ucranianos do Donbass, não só não terminaram com

os acordos de Minsk, como ainda se intensificaram, de forma absolutamente brutal, na sequência de um novo episódio de violação grosseira dos ditos acordos de Minsk, pela assinatura do decreto presidencial de 24 de março, de 2021. Quanto ao número de baixas civis, no território do Donbass, era já, nesse período de 10 mil mortos.



Figura 35. Número de explosões no Donbass

Nota: O Cor Jacques Baud, na foto, descreve, na sua obra “Opération Z”, o essencial da problemática que estava em causa na OME (24/2/22): proteção das populações russófonas do “Donbass”. No gráfico (de origem americana), o aumento dos bombardeamentos com a publicação do decreto Zelensky (24/3/21), acerca da retoma pela força dos territórios da Crimeia, de Sebastopol e dos dois “oblast’s” do Donbass.

O autor, por outro lado, não deixa dúvidas quanto à intenção deliberada de “provocação” bélica da Federação Russa, invocando, como se demonstrará, os termos do relatório da *Rand Corporation*, que apresentava o plano e o calendário da guerra que se seguiria, devendo para isso consumar-se a preparação do que se considerava ser uma verdadeira armadilha!

O padrão relativo aos números de tiros de artilharia pesada sobre os territórios autonomistas do Donbass, que se apresentam na figura 16, em detalhe, não permitem qualquer dúvida quanto à dita provocação, como revela o Cor. J. Baud, o chefe dos observadores da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE)³⁰⁵ no terreno, no período em causa, na sua obra já citada (Baud, 2022a).

O curioso é que, o ocidente, em particular a parte europeia, nem interveio, nem condenou, sequer, verbalmente, a conduta “crimiosa” do governo (fantoche?) de Kiev, condicionado como está à condição de “serventuário” inútil, como agora é tratado pelo presidente D. Trump. Efetivamente, que respeito pode merecer uma UE, cujo principal país (a Alemanha) ouve declarar ao ex-presidente J. Biden que faria sabotar o gasoduto russo-germânico, sem reagir, nem o mesmo país nem a UE³⁰⁶, em manifesto “ataque” descarado à economia alemã e europeia, em geral? E o que querem estes “nossos” “queridos líderes” quando agora se queixam contra a nova administração de D. Trump? Gostariam de continuar a permanecer “tão” confortáveis, como quando admitiam que tudo estava bem, mesmo se a queda era inevitável, sob o “jugo” da administração de J. Biden? É bem conhecida a “piada” do indivíduo que

³⁰⁵ O ocidente europeu queixa-se de que seja o presidente D. Trump repreve o comportamento do governo de Kiev? Do nosso ponto de vista, deviam ter, no mínimo, vergonha, estes senhores políticos, especialistas em “direito”!

³⁰⁶ Ver: <https://reseauinternational.net/comment-les-usa-ont-piege-europe-dans-une-dfaite-strategique-totale/>

pergunta a quem cai, vindo do alto e passa em frente à janela do prédio, se tudo está bem: “por enquanto, sim!”, ouve-se.

Vejamos, entretanto, a questão-chave da crise europeia na Ucrânia, tendo sempre em mente, a ideia de Mark Twain. Efetivamente, segundo o autor, constata-se de que é “mais fácil enganar as pessoas, do que convencê-las de que elas foram enganadas”. O domínio da crença está estudado em psicologia: uma vez embaladas numa crença, é muito difícil sair-se dela.

Esta crise marcaria, entretanto, o início de uma posição ocidental considerada completamente débil pelo ex-conselheiro militar do presidente Obama (Cor Lawrence Wilkerson)³⁰⁷, forçando a entrada de um mundo (que se quer soberano) numa etapa revolucionária de ampla substituição do dólar como moeda de troca.

Esta questão da moeda hegemónica seria o verdadeiro problema dos EUA, agravada de forma significativa desde o início da crise na Ucrânia.

Será que a UE e as suas elites não percebem o fundo da questão que se torna urgente resolver, a guerra na Ucrânia, porque os EUA teriam que se virar para a verdadeira questão do dólar?

A questão decisiva, é que o mundo, como se verá, com os diversos polos de desenvolvimento a mover-se, aponta para uma gigantesca rede descentralizada, e coordenada de forma mais ou menos espontânea, devido a todo o tipo de iniciativas. O único limite que vemos, em termos de coordenação, é o prejuízo manifesto para algum dos membros. Quanto à questão da competitividade, no seio dos países BRICS+, desenvolve-se um segundo tipo de limites: é que não há necessidade nenhuma de se ser anti ocidente, antiamericano.

A narrativa do ocidente, a invés, não tem flexibilidade para zelar pela inclusão: a NATO, por exemplo não conseguiu superar a fase da criação de inimigos; os BRICS+ não necessitam de desenvolverem essa estratégia de “guerra de narrativas” em vias de estar perdida, tal como a guerra contra a Federação Russa foi perdida (como o Prof. Glenn Diesen tem argumentado, em inúmeras intervenções). É dessa forma que se vai destruindo a Ucrânia como se está a destruir a UE, (Figura 21), sem que, agora, consigam sair dessa mesma guerra de narrativas, para a qual o presidente D. Trump os empurra, com o diálogo direto EUA-Federação Russa e com a sugestão de que o G7 volte a ser o G8, com o retorno do gigante euro-asiático.

Para ir direitos ao assunto, diríamos que entre os países BRICS+ trata-se de um comércio mais continental do que marítimo³⁰⁸, sob a base das moedas nacionais³⁰⁹.

³⁰⁷ O Prof. J. Sachs (prof. da Universidade de Columbia) confirma tudo isto e aponta nomes, citando em particular, a omnipresente Victoria Nulland, a qual tem estado em todos os governos dos EUA, desde há mais de 30 anos: https://www.youtube.com/watch?v=go_NzeUCn5w.

³⁰⁸ Situação em que o porto de Chabahar, no Irão, permitiria conectar três grandes potências continentais: Rússia, Irão e Índia, a par, naturalmente, com as novas rotas da seda. Esta situação tem sido muito vantajosa para os três parceiros, nomeadamente para a Índia, um país que, além de ganhar dinheiro com as vendas de petróleo e de gaz russo ao ocidente, passou a comercializar toda uma vasta gama de produtos com a Federação Russa, em moeda local (rublo-rupia), a níveis nunca vistos, rondando os 90%.

³⁰⁹ Importa conhecer o alcance de certas medidas parcelares ensaiadas: pelo facto de as trocas entre alguns grandes países se fazerem em moedas locais, isso priva os agricultores ocidentais habituados a prever o estado das culturas e deixam de ter confiança nos seus sistemas de previsão da procura, pelo que irão deixando, progressivamente, de investir, para citar apenas as questões agrícolas.

- Será que os cidadãos europeus se deixarão arrastar para esse beco sem saída?
- Não aceitam que a derrota da NATO, nos campos do Donbass e da Nova Rússia, é mais do que certa e que o futuro se deslocou para os novos polos?
- A UE, que durante 500 anos foi o centro do mundo, estará em vias de se transformar num “não-lugar” (como diz Marc Augé), afastada da discussão acerca da definição das instituições internacionais da ordem multipolar.
- Valha-nos (qualquer santo da nossa devoção)!

Figura 36. A UE a caminho da irrelevância

117

Como foi possível que a UE, concebida para ser uma estrutura de paz se tenha convertido num fator de instabilidade e de guerra aberta com o resto da eurásia de onde poderia provir a sua independência energética. O senso comum manda-nos pesquisar a estratégia. A posição de Peter Druker, bem conhecida aliás, no mundo da gestão, diz-nos que em questões complexas a explicação deverá ser procurada do lado da cultura. Assim, o fator mais importante da explicação parece ser o do abandono da tradição no âmbito da tensão permanente entre tradição e modernidade. De acordo com esta perspetiva as zonas económicas e os países inábeis a gerir esta tensão perdem para os que as gerem de forma adequada. Aprofundemos este ponto de vista dado que ele constitui uma das nossas linhas desde à cerca de quarenta anos quando se tornou evidente que o paradigma da gestão japonesa se estava a sobrepor ao da gestão ocidental.

A cultura japonesa baseia-se como temos defendido (Lopes, 2016) e que resumimos no Figura 37.

- A cultura organizacional define-se por 4 ordens de valores:
 - 1 – Pelos valores de natureza ética (os objetivos a atingir, no Japão, são em permanência, monitorados pelos antepassados, como referia Venceslau de Moraes);
 - 2 – Ao nível da estética (processos rigorosamente executados de acordo com as indicações definidas sob o controlo da hierarquia);
 - 3 – Pelo bom relacionamento e cooperação entre todos os elementos de uma comunidade (cultura em socalcos – no caso, o arroz);
 - 4 – Pela inovação (forma como podemos ver uma cultura de defesa japonesa que se continua a inspirar, pela cultura do samurai).

Figura 37. Cultura (nacional) do Japão: como se revelou a principal fonte de competitividade

Analisemos, pois, os quatro princípios base apresentados, através de algumas reflexões complementares:

- i. a cultura colaborativa que se desenvolvia no Figura das aldeias japonesas no seu trabalho do cultivo do arroz em socalcos (como se vê bem no filme “Balada de Nurayama”);
- ii. a liderança participativa e comprometida pela tradição do treino de autodefesa dos “samurais” (como se percebe muito bem, na obra-prima de Akira Kurosawa, no filme “Os Sete Samurais”)³¹⁰;
- iii. um muito elevado comportamento ético, derivado de uma religiosidade intensa que se traduz por uma solidariedade com os seus semelhantes, protegidos pelos antepassados

³¹⁰ Ver: Lemieux-Lefebvre (2019). Ver, ainda, a obra de referência Morgan (1986).

comuns (como reporta Venceslau de Moraes, numa obra notável que nós temos estudado em detalhe);

- iv. um sentido, igualmente, elevado de estética, atento a todos os detalhes, porque é vergonhoso ser apanhado em falta relativamente a questões de perfeição nas atividades que serão julgadas por clientes exigentes e desconhecidos (uma dimensão também referida por V. de Moraes). Será que esta tradição de uma “cultura de qualidade”, como tem sido referenciada, é exclusiva do Japão e não replicável? Nada nos parece mais falso! Vamos ver, com um exemplo nacional, o que se passa no que respeita ao nosso país.

Nota: Fizemos uma revisitação da cultura portuguesa do milho, em socalcos, (Figura 38), um pouco “à sombra de edifícios religiosos” (nomeadamente, conventos), como é o caso da cultura do arroz no Japão.

Um hino à cultura portuguesa que todos os alunos das escolas deveriam pode um dia visitar, guiados pela procura das raízes das tradições que nos criaram como povo. Vale a pena mergulhar numa vivência moldada pelas três dimensões que “esculpem” uma comunidade viva:

- Pela natureza do trabalho;
- Pelo trabalho humano que “dialoga” com ela;
- E pelo conhecimento que potencia a aliança “trabalho-natureza”

Figura 38. Trilho dos Socalcos de Sistelo em Arcos de Valdevez (culpa da cultura, do povo)?

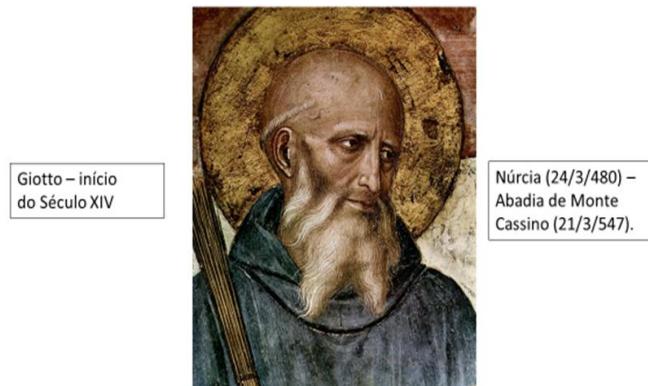
Veja-se o paralelismo, que diríamos total, com a cultura do Japão. Referimo-nos à cultura do milho que se desenvolveu desde o Século XVI, em Sistelo (Arcos de Valdevez) (figura 17) a qual prova que a cultura nacional seria extraordinariamente eficiente e eficaz. Note-se que esta ideia de gestão (da agrofloresta de proximidade às comunidades rurais) enraíza na mais profunda matriz cristã. Esta é bem visível na cruz dos espigueiros, mas o enraizamento é mais profundo, verificando-se na proximidade de um convento à aldeia de Sistelo.



Figura 39. Portugal e o trabalho colaborativo, liderado por dirigentes eleitos, na construção e manutenção dos socalcos ou da malhada e dos belos e funcionais espigueiros do milho, onde se começou a cultivar milho no seio de uma mini agrofloresta (árvore tutora, vinha, feijão e abóbora).

Entendemos, enfim, que foi nos conventos onde uma verdadeira antropologia do “espírito empreendedor” europeu se desenvolveu (o que hoje definiríamos como um “ecossistema

empreendedor” de suporte às atividades familiares como se fossem verdadeiras empresas), suportadas em “escolas conventuais”.



119

Figura 40. Figura de Giotto³¹¹. O primeiro ensaio do “efeito Florença” (R. Florida), em grande escala, depois da experiência pontual do Pártenon em Atenas

Estas nasceram da ideia visionárias de São Bento, no Século VI, (figura 18) a da criação de conventos duplicados “escolas de artes e ofícios”, com uma metodologia de tipo “inter-reflexiva”, isto é, cada saber fazer dialoga com os restantes complementando-os e desafiando-os a superarem-se (como mostra a “símbologia do claustro”). Vimos nascer, desta visão, nada menos do que 14.000 experiências de ensino das artes de bem-trabalhar, na Europa central, em menos de 300 anos, sob a liderança de um abade (abba, o termo neotestamentário mais forte). Para a população feminina, o mesmo tipo de experiência foi desenvolvido, sob a influência de São Bento, pela sua irmã, Santa Escolástica. Seria proclamado como pai da Europa, pelo papa Bento XVI.

Estas escolas permitiram, enfim, refazer um poder estatal, no caso do império carolíngio, construído, na prática, sobre o poder dos ofícios, em todos os domínios traduzidos depois na tradição das corporações medievais³¹².

A reconstrução da europa na sequência da destruição que acompanhou a queda do império romano no ocidente ficou a dever-se a esta ideia revolucionária de S. Bento e sua Irmã: escolarização generalizada e integral da população masculina e feminina da europa, conjugando trabalho manual e reflexão cultural.

Esta reflexão parece-nos fazer todo o sentido confrontando-a com a perspetiva dita Wokista do abandono da tradição em que cada indivíduo deverá preparar-se para um mundo unificado pelo poder hegemónico do dólar e da língua inglesa. Todo o desenvolvimento assentaria, pois, no ensino universitário/língua de circulação universal e na força do dólar, sendo a tradição um obstáculo ao desenvolvimento. Os países tradicionalistas teriam que vir a converter-se em fornecedores de mão-de-obra barata, quer às indústrias deslocalizadas do ocidente, quer em sede de emigração. A emergência dos BRIC+, no início do século XXI altera esta realidade:

A Federação Russa e a China procuram a força modernizadora em articulação com a tradição, mesmo se não têm no imediato o domínio nem da língua de circulação universal (o inglês) nem o dólar moeda de transações internacionais. O curioso da questão é que cerca de

³¹¹ Conceção da Decisão: a crise do fim do Império Romano, a rutura com a figura de poder divino/imperial e a emergência do “coletivo criativo”. O primeiro experiência do chamado efeito de Florença viveu-se nos conventos beneditinos a partir do século V na Europa.

³¹² Naselaria seria glorificado o trabalho manual, contra o trabalho “bom para os escravos”, da cultura greco-romana.

quinze a vinte anos o movimento BRIC+ supera o G7 em poder económico e militar, sem que aparentemente ninguém tenha antecipado o fenómeno.

A moeda é certamente um *handicap* para os BRIC+ e uma aparentemente inevitável submissão às regras do império hegemónico. Até quando?

Existem, entretanto, autores reputados a referir que faltaria muito, ainda, para se conseguir encontrar, num futuro, mesmo se ainda distante, uma moeda comum, dos BRICS+ com o seu sistema multivalor, em alternativa ao sistema financeiro do “império”, também há outros autores que apontam, antes, a manutenção das moedas nacionais, bastando, para o efeito, aproveitar as potencialidades de uma “Câmara de Compensações”³¹³, por exemplo. Uma tal situação seria equivalente à gestão multilateral da noção de algo como uma “unidade de conta” (próximo do que foi a experiência europeia dos anos do ECU), a qual teria a capacidade de garantir o “papel” que a “moeda” desempenha enquanto “sistema de troca” ou mesmo como “unidade de reserva de valor”, coletivamente gerida (Liang, 2021). A autora, que vive nos EUA, defende uma revolução contra as posições tradicionais dos defensores de M. Friedman, desenvolvendo para tal, ideias que nos parecem bem revolucionárias, recomendando para o efeito, uma ação consertada dos BRICS+.

Vejamos, mesmo se muito resumidas, as suas ideias principais, dada a importância crucial que poderão vir a desempenhar num futuro próximo:

- i. as deficiências no que respeita ao financiamento e às instituições financeiras são um obstáculo maior no caminho para o desenvolvimento económico das nações ou das empresas (sublinhando-se que a nova banca de desenvolvimento dos BRICS+ já empresta mais dinheiro aos países emergentes do que o Banco Mundial, do sistema de Bretton Woods, como refere Sapir, 2024);
- ii. efetivamente, o pensamento herdado de M. Friedman propõe que o financiamento seja baseado em excedentes comerciais, e orçamentais públicos, na poupança privada e a partir de entradas de capital estrangeiro;
- iii. todas estas prescrições políticas seriam baseadas em teorias infundadas e perigosas que têm conduzido os povos a suportar resultados totalmente contraproducentes;
- iv. em contrapartida, a teoria monetária alternativa pode fornecer uma explicação viável acerca da natureza do dinheiro emitido por um estado que se pretende soberano, situação que levaria a recomendações políticas sensatas e viáveis;
- v. a autora examina, enfim, as implicações de uma teoria monetária alternativa a partir da experiência de financiamento do desenvolvimento da China, concluindo pela relevância dessa teoria monetária no contexto do desenvolvimento de “novos esquemas financeiros” suscetíveis de servir os propósitos do desenvolvimento dos povos, a fim de estes se poderem libertar dos fatores da concentração da riqueza mundial³¹⁴.

³¹³ Ver, por exemplo, os trabalhos da Profª Yan Liang: <https://www.youtube.com/watch?v=akRpIP4IMSS>

A autora, uma especialista mundial sobre moeda, diz algo que surpreende: “ninguém voltaria a ser tão tolo que quisesse um novo EURO”. Em alternativa ao dólar, a arquitetura financeira dos BRICS+ deverá corresponder à constituição de um sistema descentralizado baseado na conversibilidade das moedas e, potencialmente, uma unidade de conta comum”. Ver, ainda, Liang (2021) sobre os fundamentos das posições que defende.

³¹⁴ Importa referir que, apenas, um número de menos de 3 mil multimilionários (2.781) teriam o equivalente ao PIB do RU, da França, da Alemanha e da Índia, reunidos. Uma análise aos anos da administração que está a terminar o mandato nos EUA, o nível de pobreza global, na população americana, praticamente, duplicou (J. Baud): <https://www.youtube.com/watch?v=Gr6a5xe-qp8&t=3315s>.

Sublinhe-se, enfim, como fator importante de conclusão deste ponto, que a Federação Russa teria crescido, nos dois anos de 2023-24 (apesar da intensificação das sanções económicas de todo o “ocidente coletivo”), a um ritmo médio de 4%, ao ano.

(Contexto das fontes de informação).

2.29 A Inteligência Artificial (IA) como Terreno Futuro da Tentativa de Manutenção da Hegemonia e do Confronto “Norte-Sul”

As coisas com as quais lidamos, na vida prática, são frequentemente muito complicadas para permitirem uma representação clara baseada em expressões “compactas”.

Em todo o caso, não podemos privar-nos de procurar uma definição para as coisas, no sentido de entender o que elas são.

(Marvin Minsky, *The Society of Mind*, 1985)³¹⁵

Os especialistas da China têm chamado à atenção para um facto que tem passado totalmente ignorado na Europa (7 de outubro de 2022): a imposição de um embargo dos EUA à China em tudo o que diz respeito à tecnologia da IA. Tal facto (algo que seria da máxima importância para a China) envolveria quatro dimensões:

- i. a China seria o verdadeiro inimigo dos EUA, em linha com a visão desenvolvida pela futura administração dos EUA;
- ii. a verdadeira guerra atual seria, desde já, o resultado de os EUA não aceitarem “relações igualitárias” com a Federação Russa e com a China (a guerra³¹⁶ na Ucrânia³¹⁷ e na Palestina), apesar de todos os horrores (aceites pela UE e pela NATO) da guerra sem nome de que ucranianos e israelitas se gabam, como no caso emblemático de queimar pessoas vivas em Odessa³¹⁸, poderiam não ser mais do que um sintoma daquilo mesmo, ou, por outras palavras, constituir uma diversão, em face da submissão pela força da qual não prescindem;
- iii. o terreno de confronto no futuro, situar-se-ia em torno da IA (Liang, 2021);
- iv. as guerras do futuro continuarão como no passado a ser as da energia, com a IA a exigir uma duplicação da produção de eletricidade em 15 anos.

Em abono desta tese os especialistas apontam o decreto presidencial (de 24 outubro 2024) que especifica o seguinte:

- i. os EUA têm o firme propósito de reforçar a liderança no domínio da IA³¹⁹;
- ii. utilizar a IA para atingir os objetivos de segurança nacional;
- iii. melhorar a fiabilidade da IA;
- iv. garantir que os EUA não perderão a sua liderança nos domínios da investigação e da dominação industrial neste campo do saber (tirando partido dos fornecimentos efetuados no âmbito dos conflitos, observando o que se faz noutras países, bem como, recrutando os seus melhores talentos para se instalarem nos EUA).

³¹⁵ Citado por Prof. Fernando J. Von Zuben num trabalho seu sobre a inteligência artificial.

³¹⁶ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=5kYh5z2sdVs&list=TLPOQMTMwMzIwMjV5gTrQ-3BwTg&index=2>

³¹⁷ Como se pode compreender o frenesi que E. Macron tem mostrado com a guerra na Ucrânia, sempre coberto pelas notícias da “The Economist”? Porque é “empregado” do grupo “Rothschild”?! Recentemente tem um aliado do lado da Alemanha (o novo provável primeiro-ministro).

³¹⁸ Ver, se tiver coragem para aguentar ouvir o testemunho de um soldado ucraniano acerca da morte de idosos e da violação de mulheres jovens, antes de as matarem: <https://www.youtube.com/watch?v=iHfVqRBw30Y>. Quanto às mentiras, perfeitamente absurdas, de Israel (e dos *mass media* mentirosos ocidentais) acerca do 7/out/2023, ver a análise de Michel Collon: <https://www.youtube.com/watch?v=NOe8wh6HWpU&list=TLPOQMDIwMjIwMjUtXsgmyYdrre&index=2>

³¹⁹ Ver Pierre Collet: <https://www.youtube.com/watch?v=3kZ45K0m5V8>.

Atente-se, entretanto no seguinte ponto: segundo um relatório de um órgão próximo do governo australiano, citado por Laurent Michelon, de quem já reportámos as suas excelentes fontes de informação, das 60 tecnologias de ponta, os EUA dominavam, há 15 anos, a totalidade das mesmas; em 2024, a China domina 57, das mesmas 60.

As últimas informações aparecidas acerca da IA no início do ano de 2025, como por exemplo uma aplicação gratuita, a *DeepSeek*, que vai muito além do “ChatGPT”, desenvolvida na China por técnicos jovens formados localmente, não deixarão de inquietar o governo dos EUA, que capitalizara empresas, ao nível de milhões de dólares, à partida, o que é algo nunca visto em termos económicos.

Estratégia empresarial? Desvio de fundos? O ex-presidente J. Biden terá certamente alguma explicação.

(Fontes de informação).

122

2.30 Uma 3^a Grande Guerra (Porventura, não-Declarada) poderia estar em Curso, no seio de uma Inconsciência Generalizada dos Povos do Ocidente?

De acordo com as palavras de Salomão, a sabedoria não entra numa alma malévolas, e o conhecimento sem consciência seria apenas a ruína da alma.

(Rabelais, médico, 1483-1553)

Na era do domínio da tecnologia e da ciência, enquanto recurso que deveria estar acessível, importa ter em atenção esta máxima de Rabelais que procurava uma forma de progresso aberto a todas as pessoas, aos povos e ao mundo, sem exceções. O autor procurava prevenir uma degradação moral induzida pelo progresso técnico-conceptual, devendo este ser acompanhado pela reflexão moral. Na ausência dessa ética caminhariam para a multiplicação de guerras. Em face do que via, reputava eminentemente essa rutura violenta entre católicos e protestantes, situação que acabaria por ensanguentar a Europa, arruinando-a, sem qualquer resultado positivo. A “guerra dos 30 anos” eclodiria, efetivamente, cerca de 60 anos depois da morte do grande romancista.

Mas qual é o verdadeiro nervo da guerra? O poder financeiro? De quem? Vejamos o caso da família Rothschild e de como decidem de tudo: da unidade ou da separação de países e de regiões; dos *mass media* e das plataformas da internet; da ciência e da tecnologia; da religião ou da cultura; da criação de grupos terroristas ou de ONG's; dos maus ditadores ou dos ditadores democráticos; da poluição aceitável (a da aviação) e da má poluição (a dos automóveis); do comércio ou da guerra. A família ocupa a base (a monetária?) de toda a estrutura de poder da emissão de dinheiro dos países do planeta (Figura 24) e nenhuma atividade crucial subsidiária lhe “escapa”, controlando instrumentos de ação (nomeadamente financeira) adequados a todos os tipos de necessidade de influência. Mas algo poderia ter corrido mal, a partir da formação do grupo dos BRICS+ e da provocação feita à Federação Russa a partir de um golpe de estado neonazi, na Ucrânia, para conduzir uma guerra “existencial” contra a maior potência nuclear da história, como temos vindo a referir! O que teria escapado aos Rothschild neste “erro histórico” que pode bem dificultar-lhes a “vida” no futuro da dominação do dólar?

- A grande riqueza dos Rothschild advém do facto de que eles controlam, directa ou indirectamente, todo o sistema bancário e financeiro do planeta, nomeadamente:
- i. todos os grandes grupos bancários;
 - ii. a maioria dos pequenos bancos privados existentes;
 - iii. a Reserva Federal, o Banco Central Europeu e quase todos os outros bancos centrais;
 - iv. o Fundo monetário Internacional;
 - v. o Banco de Pagamentos Internacionais (Banco Central dos Bancos Centrais);
 - vi. as empresas que gerem sistemas de liquidação entre bancos (SWIFT)
- E controlar tudo isto significa controlar a fonte de toda a riqueza do planeta. Todas as riquezas são secundárias e subordinadas a ela. Eles decidem quem manda e quem obedece, quem vive e quem morre, quanto dinheiro deve ser emitido e a quem deve ser dado

123

Figura 41. Processo de financeirização da economia pela banca globalizada

O que (dominam) e até quando (mantêm capturados os povos do ocidente coletivo para exercerem a sua dominação “subordinada”)? Vejamos o caso crítico da tecnologia!

As questões tecnológicas (de modo especial as tecnologias mais avançadas) dividem mais do que unem os povos, como advertem Dowbor e Ianni (1997): a distância entre pobres e ricos aumenta, de forma dramática, enquanto o planeta “sofre” dos excessos consumistas e a urbanização acelerada junta os polos extremos da sociedade nos mesmos espaços, levando a uma convivência contraditória e a um clima insustentável. O fenómeno da urbanização deslocou, assim, o espaço de gestão do nosso cotidiano para a esfera local, enquanto os sistemas de governo continuam na lógica centralizada da primeira metade do século XX. Finalmente, o mesmo sistema que promove a modernidade técnica gera a exclusão social, transformando o mundo numa imensa maioria de espectadores passivos que deveriam estar a maravilhar-se com as novas tecnologias “disponíveis”. O ajustamento só parece poder ocorrer por um recurso sistemático à guerra, acentuando a concentração da riqueza.

Das três “grandes” guerras de Israel³²⁰, a última (desde 7 outubro de 2023) estaria a degradar, porventura, de forma permanente e consistente, o capital moral do estado sionista, mas também dos EUA. Para J Sachs, que se apoia, em autores muito diversos, os EUA seriam um estado em situação de quase “sonambulismo” que se veria forçado a ter de abandonar o tão celebrado “sonho americano”, uma vez que, a política seguida teria “conseguido” que, na atualidade, três (3!) grandes famílias, detivessem 50% da riqueza total. Uma tal desigualdade estaria mesmo a travar, de forma iniludível, o próprio crescimento económico³²¹. Entretanto, o estado protegido (sionista) do “povo eleito” por “direito divino”, como os seus líderes o (auto)denominam em comunicados oficiais, pode, impunemente, fazer *tábua rasa*, do direito internacional. Podem atuar contra Gaza³²² e contra toda a Palestina (transformada por Israel num novo e ainda mais

³²⁰ Guerras de usura, o que nunca fizera no passado em que fazia guerras rápidas.

³²¹ Ver o texto de Oesch (2001), em que, através de um estudo que cobria 40 anos (1960-2000), alertava para o facto de a “desigualdade económica” ser como um fator “mortal” para o ocidente, no momento preciso em que uma parte significativa deste se decidia a apoiar a já referida “guerra de Israel e dos EUA” contra o “terrorismo” para a defesa da globalização e da manutenção da hegemonia israelo-americana. Curiosamente, este é o momento em que se concebe, igualmente, a ideia de que face a um novo vírus, se diz que a nova maneira de lhe fazer frente seria a de lutar contra ele, como se fora da ordem do “bioterrorismo”: fechar-se em casa e esperar que haja um tratamento (?!). Foram duas décadas de preparação para imporem ao mundo uma ditadura sanitária para atacar os elos fracos da sociedade (idosos, crianças, grávidas, etc.). Ver, ainda, o vídeo sobre o que o autor designa como a “crapulocracia”: https://www.youtube.com/watch?v=nraXwywt_k; ou, ainda, “crise Covid e mudança do mundo”, quando, pela primeira vez, na história as autoridades corruptas disseram às populações para não recorrerem aos médicos e a estes para se absterem de tratar os doentes! Traduzindo: é necessário acabar com o trabalho artesanal dos médicos, por contraposição a uma industrialização da medicina.

³²² O que se poderá esconder por detrás desta guerra, em Gaza? Terá sido a descoberta de uma grande bolsa de gás natural? Talvez um dia, no futuro, se possa vir a saber que motivos “messiânico-gasista” estão por detrás desta carnificina sem nome? E, já agora, (...) se Israel quer a paz, porque é que matou os pacifistas do Hamas e do Hezbollah, como acusa, frontalmente, J. Sachs? Porque não querem a paz, mas primazia, denuncia. Ver:

repugnante Auschwitz), contra o Líbano, contra o Iraque, contra a Síria e contra o Irão, ou seja, contra todos os que teriam origem no povo “*amalek*”, como os sionistas têm por hábito dizer, os “seres inferiores” (sic), podendo esta guerra vir a envolver, ainda, outros povos (os iemenitas, os egípcios ou mesmo os afgãos). A situação seria mesmo muito séria, se os EUA (secundados por Israel) não aceitarem um estado palestiniano de pleno direito (dado que todo o mundo tomaria consciência do **duplo padrão moral americano**, como refere J. Sachs³²³). O tempo não parece, assim, ser um bom aliado para os designados “genocidas”, segundo os termos da acusação sul-africana no TPI. Até quando poderá, concretamente, Israel, resistir a uma guerra aberta, amplamente desgastante? A pergunta pode ser revertida, evidentemente: até quando poderá o povo ultracivilizado do Iémen resistir ao império (versão Biden ou versão Trump – o mesmo vinho e duas garrafas, como diz J. Baud)?

O caso do Iémen parece-nos eminentemente paradigmático. Estamos perante um povo que cultiva as mais profundas tradições e arranca delas uma expressão de trabalho que conjuga a arte e a técnica de construção de forma ímpar. Os romanos fascinados por uma civilização sem escravatura e sem o medo do poder imperial apresenta uma população que descrevem como feliz. E assim batizaram a zona do atual Iémen com o nome de “Arábia Feliz”. Há décadas que o império tenta vergar este povo e ele resiste modernizando-se sem abdicar da tradição de solidariedade árabe e de soberania local, fazendo face ao poderio militar conjugado de todo o ocidente e de Israel, com a cumplicidade dos países árabes envolventes. Até hoje, tem resistido com sucesso.

Aprecie-se a beleza (Figura 19) desta beleza retirada da net e compare-se com a construção de cidades israelitas.



Figura 42. Imagem de casario de uma cidade Iemenita

Com a ajuda dos EUA e da Turquia (todos em estreita união na Síria), talvez Israel possa continuar a guerra por outros 80 anos, como desde 1946 a 2024. Ou, ao invés, mesmo um povo desprovido de tudo como os iemenitas poderão fazer-lhes frente e fazendo-o com uma coragem e um alinhamento com o direito internacional do dever de proteger, como nunca o ocidente, mesmo com D. Trump, o fez (como diz o Cor. J. Baud). Como quer que seja, a administração J. Biden, em parceria com o aliado, Israel, passará certamente à História como aquela que

<https://www.youtube.com/watch?v=Q-AxfAflWn0&list=TLPOQMDIwMTIwMjXqAmvkgAH4Ng&index=2>.

³²³ Acerca deste Prof., ver: <https://www.youtube.com/watch?v=Qsy2MpQbeIE>.

responde pelo maior genocídio da história humana (na Palestina), em nome de uma “profecia” de Isaías, reportada pelo “Talmud” (como confessou, com inteira desfaçatez, o 1º Ministro israelita, e no contexto do silêncio dos cristãos e sobretudo dos católicos). Todo o ser humano, do nosso ponto de vista, deve tomar posição perante tanto horror, em nome do espoliar do Médio-Oriente (como demonstramos neste texto), tal como deve tomar posição contra o que os nazis fizeram aos judeus e a outros povos na 2ª Grande Guerra. Pensamos que devemos isso à nossa condição de seres humanos.

Os estados europeus, por sua vez, têm-se implicado, desde há muito, neste terreno movediço, apoiando ou fechando os olhos, mesmo aos assassinatos de jornalistas, como é o caso da França e do RU (de quase toda a UE, de facto), mesmo quando se passaram todas as marcas, como o caso da tortura e morte do periodista americano Gonçalo Lira (2023). Qual o crime do periodista americano? Denunciar a corrupção generalizada daquele exemplo de “país democrático” e de ter divulgado a lista das personalidades políticas desaparecidas, questionando as autoridades a esse respeito. Veremos como irá, Zelesnky, sair-se da situação e explicar este caso horroroso; mas estamos convictos de que G. Lira, pelo menos, não será esquecido³²⁴! Tratava-se de uma cumplicidade efetiva (sempre afirmando a superioridade dos valores ocidentais que o regime de Kiev suportava, evidentemente). Não negaram, nunca, o seu apoio indefetível aos batalhões nazis, o qual foi, mesmo, amplamente publicitada, como reportam os jornalistas independentes denunciando os tremendos “genocídios”, que continuam, em crescendo, por estes dias. Há uma questão (pequena ou grande?) que, entretanto, vem sendo colocada, a qual se prende com as dificuldades económicas da UE, e mais concretamente dos seus dois principais países, ou seja, da Alemanha e da França³²⁵, que ao contrário dos EUA, estariam a perder muito mais do que ganham nestes conflitos da Ucrânia e do Médio Oriente, tornando-se um elo fraco do “Sistema Mundo”, como o temos descrito, ou como um especialista como David Pyne tem afirmado, apresentando a propósito, um ambicioso plano de paz, que ainda hoje seria inspirador. Pyne (2022) diz, desde há mais de dois anos e sem rodeios, que são os EUA que têm conduzido todas as guerras, nomeadamente a da Ucrânia (um país que teria sido, de facto, integrado na NATO para manter mísseis contra Moscovo a menos de cinco minutos, contra toda a narrativa ocidental). Sabemos perfeitamente que mesmo se a narrativa se refere aos valores da democracia, são os valores da finança que contam. A quem está a desgastar, pois, de preferência, esta guerra de morte pela sobrevivência da hegemonia do neocapitalismo mundial?

A nova Grande Guerra (contra a Palestina e contra a moral) desgasta, efetivamente, em primeira mão, as elites governantes da Europa e de toda a NATO³²⁶, mas, em último lugar, e não menos importante, desgasta os povos (os eleitores americanos dizem basta, nas urnas), mas, por último virão, ainda, as consequências em termos de stresse pós-traumático dos soldados, americanos, israelitas ou turcos, todos os soldados de ocupação³²⁷, tal como tem sido amplamente noticiado. Em Portugal, sabemos como toda uma geração de homens (no retorno

³²⁴ Elon Musk escrevia no dia 1 de mar de 2025: Zelensky nem sequer entendeu porque é que tinha feito mal ao assassinar este jornalista americano (RI, 2/3/2025). Será que a narrativa necessitaria, entretanto, uma troca de Zelensky por Zaluzhny? Tudo indicaria que é esse o plano.

³²⁵ Seis países africanos expulsaram, nos últimos dois anos, as tropas francesas do seu território, acusando-as de ingerência neo-colonialista: Mali, Burkina-Fasso, Niger, Tchad, Senegal, e Costa do Marfim.

³²⁶ Apenas as armas eliminadas pelas FA russas representariam um potencial de destruição de todo o espaço da Federação Russa, sabendo-se, ainda, que apenas metade das armas fornecidas à Ucrânia chegam ao campo de combate. O resto, mercado negro, diz o Cor Macgregor: https://www.youtube.com/watch?v=dt0HiE53Ubg&list=TLPOQMjIwNDIwMjXFh_snKfS42A&index=2.

³²⁷ O desgaste mental a partir de dentro seria o mais destrutivo da moral dos soldados israelitas. Sabe-se, efetivamente, que no Iraque os soldados americanos, que sofreram um desgaste equivalente, tiveram quatro vezes mais suicídios (uma vez regressados aos EUA) do que o número de mortos em combate: <https://www.youtube.com/watch?v=tpK7xpoIrc>.

da “guerra colonial”) tiveram dificuldades relacionais com cônjuges e de educação dos filhos (os dados do Prof. Afonso de Albuquerque seriam 150.000 casos graves em termos de stresse pós-traumático, a necessitar de um tratamento psiquiátrico prolongado). Por outro lado, ainda, este conflito maior não poderá senão aprofundar o isolamento do mundo ocidental. Atente-se no que se passa no caso dos BRICS+ (todos apoiantes de um estado soberano da Palestina), e que começam a fazer frente (em torno do Irão) aos dois poderosos estados-chave (EUA e Israel), bem como a toda a NATO, a ponto de destes não saberem, literalmente, como sair do impasse em que se encontram³²⁸. Do lado ocidental, notícias como as de conversações entre Irão e Arábia Saudita, ou com outros ainda, só podem ser más notícias para o globalismo!

Não se esperem, por enquanto, grandes êxitos do lado do movimento soberanista dos povos³²⁹. A título de exemplo, veja-se a região do Sahel: os povos levantam-se contra o neocolonialismo francês e “compram” imediatamente uma guerra desencadeada pelas milícias judaico-americanas³³⁰ da “Al Quaeda” (criada para combater a URSS no Afeganistão) ou do “ISIS - Estado Islâmico” (formado, financiado e armado, perfeitamente às claras, pelos EUA, sob Obama)³³¹, pelos EUA para combater a Síria e o Iraque, e todos os povos que se não submetam aos ditames do “império”, como em seu tempo reconheceu o próprio ex-presidente B. Clinton.

Como agir? É legítima (...) a interrogação do novo presidente do Senegal: “a França escravizou e colonizou o nosso país (...) e quer continuar a manter as suas bases militares entre nós”, interroga! Porque não vão embora, perguntaríamos nós? Mas será que a saída dos militares (de um país africano) seria o prelúdio à entrada de sociedades militares privadas “mercenarizadas”, como foi o caso na República Democrática do Congo³³², com o designado “M 23” na região do Nord-Kivu?

Ainda, no que respeita ao Médio Oriente e ao papel da Turquia, Th. Meyssan³³³ recorda o “juramento” na última sessão do parlamento otomano antes da sua queda, no final da 1ª Grande Guerra:

- i. “não aceitamos as fronteiras que nos são impostas;
- ii. as regiões de Tessalónica (Grécia), de Alepo (Síria), de Mossul (Iraque) e a ilha de Chipre, são Turquia”.

Em face do que se passa (uma guerra aberta, de conflito para conflito, como diz J. Baud, uma crise geral que não tem fim, desde o conflito na ex-Jugoslávia ao do Médio Oriente), o que restaria, então, do nosso “otimismo”, em face da perversidade do “projeto” de manutenção da financeirização das economias do mundo emergente (Porcher, 2018)³³⁴? Acreditamos na consciência dos cidadãos? Importa ser realistas, mas também, ter esperança nas forças de paz

³²⁸ Ver, em absoluto, o vídeo sobre o impasse das apostas de dois atores que dificilmente aceitam “baixar o tom” e deixar um espaço á paz. Referência de um dos grandes analistas do nosso tempo (John Mearsheimer): <https://www.youtube.com/watch?v=4w-MHHgzhhE>.

³²⁹ Ver a explicação do ministro dos N. Estrangeiros do Mali: <https://www.youtube.com/watch?v=ahpubyP7gvU>

³³⁰ Como reconhecia (em ago. de 2012), explicitamente, Hillary Clinton, Secretária de Estado (ministra dos negócios estrangeiros) americana do governo do presidente Obama, a qual advogava a balcanização do Médio Oriente, fraturando a Síria e o Iraque, segundo relata Baud (2016). Ver, ainda, o testemunho do padre católico sírio Elias Zahlaoui: [Père Zahlaoui: «Israël veut la destruction du monde arabe» - Interview par Michel Collon - Syrie](http://www.perezahlaoui.com/interview.html).

³³¹ Ver este vídeo em que todo o esquema da formação do ISIS/Daesch (e da atual ação do grupo na Síria ocupada pela Turquia, em aliança com a CIA e com um grupo de mercenários curdos) é devidamente explicado por Th. Meyssan: <https://www.youtube.com/watch?v=hve3ICN3wbY>

³³² O contexto da guerra no Congo prende-se com a passagem à “era dos metais” e dos veículos elétricos.

³³³ <https://reseauternational.net/la-syrie-de-bachar-est-tombee-qui-sera-le-suivant-avec-thierry-meyssan/>.

³³⁴ Ver e compreender, o papel da economia no nosso mundo: <https://www.youtube.com/watch?v=cR41P2L80mA>.

no mundo. Estas, paradoxalmente, podem emergir a partir da evolução dos dois conflitos maiores: o da Ucrânia e o do Médio Oriente (continuando a seguir J. Baud)³³⁵.

No que respeita à esperança, seguimos as reflexões de Prolongeau (1998), no âmbito da divulgação que se propôs fazer de uma obra que, consideramos, fora dos parâmetros de pensamento comum, onde apresenta uma longa entrevista com um sacerdote católico (Émile Shoufani)³³⁶, a qual muito raramente divulgada nos *mass media* ocidentais. E. Shoufani criou e dirige um “colégio” em Nazaré (cidade de maioria árabe) destinado a “ensinar” e “aprender” a conviver “entre diferentes” e a estudar, a partir da realidade vivida dos mesmos leitores, vivenciando todos os benefícios da paz e do conhecimento acessível às crianças, ou aos adolescentes e jovens, sejam eles católicos, muçulmanos³³⁷ ou judeus.

Será certamente difícil, mas este é um exemplo de experimentação do futuro, perspetivado pelos mesmos que o hão-de “criar” (ao mesmo devir), numa terra tão martirizada. Como é que a ONU não divulga e/ou não promove este tipo de projetos?

Em alternativa, o despertar do mundo muçulmano poderia ser extremamente violento:

- Representam 25% da população mundial (ou seja, 2.000 milhões com tendência para crescer);
- Mas (...) apenas 6% do PIB do mundo.
- No auge do império Otomano, chegariam a viver povos de 34 países atuais. Tudo começaria a afundar-se com a criação ilegal do “estado de Israel”, em cerca de metade do “estado da Palestina mandatária”.
- Será que podem unir-se, agora que o mundo se liberta da era dos petrodólares e se volta para a multipolaridade, nascida a partir dos movimentos dos BRICS?
- *Haverá espaço para um novo conjunto de instituições internacionais (ONU ou OMC)?*

Figura 43. O despertar do mundo islâmico?

A Figura 43 representa a nossa esperança numa vitória de uma nova narrativa que resista aos factos, a qual haveria de nascer da capacidade de integração cultural, e de garantia de equidade; haverá de nascer da capacidade de integração cultural que estão a conseguir os principais BRICS+, da Federação Russa dos mais de 20 milhões de muçulmanos, da China dos milhões de uigures, da Índia (multicultural), do Brasil (modelo da transculturalidade) ou do Irão (onde tantos cidadãos de religião judaica convivem com a maioria muçulmana).

(Controlo da narrativa).

³³⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=kNtjC1O1fx0>.

³³⁶ O entrevistado diz que pensou vir a escolher a via da preparação para o sacerdócio, no momento do funeral dos seus pais, irmãos e avô, todos massacrados por “terroristas” judeus, no período imediatamente anterior à emergência do estado de Israel. Ele, só, sobreviveu com a avó. Seria ela que, em frente aos cadáveres, lhe pediu para rezar pelos inimigos, ensinando-lhe (em palavras que se lhe gravariam de forma indelével) o que Jesus disse a esse respeito. A sua missão, diz, consistiu, sempre, em procurar colocar em prática essa mensagem cristã, afirmando o princípio da reconciliação, sem limites. O autor da obra conclui, a propósito, que a mensagem de uma “espiral da vingança” apenas poderia conduzir a uma mútua perda, com uma única diferença: é que uns perderão mais lentamente do que a parte contrária. Cada qual compreenda se o caminho é a posição de N. Mandela e de Desmond Tutu (bispo anglicano), na África do Sul, por exemplo, ou se, ao invés, esse caminho seria o definido pelo efeito “Sansão”, ou seja, um “sistema de destruição mutuamente garantida” para todo o mundo, como desejam explicitamente os ultrais de Israel (por outras palavras, “se os amalek poderiam ganhar, nesse caso o mundo explodiria”, como se declara na carta de juramento dos soldados israelitas).

³³⁷ Estes representam 25% da população mundial (ou seja, 2.000 milhões com tendência para crescer). mas (...) apenas 6% do PIB do mundo.

3. Interpretação dos Dados

A leitura que fizemos dos dados parece tender a revelar-se, do nosso ponto de vista, inteiramente alinhada com a lógica que presidiu à escolha dos factos, ou melhor dito, dos passos selecionados (no sentido de uma interconexão evolutiva dos mesmos), os quais seriam relativos à realidade social dos últimos 80 anos, tal como a concebemos, e como se poderá constatar no Figura 25, que em seguida se apresenta.

Apesar do relativo equilíbrio dos valores encontrados em cada um dos quadrantes, verifica-se, de forma intuitiva, que os números mais baixos nos surgem em torno do paradoxo que associa, opondo o domínio da comunicação (no sentido do controlo da narrativa dominante dos factos, transmitida pelos *mass media*, cujo padrão de propaganda teria sido o da morte de J. Kennedy pelos “russos”), em 1963!³³⁸, por um lado, e a implicação ou a questão da confiança, no parâmetro credibilidade das “elites locais” (6 referências, em trinta, contra 7 da comunicação, ou seja, 13 referências ao todo).

Os valores em referência, na Figura 44, parecem consistentes com a ideia de uma “desconexão” progressiva, mas inexorável, entre as massas e as elites (um parâmetro que garante a estabilidade da democracia representativa ocidental), num contexto internacional em que é visível uma degradação, paralela, da credibilidade dos países do ocidente, junto dos países do designado “sul global”. O problema, porém, é que as elites no poder no ocidente estão desacreditadas, um pouco por todo o lado (sobretudo, nos EUA, no RU, na França ou na Alemanha), sabendo-se a quantidade de nomes presentes em diversas fontes de informação acerca de casos de pedofilia, de corrupção, de tráfico, etc., como o famoso “caso Epstein”.

Têm sido, efetivamente, reveladas notícias segundo as quais, apenas, 30% dos americanos confiam nas informações *dos media mainstream* (porventura os maiores inimigos dos povos do mundo, como diz J. Baud)³³⁹, uma vez que se sabe, segundo o autor do texto em referência (Alan McLeod), que as informações sobre a guerra são não apenas pró-israelenses, mas, inclusivamente, seriam eles mesmos a redigi-las.

Nas palavras de um político de renome mundial, como é Eric Denecé, o ano de 2025 abriria sob um signo novo: o ocidente desgasta-se sob o peso de um comportamento de duplo padrão moral gerador de duas crises maiores das quais não parece poder haver uma saída fácil, a ucraniana (cada vez mais absurda e mergulhada na mais pura corrupção) e a israelense (que já terá desgastado todo o capital moral que lhe era favorável, nos nossos países)³⁴⁰.

O ridículo da situação ocidental é que esta se baseia na confiança cega numa narrativa da culpa russa, quando todos os países do sul global reconhecem a ligação entre as duas crises e as responsabilidades americano-sionistas na origem de ambas, como a nova crise síria o demonstra plenamente, na sequência de 15 anos de guerra civil contínua. O especialista citado admite que tudo isto (talvez após uma pausa de 15 anos) irá desencadear uma vontade de

³³⁸ A “máfia israelita” ao serviço de Israel, anteriormente baseada em Cuba, passaria a dominar os EUA a ponto de eliminar o seu presidente, sem que ninguém, em 60 anos, tenha tido acesso aos documentos classificados acerca do caso (talvez os verdadeiros documentos nunca possam ser verdadeiramente encontrados, de tal maneira seriam demolidores para quem manda, de facto, mesmo face a muitos cidadãos judaicos). A ver, entretanto, o vídeo seguinte, acerca das hipóteses de Jacques Baud.: https://www.youtube.com/watch?v=OiT_hjtoqh8

³³⁹ Meios, efetivamente, infiltrados por mais de 3.000 agentes da CIA, experimentados em desinformação: <https://www.youtube.com/watch?v=pVeW5r61jNY&list=TLpqMDQwMTIwMjXMeWQU3IXIU&index=2>

Ver, igualmente: <https://reseauinternational.net/les-lobbyistes-israeliens-ecrivent-les-infos-pour-lamerique/>.

³⁴⁰ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=1DghoJz6OmY>

vingança por parte das populações árabes que não augura nada de bom para a aliança agora vencedora.

Se a intenção americana era de, em última instância, garantir a segurança dos fornecimentos regulares de petróleo do Médio Oriente, ao ocidente (ou seja, com a intenção de que a “Globalização” possa continuar triunfante), esta situação ocorrida na Síria pode não constituir uma vitória muito bem-sucedida, dado que ela se instituiu a partir da instalação, pela força, de uma política do “caos”. O futuro na Síria só pode levantar mais preocupações do que certezas.

Vejamos como ficou organizado o Figura cognitivo (Figura 25) que elaborámos inicialmente, composto com base nos dados empíricos (extraídos das narrativas selecionadas para demonstrar a estratégia de substituição dos factos pelas percepções, condicionadas pelos *mass media*).



Figura 44. Figura cognitivo de um questionamento da globalização: qual o equilíbrio que nos poderia conduzir na senda para a “glocalização”?

A leitura que decorre dos números encontrados permite verificar que as preocupações principais se concentraram no par contraditório do domínio das fontes de informação e da formatação dos respetivos contextos de suporte à narrativa simplista sempre previamente definida. A menor incidência da preocupação com as elites locais parece identificar alguma falta de consideração por quem se disponibiliza a secundar “sem críticas fundadas” a voz do seu mestre, numa tradução literal de uma conhecida expressão (*His Master's Voice*). O leitor poderá retirar outras conclusões, relativas ao que consideramos como uma “acefalia” com que a opinião pública ocidental tem continuado a seguir as narrativas propostas, nomeadamente as que se prendem com as crises de valores, diversas vezes referidas. Estas narrativas acerca dos valores neoliberais:

- i. a “economia financeirizada como sustentáculo da liberdade”, como se todos tivessem acesso à mesma informação;

- ii. a desvalorização da família, como se a natureza humana fosse uma “dádiva” concedida às pessoas por um lapso de tempo em que ainda faltam “robôs” humanoides que nos hão-de substituir com vantagem para benefício dos senhores do mundo;
- iii. a biodiversidade de que todos vivemos (a começar pelo nosso ADN e a imunidade que nos assegura contra a doença em que nos querem mergulhar), ela seria pouco mais do que um desejo piedoso a sacrificar no altar da indústria alimentar;
- iv. a justiça não passaria de um instrumento de controlo social, com os poderosos a manobrar as suas finalidades através de processos obscuros apenas acessíveis a eleitos.

As narrativas diárias dos *mass media* falidos não seriam mais do que “pratos” requentados, mas únicos disponíveis num “menu” cuja impressão envelheceu há muito.

O “duplo padrão”, a que antes nos referimos, e que continua a pautar as ações do império, também há muito terá deixado de incomodar a consciência ocidental. Efetivamente, esta opinião pública ora é levada a “apoiar” políticas de imigração de populações de países em guerra, ora, a continuar a apoiar as mesmas guerras que provocam essas emigrações, sempre assumindo a “verdade” servida pelos “jornalistas” “contratados” por quem beneficia quer das guerras, quer das imigrações. Se há excessos de “zelo” nas limpezas étnicas, os mesmos *mass media* não irão deixar, como sempre, colocar às pessoas temas de conversa que desviam as atenções: se alguém levanta a questão do massacre dos palestinianos e a destruição de cidades inteiras, a conversa desloca-se para a sua recolocação para fora da sua terra, porque não têm condições de vida onde antes viviam. Esse é apenas um exemplo de como as pessoas são, sistematicamente, convidadas a viver sem memória e sem referências ao invés do que recomendava Leonardo da Vinci (“o conhecimento do passado e dos lugares do mundo é o ornamento e o alimento da mente do homem”). E tudo isto é proposto em nome do “bem-estar” de um povo, “de colonos”, que se reclama de textos como este que se segue retirado da Bíblia.

“Aqueles que nos levaram cativos queriam ouvir os nossos cânticos, e os nossos opressores, uma canção de alegria: cantai-nos um cântico de Sião. (...)

Apegue-se-me a língua ao paladar, se não me lembrar de ti. Se eu de ti me esquecer, ó Jerusalém, que se paralise a minha mão direita”!

Será que apenas alguns privilegiados têm direito à memória? Para os outros, uma permanente lavagem de cérebro os aguarda.

Esta nossa reflexão não é neutra, como é evidente. A investigação exige escolhas e riscos de “erro” “solidário”, naturalmente. Este erro será sempre passível de existir a partir da utilização de “fontes abertas”, sobre as quais se funda uma determinada reflexão. O percurso encetado parece, entretanto, demonstrar o bem-fundado da visão proposta: a dominância do movimento que conduziu à “globalização” parece estar a terminar, tal como estava a concluir-se o “ciclo longo” (da financeirização da economia), no sentido que Kondratief dá ao termo, e que o mundo conheceu no decurso dos últimos 80 anos. Nestes dias de manifesta “crise de representação democrática”, marcado por acontecimentos (do tipo *secessio plebis*) que revelam, por sua vez, um “fim de ciclo” (Maffesoli, 2021), gostaríamos, enfim, de concluir com a citação de umas palavras sábias de Robert Kennedy Jr. O indigitado ministro da saúde dos EUA, invocando o seu pai e o tio (assassinados nos anos 60), argumentava, a partir dos termos de uma denúncia do seu próprio pai, contra os autores das “pseudovacinas” da COVID³⁴¹. Estes acusavam-no

³⁴¹ Ver para a pseudovacina: https://x.com/LE_GENERAL_FR/status/1879972076003713387?mx=2.

de ser um “antivax”, quando o que ele fazia era, simplesmente, denunciar aquilo que as próprias farmacêuticas sabiam ser uma “mentira” (as “vacinas” não eram nem seguras nem eficazes, como as autoridades médicas sabiam muito bem). A mentira era tanto mais descarada quanto estava subjacente a este caso um “tratamento genético” (ou seja, tudo tinha sido planificado desde 2013, eram tudo menos uma “vacina”). Os autores desta “mascarada” acrescentavam que as “vacinas” tinham sido produzidas com base numa percentagem elevada de energias renováveis (?!). O problema é que, em simultâneo, se viria a revelar como o maior “desastre” sanitário do século (um verdadeiro **“escroavidismo”** combinado entre farmacêuticas e governos)³⁴². Dizia, pois, Robert Kennedy Jr. (RKJ): “o meu pai, quando eu era ainda pequeno, disse-me que os detentores de poder mentem e que o trabalho do cidadão, numa democracia, é o de se manter vigilante e cético. Eu (RKJ) ganhei, desta forma, um espírito científico desde criança: mostrem, pois, as provas e eu acreditar-vos-ei; mas não vos sigo sobre uma narrativa oficial, sobre a vossa palavra. A investigação científica não consiste, assim, em questionar pessoas dotadas de autoridade sobre o que pensam acerca de um qualquer fenómeno. Confiar nos peritos não é uma característica da ciência ou da democracia, sendo antes uma característica da religião e, em política uma marca do totalitarismo”.

Uma frase terrível (da especialista em genética, Alexandra Henrion-Caude) ecoa: o pior está para vir, com a emergência de todo o tipo de doenças cancerosas em proporções nunca vistas e de trombos sanguíneos inexplicáveis”. Será? Importa ler o livro, notável, sobre esta matéria, de Lalo (2025). Como será a sequência do aprofundamento da crise do neoliberalismo? Esperamos uma crise, sem precedentes, que afetará todo o sistema aforrador, desde o subsistema das reformas até ao aforro familiar? Economistas de renome têm-se dedicado a aconselhar sistemas de seguro inovadores e mais seguros, passe a redundância! Mas será que estariam disponíveis para o cidadão comum ocidental³⁴³?

131

4. Análise de Resultados

A presunção de que podem existir elites que sabem melhor do que o povo
o que deve ser a governação das empresas, ou da sociedade, é fatal.

(Friedrich August von Hayek)

Vemos pela análise de dados, que o quadrante consagrado à ação das elites locais (normalmente consideradas como essencialmente corruptas e promotoras da ilegalidade), seria o menos dominante no conjunto das narrativas consagradas à descrição dos “factos” arrolados para caracterizar o decurso dos anos da dominação absoluta do dólar. Dir-se-ia que com o estabelecimento do artifício da “democracia formal”, o poder destas elites seria sistematicamente entendido como legítimo, mesmo quando se tivesse de recorrer a golpes de estado sangrentos (do Congo ao Irão, ou do Chile à Ucrânia). Desse modo, não teria sido necessário consagrá-lhe uma grande preocupação. O importante, para o poder que controla

³⁴² Ver o vídeo: <https://reseauinternational.net/allemagne-lescroquerie-du-covid-explose-au-grand-jour/>

A respeito dos riscos associados à “circulação exponencial” do vírus SarsCov2, um investigador alemão do Instituto Robert Koch (RKI) revelava, no dia 20 de março de 2020 (ou seja, quatro dias depois de Portugal ter decretado o fecho das escolas, situação que conduziria a opinião “pública” a antecipar o confinamento decretado a seguir), que este vírus não circulava, sequer, de forma anormal, apesar de ele ter sido criado como uma arma, como tem vindo a reconhecer R. Kennedy, Jr. Entre outras denúncias, informava o autor alemão que a circulação dos vírus gripais era, efetivamente, muito mais baixa, nesse fim de inverno, do que a dos anos anteriores.

³⁴³ Para confirmar as fontes, ver: https://www.youtube.com/watch?v=hb_JjhN2Nh4&list=TLPMQmjExMTIwMjT9BLMvHoWrCw&index=5.

superiormente o *Deep State* dirigente, era o de “escolher bem” os candidatos “elegíveis”. Estes, por sua vez, devidamente financiados, para que a respetiva comunicação passasse bem entre os eleitores, preocupar-se-iam com não falhar os objetivos fixados. Os aparelhos do poder (a começar pelos da Justiça), seriam especializados no controlo das regras e das formalidades de que só os juízes dispõem de poder de interpretação. É de notar que eles próprios, os juízes políticos, seriam criteriosamente selecionados para atuarem de forma devida (e no momento certo), como aconteceu nos casos emblemáticos da França de Fillon (ou de Marine-le-Pen e de Gergescu, na Roménia). Daí que os factos relevantes que pudemos selecionar tivessem mais a ver com os grupos de controlo da escolha das mesmas elites (Bilderberg, Trilateral e afins). Esses seriam apoiados nos seus propósitos graças às grandes consultoras bem como ao controlo privado da generalidade dos “*mass media*”. Os *mass media* que mais se poderiam chamar de “propagandísticos”, converteram-se em difusores “atenciosos” das narrativas devidamente aprovadas para contextualizar a informação. Ainda, mais uma vez, os mesmos *mass media* converter-se-iam em controladores da opinião pública, abdicando de toda a função crítica.

Este “jogo” das “quatro fontes de poder” (Crozier e Friedberg, 1977), teorizadas inicialmente, por M. Crozier, deveria ser suficiente, em princípio, para assegurar a hegemonia dos poderes fácticos, uma vez organizados em torno das correntes neocolonialistas e neoliberais (promovidas à categoria de bases do que viria a designar-se de modelo de “pensamento único”, apoiado por uma Academia, a qual seria transformada em instituição subserviente, como se veria, de forma chocante, nos tempos sinistros da dita Covid-19). F. Fukuyama parecia reinar como um “guru” indiscutível da unipolaridade perpétua (o fim da história).

O processo foi, aparentemente, desenhado com todas as condições para um sucesso durável, tendo efetivamente reinado, de forma considerada como incontestada, ao longo dos últimos 80 (longos) anos. O Figura 26 de resultados é, ainda, ilustrativo do esforço, em atualização permanente, para se poder dispor de uma narrativa pré-estabelecida aos factos, a qual seria repetida, sob a forma de um contexto cuidadosamente alinhado, por todos os *mass media*. Estes estariam interpenetrados, de forma estreita com as elites no poder, e cuja legitimidade seria assegurada pelas ditas regras e formalidades rigorosamente vigiadas por juízes selecionados pelos mesmos meios que a justiça deveria vigiar. O Figura teórico inspirado de M. Crozier parece revelar, desta forma, uma capacidade de leitura notável dos factos que pontuam os 80 anos estudados. O mesmo autor alertava, porém, para algo que o “poder” tende a esquecer: é que, mesmo se uma elite é poderosa, do ponto de vista fáctico, o conceito de “poder” permanece como “uma relação recíproca assimétrica”, no caso vertente, é indispensável que as elites tenham em conta quem as deverá eleger, para se poderem continuar a considerar como legítimas. O próprio F. Fukuyama não parecia estar atento à explicação de M. Crozier, acerca da capacidade de resistência das massas, pelo que a história não terminava aqui, como presumia o famoso autor.

Efetivamente, mesmo se foi possível verificar que as mesmas elites podem manipular longamente as massas, estas, sem sombra de dúvida, acabarão por tentar libertar-se da tutela das mesmas forças. Assim, apesar das dificuldades, seria esse mesmo fator de resistência um dos fundamentos determinantes do liberalismo, tal como é apresentado por M. Hudson, constituindo-se como a única efetiva esperança da vitória do Comércio contra a Guerra, como tivemos ocasião de explanar acima.

Em linha com um dos mais significativos expoentes do mesmo liberalismo, Edmund Burke, ao mesmo tempo que incentivava uma defesa socialmente ativa dos valores e dos costumes tradicionais, para além de qualquer debate sobre sua utilidade em situações concretas, do ponto de vista da economia ele mostrava o contrassenso do controlo das sociedades pelas elites.

Jean-Loup Izambert, ensaísta, escritor e jornalista de investigação, irá servir-nos de guia para arriscarmos uma hipótese suscetível de responder a muitas das inquietações que se colocam aos nossos contemporâneos neste início do ano de 2025, marcado pela “governação Trump”, apresentada como perigosa para as massas, quando ela se dirige fundamentalmente contra as elites globalistas enfeudadas aos potentados financeiros.

O autor estuda, enfim, o percurso das elites globalistas, desde aquelas que foram encarregadas pela “grande finança apátrida”, de criar a UE (nomeadamente os designados “colaboracionistas” com o ocupante nazi, em França, a começar pelos “santos” “pais” “fundadores”, como os celebrados J. Monet, R. Schuman, e outros) até àqueles que se disponibilizaram para conduzir a Ucrânia à sua completa destruição (para literalmente sangrar a Federação Russa), ou, ainda, para branquear os ex-terroristas genocidários do conjunto dos países do Médio Oriente³⁴⁴.

Vejamos como se nos apresentam os termos da hipótese que denominamos de principal, na sequência da pesquisa que acabamos de expor, e que aqui se retoma, para construirmos o Figura 27 dedicado à leitura complexa, antecipadora dos principais parâmetros do nosso futuro comum.

Atente-se, entretanto, no modelo seguinte às alterações que agora colocamos:

- - Mantemos o termo de globalização contrapondo-o ao de localização apesar deste nos parecer demasiado abstrato e generalista;
- - Em oposição à globalização, contrapomos o termo de localização, na medida em que cada espaço é chamado a um equilíbrio entre economia, ecologia e conhecimento operativo;
- - Recuperamos o conceito de liberalismo num sentido próximo do original de sistema económico baseado na ética e equivalente ao que era praticado no século XIX (liberdade de iniciativa e benefício comunitário);
- - A este liberalismo contrapomos o termo socialismo para significar um controlo pelo estado dos meios financeiros que permitem a liberalização da iniciativa.

Neste quadro cognitivo procurámos integrar as contribuições reflexivas do professor americano Michael Hudson, as quais têm servido de fonte inspiradora das principais economias dos países BRICS+.

No modelo procurasse uma compatibilização da economia com a política, mantendo a tensão entre a participação e decisão sobre aspectos locais nos respetivos espaços (democracia direta) e as questões da coletividade mais vastas submetidas à designada democracia representativa.³⁴⁵.

³⁴⁴ Para sustentar esta tese, pode apreciar-se o vídeo seguinte, a todos os títulos elucidativo: <https://reseauinternational.net/le-monde-et-nous-avec-claude-janvier-et-jean-loup-izambert/>

³⁴⁵ A questão da democracia direta (assente na informação e na sua manipulação por um estado capturado por elites vendidas a interesses não controláveis) parece-nos próxima do que nós temos tratado sob o lema da tensão entre globalização e localismo. Escolhemos um termo que poderia ajudar a repensar um país moderno, entendido essencialmente como uma *confederação* de comunas, algo que poderia assemelhar-se a um pouco à maneira da constituição da Suíça. Ver o que se faz a este nível no conjunto da UE: <https://reseauinternational.net/trump-ignore-lue-et-bernard-arnault-envoie-chier-macron-avec-alexis-poulin/>

Como nota ilustrativa atente-se ao fato de no tratado de Minsk 2, que deveria assegurar a paz na Ucrânia o modelo de constituição inspirador era precisamente este esquema suíço, da governação local pela democracia direta e das questões gerais pelas regiões federadas. Com facilidade, qualquer leitor, percebe como e quem falhou.

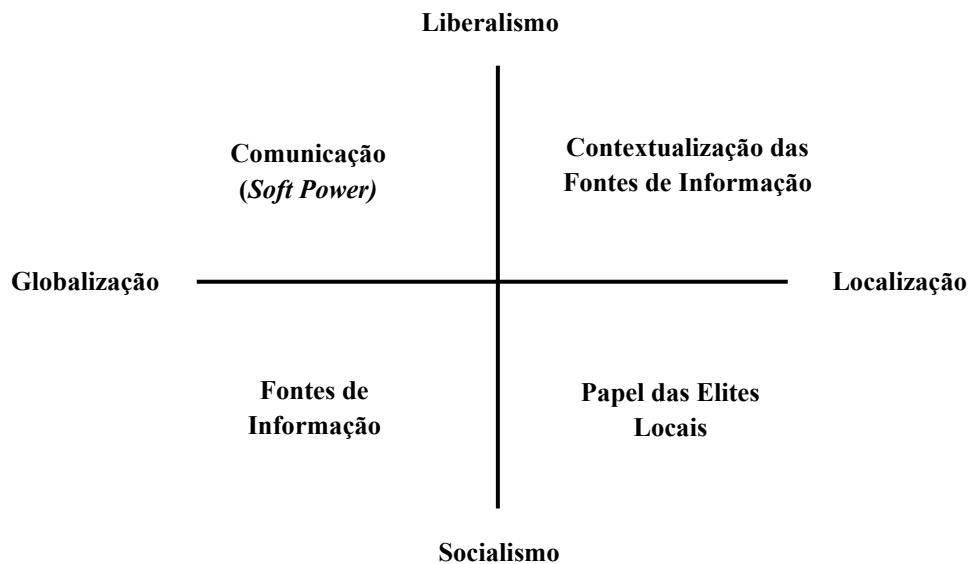


Figura 45. Figura cognitivo de um questionamento da globalização: que equilíbrio nos poderia conduzir a uma tensão criativa entre a “glocalização” e a “Localização”, tendo em conta uma nova organização do estado?

Em face da complexidade da sociedade atual parece-nos indispensável encontrar as bases de uma economia libertada da dominação financeira do “dólar desterritorializado”. Esse equilíbrio será algo de semelhante ao que propomos, com um novo papel para novas elites, em que a economia liberal seria apoiada por um estado organizado a partir das comunidades locais, capaz de se organizar como um verdadeiro controlador da grande finança, como propunha o movimento socialista. Como se fará esta transição? Pela nossa parte, continuaremos a ficar atentos a autores como M. Hudson e os seus seguidores, voltando ao assunto no final do texto. Mas arriscaríamos, ainda uma segunda hipótese, sendo esta mais centrada no imediato: o Portugal que terminou com o modelo colonialista de desenvolvimento, fê-lo pela conscientização dos oficiais do Figura Permanente a partir do seu contacto, no “contexto da guerra colonial”, com os estudantes universitários forçados a combater pela força da mobilização obrigatória. Teria sido por este receio (de novas elites representativas do povo) que só agora o governo ucraniano, forçado pelo “Pentágono”, decide mobilizar, com uma fortíssima resistência, a sua população estudantil? Trata-se de uma hipótese arriscada, mas podemos constatar que os jovens oficiais dos exércitos do Sahel, no contexto da sua luta contra os islamistas, fizeram golpes de estado libertadores (a começar pelos do Mali, do Burquina-Faso ou do Níger). Poderá ser esse mesmo, o caminho que se irá seguir no que vier a restar, do estado da Ucrânia? Não nos podemos esquecer que é necessário poder comandar os batalhões nazis da Ucrânia que controlam as elites globalistas governantes, e isso não se faz sem um exército. Este teria que ser controlado por um movimento equivalente ao caso português do Movimento das Forças Armadas – a aliança do Povo e do MFA. Não temos visto colocar esta hipótese. Porquê? Não sabemos!

Esta segunda hipótese tem, porém, no mínimo, o mérito de poder vir a ser falsificada dentro de algum (pouco) tempo. Se acontecesse a nossa hipótese principal ganharia em consolidação!

Consideramos, pois, que esta “nova sociedade” apenas será possível de poder ser implementada/melhorada a partir dela mesma, ou seja, a partir das bases (numa espécie de movimento de fundo), como defende, igualmente, outro expoente da sociedade liberal, Thomas Sowell, na sua obra "Os Intelectuais e a Sociedade" – Sowell (2011). (...) E as bases, o sustentáculo da soberania, nunca irão verdadeiramente ser submetidas, de forma durável, sem uma resistência consequente, como se verá em sede de capítulo de conclusão.

5. Em conclusão (...), Interrogamo-Nos sobre qual o Rumo Futuro do Mundo (Inclusão versus Hegemonia)?

A inclusão acontece quando se aprende a viver com as diferenças e não com as igualdades.

Paulo Freire (1921-1997).

Que futuro nos reserva o mundo nos próximos tempos? Para compreender alguma coisa do que se irá passar é necessário escutar um dos homens que na ONU (como conselheiro do secretário-geral, António Guterres), o Prof. Jeffrey D. Sachs: o mundo necessita de avançar para a situação de um mundo multipolar; os povos devem unir-se para exigir um mundo respeitador (inclusivo) das soberanias dos povos, não apenas inspirado pelas experiências do comércio através do mar, mas, sobretudo, pela multiplicação das rotas terrestres (tão ou mais importantes no futuro quanto o mar o foi no passado, desde que Vasco da Gama demonstrou que a rota do Cabo da Boa Esperança era superior à Rota da Seda)³⁴⁶. O mundo atual, na visão ocidental, é ainda dominado por um modelo de “**globalização**” que assentaria (de forma permanente?) na superioridade da conectividade pelas rotas marítimas. Este mundo foi posto em xeque pelo modelo do que designamos de “**glocalização**” pela inclusão de ambas as visões: a conectividade marítima (mais exclusivista), que tende a uniformizar o mundo e a via da conectividade terrestre que tende a respeitar a diversidade de todos os povos (mais inclusivista).

Paulo Freire, considerado por muitos como o maior pedagogo do Século XX, mostraria como se aprende com os outros diferentes, não quando se tem medo dos diferentes. Essa seria a base da Paz e do Comércio. Se estamos num tempo de guerra é porque ainda falta desejar continuar a aprender muito, acerca da arte do diálogo entre partes muito diferenciadas, para chegarmos ao futuro!

Os países da UE abandonaram o saber do cultivo equilibrado da terra ou da exploração das florestas e, em consequência, a segurança alimentar afundou-se: a França, por exemplo, tem 11 dias de segurança alimentar, a Suécia tem 4, ou a Roménia³⁴⁷, com os seus 8 dias de segurança (Pauli, 2019; Engels, 2024).

³⁴⁶ <https://reseauternational.net/la-georgie-le-prochain-syrie-les-etats-unis-attisent-encore-la-guerre-en-ukraine/>.

³⁴⁷ Calin Georgescu (que protagonizou o princípio da dissidência de um indivíduo só) defendia, essencialmente, um retorno à terra. O império parece ter pavor de ver um homem sozinho (que não deve favores a ninguém do “sistema”) a fazer-lhe frente. Calin argumentava que a Roménia possui um “povo instruído” (apenas 30% aceitaram as pseudo vacinas) e as melhores terras do mundo. Porque é que Calin se tornou, de repente, um perigoso soberanista (um anti covidista), um pró-Kennedy, um pró-Trump ou, mesmo, pró-russo, que (pasme-se!) saberia tirar partido das redes sociais (no caso, a famosa rede TIK TOK americaníssima, e não chinesa como toda a gente crê)? Como é que, de resto, o tribunal supremo de um país da UE decide interromper um escrutínio em curso, contra todas as disposições constitucionais? Apenas porque o vencedor agradava ao povo? E isso sem que a narrativa ocidental se queixe de um “golpe de estado”, dentro de uma UE, que exige aos outros povos, como condição impositiva, o respeito da democracia? Porque ele se interrogava sobre como é que no seu país se poderia voltar ao progresso a partir da economia local, do potencial associado ao conhecimento, da ciência dos dados (criar e gerir os dados do local – o *data farming*, muito mais importante do que as *smart cities*), dos dados do ADN das espécies vegetais ou dos animais, enfim, da economia azul?

Nota: neste ponto importa refletir mais em profundidade sobre a experiência de desenvolvimento de um projeto de soberania alimentar no “**Montado do Freixo do Meio**”, no Alentejo, tendo sido desenvolvidos diversos estudos junto do líder do projeto, Eng. Alfredo Sendim.

Desta forma, o ocidente continuaria disposto a fazer a guerra a todo o mundo para manter a globalização (assente na industrialização da agricultura e na circulação da navegação), quando a “localização” seria proceder a um retorno à terra e reinventar as tradições mais inspiradoras (as gastronómicas, as artes e os ofícios, a cultura, etc.), tendo como apoio o domínio exímio das novas tecnologias (sobretudo, o *data farming*).

136

5.1. Um mundo em Guerra sob o Hégemon?

“Ser um inimigo dos EUA é perigoso; mas ser seu amigo é fatal”.

(Henry Kissinger – site das citações)

A nossa hipótese é, em última análise, que esta máxima de H. Kissinger pautou os anos da hegemonia e que ela está em vias de deixar de ser uma fatalidade: os povos irão poder exercer opções diversificadas, limitar os efeitos da dependência e reencontrar a sua soberania. Efetivamente, o fim do ciclo longo parece começar a deixar espaço à constituição de cinco polos de desenvolvimento, dos quais apenas um deles continuaria a ser “dominado” pela “dispendiosa” e relativamente “inútil” “aliança”, mas “assimétrica” da Europa com o “ex-gigante globalista”. Veremos, com algum detalhe, a formação e a configuração do novo mundo formatado pela hegemonia, mas agora a do comércio contra a lógica da guerra, ou seja, a dos outros quatro polos que se estruturam em torno do movimento BRICS+, em configurações diversas nos continentes da Ásia, África e América Latina. Uma análise detalhada impõe-se tanto mais quanto ela continuará a ser ignorada, por sistema, pelos desorientados porta-vozes das elites vassalas. Apesar da natural imprevisibilidade deste novo “mundo do comércio”, os quatro polos começam a ganhar forma, afastando-se em graus diversos, do modelo neoliberal anterior. Que polos terão condições para se afirmar neste novo ciclo que estaria a começar? A nossa hipótese seria a seguinte:

- i. a rota do ocidente, envolvendo a Federação Russa-Irão-Índia ocidental;
- ii. o anel da Ásia oriental, com a Federação Russa oriental-China-Malásia/Birmânia/Singapura-Índia oriental-Indonésia-Japão-Coreia's;
- iii. o polo da América do Sul (Perú-Bolívia-Paraguai-Brasil, com um eventual anel marítimo pelo futuro Canal da Nicarágua);
- iv. a África (um polo em predefinição, com o Sahel a organizar-se e a África austral a procurar, ainda, a sua própria via integradora).

A nova 3^a Grande Guerra não deixará de aprofundar a atomização/individualização (um fim não confessado, mas não menos evidente da ideologia “woke”, “sodomista” que enforma a atual fase do neoliberalismo). Esta ideologia, que parece “horrorizar” literalmente a maioria dos povos do mundo (cerca de 80% procuram aderir à fórmula BRICS+ sob uma qualquer forma), campeia, ainda, como se sabe, no mundo ocidental, “favorecendo” uma divisão do mundo, de

Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=DBCcA2tJtnw>; ou, ainda, este extraordinário vídeo sobre este homem invulgar que enfrenta (e denuncia) os poderes “fácticos” mais poderosos da terra agrupados no “Forum Económico Mundial”: <https://reseauinternational.net/coup-detat-en-roumanie-le-courage-dun-homme/>.

forma poderosa, o que acarretará, com muita probabilidade, o desenvolvimento, porventura, acelerado da “desdolarização”³⁴⁸ da economia americana. A crise de 2008 tinha acentuado, pela inflação, a financeirização neoliberal. O dólar, apoiado militarmente, enquanto primeira riqueza americana estava já em perda, (apoioando-se, entretanto, economicamente, em outras duas potencialidades, que por enquanto se encontram intocadas: a língua inglesa e o petróleo e o gás). A globalização é suportada, efetivamente, sobretudo, pelas forças armadas dos EUA (projetadas sobre as bases em todo o mundo), por um lado, em contraposição face à atratividade da rebeldia que representa a emergência do mundo multipolar, por outro lado (para nos fazermos eco das reflexões de Maffesoli, 2021). Que “glocalização” aguarda o futuro dos nossos filhos? Irá a UE soçobrar no abraço do “amigo americano” ou terá ainda *chances* de consolidar-se, neste “choque com o futuro”?

Os BRICS+ parecem estar a promover, entretanto, a ideia de um programa alternativo ao plano americano “de Paz e de Progresso”, mas para todos os países do mundo e no Figura de uma nova ordem mundial (“as novas rotas da seda, por assim dizer). Para isso se irão continuar a libertar do dólar e das receitas “doutrinais” do neoliberalismo para “alavancar” o crescimento, com algumas exceções, reconheça-se, como é o caso da Argentina, entre outras. Entretanto, cresce igualmente, a cooperação militar (Organização de Cooperação de Xangai), fazendo frente às mais de oito centenas de bases militares americanas colocadas em torno da Federação Russa e da China³⁴⁹. Todo este fervor militarista não impediu os EUA de se tornarem um dos países mais fortemente deficitários de todo o mundo, sem terem verdadeiramente atingido nenhum dos objetivos que o presidente Bush se tinha proposto com a sua guerra contra o terrorismo. Atente-se no que diz, entretanto, o candidato a presidente D. Trump (no dia 1/11 de 2024), para se entender algo do que se passa sob os nossos olhos, como refere Le Sommier (2025): “gastámos nove triliões de dólares a bombardear, como autênticos loucos, o Médio Oriente. Com isso, não fizemos outra coisa do que semear morte, incluindo a morte dos nossos. O que nos trouxe de positivo, tudo isso? Nada”, ou será que tudo se traduziu pela emergência de um “cisne negro” (na expressão de Nassim Taleb)? Veremos que a nossa hipótese seria, provavelmente a segunda.

Todo este movimento, definido como de “conectividade global”, de “multipolaridade”, visando um processo de cooperação mundial, encontra-se, na atualidade numa oposição “dramática” à tendência para a “unipolaridade”, crescentemente centrada sobre o medo³⁵⁰. Em lugar, porém, de as pessoas do “ocidente” temerem a “tempestade” económica que se aproxima com o eventual colapso das estruturas financeiras americanas e das respetivas consequências “colaterais”, cultivam medos diversos, de tipo “infantilizante”, apresentados como num ecrã projetado no “pano” de fundo da nossa “caverna” de ocidente coletivo, enquanto outros povos seguem em frente.

³⁴⁸ Chenoy (2024) defende que a nova arquitetura financeira dos BRICS+ não está a ser construída contra o dólar, nem contra o ocidente. É o ocidente que tem de escolher, se quer ou não pertencer a um mundo multipolar. É um sistema alternativo e inclusivo, mas, também, será contra a política das sanções americanas e europeias. Esse desenvolvimento, nada nem ninguém o fará parar, porque as novas estruturas financeiras estão desenhadas para garantir créditos baratos para o desenvolvimento dos países pobres e para a estabilização de uma comercialização a partir das moedas locais, se os povos o desejam.

³⁴⁹ G. Pauli explica num vídeo muito didático a nova realidade económica dos BRICS+, mostrando como as desigualdades são combatidas, nomeadamente com o “empreendedorismo para o bem-comum”, na Índia, na China ou na Rússia, no Brasil como na África do Sul, por exemplo, quando essas desigualdades crescem dramaticamente no Japão ou nos EUA: <https://www.youtube.com/watch?v=XL5153b5u2w>.

³⁵⁰ Moshe Dayan (o general, expoente maior da “fobologia”, que anunciava que a força de Israel teria que vir do medo que poderiam infundir nos países vizinhos). “Israel deverá ser como um cão raivoso. demasiado perigoso para ser incomodado”. Uma vez perdido esse medo, Israel, enquanto agente universal do neoliberalismo, não parece ter futuro (como diz Jan Oberg, no seu blog).

O movimento multipolar teria, muito claramente, as seguintes ideias-base construídas em torno de três pilares principais:

- i. a soberania político-económica-militar de cada um dos cerca de 80% dos países do mundo (com utilização das moedas nacionais para o comércio e criação de uma moeda única como unidade de reserva de valor) – um autêntico pós-Bretton Woods;
- ii. a defesa da primazia absoluta do direito internacional (o respeito pelos tratados livremente assinados entre países, tratados como soberanos e não como sujeitos às regras do “império”);
- iii. a conectividade global (eventualmente, à margem da UE, enquanto esta estiver transformada em apêndice económico dos EUA) assentaria nas “novas rotas da seda” chinesas (lançadas em 2013) e nos “novos corredores” russos. Neste último caso: o “Corredor Norte-Sul”, de São Petersburgo, pelo Volga e pelo mar Cáspio, seguindo pelas ferrovias do território do Irão, até aos portos de Chabahar e/ou Bandar-Abbas, continuando pelo oceano Índico (porto de Mumbai), por um lado; a par da “Rota Marítima do Norte”, pelo oceano Ártico, apoiada por uma frota de seis “Quebra-Gelos”. Estas alternativas ao canal de Suez, foi algo a que a Federação Russa se veria forçada, sobretudo na sequência das sanções ocidentais. Sublinhe-se que estas começaram em 2014 e foram agravadas, depois de 2022, chegando às mais de 20.000, hoje. A rota designada como “Corredor-Norte-Sul”, tornada urgente pelas circunstâncias das sanções, ela é, efetivamente, concorrencial, e estava a ser preparada desde há algum tempo. Está sendo, pois, apresentada agora como uma nova alternativa, sem dependência dos estreitos controlados pela Turquia, situação que deveria constituir para a Federação Russa um constrangimento esgotante, como resulta bem patente no relatório, já referido, diversas vezes, da *Rand Corporation* - “Extending Russia” (2019).

A Figura 46 revela este mesmo facto de maneira claríssima: com os seus 7.200 km de comprimento, 30 milhões de capacidade de carga/ano, 33% de redução de tempo de entrega e de 30% de custo total, seria, enfim, como se verifica a olho nu, uma alternativa economicamente viável, mesmo, face às condições vigentes em tempo normal, da navegação pelo canal de Suez.

Veja-se, em detalhe, o mapa da comparação entre as duas vias referidas e como a nova via redefine as condições da estratégia americana de cerco às nações que se opõem à sua política de domínio hegemónico, tornando este muito mais dispendioso, por sua vez, ao invés dos pressupostos subjacentes à confrontação económica (guerra-comércio).

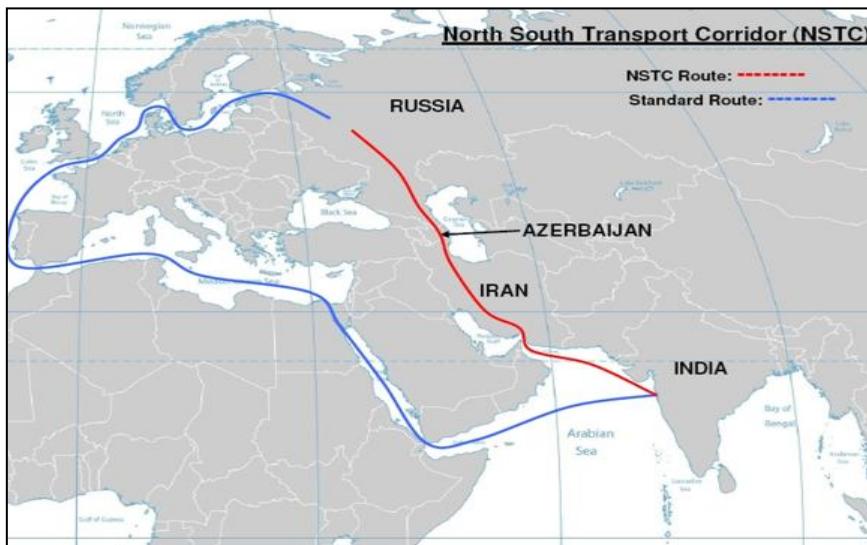


Figura 46. Rota de transporte Norte Sul (NSTC)

Qual, entretanto, a dinâmica das forças de conectividade que designaríamos como “glocais”, centradas sobre o privilégio das rotas terrestres face às marítimas (melhor dizendo, em concorrência com as anteriores) e qual o seu potencial de articulação, com interesse para os mercados da Ásia Oriental, centrados em torno da China?

Vejamos, na Figura 47 apresentada mais abaixo, algo que poderá parecer-se com o futuro mercado da Ásia Oriental, relativo ao desenvolvimento integrado, da energia, dos transportes e das telecomunicações, baseado, inclusive, em energias renováveis, que os povos desejam (no mínimo desde o grande tsunami do Japão, de 2011). Esta nova situação, contorna o desejo de domínio pela força, como transparece de um artigo extremamente documentado, e intitulado, de forma expressiva: “*Stranglehold: The Context, Conduct and Consequences of an American Naval Blockade of China*” (Mirski, 2013). Como se depreende do artigo, a estratégia americana consistiria, até à eleição de D. Trump, como tem sido amplamente denunciado, numa aproximação envolvendo múltiplos procedimentos que se poderiam resumir desta maneira:

- i. do ponto de vista da cultura, forçar conflitos locais, através de movimentos de revolta internos (as designadas revoluções coloridas, apoiadas pelo movimento *woke*, financiado, por sua vez, por ONG's ligadas a G. Soros) de contestação aos **valores da tradição**;
- ii. do ponto de vista da liderança, oposição aos assim designados como aos designados dirigentes “ditoriais” (efetivamente, soberanistas), a partir de atentados terroristas destinados a afastar as populações dos dirigentes;
- iii. do ponto de vista do financiamento, realizando investimentos dispendiosos (em pessoal e em recursos) para ir esgotando os adversários do globalismo, com as suas “guerras híbridas” (mix de intervenção armada e de caos residual).

Um tal esgotamento de recursos, serviria o “novo sonho americano” de retoma da supremacia pela via da aposta decisiva na IA. O futuro dir-nos-á, se essa aposta irá ser monopolizada pelos EUA ou se, como acontece em todas as revoluções tecnológicas, uma aposta que resultará em novas formas de reequilíbrio: os meios poderosos do lado dos EUA, certamente, mas o engenho e a arte, que não são objeto de monopólio e estão disponíveis para todo o mundo. Mas (...), uma reflexão aturada impõe-se.

No que respeita às conexões comerciais alternativas evocadas acima, suscetíveis de suplantar, com vantagem as existentes, trata-se, para já, de uma hipótese, evidentemente, mas ela é inteiramente plausível/provável.

Vejamos, pois: a consolidação deste núcleo asiático de “desenvolvimento cocriado” pelos países da zona marcaria pontos, sem dúvida, contra uma “globalização” sob as regras americanas e pelo avanço de um mundo multipolar em processo de cooperação regionalizado à escala global.

Analisemos, pois, a hipótese tal como ela se apresenta. Pensamos que é plena de uma tal agregação de potencialidades e de desafios tecnológico/estratégicos, que faria, eventualmente, “sonhar” com um novo período ou “ciclo longo”, estruturando um novo “mundo dos negócios”, no que resta do Século XXI.

Tentemos compreender a importância desta hipótese que aqui apresentamos, para um alicerçar da vitória da tendência para a supremacia do comércio como via de um desenvolvimento integral, ultrapassando-se, deste modo, o ciclo “infernal” do neocolonialismo alicerçado na atividade económica da importação de produtos, sob os auspícios das “élites locais”. Estas têm privilegiado, a sua aliança (de que falámos acima) com as potências colonizadoras, tendo igualmente reunido condições de criação de uma administração pública (nomeadamente a fiscal e aduaneira) “corrupta” e “parasitária”. Em simultâneo, entretanto, os países iam super endividando-se (na exata medida em que o neoliberalismo progredia), aspirando ainda a continuar, por todos os meios, a conspirar pelo retorno dos senhores do império, como os Prof’s J. Sachs e M. Hudson têm denunciado. Por quanto tempo, ainda, continuará este drama civilizacional?

Em face deste neocolonialismo moribundo, uma “carta de valores comuns” dos BRICS+ procura articular-se agora em torno da igualdade, da harmonia e do desenvolvimento humano (patrocinados pelo Prof M. Hudson). A figura seguinte faz parte de um estudo mais amplo do qual se seleciona o extrato que se segue, a título de síntese:



Figura 47. Rotas de comércio que fortalecem a Federação Russa, a China e a Índia (baseado no comércio a 3, mas sob a fórmula de dois a doía)

Na situação atual podemos ver como o comércio se foi globalizando, de forma continuada até 2014. Seria o ano do “golpe de estado na Ucrânia” e face à ameaça, uma aliança alternativa

se foi desenvolvendo, lenta, mas firmemente, entre a Federação Russa e a China a par de uma relação, igualmente forte, entre a Federação Russa e a Índia: pretendia-se desenvolver um mundo coerente e solidário, baseado no comércio a três, mas sob a fórmula de dois a dois, antes de se poder falar de uma *troika* dos BRICS+.

Com o avançar desta hipótese³⁵¹, o relacionamento comercial abrir-se-ia a vários outros parceiros, com a constituição de dois polos dotados de uma elevada capacidade de atração regional. Em concreto, teríamos em face de nós a consolidação de dois mundos extremados: o mundo consolidado da NATO, ou dos “Porta-Aviões”, em oposição ao mundo emergente que se iria afirmar como o dos “Mísseis Hipersónicos”, o contraponto é perfeitamente visível nos nossos dias, nos meados dos anos 20. É desta confrontação que se trata nesta nossa hipótese: 10 mil milhões de dólares, em média, contra um valor estimado de 40 milhões de dólares, reporta o jornal científico americano, *The National Interest*, na sua edição de janeiro de 2025, para concluir que, agora, com o “Oreshnik”, um “Porta-Aviões” poderia não servir para nada. Trata-se de uma conclusão curiosa em face de uma arma revolucionária em termos das três características determinantes: alcance (5/6 mil km); precisão (milimétrica); efeito (devastação completa, nomeadamente, sobre centros de comando e de controlo). Qual seria a razão de ser do espanto provocado nos EUA e na NATO em geral: o poder militar americano teria deixado de meter medo à Federação Russa, pelo que, traduzindo em linguagem geoestratégica, esse seria o único objetivo do propósito ofensivo ocidental (sob a cobertura da defesa - leia-se, imposição pela força - dos “valores ocidentais”, tão cara aos mais diversos seguidores - maçons - de Jules Ferry). Em que situação ficaria tendo em conta o que foi dito, o que resta do mundo unipolar e dos seus gigantescos orçamentos militares? Onde nos levaria uma nova aposta na IA (como admite D. Trump)? A um relançamento de ciclo, com um programa de atração dos génios da IA, de todo o mundo para a “nova” América”, ou a um mero prolongamento da “agonia” do “fim de ciclo longo” de 80 anos como nós pressupomos?

Este curioso contraponto parece conduzir a uma efetiva reorganização do mundo, envolvendo, no futuro próximo, quatro grandes polos mundiais subjacentes ao grupo dos BRICS+. O processo de criação de uma alternativa à globalização neoliberal, articulado em quatro grandes espaços, encontra-se em plena aceleração, a partir de 2022, sendo eles:

- i. o primeiro que envolve o eixo Extremo Oriente da Federação Russa-China-Índia-Japão-Indonésia, (o polo da Ásia Oriental-Pacífico);
- ii. em face deste surge um segundo polo, o da Federação Russa Ocidental-Irão-Índia, o qual se afirmaria, pois, como um polo Euro-Asiático-Indiana;
- iii. o polo resultante da consolidação, posterior, de um terceiro espaço, o da América Latina, em vias de conexão mais estreita com os outros dois, usando, para o efeito, a navegação aberta através do Oceano Pacífico graças a uma conexão ferroviária e marítima;
- iv. enfim, o polo da África, ocupando este continente, pela primeira vez na história, um espaço central entre os restantes, com as suas diversas configurações regionais.

Nota: neste ponto, deve ser evocado o artigo acerca da expansão de uma empresa de alfaias agrícolas para os mercados africanos – o caso Galucho (Romana e Lopes, 2021).

³⁵¹ Esperamos, sinceramente, que os nossos governantes portugueses e/ou europeus reconheçam a importância deste grande e ambicioso projeto, o qual colocaria a **região de Macau/Hong-Kong**, e a língua/cultura portuguesa, no centro geográfico deste novo espaço de desenvolvimento económico global, num futuro cada vez mais próximo.

Será esse um sonho possível e que ele liberte o “grande continente” da sua fome de investimento? Estaria Portugal atento (?!), por sua vez, a este desafio sem precedentes (relativo às novas conexões globais), e que se perfila, sabendo nós que a “nossa” **língua portuguesa** é a mais falada em todo o hemisfério sul³⁵²?

Sublinhe-se que, efetivamente, está a desenvolver-se a ligação do polo americano com a (projetada) linha férrea Perú-Brasil e com o canal da Nicarágua, evitaria aos BRICS+ ter de se enfrentar com o mundo centrado no domínio dos “estreitos marítimos”, como tem acontecido até agora. Efetivamente, criara-se um “sistema-mundo” que se queria centrado na exploração dos “tesouros” que se escondem no subsolo do Médio Oriente, ferreamente dominado pela NATO, entretanto passível de ser contornado pela nova centralidade dos oceanos Índico e Pacífico. Esta hipótese teria, do nosso ponto de vista, as potencialidades de vir a constituir, assim, o terceiro grande pilar do espaço dos BRICS+: o de conectar o continente da África com o polo da América Latina (em torno do Brasil) pelo Atlântico Sul, continuando a evolução da “circular” que se expande pelo Oceano Índico até à Índia. Criar-se-ia, desse modo, uma rota marítima de dois sentidos, unindo os diversos espaços dos BRICS+, pelas rotas do sul. A par destes diversos desenvolvimentos, está, enfim, em ação plena, a nova rota marítima do Ártico que liga efetivamente os dois primeiros polos que apresentámos acima. É um desafio gigantesco que está a redesenhar a “ordem comercial mundial”.

Sublinhemos, entretanto, uma advertência, relativamente aos riscos imediatos do sucesso desta hipótese: atualmente, em face do descrédito mundial de Israel (denunciado por J. Sachs³⁵³ como o estado que possui uma “ideologia genocidária”, sendo mesmo o “estado mais violento do mundo”, a par da recente acusação de ele se ter convertido num “estado genocidário”, por uma instância judicial internacional, o TPI). Deste modo, o designado “sul global” deixaria de aceitar, em paralelo, que o ocidente sustentasse uma tão absurda situação a nível internacional. Desta forma, o mundo anglo-sionista-americano passaria a ser “acusado de duplo padrão” em cumplicidade com um estado, nascido do crime, e transformado em “entidade genocidária” (como se lhe têm referido intelectuais judaicos)³⁵⁴, pelo conjunto dos BRICS+. Será possível que as nações, enfim, unidas, possam travar, de uma forma concertada, a perspetiva insustentável de Israel? Israel, o agressor perpétuo mascarado de vítima perpétua(!), como diria Caitlin Johnstone (RI, 24/3/2025).

Sachs (2024) diz que os dirigentes israelitas estão loucos. Eles citam e entendem à sua maneira o texto do Deuteronómio (31), de acordo com uma perspetiva genocidária que entra em contradição, de resto, com a expressão “todos os (dez) mandamentos”, à cabeça dos quais está “não roubarás; não matarás”. Atente-se no texto em termos de forma literal, isto é, assumindo que no coração de uma religião, no caso, o judaísmo, encontra-se a violência, com

³⁵² Sublinhe-se a este propósito que uma **língua** (ao mesmo título que uma cultura), possui um valor económico considerável, que importa saber gerir de forma adequada (Todd, 2024). A título de exemplo, quem “sabe” que, associados aos 8 milhões de japoneses que habitam no Brasil, há no Japão 500 mil falantes da nossa língua. Repare-se no potencial de valor que esta população representaria para o comércio internacional, o qual não passou despercebido a Carlos Ghosn, quando assumiu a liderança da Nissan (Lopes, 2021). A língua portuguesa, curiosamente, estaria presente em cada um dos cinco grandes polos que situámos no globo: o polo da UE/EUA (Portugal); o polo da Ásia oriental (Macau); o polo da América do Sul (Brasil); o polo da África austral (Angola e Moçambique); o polo da Federação Russa-Irão-Índia (Goa). Para quando a capitalização desse potencial?

³⁵³ Atente-se no título “brutal” do trabalho do conselheiro especial de A. Guterres, J. Sachs: “A ideologia de genocídio de Israel deve ser confrontada e interrompida”. J. Baud, retomando o mesmo problema diz que as tropas de Israel, em Gaza, superam, mesmo, os crimes dos antigos nazis, sempre baseadas em mentiras sobre os palestinianos. O problema é que esses crimes são perfeitamente cobertos pelos *mass media* ocidentais, como se fossem atos de defesa legítima contra os terroristas palestinos: <https://www.youtube.com/watch?v=tus4quz2Y3I>.

³⁵⁴ Ver o extraordinário documento de S. Ferreira: <https://www.youtube.com/watch?v=6SyqJ3sTT9k>

exceção do cristianismo, pelo facto de Jesus Cristo ser alguém que não aceita o desejo de vingança como se exprimia Girard (1982), pelo que não desresponsabilizamos os “cristãos” violentos. Ainda assim, qualquer religião procura a paz e a coesão social (Pieper, 2019). Deste modo, a interpretação do governo israelita do texto do Deuteronómio, não é religiosa; é, sim, rigorosamente absurda para um leitor com um mínimo de inteligência daquilo que é um facto relativamente a um mito. Como pode fazer algum sentido tomar um texto religioso como um “Tratado Internacional”? No texto em referência é dito, inclusive, que quem “destrói” os inimigos do povo de Israel é o Senhor (à SUA maneira); não à maneira humana, seja de Moisés ou de Josué (o sucessor como guia do povo). Interpretado, à maneira dos fundamentalistas genocidas, são eles próprios que se dotam do poder de se apropriar dos poderes divinos (uma contradição e um verdadeiro perjúrio). Vejamos em detalhe, porque a questão é séria, e porque os cristãos poderiam tornar-se coniventes, com o seu silêncio, a razão porque o candidato a presidente dos EUA, D. Trump colocou o texto integral de Sachs (2024) no site oficial da sua campanha. Os termos da Bíblia (Deuteronómio 31, 3-5), são os seguintes, não tendo interpretação fora do contexto religioso (um aspeto que apenas diz respeito às pessoas tomadas individualmente):

[O Senhor] destruirá estas nações diante de ti, e tu as desapossarás. Josué é quem atravessará adiante de você, assim como o Senhor falou. O Senhor lhes fará o mesmo que fez com Seom e Ogue, os reis dos amorreus, e com a terra deles, quando os destruiu. O Senhor os entregará de diante de ti, e tu lhes farás conforme todos os mandamentos que te ordenei.

O problema é que se constitui uma situação potencialmente inaceitável para o sistema hegemónico dos EUA, entretanto “preso” na armadilha do dispendioso controlo dos “estreitos marítimos e dos canais” internacionais. De futuro apenas podemos conceber uma **“negociação igualitária” mutuamente vantajosa** ou uma **“destruição mutuamente assegurada”**.

Seria, porventura, esta tomada de consciência que faz reagir o presidente eleito D. Trump e que o estaria a forçar a aceitar o princípio do respeito “mínimo” dos direitos de soberania dos povos? Mas, por outro lado, também é certo que nenhum império dura para sempre e algum presidente dos EUA, algum dia, haverá de reconhecer que o poderio americano deixou de ser avassalador como era, nem está em condições de voltar a ser (com ou sem D. Trump), devendo, por isso, pensar em desempenhar um papel equivalente ao de uma espécie de “Gorbachev americano”, como dizem Th. Meyssan³⁵⁵ ou E. Todd (ou seja, ter de aceitar gerir a “derrota formal” face à Federação Russa³⁵⁶).

Dez anos passaram desde o “golpe de estado, dito de Maidan”, arrastando consigo uma destruição imensa e um número de mortos, sem paralelo, nos últimos 80 anos, para, enfim, um presidente americano vir “assumir” a derrota e querer negociar uma mudança de estratégia que poderia bem equivaler à aceitação, pelos EUA, da primazia do comércio sobre a guerra.

³⁵⁵ Ver: <https://reseauinternational.net/thierry-meyssan-sur-rptv-la-pire-generation/> O autor reconhece, algum tempo, depois que D. Trump é já, mesmo, o Gorbachev americano: <https://reseauinternational.net/thierry-meyssan-sur-donald-trump/>. O mesmo se diga da política de financeirização personificada pelo presidente da Reserva Federal, que D. Trump começou a atacar, entretanto, sendo a sua política a da cooperação com o governo, como se passa na China. Como resultado, diz Th. Meyssan, temos um corte massivo de impostos nos EUA, com consequências a médio prazo no modo de vida americano. Também a nível de Israel, D. Trump teria vindo a pôr o primeiro-ministro israelita no seu lugar e a condenar (de forma indireta) o massacre de palestinianos.

³⁵⁶ É determinante poder assistir a uma extraordinária reflexão de E. Todd, sobre este assunto, e que tem sido analisada no mundo inteiro (sobre o fim da dita segunda globalização que designamos como neocolonialista): <https://www.youtube.com/watch?v=oTz0gnOM3NM>.

A chance da paz seria o facto de que a Federação Russa tem uma política externa fiável, ao invés da dos EUA (que afirmava um dia que a NATO não se deslocaria nem uma milha para leste e três anos depois, num assunto desta magnitude, o documento assinado era inteiramente ignorado). Será diferente, agora? Vejamos!

Observe-se o que já começou a dizer o novo Secretário de Estado dos Assuntos Exteriores dos EUA, Marco Rúbio: a era unipolar teria sido uma anomalia da história; o normal seria a existência de um mundo multipolar.

Toda esta hipótese de futuro que temos vindo a apresentar, não significa, como é evidente, que o projeto de uma soberania dos povos (independentemente das atuais alianças ou preferências) possa ser concretizado com facilidade, nem muito menos que não haja sofrimento de ambos os lados em conflito (globalistas vs. localistas), cujas consequências seriam particularmente penosas para a UE, com uma baixa do poder aquisitivo médio de cerca de 30%.

Entretanto, cada país tem vulnerabilidades que o neoliberalismo pode continuar a explorar, a seu belo prazer, pelo que os países em referência, poderiam não beneficiar dessa nova distribuição do poder aquisitivo global.

Sublinhe-se que a Wall Street americana e a City londrina detêm a guarda das “reservas monetárias” de países tão diferentes, e determinantes, como a Arábia Saudita, entre outros, e toda essa riqueza poderia ser confiscada, com um simples telefonema por parte de quem manda no “Deep State”, como foi feito com a Rússia³⁵⁷. As consequências desse tipo de procedimentos, em termos de perda de confiança nos sistemas dólar e euro, estariam, porém, longe de estar determinadas.

E. Todd, sem verdadeiramente surpreender³⁵⁸, iria escrever, em 2024, a obra “Derrota do Ocidente”, em que debate a desestruturação das nossas sociedades pelo “wokismo” e, por outro lado, a sua superação por parte das sociedades que conseguem compatibilizar a tradição (respeito e solidariedade entre gerações e entre povos) com a modernidade (em linha com filósofos russos, chineses ou indianos)³⁵⁹.

Hannah Ruckert³⁶⁰, que faz uma análise bem fundamentada das teses de E. Todd, entende que as questões centrais e o essencial da sua argumentação se concentram no início da obra. O essencial da reflexão de E. Todd (escrita à maneira de um artigo científico muitíssimo amplo), defende a asserção segundo a qual o ocidente, se assume, ainda, como um espaço de ética, mas em que já estaria criminalizada a liberdade de expressão, como aconteceu com um cidadão britânico, que recebeu ordem de prisão, porque rezava (sic, disse J D Vance. Vice-Presidente dos EUA) em sua casa que estava em frente de uma clínica de assistência ao aborto. Até onde pretendiam levar a hipocrisia de um ocidente defensor de valores e de liberdade de expressão em confronto com os que são sistematicamente acusados de “autocracia”, ou de antidemocráticos “putinistas” e outros mimos repetidos à exaustão pelos *mass media* dominantes?

³⁵⁷ Ver, a propósito, o vídeo de Silvain Ferreira: <https://www.youtube.com/watch?v=albtN4P6BXk>.

³⁵⁸ Ver o texto do economista eminentíssimo, Hudson (2022), traduzido por nós para nos servir de referência.

³⁵⁹ Veja-se o último filme da trilogia de Oliver Stone, uma obra de maturidade e de reflexão aberta sobre o absurdo, e a inutilidade, da ideia de dominação global, consagrado à guerra do Vietname (Quando o Céu e a Terra Mudaram de Lugar).

³⁶⁰ Ver: Ruckert (2024).

5.2 - O Fim da Ordem Unipolar

“A ordem unipolar terminou”.

(J. D. Vance)

145

Os EUA já não possuem a força para determinarem a ordem mundial, sozinhos? É o vice-presidente dos EUA, na Conferência de Munique, em 2025, que acaba de admitir esse facto, perante uma plateia de “otanistas”, incrédulos, no contexto da reunião de Riade na Arábia Saudita, entre a Federação Russa e os EUA. Que futuro para a UE, habituada a ser uma “serventuária acrítica” dos interesses dos senhores 0,1% (detentores) da riqueza mundial? O espetáculo ameaça ser grotesco!

A hipocrisia já não é só denunciada a partir de nações do designado sul global; é o próprio vice-presidente dos EUA que acaba de o reconhecer na “Conferência de Munique”. O mesmo se passaria quanto aos ideais associados ao “Estado-Nação”, cujos valores seriam ainda centrais, no ocidente, mas que se poderiam constatar apenas, e tão só, nos seus elementos de “propaganda”³⁶¹. Na realidade, os valores há muito teriam deixado de existir na mente das “élites europeístas”, que se continuam a imaginar, vivendo o sonho neocolonialista da exploração de espaços que teriam sido forçados a deixar de controlar, por si mesmos. Com a mudança nos EUA (a troca da guerra pelo comércio), as elites belicistas da Europa ficam, paradoxalmente, com o alinhamento com os “neo-cons”, remetidas ao papel de portadores da ideia de fazer frente ao MAGA de D. Trump, com um slogan equivalente, mas ao inverso: TEPV - “Tornar a Europa Pequena de Novo”.

A questão relevante que se coloca aos cidadãos europeus, entretanto, é a de saber se as propostas de “continuação da guerra” seriam para levar a sério. Será que as “nossas elites globalistas” não disporiaiam de qualquer alternativa, ou plano B (como tem por hábito de dizer J. Baud, por parte do par França-RU e acólitos), pelo que vão falando num ataque nuclear à Federação Russa, para ir vencendo, desde já, a sua guerra “cognitiva” contra a opinião pública europeia? Ou deveríamos entender estes apelos à guerra, como o pretexto ideal para poder vir a “cativar” as “poupanças” dos cidadãos que estão depositadas nos bancos europeus? É uma questão séria, em qualquer dos casos.

Será, pois, um assunto a seguir, sobretudo porque a “Europa dos valores da democracia” não parece nunca ter passado de uma narrativa que esconde a ganância financeira dos “donos disto tudo”, os DDT de “sempre”.

Os benefícios do neocolonialismo teriam sido tais que a perda dos europeus (remetidos como estão para a “mesa das crianças”, inclusive em casos que se desenrolam na Europa, em conversações como as da Ucrânia) implicaria uma derrota experienciada como “planetária”.

³⁶¹ Ver o exemplo acabado de propaganda americana, descrita no extraordinário livro de Ola Tunander - *The Secret War Against Sweden: US and British Submarine Deception in the 1980s* (Tunander, 2004), em que o autor mostra como, com uma mentira (o caso dos avistamentos de submarinos pretendentes soviéticos), se consegue mudar a percepção de ameaça na opinião pública. Segundo o autor, os militares suecos consideraram que Olaf Palme não teria levado a sério a ameaça soviética e atentaram contra a vida do 1º Ministro sueco.

Em consequência desta habilidosa utilização de métodos de “engenharia social” (perfeitamente opaca) do estilo dos métodos subjacentes à designada “Janela de Overton” (Overton, 2007), a Suécia abandonaria, progressivamente, a neutralidade e entrou na NATO, no contexto da atual “crise ucraniana”, sem a oposição da sua opinião pública.

Existe uma imensa literatura, disponível, que os estudantes podem consultar, para entenderem melhor como é que uma opinião pública (o mesmo se pode aplicar a um grupo ou empresa) pode ser eficazmente condicionada, em ordem à mudança social, assim como poderá ser manipulada (como no caso da Suécia, que citámos).

Será que a história, que se centrava desde há mais de 500 anos, cerca do oceano Atlântico, depois de haver tido como referência máxima, o mar Mediterrâneo, no futuro se irá desenvolver em torno dos oceanos Pacífico e Índico?

A “cimei(rinh)a de Londres” ficará certamente na história, como a celebração do fim/início do novo “ciclo” longo da história humana (em que os europeus se reúnem para o “velório” do ocaso do ocidente), com o episódio picaresco de António Costa querer evidenciar-se, rivalizando com V. Zelensky em termos vestimentários, para essa ocasião lúgubre (Figura 48). O que estará a pensar Durão Barroso, ele que na qualidade de presidente da Comissão Europeia impusera à Ucrânia uma rutura com a Federação Russa, para poder, no futuro, ingressar na UE?



Figura 48. Ordem de marcha para “nova guerra da Crimeia” sob a batuta dos mesmos potentados financeiros sionistas de sempre?!

O que teriam estado a preparar para o evento que designaríamos, mesmo, como os “funerais” do ciclo longo da dominação do dólar, à sombra do qual têm prosperado as elites? Que narrativa preparam para apresentar, no futuro, aos cidadãos de uma UE entregue a si mesma, submetida que irá ficar às regras de um comércio “mais justo” com os países produtores de matérias-primas e sem o poder militar dos tempos da “hegemonia ocidental”, a par de um RU separado do seu “eterno” parceiro/patão norte-americano?

Vejamos alguns dos principais dados que nos poderiam ajudar a compreender a narrativa subjacente ao “Figura”: como a ordem internacional (de 1944) fora desenhada em Yalta, poderiam fazer sonhar aos seguidores europeus que teriam decidido (re)ocupar o sudeste da Ucrânia, até à Crimeia, para impedir que a “mesa” (“dos adultos”) das três novas grandes potências (EUA, Federação Russa e República Popular da China), pudesse dispor de novo da famosa estância balnear onde reunir-se. Entretanto, como se encontram prisioneiros do anterior paradigma militar, os europeus teriam que rearmar-se, comprando equipamentos americanos (gastando, para o efeito, cerca de 5% do seu PIB, quando atualmente, não ultrapassa 2%).

Será necessário, pois, continuar a esconder que os três grandes irão redefinir (sem a sua participação) uma nova ordem mundial sustentada no direito internacional. Que sentido teria, efetivamente, um programa militar europeu (no mínimo, ineficiente, mas altamente dispendiosos), quando a garantia da primazia da segurança mutuamente garantida, e do direito dos povos a dispor de instituições independentes e do comércio livre de sanções e de regras, vão ter de ser conseguidos com base em negociações de segurança multilaterais e em novos

moldes? Manter a narrativa de tipo “salazarista”, da inevitabilidade da guerra com a Rússia, segundo referia o Prof. Adriano Moreira (para dar sentido à manutenção do “Império Colonial”) seria, porventura a via de sentido único das elites globalistas europeias, para sobreviverem, mais uns anos, até ao eventual colapso da UE! Seria esse o único sentido que podemos antever para a defesa da “louca” proibição (“sugerida” pelos serviços secretos franceses, como denuncia a jornalista de investigação Iosefina Pascal), da candidatura de Calin Georgescu à presidência da Roménia, por exemplo. Veremos até onde nos leva esta deriva globalista, nos tempos da vitória que se aproxima, a da multipolaridade e da superioridade da diplomacia sobre a força militar, para o que nem sequer já têm os recursos necessários, como reconhece uma pessoa tão bem informada como o ex-diretor da CIA (George Beebe)³⁶².

A capa da revista alemã que se apresenta em seguida (figura 23) parece dizer que a “mesa” (de reunião) dos adultos, para tratar da “nova ordem mundial” “multipolar” já estaria a ser preparada. O curioso é pensar que a Federação Russa e a China já estavam prontos para o renascimento da ordem mundial; com D. Trump, os EUA dizem “presente” e os globalistas europeus ficaram sem palavras (como “patos sem cabeça”), literalmente. Como é que D. Trump se exprimiu e muito pouca gente entendeu, de facto? “Eu não tenho porque tomar partido pela Ucrânia ou pela Rússia; o meu partido são os interesses do povo americano”. Foi isso e nada mais que constitui a novidade que está a aterrar os “vendilhões” dos interesses nacionais dos países, até que a dinâmica criada os sacuda dos lugares onde foram colocados pela finança mundial(izada). Para já, vão-se “divertindo” colocando-lhes garras, para melhor disfarçarem o seu inevitável ocaso.



Figura 49. Todos contra todos – a batalha pela nova ordem mundial

As palavras de Marco Rúbio (novo ministro dos negócios estrangeiros dos EUA) parecem ser, enfim, tomadas a sério e os europeus não se encontram no meio do labirinto da ordem nova, pretendendo “impor a paz pela guerra contra a Rússia, a quem se deverá derrotar até à sua humilhação total”. Como se poderá ter chegado a uma tal loucura? E. Todd fala agora em “geopsiquiatria” em lugar da geopolítica. A “ordem mundial bipolar, pós-1945, terminou”, declara M Rúbio; e acrescenta, a “nova ordem será multipolar” (entenda-se, EUA, Federação Russa e

³⁶² Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=vRrVRKwLAZo&list=TLPMQMTcwNDIwMjWvhbbN2713Tg&index=2>

China)³⁶³! Mas o que M. Rúbio não diz é que as relações entre a Federação Russa e a China são estáveis, enquanto os EUA seriam, simplesmente “não fiáveis” (como afirma, sem rodeios, o grande analista greco-britânico, A. Mercuris). Não é de estranhar que M. Rúbio seja, entretanto, sancionado pelas outras duas potências.

Seria, pois, o que esta imagem (Figura 50) representa (a cobertura do nº de dezembro do magazine Cicero), que as “elites europeístas”³⁶⁴ agora temem (uma nova Yalta que as reduza à irrelevância completa e potencialmente definitiva)? A evocação do espantalho do “perigo russo” e do “perigo chinês”, seriam, agora, duplicados pelo “espantalho trumpista”? Que *chance* para o nosso quotidiano, diríamos nós, se a “nova ordem mundial sustentada no direito internacional”, que estas elites globalistas tanto temem, pudesse, enfim, substituir as instituições saídas dos acordos de Bretton Woods, há precisamente 80 anos³⁶⁵! Haverá problemas ainda desconhecidos, ligados aos serviços secretos ocidentais, aptos a bloquear os esforços de paz futuros? Os meios da alta finança não perderam, ainda, muitos dos “trunfos” que acumularam ao longo dos últimos 80 anos. Os dias que vêm são, e serão, ainda fonte de incerteza!

Haverá, enfim, a vitória do comércio sobre a guerra, pela qual anseia a humanidade inteira e que, acrescentaríamos, nós, estava presente numa “Boa Notícia” para todos, todos os povos do mundo, num anúncio, datado, precisamente, de há 2025 anos? Vejamos, no Figura 28, o que se passa nos casos da Ucrânia e da Federação Russa (a economia globalizada vs. a economia glocalizada). Para quem achava que, com a rutura comercial da Europa contra o “gigante euroasiático”, conseguia facilmente obter resultados visíveis, eles estão bem à vista.

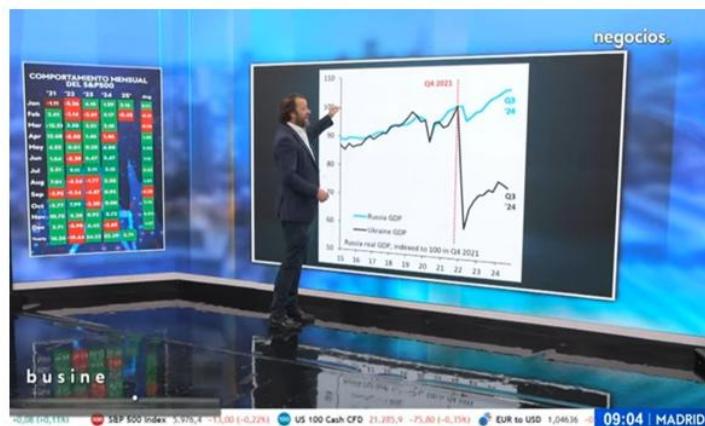


Figura 50. Vamos por a Rússia de joelhos

Atente-se no paradoxo subjacente ao Figura 29 (e outros afins) que talvez fique para a história como o da recordação do sonho/pesadelo da impotência das elites europeias (não, mais, ocidentais). Seriam quatro as dimensões interconectadas do referido paradoxo:

³⁶³ O mundo ocidental/europeu, depois de ter demonizado a “Rússia” de Putin, agora demoniza os EUA de Trump. É fantástico, como os “pigmeus” europeus querem agora combater não um demónio, mas dois demónios, de uma vez. Pelo meio “destruíram a Ucrânia, que desde a independência em 1991, perdeu um mínimo de 20 milhões de pessoas (emigração e guerra). Que futuro?

Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=tctxzCdqT0w0>

³⁶⁴ Ver este extraordinário vídeo: <https://reseauinternational.net/rencontre-russie-usa-panique-en-europe-grece-chine-musk-election-allemande/>

³⁶⁵ Assistimos a uma **revolução** que **transforma completamente a política interna e estrangeira** da América, e que a política anterior da “ordem mundial baseada sobre as regras americanas” se tinha revelado ser o principal perigo para o futuro do seu país, declarava, recentemente, o conhecido militar dos serviços secretos dos “Marines”, Scott Ritter, numa iniciativa organizada pela *African Initiative*, segundo reporta o site oficial desta mesma organização (RI, 26/2/2025).

- i. a Federação Russa recebe sanções económicas (sucessivas, porque cada uma delas se mostra ineficaz) como nunca se viu na história humana, e aguenta-se, orientando as suas exportações para os novos polos mundiais;
- ii. a UE sofre com as sanções autoimpostas, que se traduzem na deslocalização da indústria para os EUA, situação que provoca tensões crescentes na NATO, resultantes da continuidade da guerra que não se consegue ganhar;
- iii. os EUA sofrem, por sua vez, o efeito cruzado das medidas sancionatórias, porque o dólar começa a ser substituído pelas moedas locais dos BRICS+ (sobretudo a Índia e a China que se aproveitam da situação caótica vivida), levando a uma guerra de defesa aduaneira que agrava as tensões na NATO;
- iv. os EUA são forçados a olhar para a Federação Russa, como parceiro comercial poderoso, em desfavor do quase irrelevante polo económico europeu. Poder-se-ia ter definido uma “melhor” estratégia para colocar a “Rússia de joelhos”? Seria difícil não antever que esta crise escondia um fim de ciclo?!

Muitos percalços, certamente, nos aguardam, sobretudo a partir do reforço exponencial das máfias ocidentais com o apoio dos grupos nazis que poderão disseminar-se por toda a UE, uma vez que a Europa seria, desde há alguns anos, um “continente vencido” pela alta criminalidade financeira que desencadeou as guerras, nomeadamente, as do Kosovo e da Ucrânia (Sanviti, 2025)! A propósito, durante quanto tempo os “senhores da guerra e da alta finança”, irão “querer” manter a UE ou determinar o seu fim? Vejamos qual o ponto de vista de J. Sachs, sobre o período posterior à queda da URSS e que “mundo” foi construído em seguida. O seu discurso no Parlamento Europeu, (19/2/2025), é digno de toda a atenção por parte dos cidadãos europeus.³⁶⁶

Mas quem irá dar todas estas más notícias aos cidadãos europeus (ainda e por muitos anos entretidos com as questões da direita e da esquerda), dizendo-lhes que, inclusive, nem sequer haverá dinheiro para o “estado social” e para o reforço da “política de defesa”, que passaria a ser prioritária, quer interna quer externa? As mesmas elites que meteram os cidadãos europeus no presente “beco sem saída”, quer no que respeita à guerra na Ucrânia ou no Médio Oriente”?

³⁶⁶ Ver, em absoluto: <https://reseauinternational.net/la-geopolitique-de-la-paix-jeffrey-sachs-au-parlement-europeen/>

- **Base de partida:** sem a Ucrânia a Rússia não passaria de uma potência regional, passível de ser desmembrada pela NATO, ponto por ponto!
 - Assim, depois de ter sido ensaiado o isolamento da Federação Russa face à Geórgia, era necessário atacá-la a partir da Ucrânia. Uma vez atacada em 2014, a pretexto da “anexação da Crimeia”:
 - i. a Rússia devia, numa primeira fase, começar a ser “cortada da Europa”;
 - ii. na segunda fase devia ser enfraquecida militarmente;
 - iii. e, enfim, a Federação Russa seria cortada da China;
 - iv. antes de ser desmantelada.

A contra estratégia de Putin teria um resultado (porventura não desejado) num corte da Europa face dos EUA, fazendo-a entrar numa pré-fase de total irrelevância.

A nova estratégia de D. Trump parece desenhar-se como separação da Federação Russa em face da China. Será que ele acredita ser possível?

Miguel Relvas: a guerra demonstrou que “a Rússia não é uma potência económica, nem militar e que se limita a ser uma potência nuclear”. (24/02/2025), na CNN.

Figura 51. Estratégia dos principais agentes dos jogos de poder globais (tendências profundas)

150

Miguel Relvas, (...), mas que génio de análise político-económico-militar, parecendo afirmar que um país consegue ser a maior potência nuclear sendo militarmente irrelevante³⁶⁷! Efetivamente, as elites subservientes (que tão perfeitamente tinham interiorizado os “valores” do neocolonialismo neoliberal³⁶⁸ e dos seus “patrões” das corporações financeiras do mundo, baseados na conquista e na exploração perpétua) temem terem sido remetidas, pelo aliado americano, para a situação de total irrelevância. Elas não se imaginam pertencentes a um mundo respeitador das nações e do direito internacional. Apenas temem, sem mais. Porquê? Porque deixaram de defender a ideia de estado-nação, e porque, da forma como pensam, entendem que, se não estão à mesa da dita (imaginada) partilha, temem fazer, naturalmente, parte do “menu”³⁶⁹! Mas o certo é que já, nem no cinema, o ocidente domina, como no passado³⁷⁰.

É de notar que o conceito de Estado-nação, segundo E. Todd, pressuporia a existência de vários estratos populacionais dentro de um determinado território, os quais estariam unidos por uma cultura comum e regidos por um sistema político que pode variar entre quatro variantes: um sistema oligárquico; uma democracia estável; um regime autoritário; ou, enfim, um sistema totalitário. Cada um deles, poderá, ainda, apresentar um sem número de variantes.

Contudo, acrescenta o autor, um tal estado-nação deve ter um certo grau de liberdade e de soberania económica, mais precisamente. Aí estaria a sua essência: um estado-nação é “liberdade” de exercício de trocas comerciais, principalmente a nível internacional. Nada nem ninguém o pode forçar a limitar a sua soberania sem o descaraterizar.

Desse modo, os próprios EUA, uma nação que outrora fora vista como gigante pela sua agressividade diplomática, uma inovação em escala exponencial, uma cultura carismática e um

³⁶⁷ Ver o que dizem, a respeito da mesma matéria, as autoridades dos EUA (“a Rússia tem um poder militar avassalador” e “não pode ser vencida”): <https://www.youtube.com/watch?v=B0gVWLIndAs>. Onde é que este génio político se teria licenciado?

³⁶⁸ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=ERHiUHJnvik&list=TLPMQjMwMjIwMjVNzxKwq9Ko1g&index=3>

³⁶⁹ As pessoas, na Europa, nunca ouviram dizer, por exemplo, que o RU nunca prestou contas do ouro depositado em Londres, pelo governo russo, desde os tempos anteriores à “revolução soviética”. Será que temem, agora, ter de prestar contas? E com o ouro da Venezuela, o que se passa? As narrativas não vão esconder, tudo, o tempo todo!

³⁷⁰ O filme de animação chinês “Ne Zha 2” ultrapassou o “Inside Out 2” (Pixar) e é a longa-metragem de animação com maior bilheteira da história (12,3 mil milhões de yuan, ou 1,616 mil milhões de euros). O filme é também a oitava obra com maior bilheteira de todos os tempos (Yicai), algo que poderá fazer tremer a hegemonia da fórmula das narrativas hollywoodianas no que respeita à prática da reinvenção da história. O certo é que é difícil poder vê-lo na Europa (exceto na Grécia), ao invés da prática de abertura, chiesa. Não podemos deixar de nos interrogar, ainda uma e outra vez: o que temem as élites?

desenvolvimento tecnológico e intelectual únicos, hoje seria, apenas, uma casca esvaziada do que antes foi.

A tendência cultural de ressuscitar grandes clássicos do cinema norte-americano na forma de “remakes” é apenas uma constatação de uma máquina quebrada que pouco inova, que pouco produz e que, por motivo de lucro e necessidade de exportação de propaganda, tenta fazer ressurgir os seus trabalhos mais notórios para dar continuidade a um projeto imperial já falido.

Como se degrada (ou como se gera) uma cultura de empresa, seja em que país for? É na tradição que as culturas empresariais enraízam. Se se ataca a cultura ocidental, ou o que dala resta, adotando o modelo woke, por exemplo, só o poder brutal da força armada poderia continuar a sustentar o dólar? Mas seria necessário que o poder militar americano pudesse ainda ser temido? Ora esse medo desapareceu, o que é uma novidade absoluta, parece reconhecer a nova administração americana, de forma totalmente pragmática!

O círculo vicioso estaria, assim, a fechar-se, a ficar completo. Mas como não ver as oportunidades que se abrem à UE, quando se tem à vista desarmada, a força extraordinária da gestão pela cultura de que falava P. Drucker (extasiando-se com o salto em frente dos últimos operários do Bairro Mondragón da cidade espanhola de Vitória, capitaneados pelo padre católico José Arismendiarreta)?

Se a Europa³⁷¹ quer ter futuro, na nova ordem mundial saída da derrota da estratégia da NATO na guerra contra a Federação Russa, na Ucrânia, agora que os EUA têm um presidente que não vai nas “tretas” do “perigo russo”, esta teria de se reinventar como cultura (não-dominante), começando por se conformar à sua situação geográfica de “região ocidental do continente Euroasiático”.

Mas como é que a Europa se afastou tanto do seu futuro, mergulhando na irrelevância?

O vice-Presidente Vance lançou, em Munique, a sua marca de fogo contra as “elites europeias”. Afirmou que estas se afastaram dos valores democráticos “comuns”, que são excessivamente propensas à repressão e à censura do seu povo (demasiado propensas a bloqueá-lo) e, acima de tudo, denunciou o Cordão Sanitário” (“firewall”) sob o qual os partidos que não estão alinhados pelo centro-esquerda são considerados politicamente como persona non-grata: uma falsa “ameaça”, sugeriu. Porquê e de quê, vocês têm tanto medo? Têm tão pouca confiança nas vossas “democracias”?

Analise-se, a propósito da reinvenção do futuro, o Figura que apresentamos a seguir, (Figura 30) e que visa a compreensão da força da cultura de empresa quando ela enraíza no âmago dos valores que constituíram os fundamentos da tradição dos povos (no caso o do Japão). Apresenta-se, no Figura abaixo, o caso emblemático do Japão, na medida em que, desde os anos, 80, autores tão diversos como, Pascale e Athos, Peters e Waterman, ou Peter Drucker, assumem a cultura organizacional como a força transformadora das empresas, destronando, desse ponto vista, a estratégia, vista até então como determinante³⁷².

Analise-se, a este propósito, a Figura 52.

³⁷¹ Para já, a Europa nem sequer tem espaço à mesa das negociações para uma redefinição da nova ordem mundial. Vejamos o que reporta o perito britânico Alastair Crooke (RI, 27/2/2025). Na recente Conferência de Segurança de Munique, o secretário da Defesa norteamericano Hegseth referiu quatro “nãos” que terão deixado “nus” os representantes das elites globalistas serventuárias da “globalização”: (i) não à adesão da Ucrânia à NATO; (ii) não ao regresso às fronteiras anteriores a 2014; (iii) não ao artigo 5.º sobre o apoio às forças de manutenção da paz; (iv) e não às tropas dos EUA na Ucrânia. Por fim, acrescentou que a presença de tropas americanas na Europa não será “para sempre”, e chegou mesmo a questionar a sustentabilidade da OT NATO AN. Quanto ao futuro das relações EUA-Federação Russa, o autor diz que elas tenderão para uma situação de completa normalidade.

³⁷² Ver a este respeito a obra de (Lopes e Reto, 1991).

A cultura organizacional japonesa define-se:

- Pelos valores de natureza ética (os objetivos a atingir são monitorados pelos antepassados);
- Pela estética (processos indicados pela hierarquia);
- Pelo bom relacionamento e cooperação (cultura do cultivo do arroz);
- Pela inovação (a forma como podemos ver como a cultura de defesa, pela arte dos samurais)

Se analisarmos a cultura portuguesa, no caso da cultura do milho em socalcos e da sua conservação em espigueiros, no Minho, encontramos as mesmas dimensões, adaptadas à situação nacional, como é lógico

Figura 52. Cultura Nacional (no caso a japonesa) como a principal fonte de competitividade empresarial

152

Nas atuais circunstâncias a hegemonia do estado americano está sob ameaça (não se trata de segurança nacional dos EUA, como muitos confundem). A hegemonia, tal como o colonialismo, degrada os seus diretos mandatários. Efetivamente, não apenas teria degradado o estado de espírito americano, como estaria matando os estados-nação do ocidente que têm apoiado os EUA. Nesta sequência, correria igualmente o risco de morrer, também esse espírito, por sua vez, esmagado, a partir de dentro, pelo peso insustentável de um orçamento da defesa que corresponde a cerca de 50% do total das diferentes rubricas.

Este posicionamento de E. Todd (segundo ele, o ocidente já teria perdido), é manifestamente, diferente, da de muitos observadores internacionais (J. P. Morgan, entre outros), segundo os quais a 3^a Guerra Mundial estaria, agora, apenas, a começar³⁷³. Não há ainda vencidos, ao invés do que admite E. Todd, porque vencidos seremos todos³⁷⁴. Na ótica de E. Todd a 3^a guerra já teria inclusive terminado com a derrota americana (a derrota do campo democrático nos EUA seria isso mesmo). Projetando a guerra fria para os últimos 35 anos, E. Todd afirma que a Federação Russa (enquanto herdeira da URSS, diríamos nós), na medida em que a guerra foi essencialmente económica, poderia mesmo passar à história como vitoriosa da “guerra fria”.

Do ponto de vista militar, parece enfim tornar-se claro que estaria em formação um eixo defensivo que poderia revelar-se estável, na Ásia Central, de acordo com o texto de Manlio Dinucci (RI de 5/4/2025): o C (China) R (Rússia) I (Irão) NC (Coreia do Norte). Do nosso ponto de vista, o eixo CRINK tem condições para integrar países como a Mongólia, a Índia e o Vietname, e outros com relevância para a região.



Figura 53. O grande ângulo mundial terrestre

³⁷³ Não haverá, porventura, uma 3^a guerra mundial, efetiva, porque a Federação Russa possui as armas nucleares e, dado que, por outro lado, também não é fácil, hoje em dia conduzir uma guerra (de acordo com a própria “RAND Corporation” – um Think Tank do Pentágono). A RAND (2022) teria mudado a narrativa e deixado de dizer (como em 2019) que a “Federação Russa era fraca, com um exército mal treinado, com equipamentos da era soviética e com uma desesperante penúria de mísseis e de munições”.

³⁷⁴ Einstein dizia algo como: “não sei com que armas se combaterá na 3^a guerra mundial; sei que na 4^a guerra mundial, o combate será com pedras e com paus”.

Tudo indica que existe um movimento de fundo transformador do sistema mundo (como teoriza E. Todd) e acontecimentos pouco mais relevantes do que a alimentação diária dos noticiários que passam.

Os acontecimentos de dezembro de 2024, entretanto, mostram uma realidade que E. Todd não poderia ter visto enquanto antropólogo (ou adivinhado): o desejo da Turquia de querer aproveitar a oportunidade de uma aliança de facto com Israel para resolver de uma vez por todas o problema “curdo” (40 milhões de pessoas). Para isso contava com o corte do “estreito do Bósforo”, para impedir a Federação Russa de apoiar militarmente a Síria. A Turquia, fazendo o que fez, irá acabar com os “problemas de Israel” enquanto potência colonial sobre a Palestina e o Líbano³⁷⁵.

Existe, ainda, e sempre, uma certa irracionalidade nas designadas elites “globalistas” mediócrates (os tabaqui-chacais do Livro da Selva, intrigistas, como recorda, sistematicamente, J. Baud)³⁷⁶ que parecem nunca aprender nada nem nunca esquecer nada (que passam o tempo a tentar tapar as fendas de um cesto de verga para o transformar em cântaro). O que pensar, por exemplo, de uma ministra inglesa que durante uns poucos de meses, é certo, primeira-ministra britânica (Mary Elizabeth Truss) que dizia poder usar a arma nuclear contra a Federação Russa, se essa entidade se não vergasse às exigências ocidentais, mesmo se fosse a última coisa que se fizesse no mundo?!

Num tal contexto, a façanha “neo-colonial-liberal”, preconceituosa, mediocre, visceralmente russófoba, a raiar o ridículo internacional (ingleses, franceses, polacos, bálticos, etc.), continuará, durante muito (quanto?) tempo, a ser a senhora absoluta do controlo de todo o Rimland, nesta zona crucial do mundo, ou seja, no mínimo, das riquezas do Médio Oriente (como as da Ucrânia ou sabe-se lá quais outras!). Em face da pujança dos BRICS+, devemos continuar a estar atentos (mantendo uma inquietude inteligente, como recomenda J. Baud, diante de elites que não pensam resolução de problemas, mas que acrescentam problemas a problemas).

5.3. O Papel dos Cidadãos num Mundo em Guerra

Os poderosos fazem o que podem; os fracos fazem o que devem.

(Frase atribuída a Tucídides)

O que fazer, como cidadãos, neste mundo em situação de guerra em mais de 65 frentes, mesmo se apenas se fala de duas?

Todos deveríamos preparar-nos, pois, contra a “comunicação malsã”. Efetivamente, nesta guerra (logicamente, importa sublinhá-lo), não estão envolvidos apenas os militares; são sobretudo os cidadãos que estariam a ser envolvidos, atuando com base numa verdadeira literacia que sustente a sua “tomada de consciência” sobre a necessidade de se libertarem da governação pelo medo (talvez se devesse mesmo falar em pânico), como diz, com ênfase, Obertone (2024), que cita Homero, “neste (novo) combate, apenas os covardes se afastam”.³⁷⁷

³⁷⁵ <https://reseauinternational.net/la-russie-a-t-elle-lache-la-syrie/>.

³⁷⁶ Ver, para algum divertimento sério: <https://www.youtube.com/watch?v=p4ZxDS7IC6A&t=6473s>

³⁷⁷ Infelizmente para os civis, na Faixa de Gaza, o número de mortos, nos finais do mês de outubro de 2024, já teria passado as 200.000 vítimas (cerca de metade seriam crianças), segundo o último número da revista médica The Lancet. Em termos proporcionais, já se trata do conflito

Como poderemos, entretanto, encarar o futuro com otimismo? Através do alinhamento com os poderes globalistas ou optar pela neutralidade e criar, enfim, um polo de desenvolvimento sobre o direito a dispormos de nós próprios enquanto europeus?³⁷⁸

Lembrando-nos que, por mais que as coisas corram ao contrário do que gostaríamos, são “as emoções positivas abrem os nossos corações e as nossas mentes, assim como nos tornam mais receptivos e mais criativos”, como nos recorda a Prof.^a Barbara Fredrickson.

Nota: apresentação do caso “**Autocoope**”, reorganizada em 1988 com base numa consultoria de um dos autores, segundo o modelo de uma cooperativa de 2º grau (ou seja, uma rede colaborativa de empreendedores) a qual seria classificada, cerca de 2010, como a cooperativa de táxis mais bem-sucedida do mundo. De notar, ainda, que o modelo é uma verdadeira alternativa ao modelo neoliberal conhecido sob a designação de “uberização”.

Uma nova “utopia”, porventura, inspiraria, entretanto, os “jovens” dos países ditos emergentes, como alguns pioneiros de uma nova orientação pelo retorno a uma ideia de promoção do “empreendedorismo em favor do bem comum”. Qual poderia ser o futuro de ideias como as de Gunter Pauli (na Europa) para uma economia azul; a da Micronipol (Ourém, para a reciclagem do plástico), de Tiago Pita e Cunha (uma estratégia para o mar), de Alfredo Sendim (para a agrofloresta), em Portugal, em ordem a uma independência alimentar; ou, ainda, de alguém como Cameron Macgregor (nas Américas), ou como a rede, que neste texto citamos com frequência, o jornal RI (no Donbass), para uma reorganização de ativos suficientes importantes para sustentar plataformas de expressão livre.

Será que estes pioneiros poderiam permitir-nos entrever uma via alternativa de combate eficaz contra a financeirização do mundo ocidental (fornecendo-lhe essa via de saída)?

Pode ser uma via de utopia, mas com o apoio do “sul global”, o fim (ou, no mínimo, o princípio do fim!) da tendência para a transferência da rendibilidade das empresas para o sistema financeiro e para o estado (em desfavor dos que efetivamente, assumem o risco³⁷⁹ e a inovação, em face dos que se apropriam da riqueza) e, enfim, ao localismo, (pequenos, médios e grandes projetos), começando pelo “retorno à terra-mãe”, como pressupõem E. Todd, mas, sobretudo, G. Pauli, A. Sendim ou C. MacGregor³⁸⁰. Esta utopia ainda está longe da vitória, mas o antigo mundo financeirizado parece, entretanto, já não estar em condições de vencer.

Concluímos, enfim, com as palavras finais de Martyanov (2024), e que parecem concordar em absoluto com a tese que desenvolvemos, igualmente. O autor refere-se à moeda americana em termos a que nos habituámos no decurso deste nosso texto: o dólar é a única base de enriquecimento que resta aos Estados Unidos da América. Desde os últimos 30 anos, porém, o país manteve os alicerces da sua moeda sobre um mito, o da supremacia militar. Ora esta vai-se desfazendo tanto sob a ação perversa das suas elites corruptas e mal-intencionadas, quanto à incapacidade manifesta de desenvolver, entretanto, uma estratégia de guerra moderna. Ao invés, foi levada a um confronto irrealista, apoiada em forças armadas desproporcionais, mas que parecem mais preparadas para um teatro holiudesco, do que para combaterem uma guerra de alta intensidade contra um inimigo sério.

que mais civis, cooperantes e jornalistas morreram superando, pois, os números anteriores, da guerra dos EUA e aliados, contra o Iraque, sob um conjunto de bombas, cerca de 14 vezes a bomba de Hiroxima.

³⁷⁸ Ver o interessante vídeo de Caroline Galacteros: https://www.youtube.com/watch?v=3w6jbe6wu_8

³⁷⁹ Quando o risco não é premiado, o sistema empresarial afunda-se.

³⁸⁰ Pauli é um cientista e empresário que emprega mais de 2.000 investigadores nas suas empresas (as quais anunciam uma “economia azul”) <https://www.youtube.com/watch?v=XL5153b5u2w>. Ver, para as hipóteses de C. MacGregor: <https://reseauinternational.net/cameron-macgregor-comment-les-etats-unis-se-detruisent-de-linterieur/>.

Não poderíamos terminar sem citar a célebre frase de Fidel Castro (1992): “la próxima guerra en Europa será entre Rusia y el fascismo, exceto que al fascismo se le llamará Democracia” (in, Diario La Humanidad, 22/12/2022). Mas o país escolhido seria arrastado à tragédia. A “tragédia” da Ucrânia (Petro, 2023) desafia a visão convencionada de que o conflito na Ucrânia é principalmente um conflito interestatal. O autor destaca as suas profundas raízes internas, domésticas. Mas para que todas as partes, dentro e fora da Ucrânia, passem agora do confronto ao diálogo será necessário desembaraçar todas estas raízes e abraçar uma mudança de atitude, ou de catarse. Para ajudar nessa empreitada, o autor emprega a lente da tragédia grega clássica, a mesma que já desempenhou uma função terapêutica semelhante na sociedade ateniense. O “ator medíocre” que faz de presidente do regime de Kiev não parece estar à altura, mas veremos se o povo tem, enfim, uma palavra a dizer, ou se o fim da dolarização lhe continuará a impor uma série de episódios trágicos, por mais algum “tempo de dor e de retrocesso económico”, em contraponto aos termos de F. Fukuyama.

Modernidade e Tradição

Para que a guerra possa ficar para trás da humanidade... importa que cada qual se decida a cumprir eficazmente uma missão, a de lutar pela verdade, por mais difícil ou impossível que possa parecer.



Figura 54. Os fuzilamentos de 3 de maio de 1808 (1814): a revolução francesa e a morte

Esta figura é a reprodução de uma obra-prima de Francisco de Goya, com 2,68m x 3,47, a qual teve como objetivo o de “perpetuar, com o pincel, as ações mais heroicas e notáveis de nossa gloriosa rebeldia do povo humilde, em plena sintonia com as tradições peninsulares, contra a tirania”. A tela tornar-se-ia a pintura mais importante da humanidade (simbolicamente superior à Guernica de P. Picasso, e daí a nossa escolha) de denúncia da política brutal da guerra, desenvolvida em nome de pretensos “valores universais revolucionários”. Sublinhe-se que os ditos valores universalistas abririam, de facto, as portas à exploração colonial “civilizadora” (!), no ano seguinte aquela criação artística (referimos, obviamente o congresso de Berlim, de 1815 que colocaria a África no “menu” europeu).

Acresce que a obra de F. Goya reencontra, a cada época, uma atualidade surpreendente, e hoje não é exceção.

F. Goya levaria, ainda assim, algum tempo a afastar-se, no meio de uma “enorme” desilusão, (cerca de seis anos mediaram entre os acontecimentos de 1808 e a pintura de 1814), relativamente às suas esperanças na “Revolução Francesa” das “Luzes” e a retomar a “sua” linha de adesão aos valores da compatibilização entre a modernidade e da tradição (porventura, o coração do próprio romantismo, corrente em que o pintor se incluía). Seria, talvez, igualmente, de ver na obra uma perspetiva de prevenção contra o que estava para chegar, concretamente, à Europa, com o movimento da “internacional socialista” destinada a fazer-nos gritar, a plenos pulmões: “du passé, faisons table rase”, expressão que em português daria algo mais nuanceado, como “cortai o mal bem pelo fundo”. F. Goya decide-se, enfim, a celebrar a luz (“fuzilada”), lembrando Jesus Cristo, no calvário, em contraponto com o “negrume” da força (bruta) das armas.

Referências

- Abreu, M., P. (1982). John Maynard Keynes e as relações económicas anglo-brasileiras durante a II Guerra Mundial. *Revista Brasileira de Economia*, 36(1), janeiro/março.
- Acemoglu, D. e Robinson, J. (2013). *Por que as nações fracassam: as origens da riqueza, da prosperidade e da pobreza*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Alaminos-Fernández, A. & Alaminos, A. (2023) *Rokeach: la structure des valeurs de quarante sociétés européennes. Une approche exploratoire basée sur la théorie de Milton Rokeach*.
- Obets Ciencia Abierta: Universidad de Alicante.
- Assmam, H., Santos, Th. e Chomsky, N. (1990). A Trilateral: Nova Fase do Capitalismo Mundial. R. J.: Editora Vozes.
- Austin, J., L. (1990). *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barnett, J., R. (1994). Exclusion as National Security Policy. *Parameters* 24, no. 1. Article 19. Doi:10.55540/0031-1723.1703.
- Baverez, D. (2024). *Bienvenue en économie de guerre*. Paris: Novice.
- Baud, J. (2003). *La guerre asymétrique ou la défaite du vainqueur*. Genève: Éditions Max Milo.
- Baud, J. (2016). *Terrorisme: mensonges politiques et stratégies fatales de l'occident*. Genève: Éditions du Rocher.
- Baud, J. (2020). *Gouverner par les fake news - Conflits internationaux: 30 ans d'intox utilisées par les pays occidentaux*. Genève: Éditions Max Milo.
- Baud, J. (2022a). *Operation Z*. Genève: Max Milo.
- Baud, J. (2022b). *Poutine, maître du jeu?* Genève: Max Milo.
- Bettine, M. (2021). *Teoria do Agir Comunicativo de Jürgen Habermas: bases conceituais*. São Paulo: Edições EACH. DOI: 10.11606/9786588503027
- Boulnois, L. (2001). *La Route de la soie: Dieux, guerriers et marchands*. Genève: Olizane.
- Brzezinski, Z. (1997). *The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives*. New York: Basic Books.
- Brzezinski, Z. (2016). “Towards a Global Realignment”. *American Interest* (17/4).
- Cagé, J. e Jancovici, J-M. (2024). Pourquoi le vert embrase-t-il tout? In Giuliano da Empoli: *Portrait d'un monde cassé. L'Europe dans l'année des grandes élections*. Paris: Gallimard.
- Cassin, B. (2018). Quand dire, c'est vraiment faire. Homère, Gorgias et le peuple arc-en-ciel. Paris. Fayard.
- Castro, F. (2016). Prefiro morrer de cabeça erguida. *A Verdade: um jornal dos trabalhadores na luta pelo socialismo*, 18 de abril.
- Chaillot, P. (2023). *Covid 19, ce que révèlent les chiffres officiels: mortalité, tests, vaccins, hôpitaux, la vérité émerge*. Paris: Éditions de l'Artilleur.
- Chenoy, A. (2024). The BRICS Plan for a New Financial Architecture. *Strategic Affairs*; Vol. 59, Issue No. 48, 30, nov.
- Chomsky, N. e Vitchev, A. (2015; 2021). *Terrorismo ocidental: de Hiroshima à guerra de drones*. São Paulo: Edições Autonomia Literária.
- Cochet, Y. (2024). *Précision sur la fin du monde*. Paris: Éditions LLL.
- Codato, A. e Perissinotto, R. Org's (2015). *Como estudar elites*. Editora UFTR. DOI: 10.13140/RG.2.1.5016.9204

- Costa, A., B. (2006). O desenvolvimento económico na visão de Joseph Schumpeter. *UFRGS, ano 4 - n° 47: 3-22.*
- Crozier, M., Huntington, S. e Watanuki, J. (1975). *The crisis of democracy: report on the governability of democracies to the Trilateral Commission.* NY: New York University Press.
- Engels, D. (2024). *Que faire? Vivre avec le déclin de l'Europe.* Paris: Éditions la Nouvelle Librairie.
- Damásio, A. (2017). *A Estranha Ordem das Coisas.* Lisboa: Temas e Debates.
- Del Valle, A. (2000). *Guerres contre l'Europe.* Paris: Editions des Syrtes.
- Derrida, J. (1996). *Le monologisme de l'autre.* Paris: Galilée.
- Dias, D., Lopes, A. e Parreira, P. (2011). *Fusões e Aquisições – O Papel Central da Liderança Intermédia na Gestão do Choque de Culturas.* Lisboa: RH Editora.
- Diesen, G. (2024a). The Science of Anti-Russian Propaganda. *Geopolitics. December 19.*
- Diesen, G. (2024b). *The Ukraine War and the Eurasian World Order.* USA: Clarity Press, Inc.
- Dowbor, L. e Ianni, O., (orgs.). (1997). *Desafios da Globalização.* Petrópolis: Vozes.
- Estulin, D. (2005). *A Verdadeira História do Clube Bildeberg.* Barcelona: Editorial Planeta, SA.
- Etzioni, A. (1967). *Organizações complexas: um estudo das organizações em face dos problemas sociais.* São Paulo: Atlas.
- Farias, H. (2020). Território, poder e riqueza: uma leitura da geopolítica do capitalismo. *Revista Continentes (UFRRJ), ano 4, n.7: 35-63.*
- Fernandes, V. R. (2023). O golpe de 1953 no Irão: principais causas e consequências. *Lusíada: Política Internacional e Segurança, (25-26), 37–58.* <https://doi.org/10.34628/fx05-w048>
- Féron, E. (2000). Religions et conflits: comment renouveler le cadre de l'analyse? *Arès, 46/3, décembre.*
- Ferreira, S. (2023). A Análise de conteúdo: um método para a análise de dados em pesquisas qualitativas. *Revista Pesquisa Qualitativa. São Paulo (SP), v.11, n.26, p. 202-224, jan./abr.* DOI: <http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.26.502>
- Freund, J. (1966). *La sociologie de Max Weber.* Paris: PUF.
- Fukuyama, F. (1992). *O fim da história e o último homem.* Rio de Janeiro: Rocco.
- Gauthier, Y. (1988). *La crise mondiale de 1973 à nos jours.* Paris: Éditions Complexe.
- Gay, M. (2007). *L'affaire Jeanne d'Arc.* Paris: Florent Massot.
- Gave, Ch. (2016). *Un libéral nommé Jésus: parabole économique.* Paris: Institut des Libertés.
- Geneste, J-F. (2025). La fin de l'industrie spatiale européenne. *Renseignement, technologie et armement, n°90 / janvier.*
- Ghermani, L. (2010). La Tempête ou l'évanouissement du rêve humaniste. *Itinéraires n°4, dec.: 162-180.* DOI:10.4000/itineraires.1750
- Gibbs, D., N. (2009). *First Do No Harm: Humanitarian Intervention and the Destruction of Yugoslavia.* Nashville: Vanderbilt University Press.
- Gibbs, D., N. (2024). *Revolt of the Rich: How the Politics of the 1970s Widened America's Class Divide.* New York: Columbia University Press.
- Girard, R. (1990). *Shakespeare: les feux de l'envie.* Paris: B. Grasset.
- Girard, R. (2004). *O bode expiatório.* São Paulo: Paulus.
- Gorz, A. (1980). *Adieux au prolétariat.* Paris: Galilée.

- Henrion Caude, A. (2023). *Les Apprentis sorciers: tout ce que l'on vous cache sur l'ARN messager*. Paris: Albin Michel.
- Hindi, Y. (2024). *Comprendre le conflit israélo-palestinien*. Éditeur: Kontre Kulture.
- Hobsbawm, E. (2007). Guerra, paz e hegemonia no início do século XXI. In *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Hoeveler, R. (2016). Dominação e resistência nos Estados Unidos dos anos 1960: Zbigniew Brzezinski entre duas eras. *Revista Mosaico*, vol.9, n.1, p.8-23.
- Hoeveler, R. (2017). Cosmopolitismo capitalista: o caso da Comissão Trilateral (1973-1979). *Revista História & Luta de Classes*, p. 3-18.
- Hogard, J. (2024). *La guerre en Ukraine – Regard critique sur les causes d'une tragédie*. Paris: Éditions Hugo-Doc.
- Horton, S. (2024). *Provoked: How Washington Started the New Cold War with Russia and the Catastrophe in Ukraine*. Edition of the autor (Scott Horton).
- Hudson, M. (2022). O fim da civilização ocidental: porque lhe falta resiliência e o que tomará o seu lugar. (O colapso da civilização moderna e o futuro da Humanidade). *9º Fórum Sul-Sul sobre Sustentabilidade*, de 11 de julho.
- Huntington, S. Ph. (1993). The Clash of Civilizations? *Foreign Affairs, Summer*.
- Husson, D. (2024). *Climat, de la confusion à la manipulation*. Paris: L'Artilleur.
- Illich, I. (1973; 1975). *A expropriação da saúde: nêmesis da medicina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Incerti, F. e Cândido, D., B. (2022). Encontrando as metáforas certas: um diálogo entre Karl Popper e Michel Maffesoli em torno da pós-modernidade. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 22, n. 3, p. 26-42, set./dez.
- Izambert, J-L. (2024). *Empêcher l'Europe: Les États-Unis contre l'Europe*. Paris: Culture & Racines.
- Izambert, J-L. e Janvier, C. (2025). *L'abandon français: quelque chose est pourri dans mon royaume de France*. Paris: Éditions Jean-Cyrille Godefroy.
- Jacobsen, A. (20225). *Guerra Nuclear: um cenário*. Lisboa: Dom Quixote.
- Jacquemin-Raffestin, J-M. (2024). *Ne Leur Pardonnez Pas! Tome 3: Ils Savent Très Bien Ce Qu'ils Font... L'Empire Du Mensonge*. Paris: Nouvelle Terre Eds.
- Janis, I., L. (1972). *Groupthink*. Boston: Houghton Mifflin.
- Janvier, C. e Lagarde, F. (2024). *L'État profond français: qui, comment, pourquoi...?* Paris: Édition, Idées, Livres.
- Kagan, R. (2012). *The World America Made*. NY: Alfred A. Knopf.
- Kagan, R. (2025). Trump Is Facing a Catastrophic Defeat in Ukraine. If Ukraine falls, it will be hard to spin as anything but a debacle for the United States, and for its president. *The Atlantic, January*, 7.
- Katchanovski, I. (2024). *The Maidan Massacre in Ukraine: The Mass Killing that Changed the World*. London: Palgrave.
- Karim, F. e Wieters, H. (2014). “Axe 1: Sociohistoire de l’État social depuis 1945 – mutations, européanisations et capacités”. *Revue de l'IFHA*, 6. DOI: 10.4000/ifha.7985
- Kerlirzin, Th. (2019). *Soros l'Impérial*. Paris: Éditions Libres.
- Klein, N. (1970). *La stratégie du choc: la montée d'un capitalisme du désastre*. Montréal Leméac: Actes du Sud.

- Kondratieff, N. (1926). *Los ciclos económicos largos*. GDP Eds. ISBN: 0952457105, 9780952457107.
- Krugman, P., R. (1994). Competitiveness: a dangerous obsession. *Foreign Affairs (New York, N.Y.)*, (vol.73-03/04): n°2, p.28-44.
- Kurth, J. (1996). "America's Grand Strategy: a Pattern of History". *The National Interest*, n° 43, p. 3-19,
- Lasch, Ch. (1996). "La révolte des élites et la trahison de la démocratie". Paris: Flammarion.
- Lemieux-Lefebvre, C. (2019). Compte rendu de [Mourir pour des idées / Les Sept Samouraïs d'Akira Kurosawa]. *Ciné-Bulles*, 37(3), 40–45.
- Le Sommier, R. (2025). *Qui est le diable? l'Autre ou l'Occident*. Genève: Éditions Max Milo.
- Liang, Y. (2021). *Implications of modern money theory on development finance*. In: *Emerging Economies and the Global Financial System*. Routledge; eBook ISBN9780429025037; DOI:10.4324/9780429025037-20
- Lincot, E. e Bertrand, A. (2021). Anciennes et Nouvelles "routes de la soie": pour une déconstruction d'une appellation. fév. *Asia Focus, paper 155*.
- Lopes, A. (2012). *Fundamentos da Gestão de Pessoas*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Lopes, A. (2016). Cultura de Qualidade e Eficácia Durável: o Primado da Gestão de Pessoas. *Gestão e Desenvolvimento*, 24, p.3-45.
- Lopes, A. (2021). A estratégia da gestão de pessoas e da qualidade de Carlos Ghosn na Nissan: Ascensão e Queda. *Gestão e Desenvolvimento*, 29, 3-29 <https://doi.org/10.34632/gestaoedesenvolvimento.2021.9779>.
- Lopes, A. e Correia, A., D. (2003). A problemática da confiança na gestão das relações laborais. *Análise Social*. Vol. 38, n° 168. P.: 841-849. EID: 2-s2.0-34247439176
- Lopes, A., Dias, D. & Parreira, P. (2009). Análise de um Processo de Fusão de duas Instituições Públicas da Administração Pública Portuguesa: O Papel Central dos Líderes Intermédios. *Economia e Empresa, Série II*, n°9. DOI: <https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2016.280>
- Maffesoli, M. (2008). *Après la modernité? La logique de la domination: La violence totalitaire; La conquête du présent*. Paris: CNRS Éditions.
- Maffesoli, M. (2021). *L'ère des soulèvements*. Paris: Éditions du Cerf.
- Maffesoli, M. (2025). *Apologie*. Paris: Editions du CERF.
- Martyanov, A. (2024). *America's Final War*. Atlanta: SCB Distributors.
- Meyssan, Th. (2002). *11 de setembro 2001 – A terrível impostura*. Lisboa: Editora Frenesi.
- Messine, Ph. (1987). *Les saturniens - quand les patrons reinventent la société*. Paris: La Découverte.
- Michel, J.-D. (2024). *La Fabrication du désastre. Qui? Pourquoi? Comment?* Éditions: Marco Piétteur.
- Michelon, L. (2022; 2024). *Comprendre la relation Chine-Occident: la superpuissance reticente et l'hégémon isolé*. Paris: Éditions Perspectives Libres.
- Miles, M., B. e Huberman, A., M. (1986). *Qualitative data analysis: a sourcebook of new methods*. 4^a. ed. Beverly Hills, CA: Sage Publications.
- Minc, A. (2024). *Somme toute*. Paris: Grasset.
- Mirkovic, N. (2021). *L'Amérique Empire*. Paris: Éditions Temporis.

- Mirsiki, S. (2013). Stranglehold: The Context, Conduct and Consequences of an American Naval Blockade of China. (In an all-out war with China, the United States could impose a naval blockade to pressure Beijing with minimal risk). *Journal of Strategic Studies*, 12 feb.
- Moine, F. e Pelagotti, L. (2024). *Jeûne et Respiration*. Dole: Éditions EXUVIE.
- Monteiro, E., Fonseca, A., Sendim, A., Vasconcelos, A. e Ribeiro, V. (2023). Valorização da bolota para consumo humano em Portugal. *Acta Portuguesa de Nutrição*, 35, 42-46; <https://dx.doi.org/10.21011/apn.2023.3508>
- Maurel, Ch. (2021). Introduction: Routes de la Soie, de la Préhistoire à demain. *Cahiers d'histoire*, nº 151; p. 11-15. <https://doi.org/10.4000/chrhc.17253>.
- Morelli, A. (2001). *Principes élémentaires de propagande de guerre*. Bruxelles: Éditions Aden.
- Morgan, G. (1986). *Images of Organization*. Beverly Hills: Sage.
- Netanyahu, B. (1995). *Fighting terrorism: how democracies can defeat domestic and international terrorists*. New York: Farrar Straus Giroux.
- Obertone, L. (2024). *Guerre: Un combat dont vous êtes enfin le héros*. Paris: Magnus.
- Oesch, D. (2001). L'inégalité, frein à la croissance? L'effet de l'inégalité des revenus sur les taux de croissance de dix pays de l'Europe de l'Ouest. *Swiss Political Science Review*, 7(2): 27-48.
- Overton, W. F. (2007). A coherent metatheory for dynamic systems: Relational organicism-contextualism. *Human Development*, 50, 154–159.
- Pappé, I. (2006). *A limpeza étnica da Palestina*. São Paulo: Editora Sundermann.
- Parkinson, C., N. (1963). *East and West*. Boston: Houghton Mifflin.
- Pauli, G. (2019). *L'économie Bleue*. Paris: Éditions de l'Observatoire/Humensis.
- Petrov, N. (2016). Putin's downfall: The coming crisis of the Russian regime. *Wider Europe – Essay*, 19 april: 1-7.
- Pieper, F. (2019). Crise mimética e vítima sacrificial. Contribuição de René Girard para as teorias da religião. *Estudos Teológicos, São Leopoldo*, v. 59, n. 1, p. 14-30, jan./jun. DOI: <http://dx.doi.org/10.22351/et.v59i1.3577>
- Pyne, D. T. (2022). A Proposed Peace Plan to End the Russo-Ukrainian War. *The National Interest*; jun, 18.
- Piper, M., C. (1995). *Final Judgment: The Missing Link in the JFK Assassination Conspiracy*. Universidade do Wisconsin - Madison: Wolfe Press.
- Plaquevent, P-A. et Hindi, Y. (2024). *Israël et la guerre mondiale des religions*. Paris: Culture et Racines.
- Porcher, Th. (2018). *Le traité d'économie hérétique*. Paris: Fayard.
- Posca, J. e Tabaichount, B. (2020). *Qu'est-ce que la financiarisation?* Paris: IRIS.
- Prolongeau, H. (1998). *Le Curé de Nazareth: Émile Shoufani, arabe israélien, homme de parole en Galilée*. Paris: Albin Michel.
- Ratte, Ph. (2014). *Route de la soie*. Paris: Fondation Prospective et Innovation.
- Reinhart C. e Rogoff, K. (2014). *Desta Vez É Diferente: Oito Séculos De Loucura Financeira*. Lisboa: Atual Editora.
- Resende, E. (2011). Uma análise da doutrina Bush no décimo aniversário do onze de setembro. *Textos&Debates, Boa Vista*, n.18, p. 7-18.
- Rivoire; J. (1989). *Histoire de la monnaie*. Que sais-je? Paris: PUF.
- Robinson, J., A. (2013). *Why is Africa Poor?* Maddison Lecture - University of Groningen.

- Rockefeller, D. (2002). *Memoirs: The Rockefellers*. NY: Random House.
- Roque, A., F., M., Alves, M.-C., G. e Raposo, M., L. (2019). Internationalization Strategies Revisited: Main Models and Approaches. *IBIMA Business Review*, 1-10. DOI: 10.5171/2019.681383
- Romana, F. e Lopes A. (2021). The Business Process of Small and Medium Portuguese Family Businesses: A Reindustrialization Case Study. *Journal of Intercultural Management Vol. 13, No. 4, December, pp. 96–130*. DOI 10.2478/jiom-2021-0073
- Ruckert, H. (2024). Análise da Queda do Império Americano à Luz da Obra “La Défaite de l’Occident”, de Emmanuel Todd. *Metapolítica*.
- Sachs, J., D. (2023a). The War in Ukraine Was Provoked—and Why That Matters to Achieve Peace. By recognizing that the question of Nato enlargement is at the center of this war, we understand why U.S. weaponry will not end this war. Only diplomatic efforts can do that. *Common Dreams*, 23, May.
- Sachs, J., D. (2023b). A Framework for Peace in Israel and Palestine. *Common Dreams*, November 30.
- Sachs, J., D. (2024). Israel's Ideology of Genocide Must Be Confronted and Stopped. *Common Dreams*, set., 30.
- Santos, R., A. (2014). Versos que tergiversam: Rimbaud e a poesia moderna. *Londrina, Volume 12, jan.*, p. 52-69.
- Sapir, J. (2024). *La fin de l'ordre occidental?* Paris: Libres.
- Schwartz, L. (2022). *Les clés du cancer: une nouvelle compréhension de la maladie - les principes du traitement métabolique*. Paris: Thierry Souccar Eds.
- Shabbir, G., Kashif, M., A., Mujahid, A., B., S., A., H., Shah e Arshad, F. (2021). Relations: An Overview. *JRSP, Vol. 58, No1(Jan-March)*.
- Snowden, E. (2019). *Eterna vigilância*. São Paulo: Planeta do Brasil.
- Solienitsyne, A. (2014). *Le déclin du courage*. Paris: Les Belles Lettres.
- Soutou, G-H. (2024). *La grande rupture: 1989-2024. De la chute du mur à la guerre d'Ukraine*. Paris: Éditions Tallandier.
- Teurtrie, D. (2024). *Russie: le retour de la puissance*. Paris: Dunod.
- Stiglitz, J. E. (2013). *O Preço da Desigualdade*. Lisboa: Bertrand Editora
- Sun Tzu. (2009). *A arte da Guerra*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Taleb, N. (2015). *A lógica do cisne negro: o impacto do altamente improvável*. Rio de Janeiro: Best Seller.
- Todd, E. (1976). *La Chute Finale; Essai Sur La Decomposition de La Sphere Sovietique*. Paris: Robert Laffont.
- Todd, E. (2002). *Après l'empire. Essai sur la décomposition du système américain*. Paris: Gallimard.
- Todd, E. (2017). *Onde estamos: uma outra visão da história humana*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Todd, E. (2024). *La Défaite de l'Occident*. Paris: Gallimard.
- Tunander, O. (2004). *The Secret War Against Sweden: US and British Submarine Deception in the 1980s*. Oslo: Routledge, Cass Series (Naval Policy and History).
- Vega-González, R. e Vega-Salinas, M. (2013). El Conocimiento, Propulsor de los Ciclos Largos. *Journal of Technology Management & Innovation* vol.8 no.4 Santiago.

<http://dx.doi.org/10.4067/S0718-27242013000500011>

Vighi, F. (2020). *Homo Pandemicus: COVID Ideology and Panic Consumption*. *Crisis & Critique; Volume 7 Issue: 447 – 459*.

Weick, K., E. e Bougon, M., G. (1986). *Organizations as cognitive maps: charting ways to success and failure*. In H. P. Sims Jr., D. A. Gioia (Orgs.). *The Thinking organization: Dynamics of organizational social cognition* (pp. 102-135). San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

Ziyang, P. e Liang, Sh. (2021). John Locke's Doctrine of Limited Government: Establishment, Limitations and Criticisms. *Advances in Politics and Economics*; Vol. 4, N.º 3: 25-38. www.scholink.org/ojs/index.php/ape 25.

163

Websites Consultados

(com foco em “Economia-Finanças-Dinheiro”)

Website 1: Sítio da Escola de Guerra Económica

<http://www.ege.fr>

Este site apresenta estudos aprofundados sobre um amplo espectro de assuntos. Permite-nos compreender melhor certos aspetos da geopolítica global. É um site sério e fiável, politicamente correto.

Website 2: Marc Touati TV – 205.000 subscritores

<https://www.youtube.com/@MarcTouatiTV>

Marc Touati democratiza a economia e os mercados financeiros e dá-lhe o seu ponto de vista sobre a situação económica francesa e internacional! E isto, com total independência, sem linguagem de madeira e com gráficos explícitos e educativos. O seu público está a crescer muito rapidamente.

Website 3: Canal YouTube Publications Agora France – 121.000 subscritores

<https://www.youtube.com/AgoraVoxFrance>

Presentes nos cinco continentes, as empresas da Agora transmitem a mesma visão e filosofia: celebrar a virtude de pensar por si próprio e assumir a responsabilidade pela própria vida.

Website 4: Insolentiae

<https://insolentiae.com>

Há 9 anos que este site nos oferece uma análise impertinente, satírica e bem-humorada de notícias económicas, proposta por Charles Sannat, colunista económico.

Website 5: Vídeos do YouTube Wide Angle – 360.000 subscritores

<https://www.youtube.com/@grandangleeco/videos>

Contém análises económicas internacionais apresentadas por personalidades cujos pontos de vista são interessantes (Charles Gave e Didier Darcet, entre outros).

Website 6: Base de dados do FMI

<https://www.imf.org/external/datamapper>

Esta base de dados interativa extremamente rica, atualizada a cada 3 meses, fornece informações numéricas sobre todos os países, o seu passado, o seu presente e até mesmo previsões futuras a 5 anos. Uma ferramenta valiosa e essencial para quem quer pensar sobre os equilíbrios económicos globais e a sua evolução.

Website 7: Relógio da dívida

<https://usdebtclock.org/world-debt-clock.html>

Este website dá uma ideia da dívida de cerca de trinta grandes países em tempo real e, sobretudo, das principais tendências para mais ou menos dívida.

Permite também ter uma ideia precisa do nível de dívida e dos principais dados económicos relativos aos Estados Unidos clicando no título US debt Clock.org. É bastante fiável quando se procura uma ordem de grandeza porque este relógio é atualizado todos os meses com dados oficiais.

Website 8: Radar de dinheiro – 466.000 subscritores

<https://www.youtube.com/@MoneyRadar>

Este site contém informações muito interessantes de natureza económica e financeira, tanto francesas como internacionais.

164

Website 9: Lista de multimilionários do mundo da Forbes

<https://www.forbes.com/billionaires>

Sendo o dinheiro um elemento importante da geopolítica global, é sempre interessante identificar e acompanhar os detentores de grandes fortunas que provavelmente influenciarão os líderes políticos ou até mesmo compraráo eleições e/ou corromperão os representantes eleitos em determinados países.

Website 10: Classificação dos multimilionários do mundo da Forbes

<https://forbes.co.il/e/rankings/2022-judeus-bilionários>

É o único ranking global de riqueza denominacional que já existiu. Soubemos que a comunidade judaica tinha 267 multimilionários em 2023, que acumularam 1,7 triliões de dólares em ativos e estavam espalhados por muitos países.

(Websites gerais)

Website 11: Rede Internacional

<https://reseauinternational.net>

Com 11 anos de existência, este site é um dos sites alternativos mais visitados em França.

Não se vê como uma referência. Simplesmente fornece o máximo de informação possível para fundamentar o seu julgamento, seja ele positivo ou negativo. Não tem qualquer filiação política, embora se possa dizer que o globalismo, o sionismo, o neocolonialismo e o apartheid não são realmente a sua praia.

Conta com um elenco de excelentes colaboradores regulares, entre os quais o britânico Alastair Crooke, o russo-americano Dmitry Orlov, o italiano Manlio Dinucci, o indiano Bhadrakumar, o norte-americano Paul Craig Roberts, o brasileiro Pepe Escobar, o francês Thierry Meyssan, para citar apenas alguns. Abrange todas as principais questões sociais e geopolíticas. É obviamente classificado como um teórico da conspiração pelo bom Saiyan Rudy Reichstadt porque ofusca a esfera dominante atlantista (e sionista).

Website 12: Sítio “Centro de Investigação sobre a Globalização”

<http://www.mondialisation.ca>

Este site canadense tem 22 anos. Fundado por Michel Chossudovsky, um escritor canadense de ascendência russa e judaica. Professor emérito da Universidade de Ottawa, classificado como “Justo entre as Nações Modernas” pelo seu criado DD, apresenta artigos bem documentados e bem escritos.

Este é um site de opinião. As teses apresentadas são muitas vezes muito interessantes e as conclusões são diferentes das que nos são transmitidas pelos grandes meios de comunicação nacionais. Site fiável e sério no geral, gerido por excelentes colaboradores. A sua linha é claramente anti globalista, antiapartheid e antissionista. Tem tudo para agradar e fornecer argumentos para aqueles, dos quais eu sou um, que partilham as suas teorias. Este site é a versão francesa de um site canadense em inglês chamado Global Research.ca

Website 13: Site da Rede Voltaire

<https://www.globalresearch.ca>

“A Rede Voltaire (32 anos de existência) é hoje uma rede de imprensa não alinhada, especializada na análise das relações internacionais, criada por iniciativa do intelectual francês Thierry Meyssan. Não tem como objetivo

promover uma ideologia ou uma visão do mundo, mas sim desenvolver o pensamento crítico dos seus leitores. Prefere a reflexão à crença, os argumentos às convicções.

Os artigos são geralmente de excelente qualidade. Os autores são, por vezes, pessoas que ocuparam altos cargos no aparelho de Estado de vários países (diplomatas, ex-generais, ex-especialistas em inteligência, ex-ministros, etc.). Este site é fiável e sério na minha opinião.

No entanto, as suas teorias são tão perturbadoras que é muito criticado (será que só a verdade dói???...). É frequentemente alvo dos jornalistas tradicionais, particularmente dos muitos atlantistas e pró-sionistas por interesse, que o acusam de criticar a política externa americana e de ser antissionista. Alguns chegam mesmo a caluniar, com a acusação de antisemitismo (uma arma absoluta, se é que alguma vez existiu uma) para o silenciar e desacreditar. “Calúnia, calúnia, algo permanecerá sempre...” Tanto quanto sei, nunca foi condenado por este tipo de acusação em 32 anos de existência.

Para além do site cujos artigos são abertos a todos, Thierry Meyssan e a sua equipa publicam, desde agosto de 2022, um notável boletim semanal em versão eletrónica aberto apenas a assinantes, denominado Voltaire-actualité internationale. Analisa os elementos essenciais de informações oficiais importantes que são ocultadas, ignoradas e minimizadas pelos grandes meios de comunicação. As primeiras edições eram de livre acesso.

<https://www.voltairenet.org/rubrique121556>

165

Website 14: Investigação

<https://www.youtube.com/channel/UChq7IIJgKBr5cElD44Q6PlA>

Este site tem 20 anos e 307.000 subscritores. Este é o site verdadeiramente independente de um jornalista e escritor belga: Michel Collon. Este jornalista excepcional, com a ajuda da sua equipa, argumenta e documenta particularmente bem a sua produção. Percebe muito do assunto e, por vezes, mas não com muita frequência, participa em programas de TV. Os gestores dos canais de TV hesitam em convidá-lo porque é convincente e a sua argumentação não vai no sentido do que nos dizem as televisões... Trata da desinformação e das grandes crises internacionais.

Porque as suas teses são inquietantes e porque também critica a política externa americana e de Israel, apresentando factos e argumentos muito sólidos, é um dos *bêtes noires* do lobby pró-sionista francês e dos apoiantes do atlantismo, particularmente bem representado nos meios de comunicação social, na política ao mais alto nível... (a comitiva do presidente, o Ministério dos Negócios Estrangeiros, da Defesa, da Economia, os serviços do Primeiro-Ministro, etc.) e entre o “povo”, um mundo em que ELES se autopromovem com a conivência dos grandes meios de comunicação...

Nos debates televisivos, geralmente recebe quatro adversários para tentar desacreditar o seu discurso usando um tempo de discurso que é geralmente quatro vezes maior do que o seu. Mas geralmente sai vencedor nestes debates porque conhece os seus arquivos e argumenta brilhantemente perante charlatões que geralmente não têm nada de fiável para dizer.

Website 15: As crises

<http://www.les-crises.fr>

Este é o site criado por Olivier Berruyer, um jovem economista de 48 anos. Os artigos são extremamente variados, quase todos de grande qualidade. Os fóruns e as discussões sobre cada um dos artigos mantêm-se em boas condições. Olivier Berruyer é o homem que fez com que o site “Decodex” do jornal Le Monde fosse condenado por difamação. O saiyen Samuel Laurent e o jornal Le Monde devem lembrar-se disto...

Este site geral existe há 13 anos e denuncia, de forma silenciosa, a desinformação a que estamos sujeitos. Depois tenta nos informar novamente. Este é um site muito fiável e de alta qualidade.

Olivier Berruyer criou recentemente um excelente canal de vídeos: o Elucid, no qual recebe convidados de altíssimo nível, cujos pontos de vista são interessantes de conhecer.

Website 16: Elucid

<https://elucid.media/author/oberruyer>

Retransmitido no YouTube 312.000 subscritores

Fundada em 2021 por Olivier Berruyer, esta mídia de vídeo é uma empresa de imprensa solidária. A missão da Elucid é transmitir conhecimento fundamental para devolver o poder aos cidadãos e oferecer chaves essenciais de compreensão para decifrar os acontecimentos atuais com nuances e perspetiva.

Ancorada a longo prazo, a sua linha editorial desprende-se do tratamento apressado da informação e da corrida ao “buzz”.

A Élucid confia no espírito crítico e na inteligência dos seus leitores!

Não procura impor uma ideologia, mas sim disseminar o conhecimento para fortalecer a lucidez dos seus assinantes perante a propaganda de todos os lados.

Enquanto outros tentam afogar os leitores numa enxurrada de informações inúteis, a Élucid sugere que se dedique algum tempo a olhar mais alto e mais longe.

Website 17: Thinkerview – 1,23 milhões de subscritores

<https://www.youtube.com/@thinkerview>

Site especializado em entrevistas a personalidades muitas vezes controversas e pouco visíveis nos grandes meios de comunicação. Um lugar especial onde nos dirigimos àqueles que já não veem TV.

Algumas das entrevistas são realmente interessantes.

166

Website 18: Igualdade e Reconciliação

<http://www.egaliteetreconciliation.fr>

Este é o site de Alain SORAL. Afirma ser da "esquerda do trabalho e da direita dos valores, contra o sistema composto pela esquerda boba-libertária e pela direita liberal". Existe há 17 anos.

Devo admitir que o seu site alternativo, um dos mais visitados de França, me fornece muitas informações fiáveis e credíveis, incluindo vídeos frequentemente retirados das nossas televisões nacionais, que mostram claramente o seu espírito ultrapartidário.

Alain SORAL é um homem inteligente e corajoso que sabe argumentar, de forma inteligente, contra o sionismo genocidário. Por isso, tem contra si o *establishment* político, mediático e "popular", que é esmagadoramente pró-sionista no nosso país. Este último utiliza todos os meios possíveis para o destruir, nomeadamente através do assédio judicial, porque representa um adversário muito eficaz.

Alain SORAL apoia DIEUDONNÉ, que é, na minha modesta opinião, mais um homem inteligente e corajoso que cometeu o crime de atacar o lobby pró-sionista, numa posição dominante no nosso país (bem como nos EUA).

Estes dois homens estão a ser estigmatizados por serem acusados de antisemitismo, o que é claramente falso. Anti sionismo não é antisemitismo. A primeira é legal e está a crescer rapidamente no mundo e em França, especialmente nestes tempos genocidas, a segunda não.

Estes homens também mantêm relações muito amigáveis e até de parceria com muitos intelectuais judeus antissionistas de alto nível (há muitos): Noam Chomsky, Jacob Cohen, Norman Finkelstein, Tony Judt... ativistas do movimento "Paz Agora", IJAN (Rede Internacional Judaica Antissionista) ativistas, etc., etc.

O Site Igualdade e Reconciliação pode contar com inúmeros apoiantes e parceiros, todos descritos como de extrema-direita, teóricos da conspiração, conspiracionistas ou mesmo antisemitas pelos vigilantes da única verdade aceite: a do movimento dominante que não aceita protesto e muito menos debate, principalmente com aqueles mais fortes do que eles.

Entre os valiosos aliados do site E&R está Pierre de Brague, sucessor de Xavier Poussard e Emmanuel Ratier, o fundador em 1996 da carta confidencial "Faits et Documents".

Website 19: Carta Confidencial Factos e Documentos

<https://faitsetdocuments.com>

Faits & Documents é um boletim informativo confidencial pago em formato de papel de 12 páginas, fundado por EMMANUEL RATIER, já falecido, e escrito por Pierre De Brague, sucessor de Xavier Poussard, que trata principalmente de notícias políticas, económicas e culturais, francesas e internacionais. Basta ler o artigo da Wikipédia dedicado a Faits et Documents e escrito pelos *sayanims* de serviço para se desmanchar a rir desde a 3ª linha e não parar até à última.

Aprendemos em particular que um meio de comunicação de tipo "esgoto online" que serve de referência para os *sayanims* da Wikipédia, recebe um nome anglo-saxónico que supostamente lhe daria credibilidade e faria parecer sério, o "StreetPress". Acontece que também ele é controlado por *sayanims* zelosos. Assim é questionável a aprovação de "Publicação de Imprensa" concedida a "Faits et Documents" sob o pretexto de alegado antisemitismo. De facto, em 27 anos de existência, esta publicação nunca foi condenada criminalmente por

antisemitismo ou outra coisa qualquer, e é por isso que sempre manteve a sua aprovação e até alargou o seu público. Haveria motivos para questionar a aprovação da publicação da StreetPress Press...

Website 20: Canal de YouTube de Idriss Aberkane – 1,06 milhões de subscriptores

<https://www.youtube.com/@IdrissJABerkane>

Biomimética, economia, geopolítica, inteligência artificial – Idriss Aberkane é um especialista multidisciplinar com diversas áreas de especialização. Titular de três doutoramentos e um professor brilhante, deu mais de 600 conferências em todo o mundo, algumas das quais foram vistas dezenas de milhões de vezes na internet. Idriss Aberkane realiza entrevistas com personalidades conhecidas e interessantes, que já não vemos com muita frequência nos grandes meios de comunicação. Os vídeos são por vezes longos, mas sempre muito claros e esclarecedores.

167

Website 21: TV Libertés – 840.000 assinantes

<https://www.youtube.com/c/CHAINETVL-TVLibertés>

A TVL é o principal canal audiovisual de notícias alternativas em França, com mais de 5 milhões de visualizações mensais. Afirma-se como a televisão em defesa do espírito francês e da nossa civilização. A TVL dá voz, sem exceção, a personalidades envolvidas no mundo cultural, político ou associativo e que recusam o pensamento pronto.

Criadora de informação exemplar e verificada, a TVL transmite diariamente, com acesso gratuito em tvlibertes.fr, um telejornal, mas também inúmeras revistas e programas de debate, documentários, investigações.

Website 22: local da conferência François Asselineau

<http://www.upr.fr/conferences>

François Asselineau é um inspetor financeiro francês de 58 anos que fundou um partido político com uma tendência soberanista: a UPR (Union populaire républicaine).

As conferências sobre conteúdos geopolíticos que dá são por vezes um pouco longas, mas são notavelmente bem fundamentadas, bem argumentadas e, acima de tudo, interessantes. Baseiam-se na observação de factos históricos importantes e incontestáveis, que muitas vezes esquecemos. Baseiam-se também em textos legislativos e constitucionais franceses e europeus, dos quais o presidente da UPR tem perfeito conhecimento. O canal UPR no YouTube tem 472 mil subscriptores, o que não é pouco.

Website 23: TV ADP: Canal de YouTube de Eric Montana – 28.000 subscriptores

<https://www.youtube.com/@EricMontanaJSF>

Criado em 2020 por um jornalista empenhado Sem Fronteiras. Covencedor do Prémio Humanidade 2023 com o Dr. Olivier Soulier. “Demasiado velho para ter medo. Demasiado jovem para silenciar”, este canal publica entrevistas esclarecedoras com personalidades eminentes que não medem as palavras. A TVADP esclarece os seus assinantes sobre o progresso do mundo.

Website 24: Campagnol tvl: França de campagnol – 82.000 assinantes

<https://www.youtube.com/channel/UCBIyR71Yvq7rWHSF2p-uH4Q>

Canal de vídeos do YouTube fundado pelo excelente Christian Combaz. Este não publica informação, mas ajuda os seus ouvintes a decifrar, com bom senso, as informações e notícias que lhes são transmitidas pelos grandes meios de comunicação. Christian Combaz é, sem dúvida, um homem sábio que sabe como recolocar as coisas no seu devido lugar e recolocar o bom senso no centro da aldeia.

Divertimo-nos muito a ver os seus vídeos de menos de 30 minutos.

Website 25: Crashdebug.fr

<https://www.crashdebug.fr>

É uma plataforma que existe há 7 anos e que apresenta uma seleção de artigos ou vídeos considerados interessantes sobre os mais diversos temas da actualidade. Estes artigos podem ser encontrados noutras locais na internet. Em suma, o Crashdebug.fr promove mais do que produz. É possível encontrar informação nos grandes meios de comunicação, desde que seja do interesse da "resistência" a um desenvolvimento no mundo "occidental" que se tornou insuportável.

Website 26: Site YouTube de Jean Dominique Michel – 100.000 subscritores

<https://www.youtube.com/c/JeanDominiqueMichel>

Site que reúne vídeos das intervenções de Jean Dominique Michel, que se destacou pelas suas posições durante a crise da Covid. Este antropólogo suíço analisa a informação com senso comum. Transmite informação franca e direta, sem concessões, sem tabus e sem linguagem dura, acessível e honesta, muitas vezes escondida pelos grandes meios de comunicação.

A sua franqueza e o seu tenaz compromisso com o serviço da verdade e do humanismo valeram-lhe uma sólida reputação. Para ser seguido sem moderação.

168

Website 27: França Soir

<https://www.francesoir.fr>

<https://videos.francesoir.fr>

Enquanto os media franceses cantam em uníssono os louvores da governação que a subsidia, os louvores da União Europeia, os louvores do atlantismo e pregam a necessidade de uma guerra total contra a Rússia com o objetivo de uma tentativa não reconhecida de a desmembrar e tomar o controlo dos seus recursos, a France Soir tem feito ouvir frequentemente uma voz alternativa interessante e dissidente, em particular durante a crise da Covid, e tem sido, por isso, alvo dos organismos governamentais (Ministério da Cultura e CPPAP), dos gabinetes de descodificação dos seus concorrentes (decodeX du Monde, Conspiracy Watch, NewsGuard,...) e, claro, os grandes mestres da rede, todos dedicados à nossa governação, ao atlantismo e à UE (Google, YouTube, Facebook).

Este tipo de discurso diferente, mesmo esta dissidência, não é tolerado pelo atlantismo ou pelos nossos governos globalistas e fez perder 60 % da sua audiência.

Aquele que deveria ser o golpe final acaba de ser desferido pelo tribunal administrativo, que confirmou a decisão do CPPAP de retirar a aprovação do serviço de imprensa online do France Soir a 16 de agosto de 2024, fazendo-o perder os benefícios associados a essa aprovação e reduzindo consideravelmente a sua capacidade de sobrevivência. A independência da justiça em França é, infelizmente, o que se tornou na Macronia atlantista.

O France Soir é o exemplo perfeito de um jornal que nos oferece visões e opiniões alternativas, tentando sobreviver num país que diz apoiar a liberdade de expressão, mas que tudo faz para a reduzir. A detenção em Paris de Pavel Durov, chefe do serviço de mensagens Telegram, que gerou protestos em todo o mundo, mostrou claramente a evolução da governação francesa no sentido de uma ditadura de pensamento único, de tipo totalitário.

Website 28: A Grande Noite

<https://www.legrandsoir.info>

Com razão, Le Grand Soir tem muitas vezes o reflexo de pensar o oposto do que os media nos dizem para pensar. Nesse aspeto, é interessante. É um jornal de notícias alternativo militante que abre as suas colunas de forma ampla a autores de todas as origens que propõem textos “inteligentes” e fundamentados. Tem quase 2.500 colaboradores referenciados.

Website 29: O Saker Francês

<https://lesakerfrancophone.fr>

O Saker Francophone fornece uma análise da informação completamente diferente da dos media institucionais, que se tornaram o retransmissor da propaganda ocidental e, por isso, mostra apenas um lado da moeda. É especialista em traduzir para francês, analistas alternativos que escrevem em inglês, sejam eles americanos, russos, asiáticos ou outros. Apresenta, por isso, diferentes pontos de vista, por vezes contraditórios, e deixa que cada um faça a sua própria síntese. A substância do site pode ser encontrada no link:

<https://lesakerfrancophone.fr/ceg1comprendre-les-enjeux-geopolitiques>

Website 30: Kairos

<https://www.kairospresso.be/videos>

No seu 13º ano de existência, o site belga Kairos tornou-se incontestavelmente um elemento-chave da resistência ao politicamente correto institucional, imposto pelos media subsidiados, para transmitir o discurso político atlantista dominante.

Faz um excelente trabalho de investigação e tenta responder às perguntas que os cidadãos do mundo francófono estão a fazer.

Website 31: Crowdunker

<https://crowdunker.com>

O principal objetivo do CrowdBunker é proteger as publicações da censura e permitir a divulgação não filtrada de informação. Os seus líderes acreditam firmemente na importância da liberdade de expressão e estão empenhados em proporcionar uma plataforma onde todos se possam expressar livremente, sem medo de repressão ou censura.

O CrowdBunker recebe denunciantes, meios de comunicação independentes, pensadores livres e cidadãos que desejam partilhar perspetivas alternativas sobre questões atuais.

169

Website 32: A Sala de Estar Bege

<https://lesalonbeige.fr>

Site fundado por alguns leigos católicos, na faixa etária dos 30 aos 50 anos. Fiéis ao Papa e ao Magistério da Igreja, esforçam-se por trabalhar para o bem comum da sociedade, informando os leitores sobre os acontecimentos atuais, vistos à luz da doutrina social da Igreja.

Website 33: L'Éclaireur – A carta confidencial dos Alpes

<https://eclaireur.substack.com>

Pascal Clerotte, o editor-chefe, aborda brilhantemente assuntos sobre os quais os grandes meios de comunicação preferem ser discretos, até mesmo silenciosos. Esta carta de assinatura paga trata de política interna e externa, assuntos militares, saúde e economia. Aí encontrará informações sólidas e verificadas e textos bem escritos que não encontrará em mais lado nenhum.

Website 34: A Antipresse

<https://antipresse.net/a-propos>

L'Antipresse é um think tank baseado numa subscrição semanal lançado em dezembro de 2015 por Slobodan Despot e Jean-François Fournier. Desde então, tem aparecido continuamente todas as manhãs de domingo, às sete horas. Desde 2018 que o Antipresse é enviado aos seus assinantes no formato de uma revista em PDF. Em 2021, foi dobrado com uma versão áudio. Abrange os mais diversos assuntos.

Website 35: Profissão de gendarme

<https://www.profession-gendarme.com>

É um site associativo que existe há 10 anos e que descrevemos como generalista porque aborda assuntos muito diversos, desde política externa, política interna, saúde, mas também notícias comunitárias, forças de segurança (gendarmaria, polícia, bombeiros). É inegavelmente um soberanista e patriota e, por isso, é naturalmente classificado entre os sites de conspiração pela excelente equipa de sayanim do Conspiracy Watch.

Assumiu e arquivou completamente toda a nossa produção durante vários anos.

Website 36: Observatório do Jornalismo

<https://www.ojim.fr>

Site de associação com 12 anos de existência que aborda inicialmente o mundo da informação, a sua evolução, a sua influência, mas também os seus excessos. O quarto poder tornou-se o primeiro poder. Aquele que constrói e destrói reputações. Aquele que molda a opinião. Assaltado por milhares de mensagens, o leitor, o ouvinte, o espectador fica muitas vezes num estado de perplexidade. O OJIM quer ajudá-lo a dar um passo atrás, para compreender melhor de onde vem a informação e como pode, por vezes, ser filtrada ou tendenciosa.

Website 37: Agência de informação gratuita em francês

<http://www.agenceinfolibre.fr>

Fundado por 7 jovens jornalistas independentes em 2011, formado como associação em setembro de 2014, este site oferece alguns bons documentários em vídeo sobre os principais assuntos da atualidade, algumas investigações e algumas informações que não podem ser encontradas em nenhum outro lugar, que muitas vezes considero fiáveis e interessantes.

Porque a sua produção desagrada ao povo pró-sionista e pró-americano do nosso país (media, política, povo, CRIF, LDJ) ao desviar-se dos padrões de pensamento correto impostos por ela à opinião pública, e embora a sua eficácia pareça perigosa, este site tem sido alvo de tentativas de o descredibilizar. Os círculos e sites pró-sionistas começam a acusá-lo do pior: “próximo da extrema-direita”, “teórico da conspiração”, “confucionista” antes de provavelmente o acusarem muito em breve de antisemitismo...

Estas acusações e principalmente a sua origem, dão, aos meus olhos, credibilidade a este site: afinal: “só a verdade dói”...

170

Website 38: Os media em 4-4-2 – 92.000 subscritores

<https://lemediaen442.fr>

<https://www.youtube.com/@mediaen4-4-23/videos>

Plataforma ativa desde setembro de 2020. É um meio de comunicação que opera por subscrição, mas que também oferece inúmeros vídeos de entrevistas com acesso gratuito sobre os mais diversos assuntos com personagens interessantes, que percebem do assunto e que falam sem meias palavras. auto- censura e sem se submeter à *doxa* do momento.

Website 39: Divulgar

<https://disclose.ngo/fr>

Para se proteger de qualquer pressão comercial, é um meio de comunicação de investigação independente, organizado como uma Associação sem fins lucrativos, nos termos da Lei de 1901, financiado por donativos. Publica excelentes investigações que muitas vezes perturbam os poderosos. É transparente sobre o seu financiamento e organização e merece a confiança do público nas investigações que propõe.

Os seus seis jornalistas estão obviamente na mira do executivo para determinadas investigações. Ele sabe defender as suas fontes. As suas investigações pressionam o governo a modificar certas decisões para as tornar mais consistentes com a lei e a ética.

Website 40: Nexus – 148.000 subscritores

<https://www.youtube.com/@MagazineNexusFleurac/videos>

Desafiar os dogmas científicos, económicos e mediáticos, denunciar as grandes mistificações do nosso tempo sem esquecer de encontrar soluções externas e internas para todos estes desafios: esta é a escolha que a NEXUS fez para participar na construção de uma compreensão renovada do nosso mundo. e preparar o terreno para as soluções de amanhã.

Equipado pela Wikipédia com todos os qualificativos habituais que visam desacreditar um site ou um indivíduo cujos comentários perturbam o mainstream, o que é geralmente uma garantia de qualidade, o canal de vídeo deste site produz alguns programas muito bons.

Ativo desde 2008 na sua forma atual.

Website 41: Frequência popular – 57.000 subscritores

<https://www.youtube.com/@FPopMedia>

É um canal de YouTube que analisa notícias políticas, económicas e sociais com uma perspetiva comprometida. Disponibiliza transmissões, debates, entrevistas e reportagens sobre temas nacionais e internacionais. O canal convida regularmente especialistas, jornalistas e atores da sociedade civil para diversificarem perspetivas. Abrange uma variedade de temas, incluindo grandes eventos globais, como as cimeiras do G20 e dos BRICS, a educação em França e questões económicas frequentemente negligenciadas pelos grandes meios de comunicação.

Fréquence Populaire destaca-se pela sua abordagem crítica, fora dos discursos tradicionais, promovendo lutas sociais. O canal também oferece vlogs para cobrir eventos internacionais, combinando seriedade e humor para envolver um grande público.

Website 42: Informação sobre Nice Provence

<https://nice-provence.info>

É um local de “resistência” regional que me é caro, porque sou metade de Nice e porque é dirigido por um antigo soldado, Georges Gourdin, com quem partilho muitos valores.

É um site de informação gratuito porque se esforça por se manter rigorosamente independente de qualquer partido político, de qualquer poder financeiro, de qualquer comunidade, de qualquer obediência pública ou oculta.

(com enfoque Geopolítico e de Defesa)

171

Website 43: Sítio do Centro Francês de Investigação de Inteligência

<http://www.cf2r.org/fr>

O Centro Francês de Investigação de Inteligência (CF2R) é um Think Tank independente, especializado no estudo de inteligência e segurança internacional há 24 anos. Este site apresenta estudos aprofundados sobre um amplo espectro de assuntos, incluindo terrorismo, conflitos atuais ou emergentes, espionagem económica, crimes internacionais, ciberameaças, extremismo político e religioso e subversão violenta. Permitem-nos compreender melhor certos aspectos da geopolítica global. Este é um site muito sério e fiável.

Website 44: Sanevox em francês

<https://www.youtube.com/@SaneVoxFR>

A Rede SaneVox é uma iniciativa para promover a razão e o realismo nos assuntos internacionais. Oferece traduções de voz em alta qualidade em 8 idiomas (francês, espanhol, alemão, russo, árabe, chinês, japonês) dos melhores vídeos focados na paz e reconciliação. Fonte muito interessante e inspiradora.

Website 45: Stratpol

<https://stratpol.com>

É o local geopolítico fundado pelo ex-franco-russo São Cirino Xavier Moreau, de cinquenta anos. Dá-nos pontos de vista alternativos interessantes, obviamente russófilos, que contrastam com a russofobia atlantista da governação francesa e dos seus meios de comunicação social subsidiados.

A Stratpol fornece análises político-estratégicas e económicas em todas as áreas, países e continentes, com o objetivo de permitir previsões realistas. O site destina-se a estudantes e investigadores, bem como a decisores políticos e agentes económicos.

Website 46: Geopragma

<https://geopragma.fr>

É um *think tank* estratégico independente, associativo, apartidário e sem fins lucrativos que visa a renovação do pensamento e da ação estratégica francesa com base numa visão realista, não dogmática e ética do mundo e das pessoas. Foi fundada em janeiro de 2019 pela Coronel (H) Caroline Galactéros e pelo General (2S) Jean Bernard Pinatel, dois grandes nomes da geopolítica. Procura promover:

- A defesa dos nossos interesses nacionais entendidos no sentido mais lato e dos nossos valores civilizacionais;
- O restabelecimento de uma política externa e de defesa independente e coerente, apoiada por uma nova profundidade estratégica no pensamento e na ação e que permita a proteção dos nossos interesses de segurança interna;
- A rejeição de qualquer abordagem ideológica das relações internacionais;
- Nova liderança francesa à escala europeia e uma renovada influência do nosso país no panorama internacional.

Website 47: Paz e Guerra de Caroline Galactéros – 104.000 subscritores

<https://www.youtube.com/@cgalacteros>

Todas as semanas, Caroline Galactéros seleciona e analisa alguns destaques da atualidade internacional, durante uma transmissão vídeo de uma hora, “face para a câmara”. Além disso, em direto na internet, Caroline Galactéros decifra as notícias da semana através de uma curta crítica da imprensa internacional em vídeo preparada pelo jornalista Raphaël Berland.

Canal de vídeo interessante para alimentar o pensamento dos internautas.

Website 48: IVERIS (Instituto de Monitorização e Estudo das Relações Internacionais e Estratégicas)
<https://www.iveris.eu>

Fundado em 2015 por Leslie Varenne e Hajnalka Vincze, este site oferece uma análise acessível, mas rigorosa, da geopolítica e das questões reais do nosso tempo, com as suas notas analíticas, os seus fóruns abertos e a sua monitorização. As notícias africanas são particularmente bem abordadas por Leslie Varenne.

Trabalho sério e de confiança com duas personalidades competentes. Este site merece mesmo ser conhecido. É mais soberanista do que atlantista.

172

Website 49: Blog de Hajnalka Vincze
<https://hajnalka-vincze.com>

Cofundadora da IVERIS, Hajnalka Vincze é analista geopolítica com especialização em política internacional e de defesa. Decifra as relações europeias e transatlânticas em três línguas (inglês, francês, húngaro), com particular ênfase tanto nas chamadas escolhas técnicas (em questões industriais, operacionais, institucionais) como no contexto político-estratégico.

Criou o seu próprio blogue e vive em Filadélfia, onde é investigadora sénior no Instituto de Investigação de Política Externa da Filadélfia. Ela manteve a sua independência de espírito e a sua ética inabalável.

Website 50: Omerta

<https://www.youtube.com/@omertamediaoff>

Omerta é um novo meio de vídeo independente, 100% digital, que cobre acontecimentos atuais através de investigações, reportagens e documentários excepcionais na área, em França e no estrangeiro. Este site tem 227.000 subscriptores e já fez 521 vídeos.

Realizou entrevistas com personalidades mundialmente famosas. Este é um meio de vídeo a seguir. Uma menção especial deve ser feita ao trabalho notável de um jornalista excepcional, Régis Le Sommier, obviamente criticado pela Wikipédia por contar verdades perturbadoras...

Website 51: Estratégia

<https://strategika.fr>

Strategika é um grupo de investigação independente (*think tank*) e um projeto de publicação que publica investigação de analistas independentes e polítólogos reconhecidos internacionalmente pela sua expertise.

A Strategika conecta os seus autores com o público em geral através da venda de arquivos inéditos diretamente acessíveis no site.

Strategika tem como palavras-chave: conhecimento, poder, realismo, independência, soberania, autonomia, liberdade

Fundada em 2019, obviamente classificada como teórica da conspiração e antisemita pelos *sayanim* de serviço no Conspiracy Watch ou na Wikipedia, desde que não se vergue aos lobbies pró-Israel que ainda têm, durante algum tempo, uma presença em França. Este site está alojado por duas personalidades muito cultas e interessantes: Youssef Hindi e Pierre Antoine Plaquevent.

A Strategika lançou uma secção original e documentada de monitorização estratégica sobre as ONG e os principais participantes do globalismo, intitulada Soros Watch. É para mim uma grande honra ser listado como colaborador deste site (bem como de vários outros sites anteriormente mencionados).

Website 52: Canal Deep Geopolitics no YouTube – 250.000 subscriptores

https://www.youtube.com/channel/UCwAS7bowP5S5P44eP_f7WQ0

Ligado ao anterior tanto em termos de ideias como na linha editorial anti globalista, este é um novo site fundado por Franck Pengam que trata sobretudo de economia e geopolítica geral. Uma revista mensal paga, muito bem apresentada e documentada, será adicionada ao canal do YouTube no início de 2023. (A edição de 16 de setembro de 2024 acaba de ser publicada). Os vídeos são por vezes longos, mas atraem sempre um bom público.

Website 53: Terra Bellum – 412.000 subscriptores

<https://www.youtube.com/@TerraBellum/videos>

É um site especializado em geopolítica que se declara independente, em todo o caso isento de qualquer publicidade, e cujo objetivo original era oferecer todas as opiniões do espectro político, de modo a não prender o leitor a uma visão tendenciosa da geopolítica global. Em atividade desde agosto de 2018, o site já produziu 447 vídeos que totalizaram mais de 50 milhões de visualizações.

Website 54: Oriente XXI

<https://orientxxi.info/fr/mot298.html>

A Oriente XXI é uma associação ao abrigo da lei de 1901 reconhecida como um serviço de imprensa online. É também um grupo de jornalistas, académicos, ativistas comunitários, ex-diplomatas que desejam contribuir para uma melhor compreensão de um Oriente tão próximo e, no entanto, cuja imagem é tão distorcida, tão parcial. A sua principal vocação é fornecer aos seus leitores informação de qualidade, equilibrada, verificada e fiável. Este site oferece excelentes reportagens em vídeo que não se encontram nos canais de TV públicos.

173

Website 55: O Blog Stratediplo

<https://stratediplo.blogspot.com>

Blog pessoal de um indivíduo informado que escreve análises originais e relevantes sobre uma grande variedade de assuntos, principalmente geopolíticos, diplomáticos e militares.

Website 56: O Correio dos Estrategistas

<https://lecourrierdesstrateges.fr>

Le Courrier des Stratèges é um site francês de notícias políticas com uma opinião libertária.

É financiado pelos seus subscritores, alguns dos quais optam por se tornar acionistas. A sua gestão é transparente e exclui qualquer forma de investimento opaco, de origem estrangeira ou suscetível de dificultar a livre expressão dos seus autores. Este site foi fundado por Eric Verhaeghe, o seu diretor editorial é Édouard Husson. Os seus líderes consideram que a informação é um elemento essencial na função de analisar e decifrar o mundo na sua complexidade. Assumem a missão de análise e informação, mantendo a transparência sobre o seu financiamento. Escolhem temas com base no seu papel na compreensão do mundo contemporâneo e no seu interesse pelo leitor. Apenas divulgam informações que tenham uma base factual séria ou indiquem o seu grau de plausibilidade.

Ajudam o leitor a formar a sua própria opinião publicando o máximo de documentos originais e completos para apoiar os seus artigos. Corrigem os seus erros e concedem sistematicamente o direito de resposta a quem o desejar. Este direito de resposta é publicado desde que esteja em conformidade com a legislação em vigor.

Website 57: Open BOX TV – 154.000 subscritores

<https://www.youtube.com/@OPENBOXTVfr>

Web TV dedicada às questões geopolíticas, que dá voz a verdadeiros especialistas especializados nas grandes questões estratégicas para a França no século XXI. Cada programa é apresentado por Alain Juillet, presidente honorário da academia de inteligência económica.

Website 58: Oficial por um dia

<https://www.officierunjour.net/actualites>

Blog de Jean Michel REGNIER, oficial superior aposentado, que reúne informações que afetam diretamente ou indiretamente a nossa Segurança e Defesa Nacional. Inclui relatórios e análises da situação nacional e internacional que podem influenciar os nossos interesses e o lugar da França no concerto das Nações.

(websites em língua francesa e inglesa)

Website 59: Rússia Hoje

Canal de notícias da TV russa em francês com cópia na internet/YouTube

<https://francais.rt.com>

O Russia Today-France foi encerrado após sanções europeias.

Este site apresenta, em francês, na internet, vídeos e artigos sobre a atualidade, retirados do canal internacional russo RT (Russia Today) que existe desde 2005. Um site pró-Rússia, obviamente, mas que dá um ponto de vista alternativo às informações ocidentais. (Estar informado é estar aberto, comparar pontos de vista opostos).

Website 60: Sputnik África – informação russa em francês

<https://fr.sputniknews.africa>

Desde a proibição dos meios de comunicação russos em França, é na Sputnik África que se devem procurar pontos de vista russos. Contam frequentemente com fontes da NATO Ocidental, sobre as quais a grande comunicação social é muito discreta.

Este site apresenta em francês as informações vistas pelos russos (incluindo notícias francesas).

Este site é muito interessante e visito-o várias vezes por semana. Os artigos são muito curtos e os autores de todos os países podem expor os seus pontos de vista (bastante pró-Rússia, obviamente), mas argumentando e pesquisando fontes.

Esta informação constitui um bom contrapeso à nossa, para um grau de fiabilidade que considero pelo menos igual, se não superior, ao dos nossos grandes meios de comunicação. As guerras na Ucrânia e na Palestina, as sanções contra a Rússia, os bombardeamentos no Iémen e na Síria, a crise iraniano-israelita, os dados económicos, as revoluções coloridas, o passatempo favorito do Ocidente da NATO, são todos assuntos que são muito interessantes, mesmo essenciais.

Website 61: Site de diálogo franco-russo

<https://dialoguefrancorusse.com>

A Associação de Diálogo Franco-Russo foi criada em 2004 por personalidades francesas e russas de diferentes origens, mas todas em campanha para reforçar a cooperação entre os dois países. Desde a sua criação, foi colocado sob o patrocínio dos presidentes francês e russo.

Presidida desde 2012 por Thierry Mariani e desde 2019 por Sergueï Katassonov, a Associação de Diálogo Franco-Russo é hoje um instrumento privilegiado de comunicação entre os meios políticos, económicos e culturais dos dois países. Produz vídeos de entrevistas com personalidades que merecem ser conhecidas quando não o são. Obviamente acusado pelos círculos atlantistas de ser “adorador de Putin”.

Ainda não está proibido de comunicar, mas, dada a liberdade de expressão que existe em França, isso pode acontecer.

O seu canal de YouTube, que transmite os seus vídeos, tem 128.000 subscritores, mas os seus programas podem atingir mais de 400.000 visualizações.

Website 62: Xinhuanet – Notícias chinesas em francês

<http://french.xinhuanet.com>

É interessante ver notícias francesas comentadas pelos chineses e notícias chinesas atuais. Site pró-China e pró-BRICS, obviamente. Por vezes é preciso “descodificar” ...

Website 63: O Diário do Povo (em francês)

Órgão do Comité Central do Partido Comunista da China (PCC)

<http://french.peopledaily.com.cn>

Esta é uma informação chinesa, sempre interessante de consultar. As preocupações e prioridades de Pequim estão aí refletidas.

Website 64: Pars Today – Agência de Notícias Iraniana

<http://parstoday.com/fr>

Este é o site oficial de notícias iraniano em francês. Interessante consultar sobre todos os assuntos relacionados com o Próximo e Médio Oriente (Síria e Iémen em particular). Aí encontramos o ponto de vista iraniano que é muito diferente do ponto de vista dado pelos media...

Website 65: PressTV

<https://french.presstv.ir>

Veículo noticioso iraniano em francês (e inglês para quem preferir) que produz excelentes artigos, documentários em vídeo e programas que apresentam um ponto de vista iraniano sobre a atualidade. Particularmente útil para analisar eventos que afetam o Próximo e Médio Oriente.

Website 66: Agência Anadolu

Agência de Notícias Turca (em francês)

<https://www.aa.com.tr/en>

Um site que todo o geopolítico deveria conhecer e seguir hoje, dado o papel fundamental desempenhado pela Turquia na geopolítica global. Apresenta notícias nacionais turcas, mas especialmente notícias internacionais de um ponto de vista turco.

175

Website 67: Sana

Agência de Notícias Síria

<http://sana.sy/fr>

Este é o site oficial de notícias da Síria em francês. É interessante acompanhar em particular a crise síria do ponto de vista das autoridades legítimas do país e do seu presidente.

Website 68: LIBNANEWS

<https://libnanews.com>

Site libanês em francês, apresentando notícias do Médio Oriente e do mundo do ponto de vista libanês. É útil consultá-lo quando o Médio Oriente está em chamas.

Website 69: O Oriente durante o dia

<https://www.lorientlejour.com>

Site público geral de informação nacional e internacional com um ponto de vista libanês, necessariamente diferente do nosso. É útil consultá-lo quando o Médio Oriente está em chamas.

Website 70: Arabnews em francês

<https://www.arabnews.fr/al-jazeera>

Este site é um desdobramento da Al Jazeera. Fornece, em francês, notícias da perspetiva do mundo árabe. Útil para consulta no contexto do impasse global entre o Ocidente da NATO e a multipolaridade.

Website 71: Agência de Notícias do Qatar Al Jazeera

<http://www.aljazeera.com>

Este é um site público geral do Qatar, em inglês, cuja reputação internacional é inegável e que deve ser visitado de tempos a tempos para completar a sua informação. Há regularmente alguns furos incríveis, muito interessantes e verdadeiros.

As suas duas investigações mais conhecidas foram realizadas com câmaras escondidas e causaram escândalo na altura da sua publicação. Trata-se das investigações sobre a Cambridge Analytica e sobre os lobbies pró-Israel no Reino Unido e nos EUA, publicadas sob o título: "The Lobby".

Website 72: O Berço

<https://thecradle.co>

É uma revista de notícias online, sediada no Líbano, que trata principalmente de assuntos atuais ou geopolíticos relacionados com a Ásia Ocidental.

Há ali analistas particularmente perspicazes e interessantes, como Pepe Escobar e o indiano Bhadrakumar.

A tradução de artigos para francês ou qualquer outra língua, para pessoas que não falam inglês, torna-se mais fácil clicando na palavra 'Traduzir' no canto superior direito da página inicial. Basta escolher o seu idioma.

Website 73: Blog de Guy Boulian

Português: <https://www.guyboulian.info>

Autor, editor e jornalista verdadeiramente independente do Quebeque, Guy Boulian é um analista lúcido e altamente talentoso que se opõe, de muitas formas, ao movimento dos grandes meios de comunicação.

As suas análises precisas, documentadas e baseadas em fontes fornecem muito aos seus leitores, alimentando o seu pensamento. Um site que merece ser conhecido.

Website 74: LUXMEDIA

<https://luxmedia.info>

É um site alternativo de notícias televisivas do Quebec que produz entrevistas com personalidades de diferentes tendências. Define-se como um site de reinformação, ao contrário dos canais de TV oficiais que escondem informações perturbadoras.

176

Website 75: Brochu TV

<https://www.youtube.com/@BrochuTVstreams>

É um novo media soberanista e antiglobalista do Quebec, ativo desde setembro de 2023. Fundado e apresentado por Carl Brochu, produziu 293 vídeos em menos de um ano. Espera-se que o seu público cresça. Este site já atraiu a atenção do sayan Rudy Reichstadt, anfitrião do site "Conspiracy Watch", pago pela Fundação para a Memória da Shoah (FMS), que beneficia de um subsídio de 60.000 euros do Fundo Marianne, que se apresenta como o magistério da verdade atlantista e, claro, sionista.

O site de Carl Brochu é, como é habitual, acusado de teorias da conspiração baseadas em narrativas tendenciosas, distorcendo a realidade, multiplicando afirmações gratuitas e interpretando os factos para iniciar "julgamentos intencionais". Para mim, isto é uma prova de que as posições do site de Carl Brochu são perturbadoras, o que é um selo de qualidade para aqueles que se opõem ao globalismo e ao sionismo fundamentalista que hoje está a mostrar a sua verdadeira face ao mundo na Palestina ocupada.

Website 76: Os 7 do Quebec

<https://les7duquebec.net>

É um site canadiano, gerido por um homem de esquerda humanista, Robert Bibeau, honesto e sincero. Autor de 4 livros com títulos reveladores: Autópsia do Movimento dos Coletes Amarelos, Democracia nos EUA - Máscaras Eleitorais, Narcisismo: Neurose de uma Época, Manifesto do Partido dos Trabalhadores.

Faz obviamente campanha contra o globalismo, contra os lobbies transnacionais que provocam guerras, geram e mantêm o caos para lucrar com isso.

Este site promove artigos interessantes encontrados na web, mas também produz artigos muito bons. Vale a pena saber se partilha ou não toda a linha editorial.

Website 77: CONTACTO – 120.000 subscritores

<https://www.youtube.com/@contactpodcast>

É o canal de YouTube fundado e apresentado por um jornalista excepcional do Quebec: o Stéphan Bureau. Realiza entrevistas com muito profissionalismo com personalidades conhecidas de origens muito diversas, até mesmo opostas.

Com 35 anos de experiência nos grandes meios de comunicação, Stéphan Bureau destaca-se pela abertura e independência de espírito, o que explica o sucesso de audiências dos seus vídeos. Quer partilhemos ou não a opinião dos seus convidados, os seus espetáculos são sempre enriquecedores.

Website 78: Alain Foka Oficial – 1 milhão de subscritores

<https://www.youtube.com/c/AlainFokaOfficial>

Um canal recente no YouTube, o AFO Media, está empenhado em apresentar uma perspetiva africana autêntica. A AFO Media posiciona-se como um meio de comunicação de opinião independente que defende a verdade e a integridade, sem complacência ou condescendência: um meio de comunicação por e para africanos, produzido por uma equipa de jovens talentos africanos, treinados e apaixonados, para oferecer conteúdo fiável e profissional.

Esta comunicação social promove uma África mais respeitada, opondo-se à interferência neocolonial e bastante favorável à multipolaridade proposta pela Rússia e pela China. Portanto, ele distanciou-se claramente do Ocidente da NATO. Esta mídia está em ascensão e o seu público está a crescer rapidamente. Já fez 136 vídeos.

Website 79: Nathalie Yamb – 500.000 subscritores

<https://www.youtube.com/@nathyamb>

Canal de YouTube de uma influenciadora africana: Nathalie Yamb.

Na lista vermelha dos americanos e dos franceses, é acusada de fazer parte de uma rede de influência ativa a partir da Suíça, onde vive, ao serviço de Vladimir Putin e do grupo paramilitar Wagner, que participou na guerra contra a 'Ucrânia'...

A sua luta, através das redes sociais, é por África, onde se tornou uma estrela. Apoiar a Rússia significa ajudar África a livrar-se da França, garante. Os seus comentários são por vezes chocantes, mas ajudam-nos a compreender porque é que a juventude africana se recusa a submeter-se às antigas potências coloniais e porque é que parte da opinião pública global se recusa a rotular a Rússia como agressora da Ucrânia.

177

Website 80: Informação em francês sobre os BRICS 10

<http://www.thebricspost.com>

É impossível compreender os acontecimentos geopolíticos atuais sem acompanhar de perto o desenvolvimento dos BRICS. Tudo está ligado. Só o bloco BRICS 10 representa 45% da população mundial e 37% da sua economia em Paridade de Poder de Compra. Desde o início de 2015 que conta com o seu próprio banco de desenvolvimento, que ofusca o FMI, o Banco Mundial e, sobretudo, o dólar como moeda internacional.

Os BRICS representam, por isso, um concorrente formidável para a economia dos EUA e da Zona Euro e ultrapassaram, em PIB/PPC acumulado, os países do G7 e da NATO em 2022.

Além disso, os BRICS são a favor de um mundo multipolar. Opõem-se à hegemonia, à interferência e ao intervencionismo dos EUA em todas as direções.

Por fim, os BRICS são bastante antissionistas. Todos reconhecem a Palestina como um Estado. Denunciam frequentemente, de forma vigorosa, os massacres de palestinianos em Gaza (Brasil e África do Sul em particular). São aliados, apoiantes ou parceiros de inimigos declarados de Israel (Síria, Irão). Não têm um lobby sionista "neoconservador" influente para dirigir a política externa do seu país... e, por isso, são verdadeiramente independentes... (pelo menos dos lobbies dos EUA, da UE e pró-Israel).

Considerados, com razão, como adversários pelos lobbies neoconservadores americanos (sionistas), mas também pelos lobbies francês, inglês, canadense e australiano, lobbies que dirigem a política externa destes 5 países e, por isso, influenciam a União Europeia e da NATO, os BRICS devem ser enfraquecidos.

Tudo isto não é obviamente neutro para os interessados em geopolítica...

Todos os principais acontecimentos devem ser examinados à luz desta rivalidade EUA+UE contra os BRICS 10... e do objetivo final do estado hebraico: "Eretz Israel" que, através de lobbies interpostos, está longe de ser um anão político...

Website 81: Notícias do Consórcio

<https://consortiumnews.com>

Este site de investigação em inglês, que é também uma revista política, existe há 29 anos. O fundador Robert Parry, jornalista americano, queria corrigir os desvios dos grandes meios de comunicação dos EUA, evoluindo para o jornalismo de propaganda, destacando informações factuais deliberadamente esquecidas pelos grandes meios de comunicação porque perturbavam os poderosos do momento.

Produz artigos de alta qualidade com ética real, o que é cada vez mais raro no jornalismo dos EUA.

Website 82: Fugas de sites governamentais e trocas entre figuras oficiais

<https://wikileaks.org>

Este é o site em inglês fundado por Julian Assange. Analisa e publica documentos confidenciais que lhe foram fornecidos anonimamente por fontes reconhecidas como fidedignas, que trabalham em diversas instituições estatais em todos os países do mundo. Estes documentos tratam principalmente de guerra, espionagem interestatal e corrupção. Hillary Clinton pagou o preço e perdeu as eleições presidenciais por causa de alguns dos seus e-mails que foram divulgados e que mostraram a extensão da sua corrupção e duplidade.

Website 83: Veteranos Hoje

Site dos EUA (em inglês) criado e mantido por ex-militares e ex-membros das comunidades de inteligência e relações externas

<http://www.veteranstoday.com>

Os colaboradores deste site dos EUA, que existe há cerca de vinte anos, não são obviamente aqueles que provocam ou decidem sobre guerras, mas sim aqueles que participaram nelas de uma forma ou de outra. Por considerarem que o governo americano e a sua política externa estão sujeitos ao lobby sionista (AIPAC) e que esta submissão é fonte de guerras permanentes, não escondem que são antissionistas. Por vezes acusado de "antisemitismo" (uma arma "nuclear" dos representantes da comunidade sionista americana), ele, tanto quanto sei, nunca foi processado ou condenado por isso num país onde os procedimentos legais são "um desporto nacional". A comunidade sionista está provavelmente a ser cuidadosa para evitar que ex-oficiais de alto nível venham testemunhar sob juramento em tribunal e expor assuntos nem sempre muito limpos...

Este site fornece frequentemente dados ou artigos interessantes que podem complementar utilmente as informações disponíveis noutras locais, mesmo que, como acontece com todos os meios de comunicação, tenha de os levar consigo e manter o seu espírito crítico.

178

Website 84: Fundação para a Cultura Estratégica

<http://www.strategic-culture.org>

Este site é claramente pró-Rússia. Isto não o impede de fornecer informações, estudos e comentários políticos solidamente fundamentados e interessantes, que não encontramos nos nossos meios de comunicação (meios de comunicação que têm uma tendência muito infeliz para ocultar informações ou pontos de vista contrários à sua linha editorial...)

Website 85: Câmara de Compensação de Informação

<http://www.informationclearinghouse.info>

Um site americano muito "comprometido" que fornece informações que não podem ser encontradas na CNN ou na Fox News e que constitui um contrapeso interessante a estes dois "rolos compressores" e "manipuladores". É um jornal eletrónico diário que destaca informação deliberadamente não coberta ou insuficientemente coberta pelos grandes meios de comunicação (TV ou imprensa)

Website 86: Lua do Alabama

<https://www.moonofalabama.org>

Fórum de língua inglesa para discussão e intercâmbio sobre assuntos políticos, económicos e filosóficos. Este site publica excelentes artigos, alguns dos quais são perturbadores para o politicamente correto atual.

(com foco nos temas: Palestina – Sionismo – Israel – Comunidade judaica)

Website 87: Associação de Solidariedade França-Palestina

<https://www.france-palestine.org>

Este site fornece-nos frequentemente informações de campo fiáveis, obviamente escondidas pela grande mídia.

Website 88: Site da UJFP (União Judaica Francesa para a Paz)

<https://ujfp.org>

Fundada em 1994 pelo desejo de uma paz justa no Médio Oriente, a UJFP é uma associação judaica secular que reúne membros com histórias e origens diversas e firmemente apegados ao direito dos povos à autodeterminação. A UJFP fornece-nos informações fidedignas e argumentos sólidos e incontestáveis, que são obviamente ocultados pela grande comunicação social sionista.

Website 89: IJAN (Rede Judaica Antissionista Internacional)

<https://ijan.org>

A IJAN é uma rede internacional, originária da comunidade judaica, que luta pela libertação do povo palestino e da sua terra. Defende o direito de regresso dos refugiados palestinianos e o fim da colonização israelita da Palestina histórica, uma colonização apoiada pelo poder económico e militar dos Estados Unidos. Apoia a total autodeterminação palestiniana e o direito de resistir à ocupação.

Website 90: Sites em inglês e francês do AJC (American Jewish Committee)

<http://www.ajc.org>

e a sua filial francesa: <http://ajcfrance.com>

Se estivermos dispostos a considerar que Israel é tudo menos um anão político, e que os lobbies pró-sionistas influenciam consideravelmente, para não dizer "fazem", a política externa dos seguintes 6 estados (EUA, França, Grã-Bretanha, Canadá, Austrália e Argentina), é essencial visitar sites pró-sionistas para conhecer o conteúdo dos seus discursos e os seus pontos de vista.

O AJC, com 175.000 membros, escritórios e afiliações em 29 estados dos Estados Unidos, 7 escritórios internacionais, incluindo 5 na Europa (Paris, Berlim, Bruxelas, Genebra e Roma) e parcerias com 28 comunidades judaicas no mundo, tem uma das redes mais importantes do panorama internacional.

Durante um século, o AJC tem estado envolvido em debates públicos e políticos a nível nacional e internacional e tem-se mobilizado para preservar e proteger as comunidades judaicas em todo o mundo.

179

Website 91: Site do AIPAC (Comité de Assuntos Pùblicos Americano-Israelita)

<http://www.aipac.org>

Este é o site do lobby pró-sionista dos EUA, intimamente ligado aos neoconservadores americanos. É o lobby mais empenhado, o mais influente na política externa dos Estados Unidos e, consequentemente, na política externa dos países da NATO e da UE e nas relações internacionais a nível global do planeta.

“A missão do AIPAC é fortalecer, proteger e promover a relação EUA-Israel de uma forma que melhore a segurança de Israel e dos Estados Unidos.”...

É obviamente essencial conhecer o ponto de vista do AIPAC, as suas preocupações atuais e as ações de lobby que realiza se quisermos compreender o que se passa no panorama internacional.

Website 92: B'nai B'rith Internacional

<https://www.bnaibrith.org/news-media/media-releases>

ONG fundada em 1843 nos EUA, mais de um século antes da criação do Estado de Israel e quase um século antes da criação do Congresso Judaico Mundial, a B'nai B'rith Internacional apresenta-se hoje como uma firme defensora do Estado de Israel. Define-se como a voz global da comunidade judaica e inclui 500.000 membros espalhados por 60 países e organizados em lojas no modelo maçônico.

Este tipo de organização transnacional com recursos financeiros muito significativos, resultante naturalmente do lugar de destaque ocupado pela comunidade judaica no mundo bancário e financeiro internacional, explica parte da influência global do Estado de Israel na geopolítica global.

É útil conhecer as suas posições através dos inúmeros comunicados de imprensa que publica no seu site.

Website 93: Site do Congresso Judaico Mundial

<https://www.worldjewishcongress.org/fr>

Fundada em agosto de 1936 por 230 delegados representando comunidades judaicas de 32 países e hoje reunindo organizações espalhadas por cem países; liderado pelo bilionário norte-americano Ron Lauder, que foi nomeado para o Prémio de Influência Mundial do Jerusalem Post desde a sua criação, o Congresso Judaico Mundial (WJC) ilustra perfeitamente a natureza transnacional da organização e a influência da comunidade judaica em todo o planeta.

O reforço da solidariedade entre as comunidades judaicas de todo o mundo e, reconhecendo o papel central do Estado de Israel na identidade judaica contemporânea, o reforço dos laços das comunidades judaicas e dos judeus da Diáspora com Israel é o primeiro objetivo do CJM. A sua ação permite-nos compreender a influência do Estado de Israel na geopolítica global.

Website 94: Rankings globais de influência baseada na fé do Jerusalem Post

<https://www.ipost.com/influencers/50jews-23>

Este site é interessante porque nos apresenta indivíduos que, nos seus respetivos países, trabalham em prol da comunidade e, claro, em prol de Israel. Permite-nos tomar consciência da natureza transnacional da influência dos lobbies pró-Israel.

Website 95: I24

<http://www.i24news.tv/fr>

O I24 é o equivalente ao site israelita CNN (em francês). A sua presença regular dá uma boa ideia de quais podem ser as preocupações do estado hebraico (portanto, as do AIPAC, portanto as do Congresso dos EUA, portanto as da NATO e da UE a mais ou menos longo prazo).

Notemos de passagem que a franco-israelita DRAHI é proprietária da i24, mas também da BFMTV.

Website 96: Sítio da comunidade judaica francófona

<http://www.aish.fr>

Site que apresenta notícias internacionais, selecionadas e comentadas do ponto de vista da comunidade judaica. Os artigos estão bem escritos e bem argumentados. Acima de tudo, são muito empenhados e claramente pró-sionistas. Tem que saber o que está lá escrito.

180

Website 97: Tribuna Judaica

<https://www.tribunejuive.info>

O Tribune juive existe desde 1945. Agora chamado tribune juive.info, uma revista online há mais de 6 anos, pode ler os seus artigos diários, 10 em média, gratuitamente, assim como os 3 boletins informativos que são enviados aos leitores. São também oferecidas 4 revistas de papel muito bonitas.

Aí encontrará sempre artigos e argumentos interessantes, até mesmo pepitas que podem lançar luz sobre a história: por exemplo:

<https://www.tribunejuive.info/2016/11/07/unpresident-americain-juif-par-victor-kuperminc>

Website 98: A Livraria Virtual Judaica

<https://www.jewishvirtuallibrary.org>

Contém uma riqueza de informações factuais para apoiar o pensamento histórico e geopolítico. É uma ferramenta valiosa, incomparável até para quem a sabe utilizar.

Website 99: Haaretz

<https://www.haaretz.com>

A imprensa israelita é de leitura obrigatória. É nesta imprensa que encontramos os melhores argumentos para lutar contra a mortífera ideologia sionista.

Website 100: Jerusalém Post

<https://www.jpost.com>

Tal como no Haaretz, pode encontrar lá preciosidades todos os dias. Para além do famoso ranking anual e denominacional dos "50 judeus mais influentes" (do mundo), encontramos por exemplo anúncios surpreendentes como o próximo lançamento de um documentário: "The Bibi files" que deverá apresentar ao público mundial todas as investigações criminais estão em curso contra o sionista fundamentalista e genocida Netanyahu.

<https://www.jpost.com/israel-news/article-817510>

mobiliza-se para preservar e proteger as comunidades judaicas em todo o mundo.

Nota sobre os websites apresentados

Escusado será dizer que o trabalho de análise e apresentação acima apresentado está longe de ser perfeito e exaustivo, e que é necessariamente um pouco subjetivo. Existem centenas de outros sites ou blogs de qualidade na web. Ninguém pode afirmar que os conhece a todos.

Numa época em que se multiplicam nas nossas sociedades ocidentais prémios de todo o tipo para elogiar e promover, muitas vezes de forma subjetiva, o que deve ser, ou não, (guias gastronómicos, Victoires de la musique, Césares ou Óscars do cinema, prémios Miss França, prémios Nobel, World Religious Awards of Influence do Jerusalem Post, World and/or Religious Awards of Billionaires da Forbes), era tempo, para ajudar os nossos concidadãos em busca da verdade, de que um DD anual apresentasse os melhores sites de informação, alternativos ou não.

Seria bom que os cidadãos do mundo se libertassem finalmente da farra mediática e tentassem, através de uma busca pessoal, descobrir a realidade do que se passa hoje no planeta.

O leitor notará que a maioria dos sites acima mencionados são classificados como teorias da conspiração ou pior pelos sites de "descodificação" controlados pela ninhada atlantista ou pela esfera da grande media sionista que defende, da melhor forma possível, o seu privilégio de "ser os únicos que nos podem (des)informar".

E, no entanto, os sites ou meios de comunicação alternativos, quando sabem usar o cérebro e separar o trigo do joio, dão-nos informações pelo menos tão fiáveis e completas como as dos meios de comunicação social tradicionais que, por sua vez, procuram primeiro tudo, satisfazer quem os subsidia...

Boas descobertas a todos no planeta internet que nos pode trazer muito e que revoluciona as formas de nos informar e comunicar.